

SCENAS DA VIDA INGLEZA

SECRETAS DA TIBA INGLESA

SCENAS

DA

VIDA INGLEZA

E

UMA LOA DE NATAL EM PROSA

POR

CARLOS DICKENS

VERTIDO DO INGLEZ

POR

A. C. . . .

PORTO

EM CASA DE CRUZ COUTINHO—EDITOR

Rua dos Caldeireiros n.º 18 e 20

1864

V. Lourenço
S. Lourenço de Garrafeira
14-1-39

[Faint handwritten text]

SCENAS

VIDA INGLEZA

UMA LOTA DE NATAL EM PROSA

CARLOS DICKENS

TRADUÇÃO DO INGLEZ

1871

A. G. ...

PORTO
TYP. DE CARLOS DICKENS

PORTO—TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO
Rua Ferreira Borges n.º 31

BIOGRAPHIA

DE

CARLOS DICKENS

Carlos Dickens, o mais popular de todos os romancistas inglezes contemporaneos, nasceu em Porstmouth a 7 de Fevereiro de 1812, e é filho d'um empregado na repartição da pagadoria maritima. De tenra idade foi levado para Chatham, onde foi educado até aos 12 ou 13 annos. Foi então que o collocaram n'um collegio das cercanias de Rochester, onde se distinguiu por uma intelligencia não vulgar, uma memoria extraordinaria, e notavelmente por um gosto excessivo pela leitura. Quando o julgaram assaz instruido, fizeram-no practicar no escriptorio d'um procurador (*solicitor*), ligado com seu pae por laços d'amizade de longa data.

Dickens preparou-se, não sem profunda repugnancia, para seguir a carreira da jurisprudencia. Dois annos inteiros gastou a paciencia no meio d'esses áridos trabalhos de processos, de que mais tarde traçou uma picante satyra nos seus romances *David Copperfield* e

Bleak House; mas convencido de que alli nunca encontraria o verdadeiro emprego das suas faculdades, consagrou toda a sua energia a crear uma posição a seu gosto.

Renunciando os proventos da chicana, quiz tornar-se author, e como era necessario viver, entrou para a redacção d'uma folha radical, intitulada o *Verdadeiro Sol* (*The true Sun*). Passou d'alli para o *Espelho do Parlamento*, publicação onde eram reproduzidos, por extenso, os debates politicos; e finalmente, tornou-se um dos mais assiduos collaboradores do *Morning-Chronicle*, que acabava, sob a direcção de Sir John Easthope, de assumir uma nova vida. Graças a uma applicação constante, e a uma memoria imperturbavel, adquiriu n'aquelle rude mister a reputação d'um dos melhores stenographos (*reporters*) da imprensa ingleza.

Foi n'esta época que escreveu e publicou alguns contos de costumes inglezes, espalhados pelo *Morning-Chronicle*; formam uma colleccão de pequenos esboços, intitulados: *Scenas da Vida Ingleza* (*Sketches of english life*), e que mais celebres se tornaram com o auxilio do caricaturista Cruikshank.

Encontram-se já n'esses contosinhos, cuja traducção fórma a maior parte d'este volume, esse colorido fresco, essa alegria nervosa, e as observações causticas, mas justas, que formam as qualidades mais salientes do talento de Carlos Dickens.

A sua maior reputação data todavia da publicação hebdomaria do romance *Pickwick Papers* (1837 e 1838), que é considerado como a sua obra prima. Depois do *Childe Harold* de Byron, e do *Waverley* de Walter Scott, foi aquelle o livro que mais arruido tem causado na litteratura ingleza.

Pickwick Papers é a satyra viva, séria e jovial ao mesmo tempo, da vida ingleza; homens politicos, sabios, juizes, advogados, finalmente os membros de

todas as classes da sociedade, são fustigados alli pelos seus ridiculos. *Pickwick* e o seu criado *Sam-Weller*, são tão populares entre os inglezes, como entre os nossos visinhos *D. Quixote* e *Sancho Pança*.

Desde aquelle momento alcançou um logar ao lado de *Bulwer Lytton*, o unico romancista que então seguia as bellas tradições da escola ingleza.

Senhor do seu destino, já procurado pelos editores, casado com a filha d'um advogado, *George Hogarth*, que tinha sido amigo intimo de *Walter Scott* e *Jeffrey*, *Mr. Dickens* não teve mais do que pôr em prática as suas raras faculdades, para cada dia se adiantar mais no caminho da gloria e da fortuna. As suas obras, nas quaes se revela no maior grau esse character de observação e sensibilidade apaixonada, que formam d'elle um escriptor distincto no meio d'essa pleiade de litteratos modernos, foram-se succedendo rapidamente; quasi todas foram publicadas em cadernetas mensaes, ou hebdomarias, maneira de publicação que elle prefere a qualquer outra—vendidas aos milhares d'exemplares, reproduzidas, contrafeitas, imitadas, e traduzidas em quasi todas as linguas.

A seguinte é a lista das principaes obras de *Carlos Dickens*, e pela ordem chronologica porque sahiram a lume:

Oliveiro Twist (1838); *Vida e Aventuras de Nicholas Nickleby* (1839); *O relajo de Mestre Humphrey* (1840); *Barnabé Rudge*; *Vida e Aventuras de Martinho Chuzzlewit* (1843-1844); varios contos do Natal, entre outros a *Lóa de Natal em prosa* (*Christmas Carol* in prose 1844); o *Grillo da Tareira*; o *Possesso*; os *Carrilhões*; a *Batalha da Vida*, etc., etc.; depois dois grandes romances, *Dombey e filho* (*Dealings with the firm of Dombey & son* 1847-1848), e *David Copperfeld* (*Personal history, adventures, experience, and observations of Davy Copperfeld the younger*, 1850),

um dos seus melhores romances, e que dizem ser a sua propria historia. N'estes ultimos annos escreveu: *Bleak House*, a *Pequena Dorrit*, e *Tempos Difficeis* (*Hard Times*).

Entre os poucos incidentes que poderemos assignalar na existencia d'este escriptor, encontram-se uma excursão á America, que lhe valeu uma série de ovações triumphaes, e a residencia de quasi um anno na Italia.

Estas duas viagens deram logar, uma ás *Notas para a circulação geral nos Estados-Unidos* (*American notes for general circulation*, 1842), que abundam em observações finas e judiciosas; e *Scenas d'Italia* (*Pictures of Italy*, 1846), insertas nas columnas do *Daily News*.

Este jornal, de que elle foi commum fundador com C. Delke, appareceu pela primeira vez a 21 de setembro de 1846, para servir de orgão ao liberalismo progressivo das classes medias em Inglaterra, e Mr. Dickens reservou-lhe o seu patronato e a sua collaboração exclusiva. Mas apesar do desinteresse com que se rodeou dos principaes escriptores, e apesar da inferioridade do preço da venda do novo jornal, não tirou aquelle proveito que devia esperar, e foi obrigado a renunciar, ao cabo d'alguns mezes, á espinhosa tarefa de redactor em chefe.

Em 1850, Dickens encetou a publicação d'um semanario litterario, intitulado—*House hold words*—destinado a reunir o util e o agradável, e cuja tiragem se elevou rapidamente a mais de 60:000 exemplares.

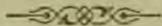
Carlos Dickens está hoje millionario, tendo adquirido a sua fortuna não só com os seus escriptos, como tambem com a leitura das suas obras, em que se distingue immenso, porque sabe pôr em relevo os seus diferentes personagens.

A estes apontamentos, que extrahimos d'um *Diccionario Biographico*, acrescentaremos as seguintes

linhas, devidas á penna d'Amadeo Pechot, redactor da *Revista Britannica*, e que são o retrato de C. Dickens:

«O encanto que nos attrahe para Carlos Dickens é devido ao ar de bom humor e franqueza que animam a sua physionomia. Esse bom humor e essa franqueza, são a expressão do afortunado author, a quem a fama veio procurar naturalmente, que a esperou sem impaciencia, que não apressou a sua vinda por meio da intriga ou cha'atanismo, e que a accitou sem louca vaidade, e que sabe, pelas suas boas graças, conseguir o perdão d'aquelles para quem, pela fecundidade dos seus escriptos, é um invencível competidor.

«Só com o aspecto da sua physionomia, a gente advinha que elle não tem invejosos nem inimigos, e que conta só amigos. Com effeito interrogai os seus compatriotas; a sua popularidade não se tem limitado a um partido—apesar d'elle ter a sua côr politica;—essa popularidade segue-o nos salões do grande mundo, onde se disputa a honra de lhe apertar a mão, e nos *meetings*, onde é saudado por unanimes applausos desde que apparece para tomar a palavra, quer seja no Instituto dos operarios de Manchester, ou n'uma assembléa reunida em Londres para provocar a abolição da pena capital, ou, mais recentemente, quando presidiu ao banquete annual da sociedade para soccorro dos artistas e authors indigentes.»



SCENAS

N'UMA CASA DE HOSPEDAGEM

PRIMEIRA PARTE

A snr.^a Tibbs era, sem controversia, a mulhersinha mais sécia, mais buliçosa, e mais economica que em tempo algum respirou o fumo de Londres; e a casa da snr.^a Tibbs decididamente a mais limpa de Great-Coram-street. O patamar e os degraus que conduziam até elle, a porta da rua, o puxador de metal, o martello e o lampeão d'entrada, estavam sempre tão limpos, como poderiam estar com um lavar e esfregar incessante e infatigavel. O que admirava em extremo, era que a chapa de bronze da porta da rua, com a interessante inscripção

MRS. TIBBS

não se tivesse incendiado com a fricção constante, tal era a perseverança com que a estavam sempre polindo. Nas janellas da sala de jantar havia persianas para impedirem os curiosos da rua de observarem o que lá se

passava; na sala das visitas cortinados azues e doirados, e no resto da casa «transparentes da ultima moda» como dizia a boa snr.^a Tibbs, intumecida d'orgulho. O lampeão do corredor apresentava uma apparencia tão brilhante, como a d'uma hólha de sabão; e toda a gente se podia contemplar nas mesas da casa, como n'um espelho. A balaustrada do corrimão era encerada de quando em quando, e fazia doer os olhos, de tão polida que estava.

A snr.^a Tibbs era algum tanto amesquinhada d'estatura, e o snr. Tibbs, seu marido, tambem de nenhuma fórma era homem alto, e tinha, de mais a mais, umas pernas muito curtas; mas, como compensação, o seu rosto era singularmente comprido. O snr. Tibbs era para sua esposa o que 0 é para 90—com ella tinha alguma importancia—sem ella era zero.

A snr.^a Tibbs tagarellava continuamente, e, como antithese, o snr. Tibbs raras vezes fallava; mas se alguma vez acertava de o fazer, era justamente quando devia estar calado.

A snr.^a Tibbs detestava as historias compridas, e o snr. Tibbs sabia uma, cuja conclusão os seus mais intimos amigos nunca poderam ouvir. Começava sempre assim: «Lembro-me que quando eu pertencia ao corpo de voluntarios, em mil oitocentos e seis»—mas como fallava muito devagar e baixinho, e sua cara esposa muito alto e depressa, raras vezes elle passava além d'aquellas palavras, que serviam invariavelmente d'introducção á historia. Tibbs era o specimen mais desgraçado d'um narrador de contos.

O snr. Tibbs gosava, á custa do thesoiro publico, um pequeno rendimento de 43 £, 15 s. e 10 d. por anno. Seu pae, mãe, e cinco interessantes pimpolhos do mesmo tronco, recebiam da patria agradecida uma somma igual, bem que nunca se podesse descobrir distinctamente a qualidade de serviços que lhe haviam

prestado. Mas como o rendimento mencionado não era sufficiente para offerecer a duas pessoas *todas* as commodidades da vida, occorreu a fertil imaginação da activa snr.^a Tibbs, que a melhor coisa que podiam fazer com um legado de 700 £, seria alugar e mobilar uma casa soffrivel, para a recepção de hospedes n'aquella parte da cidade pouco explorada, que jaz entre o Museu Britannico, e uma aldeia remota chamada Somers.

A rua escolhida foi a de Great-Coram. Por consequencia a casa foi mobilada; tomaram duas criadas e um rapaz, e inseriram nos jornaes da manhã um annuncio, informando o publico de que «Seis individuos poderiam encontrar todos os confortos da vida na casa d'uma familia particular e decente, residindo a dez minutos de distancia *de todos os logares.*» Os Tibbs receberam um sem numero de perguntas, com toda a especie de iniciaes: parecia que todas as letras do alfabeto tinham sido accommettidas do repentino desejo de terem cama, mesa e roupa lavada.

A correspondencia entre a snr.^a Tibbs e os pretendentes, foi extremamente volumosa, recommendando todos os correspondentes, que o mais inviolavel segredo devia ser guardado a respeito d'elles. *E.* não gostava d'isto, e *I.* pensava que não lhe conviria aquillo. *J. O. U.* dizia que a prestação mensal era demasiado subida, e *G. R.* observava que tinha profundo horror ás camas francezas.

Esta interessante correspondencia deu todavia em resultado ficarem tres cavalheiros commensaes da casa da snr.^a Tibbs, em termos *satisfactorios para ambas as partes.* Tornou a apparecer de novo o annuncio, e uma senhora, com duas filhas, propôz-se a augmentar, não a sua familia, mas a da snr.^a Tibbs.

—Aquella snr.^a Maplesone é uma interessante creatura! dizia a snr.^a Tibbs, estando sentados ella e seu marido junto do fogão, depois d'almoço.—Interessante

creatura, na verdade! repetiu a pequena snr.^a Tibbs, mais para não estar calada, do que por outro qualquer motivo, porque nunca na sua vida curou de tomar conselhos com seu marido.

—E as duas filhas são encantadoras. Precisamos mandar buscar algum peixe: ellas jantam hoje conosco pela primeira vez.

O snr. Tibbs collocou o atiçador em angulo recto com a pá do fogão, e tentou fallar, mas recordou-se que nada tinha a dizer.

—As duas meninas, continuou a snr.^a Tibbs, trouxeram voluntariamente o piano.

Tibbs recordou-se da historia de quando servira nos voluntarios, mas não se atreveu a contal-a. Despertou-se-lhe uma idéa brilhante.

—É muito provavel, disse elle.

—Faz-me o favor de desencostar a cabeça do papel, interrompeu a snr.^a Tibbs, e de tirar os pés da grade do fogão?

Tibbs desencostou a cabeça do papel da parede, tirou os pés da grade e proseguiu:

—É muito provavel que alguma das meninas se enamore do joven Simpson, e ahi temos nós um casamento...

—O que! exclamou a snr.^a Tibbs. O marido repetiu modestamente a sua primeira idéa.

—Peço-lhe que não se lembre mais de tal coisa, disse a snr.^a Tibbs. Ora esta, um casamento!—para me roubar os meus hospedes! isso de modo nenhum!

Tibbs pensou consigo proprio, que tal acontecimento nada tinha de improvavel; mas como nunca questionava com sua mulher, pôz ponto final no dialogo, observando que era tempo de ir *tratar dos seus negocios*. Sahia todos os dias ás dez horas da manhã, e voltava ás cinco da tarde, com a cara excessivamente suja, e com um forte cheiro a bafio.

Ninguém sabia que profissão era a d'elle, ou para onde ia; mas a snr.^a Tibbs costumava dizer com ar de grande importancia, que seu marido tinha negocios a tratar na City.

As meninas Maplesones e sua interessante mãe chegaram durante a tarde n'um carro d'aluguer, acompanhadas d'um numero enorme de volumes. Malas, caixas de chapéos e de regalos, guarda-solinhos, bocetas, e embrulhos de todos os tamanhos imaginaveis, em papel escuro, prêsos com alfinetes, occuparam todo o espaço do corredor.

Os criados corriam para cima e para baixo com a bagagem, as criadas moviam-se apressadas á procura d'agua para as damas se lavarem, e de ferros quentes para se frisarem; finalmente, era um tal bulicio e confusão, como nunca antes se presenceára em Great-Coram-street.

A snr.^a Tibbs estava completamente no seu elemento, mexendo-se sem descanso, fallando pelos cotovellos, e distribuindo toalhas e sabão, e todos os *et cætera*, como uma enfermeira n'um hospital.

A casa sómente retomou a feição usual de socego, quando as senhoras recém-chegadas se fecharam no seu quarto, occupadas a vestirem-se para o jantar.

—Que taes são as raparigas? perguntou o snr. Simpson ao snr. Septimio Hicks, um dos hospedes, achando-se ambos antes do jantar divertindo-se na sala d'espera, a repotream-se nos sophás, e a contemplarem as botas.

—Não sei, respondeu Septimio Hicks, rapaz alto, de cara alvacentá, usando d'oculos e d'uma fita preta em redor do pescoço em guisa de gravata, em summa, uma interessante pessoa; poetico frequentador dos hospitaes, e *rapaz de muito talento*. Gostava immenso de intrometer na conversação toda a especie de citações do D. Juan, sem curar muito da propriedade da sua

aplicação, em cujo particular era notoriamente independente. O outro sujeito, o snr. Simpson, era na sociedade o que são os comparsas sobre o palco, sómente muito menos versado na sua vocação do que o mais indifferente dos artistas. Tinha a cabeça tão ouca como o sino grande de S. Paulo: vestia-se sempre em conformidade com as caricaturas dos jornaes mensaes de modas, e escrevia *Character* com *K*.

—Quando entrei para casa vi um numero immenso de pacotes no correder, disse Simpson.

—Objectos para *toilette*, sem duvida, disse o leitor apaixonado do D. Juan.

Much linen, lace, and several pair
Of stockings, slippers, brushes, combs, complete;
With other articles of ladies' fair.
To keep them beautiful, or leave them neat ¹

—Isso é de Milton? perguntou o snr. Simpson.

—Não, de Byron, retorquiu Hicks, deitando ao seu companheiro um olhar de profundo desprêso. Estava certissimo do author do livro, porque nunca lêra outro na sua vida.

—Silencio! disse o illustre frequentador dos hospitaes. Ahi vem as raparigas;—e ambos começaram a fallar em tom baixo.

—Minhas senhoras, tenho a honra de lhes apresentar o snr. Hicks, disse a snr.^a Tibbs com a cara muito afogueada, porque estivera em baixo superintendendo as operações culinarias, e parecia uma boneca de cêra que tivesse estado ao sol.—Peço-lhe perdão, snr. Simpson—esquecia-me, minhas senhoras, apre-

¹ Muita roupa branca, rendas, e alguns pares de meias, chinellas, escovas, pentes, com outros objectos peculiares ás damas, para as conservar bellas e acieadas.

sentar-lhes o snr. Simpson—e *vice-versa*.—Snr. Hicks, apresento-lhe a snr.^a Maplesone e suas filhas.

Os dois cavalheiros começaram immediatamente a menearem-se d'um lado para o outro com muita polidez, dando-se uns ares de quem em extremo desejava que os braços se convertessem em pernas, tão pouco sabiam o que fazer com elles.

As damas sorriam-se, cortejavam, recostavam-se nas cadeiras, e abaixavam-se pelos lenços, que lhes cahiam: os cavalheiros encostaram-se aos dois braços dos cortinados. A snr.^a Tibbs representou um admiravel pedaço de pantomima séria com um criado que entrára na sala para fazer uma pergunta ácerca do mólho do peixe, e então as duas meninas olharam uma para a outra; e todos os mais pareciam ter descoberto alguma coisa muito attractiva na grade do fogão.

—Julia, meu amorsinho, disse a snr.^a Maplesone á filha mais velha, em tom sufficientemente alto, para que o restante da companhia pudesse ouvir—Julia?

—O que quer, mamã?

—Não te acorcoves.—Isto foi dito com o fim de dirigir a attenção geral para a figura de Julia, que era incriticavel. Em consequencia do aviso da mamã todos olharam para a menina, e seguiu-se nova pausa.

—O cocheiro do nosso carro era o maior malcreado que podem imaginar, disse a snr.^a Maplesone á snr.^a Tibbs, em tom confidencial.

—Na verdade! replicou a hospedeira com ar de grande commiseração.

Não pôde dizer mais nada, porque de novo appareceu á porta o criado telegraphando para a ama com todo o ardor.

—Eu tenho cá para mim, que todos os cocheiros das carruagens são malcreados, disse o snr. Hicks no tom mais insinuante.

—Tambem assim penso, replicou a snr.^a Maple-

sone d'um modo que parecia nunca ter-lhe antes passado pela mente semelhante idéa.

—E os cocheiros dos *cabs* tambem o são, disse Simpson. Esta observação fez *fiasco*, porque ninguém, por signal ou palavra, deu a entender que conhecesse as maneiras e costumes dos cocheiros dos *cabs*.¹

—Que pretendes, Robinson? disse a snr.^a Tibbs para o criado, que, a fim de advertir a ama da sua presença, estivera fóra da porta tossindo e escarrando durante os cinco minutos precedentes.

—O amo manda dizer que quer uma camisa lavada, replicou o criado tomado de improviso.

A isto não se podia resistir: os dois rapazes voltaram os rostos para a janella, e soltaram gargalhadas, com a força d'uma garrafa de bebida fermentada quando se abre: as senhoras levaram á bôca os lenços, e a snr.^a Tibbs sahiu apressada para fóra da sala, para dar uma camisa lavada ao marido, e uma reprehensão ao criado.

O snr. Calton, o hospede restante, fez a sua entrada pouco depois, e veio provar que era um excellente palestreador, que não deixava morrer uma conversação. O snr. Calton era um peralta já avançado em annos—um velho rapaz. Costumava dizer de si mesmo, que apesar das suas feições não serem regularmente bellas, eram todavia notaveis. E na verdade o eram: seria impossivel olharmos para aquella cara sem nos acudir forçosamente á imaginação a lembrança d'um d'aquelles batentes de porta da rua, que representam metade um leão, metade um macaco; e a comparação podia-se estender a todo o seu character e conversação. Conservava-se sempre socegado, quando tudo em redor estava em alvoroço. Nunca originava uma conversa, ou apresentava uma idéa nova; mas se algum logar commum se introduzia no decurso da conversa,

¹ Especie de carruagem.

ou, para proseguirmos a comparação, se alguém *levantava* uma ou outra idéa, então *martelava-a* com surpreendente rapidez. Sofria occasionalmente uma neuralgia nas faces, e podia-se dizer então que estava abafado, porque não fazia tanto alarido como das outras vezes, em que repetia sempre a mesma coisa, fallando sem descansar.

Nunca fôra casado, mas ainda estava á espera d'uma mulher com dinheiro. Tinha uma renda vitalicia de cerca de 300 £ por anno, e era excessivamente vaidoso e muito egoísta.

Adquirira a reputação de ser o modello da corte-zania, e dava diariamente um passeio em volta do parque, e em todo o comprimento de Regent-street.

Este respeitavel personagem decidira de si para si tornar-se excessivamente lhano com a senhora Maplesone, e, a fallar a verdade, o desejo de ser tão amavel quanto nas suas forças coubesse, estendia-se a toda a companhia, por isso que a dona da casa, a snr.^a Tibbs, lhes fizera saber, que tinha muitas razões para acreditar que as novas hospedes tinham *umas fortunas por ahi além*.

Igualmente a snr.^a Tibbs tivera o cuidado de insinuar ás senhoras, de que os cavalheiros hospedados na sua casa eram celibatarios.

Um pouquinho de innocente namoro, pensou ella comsigo, podia servir-lhe para ter a sua casa sempre cheia, sem isso trazer comsigo outras consequencias.

A snr.^a Maplesone, era uma viuva muito emprehendedora, de cerca de cincoenta annos, astuta nos seus projectos, e de boa apparencia.

Estava anciosa pelo bem estar de suas filhas: para comprovar o que, costumava fazer notar, que não poria objecção alguma a contrahir segundas nupcias, se isso viesse a beneficiar as suas caras filhinhas—não podia ter outro motivo.

As suas *caras filhinas* tambem não eram de todo insensíveis á idéa d'um bom casamento.

Uma d'ellas completára já vinte e cinco annos, e a outra era tres annos mais nova.

Tinham estado, durante quatro estações, em diferentes logares de banhos; frequentaram os jogos dos gabinetes de leitura, lêram livros á janella, venderam objectos nos bazares, dançaram nas assembléas, conversaram sentimentalmente—em summa, fizeram tudo o que meninas industriosas podem fazer, mas sem resultado.

—Como bem se veste este snr. Simpson! cochichou Mathilde Maplesone, para sua irmã Julia.

—Magnificamente, retorquiu a mais nova. O notavel individuo a quem alludia, vestia uma especie de casaca castanha, com gola de velludo e canhões da mesma côr, muito semelhante ás que usam os comparsas que representam o papel de peralvilhos nas pontonimas do Natal.

—Que bellas suissas! disse a menina Julia.

—Ficam-lhe a matar! respondeu a irmã, e que cabello! O cabello do snr. Simpson similhava uma chorina, e distinguia-se por aquella insinuante pôpa, que embelleza as madeixas brilhantes das obras primas da arte de cabelleireiro, collocadas sobre os manequins de cêra, nas vidraças de Bartellot no Regent-street: as suissas, encontrando-se por baixo do queixo, pareciam cordeis proprios para figurarem com cabelleira, antes que a sciencia, com a invenção de molas occultas, os tornasse desnecessarios.

—Minha senhora, o jantar está na mesa, disse o criado apparecendo pela primeira vez enfiado n'um casaco preto de seu amo, sahido agora á luz.

—O' snr. Calton, faz o obsequio de dar o braço á snr.^a Maplesone? Obrigado.—Simpson offereceu o braço á menina Julia; Septimio Hicks escoltou a amavel Ma-

thilde, e a procissão encaminhou-se para a sala do jantar.

Foi apresentado o snr. Tibbs, que dirigindo-se ás tres senhoras, moveu a cabeça para cima e para baixo, como uma figurinha de relojõ flamengo, com uma mola real no centro do corpo; e em seguida mergulhou-se rapidamente na cadeira, n'uma das cabeceiras da mesa, com grande satisfação sua, por se poder occultar atraz d'uma terrina de sôpa, que via diante de si.

Sentaram-se os hospedes, uma senhora e um cavalheiro alternadamente, á semilhança de fatias de fiambre e de pão, n'um prato de sandwiches; e então a snr.^a Tibbs deu ordem a James para que tirasse as cobertas. Descobriu-se o salmão, a salada de lagosta, a sôpa de pato, e outras iguarias usuaes, batatas petrificadas, e pedaços de pão tostados da fôrma e tamanho de dados.

—Serve de sôpa a snr.^a Maplesone, meu amorsinho, disse a buliçosa snr.^a Tibbs, que tratava sempre seu marido por meu amorsinho diante de companhia. Tibbs, que estava comendo pão, e calculandõ o tempo que ainda se passaria antes de poder servir-se d'algum bocado de peixe, deitou a sôpa apressadamente para um prato, pintou uma pequena ilha na toalha, e collocou em cima o copo, para sua mulher não dar fé.

—Serve-se d'algum peixe, minha senhora? disse a hospedeira para a menina Julia.

—Se faz favor—muito pouco—oh! é de mais, obrigada (foi collocado sobre o prato um pedaço do tamanho d'uma avellã).

—Julia, come muito pouco, disse a snr.^a Maplesone para Calton.

O *martelo* bateu uma unica pancada. Calton estava occupado gravemente a saborear o peixe com os olhos; por isso tão sómente exclamou: *ah!*

—Meu amorsinho, disse a snr.^a Tibbs para seu ma-

rido, depois que todos estavam servidos, de que te serves?

A pergunta foi acompanhada d'um volver d'olhos, significando-lhe que não devia dizer peixe, porque pouco restava. Tibbs persuadiu-se que o olhar carrancudo de sua mulher se referia á nodoa da toalha, e por isso respondeu friamente: — Servir-me-hei d'um bocado de peixe— vá lá.

— Disseste peixe, meu amorsinho? (outro olhar carrancudo).

— Sim, menina, replicou o infeliz com uma expressão de fome aguda pintada no semblante. As lagrimas quasi que se soltavam dos olhos da snr.^a Tibbs á medida que servia o ultimo bocado de salmão, deixado no prato, ao *maroto de seu marido*, como inteiramente o appellidava.

— James, leva este prato a teu amo, e retira-lhe a faca.

Foi dada esta ordem para se vingar de seu marido, que nunca podia comer peixe sem faca. Tibbs viu-se obrigado a correr atraz d'algumas particulas de salmão em redor do prato, com um pedaço de pão, e conseguiu apanhar occasionalmente um bocado; o numero das vezes em que sabia bem, regulava uma em dezeseite.

— Tira os pratos, James, disse a snr.^a Tibbs na occasião em que seu marido engolia o quarto bocado, e os pratos desapareceram como um relampago.

— James, dá-me um pedaço de pão, disse o desgraçado *dono da casa*, com mais fome do que nunca.

— Não te importes agora com teu amo, disse a snr.^a Tibbs, vê se trazes a carne. — Estas palavras foram ditas no tom em que as senhoras usualmente reprehendem os criados na sociedade, em voz baixa, mas assim como os ápartes na scena, pela maneira emphatica com que foram pronunciadas, chegaram distinctamente aos ouvidos de todos os circumstantes.

Seguiu-se uma pausa antes que novos pratos fossem collocados sobre a mesa—uma especie de parenthesis, em que os snrs. Simpson, Calton e Septimio Hicks, apresentaram respeitosa-mente, cada um d'elles, uma garrafa de generoso vinho, repartindo com os outros convivas, excepto com Tibbs; d'esse ninguem curava.

Entre o peixe e o assado houve um prolongado intervallo.

Aqui havia uma occasião opportuna para brilhar o talento Hicks.

Não pôde resistir á citação da seguinte estrophe de D. Juan, applicada d'um modo singular:

But beef is rare within these oxless isles
Goat's flesh there is, no doubt, and kid, and mutton
And, when a holiday upon them smiles
A joint upon their barbarous spits they put on. ¹

É uma maneira bem grosseira de fallar, pensou consigo a snr.^a Tibbs.

—Ah! disse Calton enchendo o copo, Thomaz Moore é o meu poeta favorito.

—E o meu, disse a snr.^a Maplesone.

—E o meu, disse Julia.

—E o meu, accrescentou Simpson.

—Senão, vejam as suas composições, continuou Calton.

—Certamente, disse Simpson com ar de quem entendia muito da materia.

¹ A carne de vacca é rara n'estas ilhas desprovidas de gado: ha todavia carne de cabra, de cabrito e de carneiro, e quando os habitantes solemnizam algum dia festivo, collocam algum quarto nos seus barbaros espétos.

—Não ha nada como o D. Juan, replicou Septimio Hicks.

—E a carta de Julia? suggeriu Mathilde.

—Póde haver lá nada melhor do que os *Adoradores do Fogo*, de Moore?

—Certamente, disse Simpson.

—Ou o *Paraizo e o Pery*,¹ disse o rapaz velho.

—É verdade! ou o *Paraizo e a Péra*, repetiu Simpson, que se persuadiu estar tratando o assumpto magistralmente.

—Isso tudo é bonito, replicou o snr. Septimio Hicks, que, como já antes dissemos, nada lèra na sua vida além do D. Juan—mas onde podem encontrar coisa mais grandiosá do que a descripção do cerco, no começo do setimo cantico?

—A proposito de cerco, disse Tibbs com a bôca cheia de pão, quando eu pertencia ao corpo dos voluntarios, em mil oitocentos e seis, era o nôsso commandante Sir Carlos Rampart; um dia, quando nós estavamos fazendo exercicio no campo em que hoje está edificada a Universidade de Londres, disse-me elle—ó Tibbs (chamando-me das fileiras) Tibbs?!

—Diz a teu amo, James, interrompeu a snr.^a Tibbs em tom bem distincto, diz a teu amo que me mande às aves, se as não trincha.

O desgraçado voluntario entregou-se immediatamente á sua tarefa, e trinchou as aves com a mesma ligeireza com que sua mulher partia um quarto de carneiro. Ainda se não sabe exactamente se terminou a sua historia, mas se o fez, ninguem a ouviu.

Como estava passado o primeiro momento, cada um dos circumstantes sentia-se agora mais á sua vontade. Tibbs estava muito satisfeito por o jantar ter terminado, e foi deitar-se logo em seguida.

¹ Episodio da *Lalla Rook*, poema de Thomaz Moore.

Hicks e as senhoras discorreram muito eloquentemente acerca de poesia e de theatros, e das cartas de lord Chesterfield; e Calton acompanhava sempre o que cada um dizia com repetidas *marteladas*.

A snr.^a Tibbs assentia a todas as observações que sahiam da bôca da snr.^a Maplesone; e como Simpson estivesse sentado, conservando sempre um sorriso impresso na physionomia, e dissesse *sim* e *certamente* de quatro em quatro minutos, adquiriu grandes foros de ser eximio entendedor das materias em que se falava.

Os cavalheiros seguiram as damas á sala das visitas, pouco depois que estas tinham deixado a sala do jantar.

A snr.^a Maplesone e o snr. Calton jogaram as cartas, e a *gente nova* divertiu-se conversando e tocando.

As meninas Maplesones cantaram alguns duetos arrebataadores, com acompanhamento de violas francezas, adornadas com pedacinhos de lita azul celeste.

O snr. Simpson vestiu um collete côr de rosa, e disse que estava extasiado.

O snr. Hicks subiu ao setimo céo da poesia, ou setimo canto do D. Juan—que para elle era uma e a mesma coisa.

A snr.^a Tibbs estava satisfeitissima com os novos hospedes: e seu marido passou a tarde da maneira usual—foi deitar-se, e levantou-se, tornou a deitar-se, e de novo se levantou á hora da ceia.

.....
Não vamos agora adoptar a licença dos escriptores de novellas, deixando passar annos sobre annos; mas tomaremos a liberdade de rogar aos leitores o obsequio de suppôrem que seis mezes são passados depois do jantar cuja descripção terminamos, e que durante esse periodo os hospedes da snr.^a Tibbs, cantaram, dançaram e foram a theatros e exposições, na companhia

uns dos outros, como acontece as mais das vezes a damas e cavalheiros hospedados na mesma casa. E pediremos mais aos leitores, tendo-se passado o periodo mencionado, que imaginem tambem que o snr. Septimio Hicks, recebeu no seu quarto (uma agua-furtada da frente) a hora bem temporã, um bilhete do snr. Calton, rogando-lhe e obsequio de o ir vêr a uma hora conveniente para elle, no seu quarto (de Calton) no segundo andar para o lado das trazeiras.

—Diga ao snr. Calton, que já lá vou n'um momento, disse o snr. Septimio para o rapaz.—Olhe lá, o snr. Calton está doente? disse o frequentador dos hospitaes, com azafama, enfiando um roupão da côr da coberta da cama.

—Que eu saiba, não senhor, replicou o criado. Elle estava carrancudo—talvez esteja incomodado.

—Ah! isso não é prova sufficiente, replicou Hicks, sem saber o que dizia.—Está bom, eu já lá vou.

O rapaz correu ao quarto de baixo com a mensagem, e o proprio Hicks desceu quasi ao mesmo tempo que o rapaz dava o recado.—Traz! traz!—*Entre.*—Abrem-se as portas, e Septimio Hicks dá com os olhos no snr. Calton, sentado com toda a commodidade n'uma cadeira, e com a melhor apparencia de boa saude. Trocaram-se mutuos apertos de mão, e o snr. Septimio Hicks foi-se accomodando n'uma cadeira. Pequena pausa. Hicks tossiu, e Calton sorveu uma pitada.

Era justamente uma d'aquellas entrevistas, em que nenhuma das partes sabe o que ha-de dizer. Septimio Hicks quebrou o silencio.

—Recebi um bilhete, disse elle na voz d'um polichinello encatarroado.

—Sim, replicou o outro, recebeu.

—Exactamente.

—É verdade.

Ora, apesar d'este dialogo ser muito satisfactorio,

julgaram os dois que alguma coisa havia para se dizer de mais importancia: fizeram, portanto, o que teriam feito muitos outros em tal situação: fitaram a mesa com denodo. Todavia a conversa estava encetada, e Calton tinha disposto o espirito para a continuar com regulares marteladellas; fallava sempre pomposamente.

—Hicks, disse elle, mandei-o chamar em consequencia de certos arranjos que estão pendentes n'esta casa, a respeito d'um casamento.

—D'um casamento! exclamou Hicks com uma expressão de physionomia, comparada com a qual a de Hamlet quando vê o espectro do pae, é risonha e agradável.

—D'um casamento, sim! replicou o outro. Mandei-o chamar para lhe provar a grande confiança que em si deposito.

—E não me atraiçoará? perguntou Hicks vivamente, esquecendo-se, com o alarme em que o punha esta nova, de fazer algumas citações.

—*Eu trahil-o! E o senhor não me trahirá?*

—Nunca; ninguém saberá até ao meu ultimo dia, que o senhor tomou parte n'este negocio, respondeu Hicks fóra de si, com a physionomia afogueada, e o cabello estacado na cabeça, como se lhe estivessem applicando a machina electrica.

—Isso vem-se a saber mais tarde ou mais cedo— dentro d'um anno, imagino eu. Podemos vir a augmentar a familia, como sabe.

—*Podemos!*—Parece-me que o senhor nada tem que vêr com o caso.

—Não tenho nada! ora essa!

—Sim, de certo! Pois como pôde isso importar-lhe? disse o estupefacto Hicks.

Calton estava tão embebido na contemplação da felicidade, para conhecer o equívoco que existia entre elle e Septimio Hicks; recostou-se na cadeira.

—Oh Mathilde! suspirou o antiquario peralta, em voz assucarada, applicando a mão direita á esquerda do quarto botão do collete, contando do de baixo. Este aparte tinha pretensões a pathetico.—Oh! Mathilde.

—Qual Mathildê? inqueriu Hicks, dando um pulo.

—Mathilde Maplesone! respondeu o outro, fazendo o mesmo.

—Caso com ella amanhã de manhã, disse Hicks furioso.

—É falso, respondeu o companheiro: sou eu quem casa com ella.

—O senhor casa com ella!

—Sim, eu!

—O senhor casa com Mathilde Maplesone?!

—Com Mathilde Maplesone, já lh'o disse!

—Com a menina Maplesone?

—Com a menina Maplesone, não! Caso com a snr.^a Maplesone mãe.

—Ora esta! disse Hicks, deixando-se cahir em cima d'uma cadeira.—O senhor casa com a mãe, e eu caso com a filha!

—É uma coisa singular na verdade, disse Calton, e um tanto inconveniente; porque dá-se o caso de que Mathilde, desejando occultar a suas filhas o casamento até que a cerimonia esteja celebrada, não quer dirigir-se a nenhuma pessoa das suas relações para servir de padrinho. Propuz-lhe que me deixasse tornar o negocio conhecido d'um meu amigo; e em consequencia d'isso mandei-o chamar para saber se me poderia servir de padrinho.

—Teria n'isso grande prazer, respondeu Hicks em tom de condoimento; mas, como sabe, tenho de servir de noivo, e um papel não condiz com o outro. Olhe, falle a Simpson—com certeza não se negará.

—Não quero pedir-lhe esse favor, disse Calton: é um pateta muito grande.

Septimio Hicks olhou para o tecto, e depois para o soalho; por fim passou-lhe uma idéa pela mente.—O dono da casa, Tibbs, pôde servir-lhe de padrinho, suggeriu elle. E então citou uma passagem do D. Juan, sem nada vir a proposito, mas que elle julgava muito apropriada.

—Já me tinha lembrado esse expediente, disse Calton; mas Mathilde, não sei porque motivos, não quer que a mulher de Tibbs saiba coisa alguma, até estar concluída a cerimonia.

—Tibbs é o homem de melhor indole d'este mundo, se o senhor o levar com geito, disse Septimio Hicks. Diga-lhe que occulte tudo á mulher, certifique-o de que ella nada se importa com o casamento, e elle serve-o em quanto o senhor quizer. O meu consorcio deve ser clandestino por causa de meus paes: deve-se-lhe, portanto, pedir segredo.

Ouviram-se n'aquelle instante, na porta da rua, duas pancadinhas. Era Tibbs; não podia ser outro, porque ninguem mais se occuparia cinco minutos a esfregar a sola dos sapatos.

—Snr. Tibbs, chamou Calton em tom assucarado, deitando a cabeça fora da janella.

—Meu senhor! replicou Tibbs, com a cara muito enfarruscada.

—Tem a bondade de chegar aqui acima por um momento?

—Com todo o gosto, disse Tibbs deleitado por terem feito caso d'elle.

Abriu-se com todo o cuidado a porta do quarto, e Tibbs, tendo poisado o chapéo no soalho (como fazem todos os homens timidos), accommodou-se n'uma cadeira, mostrando-se tão assustado como se de repente tivera sido chamado á presença dos familiares da inquisição.

—Uma occorrença pouco agradável, snr. Tibbs,

disse Calton em tom de pedagogo, obriga-me a consultal-o e a pedir-lhe para não repetir a sua mulher o que vou dizer-lhe.

Tibbs, maravilhando-se do pedido, procurou saber, lá para comsigo, qual seria o objecto importante que o outro tinha a communicar-lhe; e imaginou que, pelo menos, Calton tinha partido as melhores peças do serviço de porcellana.

Calton continuou:

—Estou collocado, snr. Tibbs, n'uma situação desagradavel.

Tibbs contemplou Septimio Hicks, e concluiu comsigo, que talvez a immediata visinhança dos dois hospedes, constituísse a situação desagradavel de Calton; mas como não soubesse exactamente o que devia dizer, respondeu unicamente com o monossylabo: *Hum!*

—Agora, continuou Calton, peço-lhe que não exhiba manifestações de surpresa, que possam ser ouvidas pelos criados, quando eu lhe disser—que dois commensaes d'esta casa, tencionam casar-se amanhã de manhã—e puxou a cadeira alguns palmos á rectaguarda, para perceber o effeito da nova inesperada.

Se Tibbs tivesse sahido espavorido pela sala fóra, galgado as escadas d'um pulo e cahido desmaiado no corredor—ou se tivesse saltado impetuosamente pela janella, no pasmo da surpresa—teria sido tudo isso menos maravilhoso para Calton, do que foi o socego com que Tibbs metteu as mãos nos bolsos das calças, e disse com toda a fleugma—Muito bem.

—O senhor não está admiradissimo? inquiriu Calton.

—Não, senhor, retorquiu Tibbs: no fim de contas, não ha nada mais natural. Como sabe, quando duas pessoas novas se encontram...

—De certo, de certo, disse Calton com um ar indescriptivel de satisfação.

—Então não pensa que haja n'isto nenhum des-

proposito, perguntou Hicks, que tinha fitado a physionomia de Tibbs com muito pasmo.

—Qual desproposito, nem qual historia, replicou Tibbs: eu era assim tambem quando tinha a idade d'elle. Sorriu-se quando disse isto.

—Que bella apparencia não devo ter, disse lá consigo o velhó peralta, sabendo que pelos menos era dez annos mais idoso do que Tibbs.

—Muito bem; então, para chegarmos ao ponto d'uma vez, continuou elle, tenho a perguntar-lhe se terá alguma objecção em servir-me de padrinho n'aquella occasião?

—Nenhuma absolutamente, replicou Tibbs sem mostrar um átomo de surpresa.

—Não põe objecções?

—Não, senhor, com certeza que não, replicou Tibbs, que parecia tão socegado como uma barrica de cerveja.

O snr. Calton comprimiu a mão do homemsinho governado pelas saias, e jurou-lhe eterna amizade desde aquella hora. Hicks, que era todo admiração e surpresa, fez o mesmo.

—Confesse agora, disse Calton a Tibbs, quando este apanhava o chapéo—não ficou um pouco surprehendido?

—Olé se fiquei! replicou aquelle pequeno personagem, levantando uma mão, olé se fiquei! quando primeiro ouvi isso.

—Tão de repente, disse Septimio Hicks.

—Tão singular, dizer-m'ó, disse Tibbs.

—Tão exquisito tudo: disse o amoroso sexagenario: e todos tres deram uma gargalhada.

—O que estou a vêr, disse Tibbs fechando a porta que préviamente abrira, e dando larga expansão a uma risada que até alli abafára—é o que dirá o *seu* pae.

Septimio Hicks olhou para Calton.

—Sim, mas o melhor de tudo é, disse este ultimo dando uma risada, que eu não tenho pae—he! he! he!

—O senhor não tem pae, não; mas tem *elle*, disse Tibbs.

—*Elle* quem? perguntou Septimio Hicks, quasi enraivecido.

—Ora, *elle*...

—Mas quem é *elle*? Sabe acaso o meu segredo? quererá alludir a mim?

—Ao senhor! Nada, bem sabe a quem me refiro, replicou Tibbs, piscando um olho.

—Pelo amor de Deus explique-se—a quem se refere, perguntou Calton, que, do mesmo modo que Septimio Hicks, estava fóra de si com tanta confusão.

—Refiro-me a Simpson, a quem mais podia ser?! replicou Tibbs.

—Agora comprehendo tudo, disse o citador de Byron. Simpson casa com Julia Maplesone amanhã de manhã!

—Sem duvida! replicou Tibbs intimamente satisfeito; casa amanhã.

Era necessario o pincel de Hogarth para illustrar este quadro; a nossa penna é inhabil para descrever a expressão que respectivamente assumiram as physiognomias de Calton e Septimio Hicks, com esta inesperada noticia. Igualmente nos é impossivel descrever (ainda que n'esta parte as nossas leitoras podem facilmente imaginar), os artificios empregados pelas tres damas, para prenderem separadamente os tres cavalheiros.

Seja como fôr, sahiram victoriosas. A mãe tinha perfeito conhecimento do projectado casamento das suas duas filhas, e as duas meninas estavam igualmente ao facto das intenções da sua estimavel mãe. Concordaram todavia, que seria muito melhor, fingire m cada uma d'ellas ignorar os compromissos das outra s:

e que todos os casamentos se effectuassem no mesmo dia, para prevenir a descoberta d'uma alliança clandestina, que talvez prejudicaria as outras. D'aqui procedeu a mystificação de Calton e de Septimio Hicks, e o compromettimento prévio do imprevidente Tibbs.

No dia seguinte Septimio Hicks uniu-se a Miss Mathilde Maplesone. Simpson tambem contrahiu o sancto matrimonio com Julia; e Tibbs serviu de padrinho pela primeira vez na sua vida. Calton, que não estava tão apressado como os outros, ficou um tanto aturdido com a descoberta dos casamentos: e como achasse difficuldade em encontrar pessoa que lhe servisse de padrinho, occorreu-lhe a idéa de que o melhor meio de obviar a esta inconveniencia, seria não esposar a viuva. A snr.^a intentou-lhe um processo, como disse o seu advogado no julgamento da causa, *Mapleson versus Calton, por falta de cumprimento de promessas, com ultrage das leis d'estes reinos*, e recebeu 1:000 £ a titulo de damnos e perdas, que o desgraçado Calton se viu obrigado a pagar-lhe.

Septimio Hicks, depois de ter frequentado os hospitaes por muito tempo, teve a luminosa idéa de ir frequentar terras estranhas e... safou-se. Sua infeliz mulher reside actualmente com a mãe em Bolougne.

Simpson, tendo tido a desgraça de perder sua mulher seis semanas depois do casamento (porque ella fugiu com um official durante a residencia temporaria de seu marido na cadêa, em consequencia de não poder solver a conta da modista), e sendo desherdado por seu pae, que morreu pouco depois, teve a felicidade de alcançar um emprego permanente em casa d'um cabelleireiro, para cuja profissão tivera sempre uma vocação distincta.

N'esta occupação teve necessariamente muitas occasiões opportunas de conhecer as maneiras e modo de pensar da porção exclusiva da nobreza d'este reino.

A estas circumstancias devemos esses brilhantes partos do genio—as suas novellas da alta sociedade—que, em quanto durar o bom gosto, não contaminado pela exaggeração, pela baixa phraseologia, ou pelo estúpido charlatanismo, não cessarão d'instruir e recrear a parte pensadora do commum da humanidade.

Resta-nos tão sómente accrescentar, que esta complicação de desordens, privou completamente a pobre snr.^a Tibbs de todos os seus commensaes, á excepção d'aquelle de quem teria mais depressa desejos de se vêr livre—seu marido.

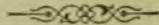
Aquelle pobre diabo regressou a casa no dia do casamento, n'um estado de intoxicação parcial: e sob a influencia do vinho, excitação e desespero, atreveu-se a arrostar as iras da sua cara metade.

A partir d'aquella malfadada hora, tem constantemente tomado as suas refeições na cosinha, em cujo recinto d'ora ávante resoarão os seus ditos espirituosos.

É muito provavel que possa concluir alli a sua historia dos voluntarios.

O annuncio dos quartos para alugar reaparecerá nos jornaes da manhã.

O resultado deve ser guardado para novo capitulo.



SEGUNDA PARTE

—Ora muito bem! disse consigo a pequena snr.^a Tibbs, sentando-se uma manhã na sala do jantar da habitação de Coram-street, occupada a remendar um pedaço do tapete das escadas do primeiro andar.—As coisas não vão tão mal como eu pensava, e se obtiver uma resposta favoravel ao annuncio, ainda posso vir a ter a minha casa cheia.

A snr.^a Tibbs concluiu o seu trabalho de fazer grades de lã no tapete, e escutou anciosa o bater do carteiro nas differentes casas da rua.

A casa estava mergulhada no mais profundo socego.

Ouvia-se simplesmente um pequeno ruido: era o infeliz Tibbs, na cosinha, engraxando as botas dos hospedes, e acompanhando esta operação com um zum-bido, perfeito epigramma ás cantigas populares.

O carteiro aproximou-se da casa. Bateu, e entregou uma carta franca de porte.

Dizia assim:

«T. J. apresenta os seus cumprimentos a J. T. e tem a honra de dizer-lhe que Eu vi o annuncio. E ella terá o gosto de Lhe ir fazer uma visita ao meio Dia de amanhã de Manhã.

«T. J. pede desculpa a J. T. pela pouca Estensão d'este Bilhete, mas eu espero que isto não vos prejudicará.

Sou

com Estima

&c.

«Quinta feira á noite.»

A pequena snr.^a Tibbs leu e releu o documento acima por varias vezes; mas quanto mais o lia, tanto mais confusa ficava com a mistura da primeira e terceira pessoa—a substituição do *Eu* por *J. T.* e a transição do *J. T.* para o *Vos*. A caligraphia similhava-se a uma meada de linhas emaranhada, e o bilhete estava engenhosamente dobrado n'um perfeito quadrado, com a direcção escondida no canto do lado direito, assim a modo de quem estava envergonhada de si propria.

A parte posterior da epistola estava graciosamente adornada com uma grande obreia vermelha, que, com a addição d'alguns borrações de tinta, recordava, á primeira vista, um escaravelho poisado em cima.

Uma coisa havia de facil comprehensão para a perplexa snr.^a Tibbs—alguem devia vir fallar-lhe ao meio dia.

A sala de visitas foi coberta de pó pela terceira vez n'aquelle dia: tres ou quatro cadeiras foram tiradas para fóra dos seus logares, e um numero correspondente de livros cuidadosamente postos em desordem, para que a visita fosse despida de formalidades.

O pedaço de tapete foi collocado no seu lugar, e a snr.^a Tibbs dirigiu-se ao seu quarto para se acceiar.

O relajo da Igreja Nova de S. Pancraccio bateu as

dez, e o dos Engeitados, com louvavel cortezia, fez o mesmo dez minutos depois. O d'outro sancto qualquer marcou o quarto, e n'essa occasião chegou uma dama sósinha, batendo duas vezes, e usando uma peliça da cõr interior d'um pastellão d'ameixas; um chapéo da mesma cõr, com um magnifico jardim de flôres artificiaes; um véo branco, guardasolinho verde, com um bordado de rendas em fôrma de teia d'aranha.

Esta dama (que era muito gorda, e com um rosto avermelhado) foi mandada subir para a sala das visitas.

Appareceu a snr.^a Tibbs, e entabolaram-se as negociações.

— Vim aqui, em consequencia d'um annuncio, disse a dama na voz de quem tinha estado tocando frauta quinze dias sem cessar.

— Sim! disse a snr.^a Tibbs esfregando as mãos de agarinho, e olhando de chapa para a recém-chegada — duas coisas que sempre fazia em taes occasiões.

— Não farei questão de dinheiro, disse a dama, com tanto que possa viver em estado de reclusão.

A snr.^a Tibbs, quasi que é desnecessario dizer-se, assentiu a este desejo tão natural e excellente.

— Estou continuamente assistida do meu medico de partido, concluiu a portadora da peliça. Fui por algum tempo em uma Unitaria diabolica—na verdade, eu nunca tive muito socego depois da morte do snr. Bloss.

A snr.^a Tibbs olhou para a viuva do defunto Bloss, e pensou la comsigo que muito pouco socego devia elle ter tido no seu tempo; todavia como este seu pensamento não podia ser apresentado em voz alta, tratou de se fazer ouvir em uns ares de quem sympathisava com a interlocutora.

— Hei-de dar-lhe muito trabalho, disse a snr.^a Bloss, e estou prompta a pagal-o de muito boa vontade. Estou em uso d'um tratamento, que necessita de muita attenção. Deverei ter uma costelleta de carneiro, na

cama, ás oito e meia, e uma outra ás dez, todas as manhãs.

A snr.^a Tibbs, por dever, expressou os seus sentimentos de piedade por uma pessoa em estado tão lastimavel; e a carnívora snr.^a Bloss apressou-se com maravilhosa rapidez a tratar os varios preliminares.

—Agora oiça, disse a dama, depois d'ajustado o preço da hospedagem, deverei ter a sala da frente do segundo andar para meu quarto de dormir.

—Sim, minha senhora.

—E arranja-me outro quarto para a minha criada Ignéz?

—Certamente, minha senhora.

—E quero ter uma das lojas do pateo para a minha cerveja engarrafada.

—Com todo o gosto; James apromptará a loja no sabbado.

—E no domingo pela manhã virei ao almoço á mesa redonda, disse a snr.^a Bloss; levantar-me-hei de proposito para esse fim.

—Muito bem, replicou a snr.^a Tibbs no tom mais assucarado; porque as mais satisfactorias garantias tinham sido pedidas e dadas, e não havia duvida alguma em como a nova commensal tinha muito dinheiro.

—É um tanto singular, continuou a snr.^a Tibbs, fazendo uma momice, que queria passar por um sorriso de benevolencia—que temos agora commosco um sujeito n'um estado de saude muito delicado—um tal snr. Gobler. O seu quarto é na sala d'espera do lado de traz.

—Na sala immediata? perguntou a snr.^a Bloss.

—Exactamente, repetiu a hospedeira.

—Tão perto! exclamou a viuva.

—Elle raras vezes se levanta, accrescentou a snr.^a Tibbs em tom baixinho.

—Sim! disse a snr.^a Bloss em tom igualmente baixo.

—E quando está a pé, disse a snr.^a Tibbs, nunca o podemos persuadir a que volte para a cama.

—Ora essa! exclamou a snr.^a Bloss estupefacta; e aproximando a cadeira para junto da snr.^a Tibbs, acrescentou: De que padece elle?

—Julgo que todo o seu padecimento provém, replicou a snr.^a Tibbs com ar communicativo, de não ter estomago.

—Não ter o que? inquiriu a snr.^a Bloss, com um olhar cheio de indescriptivel susto.

—Não ter estomago, repetiu a snr.^a Tibbs meneando a cabeça.

—Valha-me Deus, que caso tão extraordinario! exclamou a snr.^a Bloss, como entendendo o dito no sentido litteral, e pasmando de que uma pessoa sem estomago tivesse necessidade de vir viver para uma casa de hospedagem.

—Quando eu digo que não tem estomago, explicou a presumida snr.^a Tibbs, quero dizer com isto que a digestão está tão deteriorada, e o interior tão desaranjado, que de nada lhe serve o estomago; e de facto o estomago é para elle mais um martyrio, do que outra coisa.

—Nunca ouvi uma coisa assim na minha vida! exclamou a snr.^a Bloss. Então elle está peor do que eu?

—Sim, minha senhora, replicou a hospedeira, com toda a certeza.

A snr.^a Tibbs disse isto com grande confiança, porque a apparencia da snr.^a Bloss era prova evidentissima de que não soffria do mal do snr. Gobler.

—A senhora excitou-me a curiosidade, disse a snr.^a Bloss, levantando-se para ir embora.—Quem me dera vêr o seu hospede quanto antes!

—Elle geralmente sahe do quarto uma vez por semana, replicou a snr.^a Tibbs. Estou que no domingo o poderá vêr.

A snr.^a Bloss foi obrigada a contentar-se com esta promessa consoladora. Por consequencia desceu as escadas, e durante o caminho foi fazendo uma minuciosa descripção dos seus males, e a snr.^a Tibbs seguiu-a, soltando uma exclamação de compaixão a cada momento. James (cheio de pó, porque estava limpando as facas) desceu a toda a pressa as escadas da cosinha, e veio abrir a porta da rua; e depois de muitos adeuses, a snr.^a Bloss pôz-se a caminho, pelo lado da rua onde reinava sombra.

Quasi será superfluo dizermos, que a dama que acabamos d'acompanhar até à porta da rua (e a qual é agora espreitada por duas criadas do segundo andar) era extremamente vulgar, ignorante, e egoista. O seu fallecido marido tinha sido um vendilhão de rôlhas, em cujo mister pôde amontoar uma fortuna soffrivel. Não tinha outro parente além d'um sobrinho, nem outro amigo além da cosinheira.

O primeiro teve um dia a insolencia de lhe pedir emprestadas 15 £, e elle, em revindicta, casou-se no dia seguinte com a ultima; e poucos dias depois fez o testamento, contendo uma tirada de honesta indignação contra seu sobrinho (que vivia e duas irmãs com 100 £ por anno), e deixando todas as suas propriedades a sua mulher. Um dia sentiu-se incommodado depois d'almoço, e falleceu depois de jantar. — Um epitaphio na igreja da parochia enumera as suas bondosas qualidades e virtudes, e deplora a sua perda. Nunca deixou protestar uma letra, nem favoreceu pessoa alguma com o valor d'um penny. Era, pelo que se vê, um homem de grande prestimo.

A herdeira e unica executora da vontade d'este cidadão, dotado de tão nobre engenho, era um mixto exquisito de agudeza e simplicidade, de liberalidade e mesquinhez.

Como consequencia certa da criação que tivera,

para ella não havia maneira de viver mais agradável do que n'uma casa de hospedagem; e não tendo nada que fazer, nem coisa alguma a desejar, devia forçosamente imaginar que estava muito doente—idéa esta, que tanto o seu medico assistente, o dr. Woski, como a sua criada grave Ignez, indubitavelmente por excellentes razões, avivavam com todas as suas forças.

Depois da catastrophe narrada no ultimo capitulo, a snr.^a Tibbs estava com grande receio de hospedes do sexo feminino ainda em annos maduros. Todos os seus actuaes hospedes pertenciam ao sexo feio; a snr.^a Tibbs aproveitou-se da oportunidade de os vêr reunidos á mesa do jantar, para annunciar mais um novo comensal—a snr.^a Bloss.

Os cavalheiros receberam esta noticia com estoica indifferença, e a snr.^a Tibbs dedicou-se com toda a energia aos preparativos para a recepção da valetudinaria.

As salas da frente do segundo andar foram lavadas e esfregadas, até que a humidade passou para o estuco da sala do jantar, que ficava debaixo. Colxas brancas e lavadas, cortinados, toalhetes, garrafas de crystal para a agua, jarros azues e moveis de mogno, augmentaram o esplendor e o conforto do quarto.

O esquentador era requisitado a cada momento, e o fogo ardia no quarto todo o dia. Os differentes objectos pertencentes á snr.^a Bloss foram chegando pouco a pouco. Primeiro veio um immenso cesto cheio de garrafas de cerveja, depois um par de bahús, caixões de chapéos e saccas, e uma cadeira de braços com a competente almofada; em seguida uma infinidade de embrulhos de suspeitosa apparencia, e por ultimo a snr.^a Bloss e Ignez, esta ultima com um vestido côr de cereja, meias abertas no peito do pé e sapatos com galo-chas, similhando-se a uma Columbina disfarçada.

A installação do duque de Wellington, como chan-

celler da universidade de Oxford, foi nada comparativamente com o bulício e balburdia que houve com a instalação da sr.^a Bloss nos seus novos aposentos. É verdade que não havia no momento nenhum doutor em direito, que lhe dirigisse uma felicitação em termos classicos; mas, em compensação, estavam presentes algumas criadas velhas, que arremedaram perfeitamente um discurso, e foram comprehendidas ás mil maravilhas. A devoradora de costelletas ficou tão fatigada com a mudança de domicilio, que não deixou o seu quarto até á manhã seguinte: de modo que foi necessario trazerem-lhe ao quarto uma costelleta de carneiro, dois grãos de pilulas de calomelanos, uma garrafa de cerveja e outros quejandos remedios.

—A senhora não sabe? perguntou a bisbilhoteira Ignez a sua ama, ainda bem não havia tres horas que estavam na casa. Não quer saber minha senhora? a dona da casa é casada.

—Casada! disse a sr.^a Bloss, engulindo uma pilula, e um golo de cerveja—casada! Impossivel!

—Casada, digo-lh'o eu, minha senhora, replicou a criada; e o marido d'ella reside—he! he! he!—na cosinha!

—Na cosinha!

—Sim, minha senhora! e—he! he! he!—a criada grave diz que elle nunca vai á sala do jantar senão aos domingos; e que a sr.^a Tibbs o obriga a engraxar as botas dos hospedes; e que algumas vezes tambem lava as vidraças; e que uma manhã muito cedo, quando estava na varanda da frente a lavar as janellas, chamou em alta voz por um sujeito que aqui esteve, e disse-lhe—Olá, sr. Calton, como está.

N'este ponto a criada tomou-se d'um tal accesso de riso, que chegou a inspirar sérios receios a sua ama a sr.^a Bloss.

—Essa não é má! disse a sr.^a Bloss.

—É verdade! E quer a senhora saber mais: os criados costumam dar-lhe algumas vezes genebra com agua, e então, quando elle está muito alegre, diz que odeia sua mulher, e que ha-de fazer cócegas a todos.

—Fazer cócegas aos hospedes? exclamou a snr.^a Bloss, sériamente assustada.

—Não, minha senhora, não é aos hospedes, é ás criadas.

—Oh! é só isso! disse a snr.^a Bloss satisfeita.

—Queria dar-me um beijo quando eu agora vinha a subir as escadas da cosinha, disse Ignez com indignação; mas eu dei-lhe um murro—maroto!

Era a pura verdade o que a criada narrava. Os muitos ralhos e desprêso da parte de sua mulher, os dias passados na cosinha, e as noites n'um catre, especie de tarimba, tinham quasi que transtornado as poucas faculdades intellectuaes, que algum dia foram do dominio do desgraçado voluntario. Não tinha pessoa alguma a quem podêsse explicar os seus males, a não ser aos criados, que quasi por necessidade se tornavam os seus confidentes escolhidos.

Todavia, não deixa de ser um facto extraordinario, apesar de verdadeiro, que as poucas fraquezas em que incorrera, provavelmente durante a sua carreira militar, pareciam augmentar, á maneira que se lhe diminuiam os confortos da vida.

No dia seguinte, em razão de ser domingo, foi o almoço servido na sala da frente, ás dez horas. Ás nove era o costume usual, mas nos dias sanctificados a familia almoçava sempre uma hora mais tarde.

Tibbs aparamentou-se com o seu fato domingueiro, casaco preto, e excessivamente curto, calças estreitas, e um collete branco muito largo, meias brancas, gravata e sapatos á Blucher—e subiu para a sala mencionada. Ninguém apparecera ainda, o que lhe deu logar a absorver o contheudo da leiteira com uma colher de chá.

Ouviu-se descendo as escadas um par de chinellos. Tibbs atirou-se para cima d'uma cadeira, e um homem d'olhar carrancudo, de cerca de cincoenta annos, com raro cabello na cabeça, com um jornal do domingo na mão, fez a sua entrada na sala.

—Bom dia, snr. Evenson, disse Tibbs humi^dde-mente, fazendo uma momice, que queria exprimir uma saudação.

—Como passa, snr. Tibbs, replicou o proprietario dos chinellos, sentando-se, e começando a lèr o jornal sem dizer mais palavra.

—Sabe se o snr. Wisbottle está em casa? inquiriu Tibbs, justamente pelo prazer de dizer o quer que fosse.

—Tenho razões para crêr que sim, disse o hospede carrancudo. Estava esta manhã, ás cinco horas, no quarto pegado ao meu, a assobiar uma cantiga.

—Elle gosta muito de assobiar, disse Tibbs com um ligeiro sorriso.

—Gosta, foi a resposta laconica.

O snr. João Evenson estava gosando um reddito independente, provindo principalmente de varias casas, que possuia em diferentes arrabaldes. Era muito moroso e mau de contentar. Era um verdadeiro *radical*, e assistia usualmente a grande numero dos *meetings* publicos, com o fim expresso de rejeitar todas as propostas que fossem apresentadas. O snr. Wisbottle, por outro lado, era um ultra-tory.

Servia como amanuense na secretaria das mattas e florestas, emprego que considerava um tanto aristocratico.

Sabia de cór o livro d'armaria, e podia indicar n'um momento o logar onde vivia qualquer personagem illustre. Tinha uma excellente fila de dentes, e um magnifico alfaiate. O snr. Evenson contemplava com profundo desprêso todas estas qualificações, e seguia-se d'ahi que os dois estavam continuamente disputando,

o que muito edificativo era para o resto da gente da casa.

Deve-se acrescentar que, em addição á sua tendencia para assobiar, o snr. Wisbottle formava uma grande idéa da sua vocação para o canto.

Havia mais dois hospedes além do cavalheiro da sala de traz—eram o snr. Alfredo Tomkins, e o snr. Frederico O'Bleary. O snr. Tomkins era caixeiro n'uma casa de vinhos: era amator de pinturas, e tinha um olhar de lynce para o pittoresco. O'Bleary era um irlandez, récentemente importado: estava em perfeito estado de selvageria, e viera a Inglaterra para ser pharmaceutico, empregado do governo, actor, procurador, ou qualquer coisa que lhe quadrasse—não era pechoso.

Tinha bastante familiaridade com dois deputados irlandezes de pouca importancia, e tratava com demasiada liberdade todos os da casa. Estava sinceramente convencido de que o seu merecimento intrinseco lhe devia proporcionar um elevado destino. Usava calças de casimira de xadrez, e tinha o costume de metter a cara a todas as senhoras que passeavam nas ruas.

—Ahi vem o snr. Wisbottle, disse Tibbs; e immediatamente appareceu o snr. Wisbottle, de sapatos azues e roupão, assobiando o *Di piacer*.

—Bom dia, senhor, disse Tibbs de novo. Era quasi a unica coisa que dizia a todos.

—Como está, Tibbs, replicou condescendentemente o amator de musica, e encaminhou-se para a janella, assobiando com mais força.

—É uma linda ária, essa! disse Evenson com um risinho amarello, sem tirar os olhos de cima da gazeta.

—Estimo que goste, replicou Wisbottle, extremamente satisfeito.

--Não lhe parece que faria melhor effeito se a as-

sobiasse um pouco mais alto? redarguiu o sarcástico leitor da gazeta.

—Não; assim vai melhor, replicou ingenuamente Wisbottle.

—Ora sempre lhe direi, meu caro snr. Wisbottle, disse Evenson, que estivera reprimindo a sua raiva por alguns instantes—que a primeira vez que se sentir com disposições d'assobiar cantigas ás cinco horas da manhã, terá a bondade de o fazer com a cabeça fóra da janella; e se o não fizer, vou lá... com todos os...

A entrada da snr.^a Tibbs, com as chaves n'um cesto, interrompeu a virulenta phrase, e obsteu á conclusão.

A snr.^a Tibbs pediu mil desculpas de ter tardado um pouco: tocou-se a campainha: James trouxe o hule do chá, e recebeu uma ordem illimitada para tostas e fiambre.

Tibbs sentou-se no fim da mesa, e começou comendo agriões como um segundo Nabuchodonosor.

Appareceram O'Beary e Alfredo Tomkins.

Trocaram-se os cumprimentos matutinos e fez-se o chá.

—Que linda coisa! exclamou Tomkins, que estivera olhando para fóra da janella. Vem vêr, Wisbottle; anda depressa.

O snr. Wisbottle levantou-se da mesa, e todos olharam em direcção á janella.

—Vês? disse o amante da natureza, collocando Wisbottle em posição adequada—um pouco mais para este lado; alli—vês agora, como a luz solar bate brilhante n'aquella chaminé do n.º 48?

—E verdade! Vejo—que linda coisa! replicou Wisbottle em tom d'admiração.

—Nunca vi na minha vida um objecto que me causasse tanta surpresa como aquelle! exclamou Alfredo. Todos presentes (excepto Evenson) eccoaram signaes de surpresa, porque o snr. Tomkins tinha grande fama

de encontrar bellezas onde ninguem as podia descobrir —e certamente por essa razão merecia os encomios geraes.

—Frequentes vezes notei uma chaminé no College-green em Dublin, produzindo muito mais effeito que essa, disse o patriota O'Bleary, que nunca concedia haver coisa alguma, que a sua Irlanda não possuisse.

Esta asserção foi acolhida com obvia incredulidade, porque Tomkins declarou não haver em todo o Reino-Unido, chaminé alguma, inteira ou partida, tão bella como a do n.º 48.

As portas da sala abriram-se de repente de par em par, e appareceu Ignez conduzindo a snr.ª Bloss, que trajava um vestido de musselina côr de geranio, e ostentava um relajo d'oiro d'enormes dimensões; uma cadeã a condizer, e um esplendido sortimento d'anneis com pedras bogalhudas. Houve reboliço geral para se procurar uma cadeira, e a apresentação fez-se na fôrma regular. O snr. John Evenson inclinou ligeiramente a cabeça; Frederico O'Bleary, Alfredo Tomkins e Wisbottle, curvaram-se como os mandarins de loja de quin-quilheiro; Tibbs esfregou as mãos, e começou a andar em volta. Observou-se que cerrava um olho, e que com o outro começou a exprimir o movimento d'uma pendula: foi isto considerado como uma empiscadella, e Ignez julgada o alvo do olhar amantetico. Repellimos a calumnia, e desafiamos a contradicção.

A snr.ª Tibbs informou-se do estado de saude da snr.ª Bloss em tom baixo.

A snr.ª Bloss, com supremo desprêso pela memoria do grammatico Lindley Murray, respondia ás varias perguntas da maneira mais satisfactoria, seguindo-se depois uma pausa, durante a qual desapareceram os comestiveis com prodigiosa rapidez.

—Devia gostar immenso, outro dia, do prestito das

damas, encaminhando-se para a ante-camara real — não é verdade, snr. O'Bleary?

—Exactamente, respondeu o irlandez com a bôca atravancada com uma tosta.

—Nunca viu nada d'isto antes? disse Wisbottle.

—Não, senhor—excepto nas recepções do lord governador, replicou O'Bleary.

—São iguaes ás nossas?

—Oh! infinitamente superiores.

—Não sei! disse o aristocrata Wisbottle—a marquezia-viuva de Publiccash estava vestida magnificamente, assim como o barão Slappenbachenhausen.

—Que? elle foi tambem apresentado? perguntou Evenson.

—Apenas chegou a Inglaterra.

—Isso sabia eu, resmoneou o *radical*; ninguem ouve dizer que sejam apresentados quando se vão embora.

—Era uma vista magnifica, a do cortejo das damas! continuou Wisbottle.

—E nunca lhe ocorreu, inquiriu o *radical*, que não podia estar socegado—que o senhor está pagando para estes preciosos ornamentos da sociedade?

—Certamente, tem-me occorrido isso, disse Wisbottle, julgando a pergunta insidiosa—certamente, tem-me occorrido essa lembrança, mas de boamente estou prompto a pagar.

—Pois meu caro senhor, replicou João Evenson, eu é que não estou muito disposto a concorrer de bom grado para essas frioleiras. E porque pagaria eu de boa vontade?—porque, não m'o dirá? continuou o politico, batendo com o punho cerrado sobre a mesa, e poisando o jornal. Ha dois grandes principios—contribuições directas...

—Faz-me favor d'uma chavena de chá? disse Tibbs.

—E indirectas.

—Faz-me obsequio de passar esta chavena a meu

marido, disse a snr.^a Tibbs interrompendo o argumento.

Cortaram o fio do discurso ao orador, que bebeu o seu chá, e concluiu a leitura do jornal.

—Hoje está um dia lindo, disse Alfredo Tomkins, dirigindo-se a todos os circumstantes em geral; hei-de ir dar um passeio a cavallo até Richmond e voltar no vapor. Ha alguns effeitos maravilhosos da luz e da sombra, sobre o Tamisa: o contraste entre o azulado do céu e o amarello das aguas, é muitas vezes magnifico.

Wisbottle assobiou a cantiga:—*Corre, rio caudaloso.*

—Temos na Irlanda alguns vapores magnificos, disse O'Bleary.

—Isso é verdade, disse a snr.^a Bloss, satisfeita de poder achar um assumpto em que podia tomar parte.

—As accomodações são extraordinarias, disse O'Bleary.

—Com certeza, extraordinarias, retorquiu a snr.^a Bloss. Na vida de meu defuncto marido, era elle obrigado a ir á Irlanda a miudo, por causa de negocios. Acompanhei-o algumas vezes, e realmente admirei a maneira como as senhoras e os homens se accommodavam nos beliches.

Tibbs, que estivera escutando o dialogo, assumiu um ar parvoinho, e esteve muito inclinado a fazer uma pergunta, do que foi impedido por um olhar de sua mulher.

O resto do tempo do almoço passou-se como de ordinario a todos os almoços. A conversa foi-se esgotando, findando todos por brincarem com as colheres de chá. Os homens olhavam para as janellas: passeavam pela sala, e quando estavam perto da porta, iam-se esgueirando um a um. Tibbs retirou-se á co-

sinha por ordem de sua mulher, para examinar a conta semanal do fructeiro: e a final ficaram sós a snr.^a Tibbs e a snr.^a Bloss.

—Oh! meu Deus, disse esta ultima, sinto-me bem fraca: é uma coisa muito singular. E na realidade o era, porque tinha comido quatro arrateis de comestiveis n'aquella manhã.—Aqui entre nós, disse a snr.^a Bloss, não o vi o senhor... como se chama?

—O snr. Gobler? suggeriu a snr.^a Tibbs.

—Esse mesmo.

—Oh! disse a snr.^a Tibbs, elle é um sujeito muito mysterioso. Serve-se-lhe regularmente a comida no quarto, d'onde não sahe, algumas vezes, por semanas inteiras.

—Nem o vi ainda, nem ouvi nada a seu respeito.

—Está-me a parecer que o ouvirá hoje á noite, replicou a snr.^a Tibbs, elle geralmente geme muito nos domingos depois de jantar.

—Nunca na minha vida senti tanto interesse por pessoa alguma, exclamou a snr.^a Bloss.

Duas pancadinhas na porta, dadas com affectação, interromperam o colloquio: foi annuciado o doutor Wosky, que entrou immediatamente. Era um homem de baixa estatura, com o rosto muito vermelho, vestido rigorosamente de preto, com um colleirinho branco muito tezo. Tinha uma boa clientella e muito dinheiro, que ajuntára pelo systema de apascentar as mais atrevidas phantasias da parte feminina de todas as familias em que fôra introduzido.

A snr.^a Tibbs offereceu-se para se retirar, mas rogaram-lhe para que ficasse.

—Bons dias, minha senhora—então como vamos nós? inquiriu Wosky em tom meigo.

—Muito mal, doutor, muito mal, disse a snr.^a Bloss baixinho.

—Ah! é necessario termos muito cuidadinho—é

muito necessario, disse o obsequioso Wosky, tomando o pulso da sua interessante doente.

—Como vamos d'appetite?

A snr.^a Bloss meneou a cabeça.

—A nossa amiga requer muito cuidado, disse Wosky dirigindo-se para a snr.^a Tibbs, que, como era natural, concordou n'esta opinião. —Tenho esperanças, que com a ajuda da Providencia, continuou o doutor, ainda haremos de conseguir tornal-a forte, ainda muito forte.

A snr.^a Tibbs pasmava lá para consigo, do que seria a doente quando recuperasse as forças perdidas.

—É necessario tomar estimulantes, continuou o velho Wosky—muitos alimentos, e mais que tudo, é necessario ter os nervos muito socegados; e de modo algum se deve entregar a tristezas.

—Deve tomar tudo o que lhe aprouver, continuou o doutor guardando no bolso a paga da visita, e ter muito socego.

—Excellentemente homem! exclamou a snr. Bloss, vendo entrar o doutor para a carruagem.

—Tem lindas maneiras aquelle sujeito; é um perfeito medico de senhoras, disse a snr.^a Tibbs.

Como na primeira parte d'esta narrativa tivemos occasião de descrever um jantar em casa da snr.^a Tibbs, e como uma refeição se passava como qualquer outra em todas as occasiões ordinarias, não fatigaremos mais os nossos leitores entrando n'uma descripção minuciosa da economia domestica do estabelecimento. Vamos proceder portanto á narrativa dos acontecimentos, fazendo apenas a simples advertencia de que o hospede do quarto de traz era um preguiçoso, egoista, e hypocondriaco, queixando-se sempre, sem nunca estar doente. Como o seu caracter em muitos respeitos se assimilava estritamente com o da snr.^a Bloss, bem depressa brotou uma viva amizade entre os dois. Elle era alto, magro e pallido: imaginava sempre ter uma dôr forte n'uma

parte ou n'outra, e a sua physionomia contrahia invariavelmente a expressão de quem está soffrendo um beliscão. Tinha exactamente a apparencia d'um homem que, contra sua vontade, tem os pés dentro d'uma vasilha d'agua a ferver.

Durante os dois ou tres mezes depois da chegada da snr.^a Bloss á casa de Coram-street, notou-se que João Evenson se tornára cada vez mais sarcástico e rabugento, e que nas suas maneiras havia um não sei que de importancia adicional, demonstrando claramente ter elle imaginado a descoberta d'alguma coisa, e que esperava sómente a occasião opportuna para divulgar o quer que fosse. Encontrou a occasião.

Uma noite, os differentes commensaes estavam reunidos na sala de visitas, com as suas occupaões ordinarias. O snr. Gobler e a snr.^a Bloss, estavam sentados a uma pequena mesa perto da janella do centro, jogando: o snr. Wisbottle estava descrevendo semicírculos com o tamborete do piano, folheando um livro de musica, e assobiando o mais melodiosamente possível: Alfredo Tomkins, sentado á mesa redonda, com os cotovellos occupando todo o espaço, e esboçando a lapis uma cabeça seguramente maior que a d'elle: O'Bleary occupava-se a lêr Horacio, e fingia comprehendel-o: John Evenson puxára a cadeira para junto da mesa de trabalho da snr.^a Tibbs, e estava conversando com ella vivamente em tom baixo.

—Posso certificar-lhe, snr.^a Tibbs, disse o radical poisando o dedo index sobre a cambraia em que ella estava trabalhando; posso certificar-lhe, snr.^a Tibbs, de que nada mais, além do interesse que tomo no seu bem estar, me podia induzir a fazer-lhe esta comunicação. Repito-lhe, receio que Wisbottle pretenda ganhar o affecto da criada Ignez, e consta-me que elle tem por costume fallar com ella no cimo das escadas. Do meu quarto de dormir ouvi distinctamente vozes allí

na noite passada: abri a porta immediatamente, e desci as escadas devagarinho: dei alli com seu marido, que parece fôra tambem tresnoitado.—Que vejo? porque muda de côr?

—Nada, não senhor—não é nada, replicou a senhora d'uma maneira confusa, é o calor da sala que me faz isto.

—Outra bisca! exclamou a snr.^a Bloss na mesa de jogo—quatro com esta!

—Se acreditasse ser o snr. Wisbottle, disse a snr.^a Tibbs depois d'uma pausa, obrigava-o a deixar immediatamente esta casa.

—Jogue! disse de novo a snr.^a Bloss.

—E se eu pensasse, continuou a hospedeira com ar ameaçador, se pensasse que elle era auxiliado por meu marido...

—Oh! disse Evenson em tom adoçado—gostava de fazer mal—estou bem certo que o snr. Tibbs não tem nada com estas coisas. Seu marido pareceu-me sempre muito soçegado.

—Pelo menos assim era até agora, suspirou a pobre snr.^a Tibbs, chorando como um regador em exercicio.

—Pschiu! pschiu! rogo-lhe, snr.^a Tibbs—considere—veja que somos observados—peço-lhe que soçegue, disse John Evenson receiando não poder pôr em acção o seu plano. Vamos tratar d'arranjar as coisas de modo que nós possamos tirar de duvidas, e eu terei muito prazer em a auxiliar.

A snr.^a Tibbs murmurou agradecimentos.

—Quando esta noite vir que todos se recolheram para repouisar, disse Evenson pomposamente, se vier ter commigo sem luz á janella da escada, justamente do lado de fôra do meu quarto, creio que poderemos descobrir quem são elles, e a senhora poderá depois proceder como julgar conveniente.

A snr.^a Tibbs foi facilmente convencida: excitou-

se-lhe a curiosidade, e aguilhou-a o ciume. Fizeram-se portanto os arranjos necessarios.

Ella terminou o seu trabalho de costura, e John Evenson passeava para um e outro lado da sala com as mãos nas algibeiras como se nada tivesse acontecido.

O jogo acabara, e encetára-se a conversação.

—Então, snr. O'Bleary, disse o melo-maniaco, girando no tamborete e contemplando de frente os circumstantes—que lhe pareceu na outra noite o Vauxhall?

—É muito bonito! replicou o irlandez, que ficára extasiado com aquelle divertimento.

—Aposto em como nunca viu nada como o sequito do capitão Ross—heim?

—Não, replicou o patriota com a sua reserva usual, excepto em Dublin.

—Vi nos jardins do Vauxhall o conde de Cauky, o capitão Fitzthompson, disse Wisbottle, pareciam muito satisfeitos.

—Está visto que havia de vir com os seus altos conhecimentos, resmoneou Evenson.

—O que é muito bem feito, são aquelles ursos brancos, suggeriu a snr.^a Bloss. Com aquelles casacos de pelles parecem mesmo ursos do Polo—não acha, snr. Evenson?

—Acho que parecem mais conductores d'omnibus do que outra coisa, replicou o descontente.

—Em geral, passou-se a noite muito bem, disse Gobler, sómente eu constipei-me de tal modo, que as dôres augmentaram-se-me horriavelmente; fui obrigado a tomar alguns banhos de chuva, antes que pôdesse sahir do quarto.

—Os banhos de chuva são uma excellente coisa! exclamou Wisbottle.

—Magnifica! disse Tomkins.

—Deliciosos! concordou o irlandez. (Vira uma unica vez um apparelho fóra da porta d'um funileiro).

—São uma porcaria! accrescentou Evenson, que professava aversão por todos os objectos creados masculinos, femininos ou neutros.

—Chama-lhe porcaria, snr. Evenson! disse Gobler em tom de indignação.—Porcaria! Veja a utilidade d'elles; considere bem quantas vidas não tem elles salvado, promovendo a transpiração.

—Promover a transpiração! uivou John Evenson, parando de repente a meio comprimento do passeio.— Fui tão tólo que se me metteu na cabeça ha algum tempo de mandar ir um apparelho de banho para o meu quarto. Na verdade curou-me, porque me metti n'elle uma vez, e depois só a simples vista da machina fazia-me suar para seis mezes.

Uma risada geral acompanhou este dito: e antes que tudo tivesse entrado na ordem, James appareceu com um taboleiro contendo os restos d'uma perna de carneiro, que *debutára* ao jantar, pão, queijo, um átomo de manteiga n'uma floresta de salsa, conserva e outras iguarias.

O rapaz desapareceu, e voltou de novo com outro taboleiro com copos, e canecas d'agua fria e quente. Os homens foram procurar as suas garrafinhas de licôres: a dona da casa poisou as palmatorias com velas sobre a mesa de jogo, e os criados foram-se recolher.

Aproximaram todos as cadeiras em redor da mesa, e a conversa continuou na maneira usual. João Evenson, que nunca cejava, recostou-se no sophá, e divertiu-se a contradizer toda a gente.

O'Beary comia tanto quanto o estomago lhe podia comportar, ou ainda mais, e a snr.^a Tibbs sentia-se indignada com este procedimento; o snr. Gobler e a snr.^a Bloss conversavam com muita affectação, sobre a melhor maneira de tomar pilulas, e outros divertimentos innocentes do genero: e Tomkins e Wisbottle principiaram a *argumentar*, isto é, ambos fallavam muito alto e com

muita vehemencia, lisongeando-se cada um d'elles de obter vantagem sobre o seu antagonista a respeito de qualquer coisa e sem ter nenhum dos dois a mais indistincta idéa do que estavam fallando.

Passaram-se assim uma ou duas horas: e os hospedes e as bugias retiraram-se aos pares para os respectivos quartos. João Evenson tirou as botas, fechou a porta, e resolveu aguardar sentado que se tivesse retirado o snr. Gobler.

Este costumava sempre ficar sentado uma hora ou duas na sala de visitas, depois de todos se terem recolhido, a tomar remedios, e a gemer.

Great-Coram-street cahira no estado do mais profundo repouso: eram perto de duas horas. De quando em quando ouvia-se o rodar d'uma carruagem d'aluguer; e occasionalmente algum tresnoitado, de passagem para casa, batia com os sapatos ferrados por cima do lageado do passeio, fazendo o arruido d'um engenho de assar carne.

—Agora já elle deve estar dormindo, disse John Evenson comsigo mesmo, tendo esperado com exemplar paciencia por perto d'uma hora, depois que Gobler sahiu da sala de visitas. Pôz o ouvido alerta por alguns minutos; a casa jazia em perfeito socego: apagou a lamparina e abriu a porta do quarto. As escadas estavam em tal escuridade que era impossivel distinguir-se coisa alguma.

—S, s, s! dizia baixinho o desmancha-prazeres fazendo um ruido como o d'uma machina a vapor quando vai trabalhar.

—Pschiu! gaguejou em igual tom quem quer que foi.

—É a snr.^a Tibbs?

—Sim, senhor.

—Onde está?

—Aqui, e o vulto sombrio da snr.^a Tibbs deixou-se

vêr no vão da janella da escada, como o espectro da rainha Anna na scena da tenda no *Ricardo* de Shakspeare.

—Por aqui, minha senhora, soprava-lhe o officioso, dê-me a sua mão—aqui. Quem quer que elles sejam, estão agora no sotão, porque estive olhando para baixo da minha janella, e vi-os apagar o castiçal: estão agora na escuridade.

Tirou os sapatos, não é verdade?

—Tirei, disse a pequena snr.^a Tibbs que a custo podia fallar, tão tremula estava.

—Muito bem; eu tambem descalcei as botas, de modo que poderemos descer até á porta do sotão e escurtar, continuou Evenson: e ahí vão elles ambos pelas escadas abaixo, fazendo gemer cada taboa do soalho como um cylindro de brunir a roupa em sabbado á tarde.

—Parece-me que podia jurar ser Wisbottle e alguém mais, segredou o radical energicamente, depois de terem applicado o ouvido por alguns minutos.

—Pschii! deixe ouvir o que elles dizem! exclamou a snr.^a Tibbs em quem o desejo de satisfazer a curiosidade dominava qualquer outra consideração.

—Ah! se o senhor fallasse verdade, dizia uma voz feminina, obrigava minha ama a...

—Que diz ella, perguntou Evenson que não estava tão bem collocado como a sua companheira.

—Diz que obrigaria sua ama! replicou a snr.^a Tibbs —malvados! estão talvez tramando algum assassinato.

—Eu bem sei que o senhor precisa de dinheiro, continuou uma voz que pertencia a Ignez; e se o senhor me garante 500 £, certifico-lhe que ella ha-de ter fogo bastante.

—Que é isso! inquiriu Evenson de novo. Ouvia justamente o sufficiente para não querer ouvir mais.

—Parece-me que está a dizer que vai deitar fogo

à casa, replicou a snr.^a Tibbs sem pinga de sangue. Felizmente está segura na Phenix.

—Minha pequena, desde o momento em que eu tenha segura tua' ama, dizia uma voz masculina com um forte accento irlandez, podes ficar certa de que o dinheiro é teu.

—Valha-me Deus, é o snr. O'Bleary! exclamou entre parenthesis a snr.^a Tibbs.

—Tratante! disse Evenson indignado.

—A primeira coisa que temos a fazer é envenenarmos os planos do snr. Gobler.

—Certamente, replicou Ignez com o maior sangue frio.

—Que dizem os malvados? inquiriu de novo Evenson com a agonia da curiosidade.

—Estão combinando o modo de propinarem veneno ao snr. Gobler, replicou a snr.^a Tibbs, totalmente horrorizada com tão grande sacrificio de vidas humanas.

—E pelo que diz respeito á snr.^a Tibbs? continuou O'Bleary.—A snr.^a Tibbs estremeceu.

—Pschiu! exclamou Ignez em tom de quem está muito assustada, justamente no momento em que a snr.^a Tibbs estava quasi a cahir desmaiada—Pschiu!

—Pschiu! exclamou Evenson ao mesmo tempo dirigindo-se á snr.^a Tibbs.

—Alguem vem subindo as escadas, disse Ignez para O'Bleary.

—Alguem vem descendo as escadas, soprou baixinho Evenson á snr.^a Tibbs.

—Fuja para a sala do jantar, disse Ignez para o seu companheiro. Chegara alli antes de que, quem quer que seja, chegue ao topo das escadas da cosinha.

—Vamos para a sala das visitas snr.^a Tibbs! dizia Evenson para a sua companheira, muito fóra de si e assustada: e para a sala das visitas se encaminharam,

ouvindo distinctamente o ruído de duas pessoas, uma descendo as escadas, e outra subindo.

— Quem diacho será? exclamou a sr.^a Tibbs. Isto parece um sonho. Não queria por coisa alguma d'este mundo ser encontrada n'esta situação.

— Nem eu, retorquiu Evenson, que nunca podia soffrer um gracejo á sua custa. Silêncio, elles ahí estão.

— Que grande patuscada! dizia em voz baixa um dos recém-chegados.

Era Wisbottle.

— Magnifico, exclamou o seu companheiro em igual tom de voz.

Este era Alfredo Tomkins.

— Quem havia de pensar isto?

— Eu bem t'ó dizia, continuou Wisbottle, no mesmo tom. — Elle tem andado a fazer-lhe a côrte estes ultimos dois mezes. Eu bem os vi, quando hoje á noite estava sentado ao piano.

— E então pensas que tambem não observei o mesmo? disse Tomkins.

— Observar o mesmo! continuou Wisbottle. Digo-te que o vi estar a fallar-lhe baixinho: e parece-me que posso jurar em como o ouvi tratar alguma coisa para esta noite, depois que todos estivessemos a dormir.

— Estão fallando a nosso respeito, exclamou a sr.^a Tibbs quasi agonisante, como se lhe atravessasse a mente uma suspeita dolorosa, e a recordação da bella situação em que estava mettida.

— Bem sei isso, bem sei, replicou Evenson, com a consciencia de que não havia modo algum de escapar.

— Que se ha de fazer? não podemos ficar aqui ambos! exclamou a sr.^a Tibbs, em estado de desárranjo parcial do cerebro.

— Vou trepar pela chaminé do fogão, disse Evenson, que realmente queria fazer o que dizia.

— Não pôde, dizia a snr.^a Tibbs desesperada, não pôde, é uma estufa sem chaminé.

— Não faça bulha! replicou John Evenson.

— Silêncio! silencio! murmuravam no fundo das escadas algumas vozes.

— Já me vai enfastiando a brincadeira, disse Alfredo Tomkins que começava a estar um pouco sobre-saltado.

— Aqui estão elles! exclamou o sapiente Wisbottle, porque se ouvia um ruído no sotão.

— Escuta! disseram ao mesmo tempo ambos os rapazes.

— Escute, repetiam ao mesmo tempo a snr.^a Tibbs e John Evenson.

— Deixe-me, senhor, dizia uma voz feminina no sotão.

— O' Ignez! exclamava uma voz, que se conhecia claramente ser a de Tibbs, porque ninguem possuía outra igual. O' Ignez do meu coração!

— Esteja quieto, já lh'o disse!

Ouviu-se um bofetão.

— Furia.

— Esteja quieto! tenha vergonha. Lembre-se de sua mulher. Esteja quieto!

— Minha mulher! exclamava o valoroso Tibbs, que se via claramente estar sob a influencia da genebra e de uma affeição illegal. Aborreço-a, Ignez; olha, quando eu servi no corpo dos voluntarios em mil oitocentos e...

— Esteja quieto, ou eu grito! (Novo bofetão e uma arranhadura).

— Que diabo é isso? exclamou Tibbs dando um pulo.

— Que é o que? disse Ignez parando immediatamente.

— Isso.

— Ah! o senhor fel-a bonita, soluçou a assustada

Igniez, ouvindo pancadas na porta do quarto da snr.^a Tibbs, que pareciam doze picaretas a trabalhar a um tempo.

—Snr.^a Tibbs! snr.^a Tibbs! exclamava em voz alta a snr.^a Bloss. Snr.^a Tibbs, faça favor de se levantar.

Aqui de novo se ouvia a imitação d'uma picareta com ruido dez vezes maior.

—Oh meu Deus, meu Deus! dizia a desgraçada metade do depravado Tibbs, ella está batendo á minha porta. Vamos ser descobertos. Que pensarão elles?

—Snr.^a Tibbs! snr.^a Tibbs! exclamou de novo a picareta.

—Que é lá isso! ululou Gobler, saltando de repente fóra do quarto, com o impeto dragão na pantomima d'Astley—sómente sem o gaz portatil na physionomia.

—Oh! snr. Gobler, gritava a snr.^a Bloss, muito proxima a soffrer hysterico; julgo que ha fogo na casa, ou pelo menos ladrões; ouvi um horrendo barulho.

—Diabos levem... resmungou Gobler recolhendo-se ao seu antro, em imitação do dragão mencionado, e reapparecendo novamente com um castiçal accêso. Que historia é esta! Wisbottle! Tomkins! O'Bleary! Igniez! Que diabo, todos a pé!

—Que grande pouca vergonha! disse a snr.^a Bloss, que descera as escadas e dera o braço a Gobler.

—Vá alguém chamar a patroa, disse Gobler voltando-se para a sala de visitas da frente.—Ora esta! a snr.^a Tibbs, e João Evenson!

—A snr.^a Tibbs e o snr. Evenson, repetiram todos, apenas o desgraçado par foi descoberto, a snr.^a Tibbs sentada n'uma poltrona junto ao fogão e Evenson de pé a seu lado.

Deixaremos o leitor imaginar a scena que se seguiu. Podiamos narrar o modo como a snr.^a Tibbs desmaiou in continenti e quaes os esforços unidos de Wisbottle e de Alfredo Tomkins para a conservar na

cadeira; como o snr. Evenson se explicou, e como não foi acreditada a sua explicação;—como Ignez repelliu as accusações da snr.^a Tibbs, provando que estava negociando com O'Bleary a influencia sobre os affectos de sua ama em proveito d'elle; como Gobler fez perder as esperanças de O'Bleary confessando-lhe que elle (Gobler) já tinha pedido a mão da snr.^a Bloss, e que lhe fôra concedida; como Ignez foi despedida do serviço de sua ama; como O'Bleary se retirou da casa de hospedagem, sem se ter dado ao incómodo de solver a conta; e como este pobre moço desapontado brada contra a Inglaterra e os inglezes, jurando que hoje não se encontra virtude *excepto na Irlanda*.

Repetimos: podíamos narrar tudo isto, mas queremos exercer a nossa abnegação, e preferimos deixar livre campo á imaginação do leitor.

A dama que até aqui temos descripto como snr.^a Bloss, converteu-se em esposa de Gobler.

Em um retiro de Newington Butts, bem longe do bulicio d'essa casa de hospedagem—o mundo—o invejavel Gobler e sua mulher gosam socego: felizes com os seus gemidos, com a sua mesa, e com os seus remedios: abençoados através da vida com as orações de todos os fornecedores de comida animal, n'um raio de tres milhas.

De boamente parariamos aqui, mas foi-nos imposto um penoso dever, que temos a cumprir. Os dois conjuges Tibbs separaram-se por consentimento mutuo, recebendo a snr.^a Tibbs metade das 43 £, 15 s. e 10 d. que no começo asseveramos ser a somma total da pensão annual de seu marido, e ficando este com o resto. O snr. Tibbs está vivendo socegradamente o resto de seus dias, com o seu pequeno, mas honroso rendimento. Reside entre os colonos originarios de Walworth, e já foi asseverado por inquestionavel authoridade, que se ouvira a conclusão da historia do vo-

luntario n'uma pequena taverna d'aquelle respeitavel
logar.

A infeliz snr.^a Tibbs determinou-se a dispôr de toda
a sua mobilia em leilão, e a retirar-se d'uma residencia
onde tanto soffrera. Os annuncios e a lista de leilão
são peças de litteratura importantes, como são quasi
sempre as do genero.



l'histoire d'une époque si intéressante et si importante
 de notre histoire. L'histoire de la France est une
 histoire de gloire et de grandeur. Elle est une
 histoire de héros et de grands hommes. Elle est
 une histoire de courage et de bravoure. Elle est
 une histoire de patriotisme et de dévouement. Elle
 est une histoire de sacrifice et de mort pour la
 patrie. Elle est une histoire de grandeur et de
 gloire. Elle est une histoire de France.

— 53 —

O SENHOR

AUGUSTO MINNS E SEU PRIMO

O snr. Augusto Minns era um celibatario dos seus quarenta annos, como elle dizia, ou de cerca de quarenta e oito, como diziam os seus amigos.

Andava sempre muito limpo e acciado; era talvez um pouco *petisco*, e o homem mais excentrico d'este mundo.

Usava habitualmente um fraque escuro, sem uma unica ruga, calças de côr, sem a mais pequena pinta, um lenço no pescoço com um laço muito bem dado, e botas a que não havia nada que dizer: demais, sempre trazia consigo um guarda-sol de seda preta com castão de marfim.

Era empregado em Somerset-house, ou, conforme elle dizia, *servia o governo n'um logar de responsabilidade*.

Tinha um magnifico salario augmentado com o rendimento que lhe produziam umas 10:000 £, suas particulares, empregadas em fundos, e occupava um primeiro andar de Tavistock-street, Covent-garden, onde residia ha vinte annos, tendo adquirido, durante este tempo, o habito de questionar com o senhorio, dando-lhe regularmente parte de que ia deixar a casa no principio do seguinte trimestre, e mudando depois de opiniao no outro trimestre.

Havia duas classes de objectos creados, a que professava o mais profundo odio: eram as creanças e os cães.

Não era deshumano, e todavia presencearia em qualquer occasião a morte d'um cão, ou o assassinato d'uma creança, com a mais viva satisfação.

Os seus costumes estavam em contradicção com o amor que professava pela ordem; e o seu amor pela ordem tinha tanto poder sobre elle, como o amor pela vida.

O snr. Augusto Minns não tinha relações em Londres, ou perto d'alli, á excepção de seu primo Octavio Budden, de cujo filho, que nunca vira, porque era desaffeiçãoado ao pae, consentira em ser padrinho por procuração.

O snr. Budden, havendo realisado uma fortuna mediana com negocio de trigo, e tendo grande predilecção pelo campo, comprou uma casinha na vizinhança de Stamford-hill, para onde se retirou com sua cara metade, e o seu unico pimpólho, o menino Alexandre Augusto Budden.

Uma tarde em que os dois esposos Buddens estavam admirando seu filho, discutindo os seus vastos merecimentos, fallando da sua educação, e disputando sobre se o estudo dos classicos devia fazer parte d'ella ou não, a snr.^a Budden mostrou com tanta instancia a seu marido a utilidade de cultivarem a amizade do snr.

Minns em prol de seu filho, que o snr. Budden pensou lá para si que não seria culpa sua, se elle e seu primo, de futuro não estivessem em grande intimidade.

—Vou aplanar o caminho, meu amorsinho, disse Budden, quebrando o assucar no fundo d'um copo de aguardente e agua, e olhando de soslaio para a mulher, a fim de conhecer o effeito que produzia esta determinação. — Vou pedir a Minns que venha jantar connosco no domingo.

—Então, meu amiguinho, o melhor é escreveres já a teu primo, replicou a snr.^a Budden. Quem sabe! se o podermos aqui trazer, talvez possa agradar-se do nosso Alexandrinho, e venha a deixar-lhe os seus bens. — Alexandrinho, menino, tira os pés de cima das grades da cadeira!

—Dizes bem, disse Budden, depois de ter estado cogitando por um pouco, dizes bem, minha amiga.

Na manhã do dia seguinte estava o snr. Minns sentado á mesa do almoço, trincando uma tosta, e deitando alternadamente uma vista d'olhos sobre as columnas d'um jornal da manhã, que lia sempre desde o titulo até ao ultimo annuncio, quando de repente ouviu uma pancada estrondosa na porta da rua, a que se seguiu pouco depois a entrada do criado, entregando-lhe um bilhete indicativo de visita, sobre o qual estava escripto em immensas letras:

«Octavio Budden, Amelia-Cottage (o nome da esposa de Budden era Amelia) Poplar-walk-Stamford-hill.»

—Budden! exclamou Minns, que diabo trará aqui esse pateta?! Diz-lhe que estou a dormir; diz-lhe que estou fóra, e que não volto; diz-lhe seja o que fór, para elle não subir.

—Mas, senhor, elle vem já subindo, replicou o criado.

A verdade do que dizia o criado tornou-se evidente,

pelo formidável barulho de botas nas escadas, acompanhado d'um ruído menor, cuja causa Minns não podia de modo algum adivinhar.

—Hein!... diz a esse senhor que entre, disse o infeliz celibatário.

Sahe o criado, e entra Octavio precedido d'um imenso cão d'água, felpudo, olhos pequenos, orelhas grandes, e rabo imperceptível.

Era bem clara agora a causa do ruído nas escadas. Augusto Minns recebeu um profundo choque, que quasi o fez vacillar, com a aparição do cão.

—Como está, meu amigo, disse Budden apenas entrou.

Tinha as palavras sempre na ponta da lingua, e repetia a mesma coisa uma duzia de vezes.

—Então como vai isso?

—Menos mal, obrigado— aqui tem uma cadeira! tartamudeou polidamente o confundido Minns.

—Obrigado, obrigado— ora muito bem— então como vai isso, hein?

—Bem, obrigado, disse Minns deitando um olhar diabolico para o cão, que, com as patas trazeiras no soalho, e as dianteiras na beira da mesa, estava puxando um pedaço de pão com manteiga para fóra do prato, preparativo este necessario para o devorar, voltando depois a pata untada para o tapete.

—Ah! ladrão, disse Budden dirigindo-se ao cão; como vê, segue os meus costumes— é sem cerimonia como eu; safa d'ahi, patife!— Estou a suar como um boi, e tenho uma fome damnada! Vim hoje a pé todo o caminho desde Stamford-hill!

—Já almoçou? perguntou Minns.

—Não! vim de proposito almoçar comsigo: toque a campainha, faz favor; mande vir outra chicara e fiambre. Eu cá não sou de ceremonias, como vê; é coisa que abomino, continuou Budden, limpando a poeira das

botas com o guardanapo. Ah! ah! ah! palavra de honra que estou com uma fome dos diabos!

Minns tocou a campainha, e procurou sorrir-se de balde.

—Decididamente nunca tive tanto calor na minha vida, continuou Octavio enxugando o suor da testa: mas como vai isso, meu caro Augusto? Palavra de honra que agora está magnifico!

—Parece-lhe isso? disse Minns, e tentou de novo sorrir-se.

—Se parece!

—Como está sua mulher, e o... como se chama?

—Alexandre, meu filho, é a quem se refere? magnificos—não podem passar melhor. Mas no logar em que moramos, Poplar-walk, era impossivel estar alguem doente ainda que quizesse. Quando vi aquelle sitio pela primeira vez, com o jardim na frente e as grades, declaro-lhe que fiquei encantado, e logo pensei que não tinha remedio senão abrir os cordões á bolsa.

—Não lhe parece que o fiambre era melhor, interrompeu Minns, se o cortasse d'outra forma?—Via com um pesar impossivel de descrever-se, que o seu hospede estava cortando, ou antes, macerando o presunto, com completa violação de todas as regras estabelecidas.

—Não, obrigado, assim vai bem, retorquiu Budden com a mais barbara indifferença pelo crime que praticava; prefiro-o antes d'este modo—assim corta-se melhor. Mas vamos ao que serve. Minns, quando é que ha-de ir vêr-nos? Ha-de ficar maravilhado com o sitio da nossa casa—palavra de honra que fica. Amelia e eu estivemos fallando a seu respeito uma d'estas noites, e Amelia disse... outra colher d'assucar, faz favor, obrigado—disse-me ella: não te parece que podias fazer com que o nosso bom parente o snr. Minns viesse—salta abaixo—maldito cão!—está-lhe a romper os cortinados, Augusto—ah! ah! ah!

Minns deu um pulo da cadeira, como se tivesse recebido a descarga d'uma bateria galvanica.

— Sahe d'ahi! fóra! passa fora! passa fóra! gritava o pobre Augusto Minns, conservando-se todavia a uma distancia respeitavel do cão, porque havia lido a narrativa d'um caso de hydrophobia n'um jornal da manhã.

Depois de muito custo, de muito berrar, e de bater muito tempo debaixo das mesas com a bengala e guarda-chuva, foi por fim o cão desalojado e posto fóra da porta, onde começou a latir com toda a virulencia, arranhando ao mesmo tempo, com furiosa impaciencia, o verniz das duas almofadas do fundo da porta, até que as pôz de tal modo, que pareciam a parte interior d'um taboleiro de gamão.

— É um magnifico cão aquelle para guardar a casa! observou Budden com toda a frieza ao distrahido Minns — não está muito acostumado a estar preso. Mas vamos a saber, Minns, quando e que ha-de ir fazer-nos uma visita? Olhe que eu já não admitto desculpas. Vejamos, hoje é quarta feira. Vai no domingo? Jantamos ás cinco, não diga que não, ande, diga que sim.

Depois de repetidas instancias, Augusto Minns, completamente desesperado, accitou o convite, e prometeu achar-se em Poplar-walk no domingo seguinte ás quatro horas e meia da tarde precisas.

— Agora tome nota da direcção, disse Budden, o omnibus parte de Flowerpot, em Bishopsgate-street, todas as meias horas. Quando o carro parar no Hotel do Cysne, ha-de vér immediatamente defronte uma casa branca.

— Que é a sua—comprehendo, disse Minns, desejando ao mesmo tempo pôr ponto final á historia, e vér se se livrava da visita.

— Qual! não, não é a minha;—essa é a casa de Grogus, o grande ferreiro. Ia eu dizendo—volte pelo lado da casa branca até que não possa dar um passo

mais para a frente—tome nota—e então volte á direita, ao lado d'algumas cavallariças—entende? ao pé de si ha-de haver um muro com o letreiro de—*Cautella com o cão*—escripto em grandes letras—(Minns estremeceu)—siga então o muro por coisa d'um quarto de milha, e qualquer pessoa ahi lhe dirá onde eu moro.

—Está bem—obrigado—adeus.

—Seja pontual.

—Com certeza; adeus, até domingo.

—É verdade, olhe lá, tem algum bilhete meu.

—Tenho, obrigado.

E o snr. Octavio Budden partiu, deixando seu primo a pensar na visita de domingo com a mesma alegria com que um poeta pobre pensa na visita semanal da lavadeira.

Chegou o domingo: o céu estava brilhante e claro: grande chusma de povo ia comprimindo-se pelas ruas, com o fito de cada qual se divertir a seu modo: todos pareciam alegres e felizes, á excepção de Augusto Minns.

O dia estava bello, mas o calor suffocava; e quando o snr. Augusto chegou ao lado da sombra de Fleet-street Cheapside, e Thread-needle-street, ia muito abrasado, muito empoeirado, e de mais a mais a hora ia-se adiantando. Por uma felicidade extraordinaria, todavia, estava esperando em Flowerpot um omnibus, para o qual entrou Augusto Minns, confiando na solenne promessa feita pelo conductor de que o vehiculo ia partir em tres minutos—sendo estes a maior porção de tempo que lhe era concedido esperar, em harmonia com um acto do parlamento. Passou-se um quarto de hora, e não havia signaes de movimento. Minns olhou para o relajo pela sexta vez.

—Cocheiro! então parte ou não? vociferava Minns com a cabeça e metade do corpo fóra da vidraça do omnibus.

—Immediatamente, disse o cocheiro com as mãos nos bolsos, e sem dar o mais leve indicio de se querer apressar.

—Bill, tira as mantas aos cavallo.

Passaram-se mais cinco minutos, e no fim d'esse tempo o cocheiro subiu para a almofada, d'onde lançou a vista para todos os lados da rua, começando a chamar toda a gente que passava a pé, gastando assim outros cinco minutos.

—Cocheiro! se não parte já, eu saio, disse Minns completamente desesperado com a tardança, e com a impossibilidade de estar em Poplar-walk no tempo marcado.

—Parte-se já n'um momento, foi a resposta; e consequentemente o vehiculo rodou algumas jardas para a frente, e parou de novo. Minns enroscou-se a um canto do omnibus, e abandonou-se ao fado, vendo que se tornavam seus companheiros de viagem, uma creança e sua mãe, um caixão de chapéo e um guarda-solinho.

A creança era amavel e carinhosa—o innocente confundiu Minns com algum seu parente, e gritava para o abraçar.

—Está quieto, lindinho, dizia a mamã, restringindo a impetuosidade do néné, cujas rochonchudas perninhas escoicinhavam, remechendo-se e contorcendo-se maravilhosamente, e tomando as fórmas mais complicadas n'um extasis d'impaciencia.—Está quieto, esse não é o teu papá.

—Graças a Deus que não sou, pensou Minns, despedindo dos olhos, como um meteoro, a primeira faisca de prazer que experimentára n'aquelle dia.

O pequerrucho não cessava de brincar. Conhecendo que Minns não era o papá, tratou de lhe attrahir a attenção, raspando as sujas botinhas nas calças d'Augusto, picando-lhe em seguida o peito com o guarda-solinho da mamã, e fazendo assim outras coisas bonitas

peculiares da infancia, com que passava as horas aborrecidas do omnibus com muita satisfação sua.

Quando o infeliz Augusto Minns chegou ao Cysne, viu com grande pesar, que passava um quarto das cinco.

A casa branca, as cavallariças, o letreiro—*Cautella com o cão*—finalmente, todos os objectos que lhe serviam de balisa, passou-os com uma rapidez desusual em pessoas de certa idade quando vão tarde para o jantar.

Cinco minutos depois, Augusto Minns achou-se de frente d'uma casa de tijollo, amarella, com porta verde, martello de bronze, e chapa de metal, caixilhos das janelas verdes, e grades da mesma côr, com um *jardim* na frente, que vinha a ser uma nêsga de terra, com um tableiro de relva redondo, e dous triangulares-escaletos, contendo uma figueira, vinte ou trinta arbustos, e um numero illimitado de hem-me-queres.

O bom gosto dos Budden patenteava-se ainda mais com a perspectiva d'um Cupido de cada lado da porta, empoleirados sobre um pedestal de granito com grade, com a addição de conchinhas côr de rosa.

Apenas Minns bateu, veio-lhe abrir a porta um rochuchado rapaz, com libré de côr escura, meias d'algodão, e sapatos, o qual, depois de lhe ter pendurado o chapéo n'um dos doze ganchos de metal, que ornamentavam o corredor, apellido por cortezia *ante-camara*, conduziu-o para a sala de visitas da frente, de onde se gosava uma extensa vista para as trazeiras das casas da visinhança. Passada a cerimonia usual da apresentação, Minns sentou-se, não pouco agitado vendo que era elle o ultimo, e d'uma fórma ou d'outra, o objecto das vistas e commentarios d'uma duzia de pessoas, reunidas n'uma pequena sala de jantar, procurando passar as horas de todas as mais tediosas, as que precedem o jantar.

—Ora, dize lá, Brogson, dizia Budden, dirigindo-se a um sujeito idoso, de casaco preto, calças escuras apertadas no joelho, e compridas polainas, que, com o pretexto de examinar as gravuras d'um jornal illustrado, tinha estado a satisfazer a sua curiosidade com referencia ao aspecto de Minns, olhando para elle de soslaio.

—Olé! Brogson, que pretendem fazer os ministros? Sahem, ou não?

—Eu... realmente... bem sabe que sou a ultima pessoa no mundo a quem se possa perguntar noticias. Seu primo, visto o emprego que occupa, é a pessoa mais competente para responder a essa pergunta.

O snr. Minns certificou este ultimo orador, que apesar d'empregado em Somerset-house, não tinha communicações officiaes relativamente aos projectos dos ministros de sua magestade. Mas esta observação evidentemente não foi acreditada; e não se tendo apresentado mais conjecturas sobre este assumpto, seguia-se uma comprida pausa, durante a qual os circumstantes se occuparam em tossir e assoar, até que a entrada da snr.^a Budden fez levantar toda a gente.

Passada a cerimonia da apresentação, annunciou-se o jantar, e consequentemente todos os convidados se encaminharam pelas escadas abaixo.

O snr. Minns acompanhou de braço-dado a snr.^a Budden até á porta da sala d'espera, mas ficou impossibilitado de levar mais além a sua galanteria pela estreiteza da escada.

O jantar correu do modo como d'ordinario correm taes jantares. De quando em quando, no meio do tinido das facas e garfos, e do zunido da conversação, ouvia-se a voz de Budden, offerecendo vinho a um amigo, e certificando-lhe que muito estimava vê-lo em sua casa; e trocaram-se muitos ápartes entre a snr.^a Budden e os criados, a respeito da collocação dos pratos, em cujas occasiões a physionomia da senhora assumia

todas as variantes do thermometro desde *Tempestade* até *Tempo fixo*.

Apenas a sobremesa e os vinhos foram collocados, o criado, obedecendo a um olhar significativo da dona da casa, foi buscar e trouxe o menino Alexandre, vestido com uma blusa côr azul celeste, com botões de prata, apresentando o cabelo quasi da mesma côr do metal.

Depois de varios elogios da mamã, e de muitas noticias do papá a respeito de seu comportamento, foi apresentado ao padrinho.

—Então, meu pequerrucho—és um lindo rapaz! hein? disse Augusto Minns, sentindo-se tão feliz como um pintasilgo prêso pelo visco.

—Sou.

—Quantos annos tens, menino?

—Faço oito, sexta-feira; e quantos tem *você*?

—Alexandre! interrompeu a mamã, isso não é pergunta que se faça ao padrinho, e muito menos d'esse modo.

—Elle tambem perguntou quantos annos eu tinha, disse aquella precoce intelligencia, a quem Minns desde aquelle momento resolveu interiormente não deixar um unico shilling.

Apenas cessára o riso causado pela observação do menino, um homemsinho aperaltado e de suissas ruivas, sentado na extremidade da mesa, e que durante todo o tempo do jantar estivera occupado a vêr se encontrava um ouvinte para algumas historias de Sheridan, ¹ perguntou ao menino, em ar de pedagogo:

—Alexandrinho! que parte da oração é *sér*?

—É um verbo.

—Bonito menino, disse a snr.^a Budden com todo

¹ Sheridan, celebre author inglez, de quem se relatam muitas anedoctas e ditos espirituosos.

o orgulho d'uma mãe. Diz agora o que é um verbo.

—Um verbo é uma palavra que significa—ser, obrar, ou soffrer, como—Eu sou—Eu governo—Eu sou governado.—Dá-me uma maçã, mamã?

—Dou-lhe uma maçã, replicou o sujeito de suissas ruivas, que era amigo já velho da familia, ou, por outras palavras, que era sempre convidado pela snr.^a Budden, quer o marido gostasse, quer não—se me disser o que quer dizer *sêr*.

—*Cêra*, disse o menino prodigio, passado um momento de hesitação, é uma coisa de que se fazem as tochas.

—O menino que está ahí a dizer, disse a snr.^a Budden carregando o sobrolho—*S,e,r*, e não *C,e,r,a*, que é um substantivo.

—Não penso que o menino esteja ainda muito em dia com os substantivos *communs*, disse o possuidor das suissas ruivas, que se capacitou de ter dito um gracejo admiravel. É claro, que elle ainda não está versado nos *nomes proprios*—eh! eh! eh!

—Meus senhores! clamou o snr. Budden do fim da mesa com voz de stentor, e com ar de muita importancia, queiram ter a bondade de encher os seus copos. Tenho a propôr uma saude.

—Atenção! atenção! gritaram os convivas passando as garrafas. Depois d'estas terem percorrido a circumferencia da mesa, Budden proseguiu:

—Cavalheiros! está presente um individuo...

—Atenção! atenção! disse o homemsinho das suissas ruivas.

—Está callado, James, retorquiu Budden.

—Dizia eu, meus senhores, que está presente um individuo, continuou o dono da casa, em cuja companhia, estou certo, todos devem estar deleitados... e... e... e... a conversação da pessoa a que me refiro deve ter causado a todos os presentes o maior prazer. (Graças

a Deus que se não refere a mim, pensou comsigo Minns, com a consciencia de que a sua desconfiança e egoismo o tinham impedido de haver pronunciado uma duzia de palavras depois que tinha entrado a casa). Cavalheiros! conheço a humildade da minha pessoa, e devo pedir desculpa de ser eu que me atreva... o que faço attendendo aos sentimentos d'amizade e affeição que professo pela pessoa a quem alludo... digo que me atreva a propôr um brinde á saude de quem é tão caro... isto é, d'um cavalheiro cujas virtudes o tornam bemquisto dos que teem a felicidade de o conhecer; e aquelles que o não conhecem, não lhe podem ser desaffeiçoados.

—Oçam! oçam! disseram todos em ar de admiração.

—Meus senhores! continuou Budden, meu primo é um homem que... que é meu parente (attenção! attenção!)—Minns suspirou em alta voz.—E estou muito satisfeito pelo vêr aqui, e se aqui não estivesse certamente nos privaria do grande prazer que sentimos com a sua presença! (Grandes gritos e bravos). Meus senhores! conheço que já em demasia abusei da vossa attenção. Com todos os sentimentos de... com todos os sentimentos de... de...

—De satisfação, suggeriu o amigo da familia.

—De satisfação, peço que bebamos todos á saude do snr. Minns.

—A pé! meus senhores, bradou o infatigavel homemsinho das suissas—vá como manda a etiqueta. Marquem o tempo por mim. Hip! hip! hip!—hurrah! —Hip! hip! hip!—hurrah!—Hip! hip! hip!—hurrah!

Todos os olhares estavam fixados sobre o objecto da saude, que, absorvendo grandes porções de vinho do Porto, com grave risco de suffocar-se, conseguiu occultar a sua confusão.—Depois de tão longa pausa, quanto a decencia o permittia, levantou-se, mas, como

dizem os jornaes nas sessões das camaras, lastimamos não poder dar, sequer em substancia, as observações do honrado cavalheiro.

As palavras—*companhia presente, e grande felicidade*—ouvidas occasionalmente, e repetidas com intervallos, com uma physionomia exprimindo a maior confusão, convenceram os circumstantes de que elle estava fazendo um excellente discurso; e por consequencia, apenas se sentou, todos gritaram:—*Bravo!*—e deram mostras d'applaudir tumultuosamente.

James, que estivera á espera d'ocasião opportuna, levantou-se então.

—Budden, disse elle, dá-me licença de propôr um brinde?

—Certamente, replicou Budden, accrescentando em tom baixo para Minns, que estava do outro lado da mesa:—é um ratão muito grande este patusco: vai ficar encantado com o que elle disser. Falla sempre bem em qualquer assumpto que seja. Minns curvou-se, e James proseguiu:

—Em algumas occasiões, e por varias vezes, em muitas circumstancias, e em diferentes sociedades, tem-me cabido a fortuna de propôr um brinde á saude d'aquelles, em cuja companhia tenho a honra de estar. Tenho muitas vezes, confesso-o com deleite—porque razão negaria eu tal facto?—sentido o grave pêso da tarefa de que me incumbira, e tenho conhecido a minha incapacidade para tratar com justiça o assumpto. — Se taes tem sido os meus sentimentos em outras occasiões, quaes não serão elles agora, nas circumstancias extraordinarias em que estou collocado (attenção! attenção!) Descrever o que sinto com perfeição, era-me quasi impossivel: mas não lhes posso dar uma melhor idéa a este respeito, do que referindo-me a uma circumstancia, que por um extragavante capricho da memoria, me occorre agora n'este momento.—Em certa

ocasião, quando aquelle homem grande e illustre, Sheridan, estava...

Não se sabe ao certo que nova calúnia, em fôrma de gracejo, seria attribuida agora ao pobre Sheridan, que serve para tudo, se o moço não tivesse entrado naquelle momento na sala, quasi não podendo respirar, com o annuncio de que, como a noite estava chuvosa, o conductor do omnibus das nove horas, viera saber se havia alguém que fosse para a cidade, porque n'esse caso ainda havia um logar dentro do carro.

Augusto Minns levantou-se; e apesar das exclamações de surpresa sem conta, e de muitos pedidos para ficar, persistiu na sua determinação de acceitar o logar vago. Mas o guarda-chuva de sêda de modo algum se podia achar: e como o cocheiro não podia esperar, levou o omnibus para o Cysne, deixando alli recado para que o snr. Minns o fosse *agarrar de volta*. Mas como por dez minutos ou coisa assim não tivesse occorrido ao snr. Minns a lembrança de que tinha deixado o guarda-chuva preto com cabo de marfim no carro que o tinha trazido, e demais, como de nenhum modo era notavel pela rapidez, não deverá ser portanto objecto de surpresa o dizermos que quando o snr. Minns chegou ao Cysne, de volta, o ultimo omnibus tinha já partido sem elle.

Eram quasi tres horas da madrugada quando Augusto Minns bateu devagarinho á porta da rua do seu alojamento de Tavistock-street, trespasado de frio, molhado, carrancudo, e fóra de si. Fez o seu testamento no dia seguinte, e o seu tabellião informou-nos com a mais estricta confidencia com que tambem informamos o publico, que nem o nome de Octavio Budden, nem o da snr.^a Amelia Budden, nem o de Alexandre Budden apparecem no testamento: taes foram as recordações que lhe ficaram do jantar em casa do seu querido primo.

SENTIMENTALISMO

As Miss Crumptions, ou, para citarmos a authorisada inscripção da porta do jardim de Minerva-House, em Hammersmith, *Misses Crumptions*, eram duas senhoras altas em demasia, singularmente esguias, e excessivamente sêccas; muito direitas, e muito amarelladas. Miss Amelia Crumpton confessava ter trinta e oito annos, e Maria Crumpton admittia ter os seus quarenta; admissão que se tornava perfeitamente desnecessaria, pelo factó muito evidente d'ella ter cincoenta, pelo menos. Vestiam-se d'um modo interessante, — como zemeas, e pareciam tão lindas e tão elegantes, como um pé de margaridas quando estas vão a murchar. Eram muito precisas na *toilette*, tinham as mais strictas déas do decoro, usavam cabello posticho, e cheiravam sempre fortemente a lavender.

Minerva-House, dirigida debaixo dos auspicios das luas irmãs, era «um estabelecimento para concluir a educação de meninas», onde umas vinte raparigas de differentes idades, desde treze até vinte annos inclu-

sivè, adquiriam uma leve tintura de tudo, e profundo conhecimento de nada: instrucção em francez e italiano, lições de dança duas vezes por semana, e outras coisas necessarias á vida.

A casa estava caiada de branco, um pouco affastada da estrada, e tinha grades de ferro na frente. As janellas do dormitorio ficavam sempre abertas, a fim de que os transeuntes podèsssem gosar uma vista de relance dos numerosos leitos com roupa muito branca, e ficarem portanto impressionados com o luxo do estabelecimento. Havia tambem uma sala de frente, circundada com largos mappas, para os quaes ninguem olhava, cheia de livros que ninguem lia, e apropriada exclusivamente á recepção dos paes das meninas, os quaes, quando iam ao collegio, não podiam deixar de ficar maravilhados com a apparencia instructiva do logar.

—Amelia, disse Maria Crumpton entrando um dia de manhã na sala, com o cabelló postigo cheio de papelotes, como algumas vezes o costumava trazer para convencer as meninas de que era natural—Amelia, aqui está um agradavel bilhete que acabo de receber. Não tem duvida que o lêas alto.

Miss Amelia, com este aviso, começou a lèr o seguinte bilhete com ar de grande triumpho:

«Cornelio Brook Dingwall Esquire, M. P.,¹ envia os seus cumprimentos a Miss Crumpton, e quer-lhe dever o obsequio de a vèr n'esta sua casa (no caso que lhe seja possivel) amanhã pela uma hora da tarde, para ter uma conferencia ácerca da educação de sua filha, a menina Brook Dingwall, que deseja collocar debaixo da direcção de Miss Crumpton.

«Adelphi.

«Segunda-feira de manhã.»

¹ M. P. membro do parlamento.

—A filha d'um membro do parlamento, exclamou Amelia extasiada.

—A filha d'um membro do parlamento, repetiu Maria com um sorriso de prazer, que foi correspondido por todas as meninas.

—Estimo isto excessivamente, disse Amelia: seguiu-se que todas as discipulas de novo se mostraram satisfeitas. Os cortezãos são apenas rapazes d'escôla, assim como as cortezãs nada mais são do que creanças.

Uma noticia tão importante veio implicar com os estudos d'aquelle dia. Foi concedido um dia de feriado em commemoração do fausto acontecimento; as Miss Crumptions retiraram-se aos seus quartos para fallarem sobre a questão do dia; as meninas mais pequenas discutiram as maneiras e costumes provaveis da filha d'um membro do parlamento; e as meninas tocando os dezoito annos, perguntavam a si proprias, se a sua futura condiscipula já teria o seu namoro, se seria formosa, se teria ricos vestidos, e muitos outros *ses* d'igual importancia.

As duas Miss Crumptions dirigiram-se no dia seguinte ao Adelphi, á hora marcada, vestidas, como era d'esperar, o melhor possivel, e esforçando-se por serem tão amaveis quanto podiam sel-o—no que, diga-se de passagem, a natureza não as favorecera.

Tendo mandado para dentro os seus bilhetes de visita por intermedio d'um lacaio com libré côr de fogo, foram levadas á augusta presença do profundo Dingwall.

Cornelio Brook Dingwall Esquire, M. P., era muito altivo, solemne e portentoso. Era por natureza dotado d'uma expressão de physionomia um tanto spasmodica, que se não tornava menos notavel pelo uso d'uma gravata muito rija. Era summamente orgulhoso do *M. P.* ligado ao seu nome, e nunca perdia occasião opportuna de recordar aos outros a sua dignidade. Tinha em grande conta o seu talento, que lhe devia ser muito

util, por isso que ninguem o possuia igual; e em diplomacia em pequena escala, nos seus arranjos de familia, considerava-se sem rival.

Cornelio Brook Dingwall era um magistrado de provincia, e desempenhava os deveres do seu cargo com toda a justiça e imparcialidade, enviando frequentemente para a cadêa os ratoneiros, e occasionalmente compromettendo-se a si proprio. Miss Brook Dingwall pertencia á classe numerosa de meninas que, do mesmo modo que os adverbios, servem apenas de resposta a um logar commum, e para nada mais.

Na occasião presente, o talentoso membro do parlamento estava sentado n'uma pequena sala de livraria, junto d'uma mesa coberta de papéis, não fazendo nada, mas fingindo ter graves negocios entre mãos. Resoluções do parlamento, e cartas dirigidas a—*Cornelio Brook Dingwall Esq., M. P.*—estavam espalhadas com ostentação sobre a mesa, a pequena distancia de onde estava trabalhando a interessante esposa de Brook Dingwall.

Um d'esses flagellos publicos, uma creança cheia de mimo, estava brincando na sala. Vestia uma tunica azul, com um cinto da largura d'um quarto de jarda, prêso com uma immensa fivella, que fazia parecer a creança um salteador de melodrama, visto através d'uma lente diminutiva.

Depois d'algumas folias da interessante creança, que se divertia a arrastar a cadeira de Miss Maria Crumpton, immediatamente que lh'a offereciam, sentaram-se as visitas, e Cornelio Brook Dingwall Esquire, M. P., abriu a conversação.

Tinha mandado chamar Miss Crumpton, disse elle, em consequencia das boas informações que sobre o estabelecimento d'ella lhe dera o seu amigo Sir Alfredo Mirggs.

Miss Crumpton murmurou os seus agradecimentos, e Cornelio proseguiu:

—Uma das principaes razões, minha senhora, que me leva a separar-me de minha filha, é ella ter ultimamente adquirido certas idéas sentimentaes, que desejo tirar-lhe da sua tenra mente. (N'este ponto o pequeno innocente de que antes démos noticia, cahiu d'uma cadeira de braços com grande ruido).

—Feio menino! disse-lhe a sua mamã, que mais pareceu surprehendida por a creança tomar a liberdade de cahir, do que por qualquer outra coisa. Vou tocar a campainha para James o levar d'aqui.

—Não lhê ralhes muito, meu amor, disse o diplomata, logo que se pôde fazer ouvir no meio dos infernaes gritos, consequencia da queda e do mimo. Isto tudo procede do muito espirito que nutre esta creança. —Esta ultima explicação era dirigida a Miss Crumpton.

—Com certeza, replicou Maria, não vendo exactamente que connexão podêsse haver entre o espirito e a queda d'uma cadeira.

Restabeleceu-se o silencio, e o membro do parlamento proseguiu:

—Ora, eu não conheço nada que concorra mais para se alcançar o fim que desejo, do que a convivencia constante de minha filha com meninas da sua mesma idade; e como sei que no seu estabelecimento encontra companheiras incapazes de contaminarem a sua boa indole, é por isso que destinei envial-a para ahi.

A mais nova das Crumptions fez vêr que eram justos os elogios que o collegio merecia. Maria tornára-se completamente sem falla em consequencia d'uma dôr aguda—a interessante creancinha, tendo recobrado o espirito, estava carregando-lhe na parte mais sensivel do pé, a fim de collocar a sua linda carinha (que parecia um *O* maiusculo n'uma carta escripta com letras vermelhas) ao nivel da escrivaninha.

—Como é natural, Lavinia ha-de ser uma pensio-nista particular, continuou o pae; e sobre um ponto devem estrictamente ser observadas as minhas ordens. Aconteceu que um ridiculo namoro que minha filha teve com uma pessoa muito inferior em gerarchia, foi a causa do seu estado actual. Sei que estando ao cuidado das senhoras, não póde ter opportunidade de encontrar essa pessoa; não ponho objecção, pelo contrario até preferiria que ella convivesse com as pes-soas das suas relações.

Tão importante colloquio foi novamente interrom-pido pela espirituosa creancinha, que no excesso da sua alegria, quebrou dois vidros, e quasi se precipitou ao pateo adjacente.

Chamaram James: succedeu-se consideravel gri-taria, e viram-se duas perninhas azues, da grossura d'um cabo de faca, descrevendo figuras mathematicas no ar, quando sahiu o criado com o menino nos braços.

—Meu esposo deseja muito que a menina Lavinia aprenda tudo, disse a consorte do membro do parla-mento, que raras vezes pronunciava palavra.

—Tem razão, disseram as duas Crumptions em duetto.

—E como confio que o plano imaginado por mim será sufficiente para desviar do espirito de minha filha essa absurda idéa, continuou o legislador, peço-lhes que tenham a bondade de se conformarem a todos os respeitos com qualquer pedido que ella lhes faça.

Como era d'esperar, as Crumptions prometteram adherir a todos os seus desejos; e depois d'uma prolon-gada discussão, conduzida da parte dos Dingwall com gravidade diplomatica, e da parte das Crumptions com profundo respeito, combinou-se finalmente que a me-nina Lavinia seria levada a Hammersmith dois dias depois, em cuja occasião deveria ter logar o baile an-nual do estabelecimento. Serviria este divertimento

para distrahir o espirito da pobre menina. Diga-se de passagem: a idéa do baile bem demonstrava uma combinação profundamente diplomatica.

A menina Lavinia foi apresentada ás suas futuras perceptoras, e as Crumptions julgaram-na em alta voz «uma menina encantadora», opinião esta que, por singular coincidencia, ellas sempre professavam a respeito de qualquer nova pupilla.

Fizeram-se cortezias, exprimiu-se reconhecimento, as perceptoras deram mostras de muita condescendencia para com a nova discipula, e findou a entrevista.

Os preparativos, para usarmos a phrascologia de cartaz d'espectaculo «n'uma escala de magnitude nunca antes tentada», faziam-se incessantemente em Minerva-House, para tornar de brilhante effeito o baile projectado. A sala mais espaçosa da casa foi lindamente ornamentada de rosas azues, tulypas, e outras especies de flôres artificiaes, obra das meninas. Foi levantado o tapête, tiradas as portas interiores, a mobilia foi posta fóra do seu logar, e collocada em volta da sala uma fileira de cadeiras.

Os logistas de Hammersmith ficaram pasmados com os pedidos numerosos e repetidos de fitas de guarnição azues, e luvras de baile brancas.

Compraram-se duzias de geranium para os rami-
lhetes, e ajustaram-se na cidade duas harpas e uma rebecca, em addição ao grande piano que já havia em casa.

As meninas que foram escolhidas para na occasião exhibirem o seu talento, e darem credito ao estabelecimento, estavam ensaiando-se continuamente, com muita satisfação d'ellas, e com grave incómmodo da vizinhança. Travou-se uma constante correspondencia entre as Crumptions e o pastelleiro de Hammersmith.

Aproximou-se a tarde; e então começou uma tal

confusão, como só pôde ter logar exactamente n'uma casa d'educação de meninas. Aqui, eram umas apertando os collêtes, e fazendo os laços dos sapatos; acolá, outras penteando-se e revendo-se nos espelhos: as mais pequenas arranjavam as coisas de modo que se achavam sempre no caminho d'alguma pessoa, e levavam encontrões sem conta; e as mais idosas enfeitavam-se, decotavam-se, lisongeavam-se mutuamente, e tinham inveja umas das outras.

— Como estou eu? perguntou a menina Emilia Smithers, a bella da casa, a Carolina Wilson, que era a sua amiga do coração, por ser a rapariga mais feia de Hammersmith, e mesmo de todas as outras partes.

— Estás linda como os anjos. E eu?

— Encantadora! nunca estiveste tão bonita, replicou a bella, compondo uma madeixa do cabello, e não se dignando deitar um relancear d'olhos á sua companheira.

— Oxalá que Hilton venha cedo, disse outra menina a uma sua companheira.

— Estou certa que elle ha-de ficar satisfeitissimo por vir, tornou a companheira.

— Oh! elle é tão elegante, disse a primeira.

— E tão boa pessoa! accrescentou a segunda.

— E tem um ar tão *distingué!* disse a terceira.

— Não querem saber? disse outra menina entrando a correr na sala. Miss Crumptions disseram-me que vinha hoje á noite o seu primo!

— Sim?! Theodosio Buttler! exclamaram todas arrebatadas.

— É elle bonito? perguntou uma novata.

— Não, não é bonito, foi a resposta geral; mas é rapaz de muito talento.

O snr. Theodosio Buttler era um d'esses immortaes genios que se encontram em todas as partes. De ordinario teem a voz muito profunda e monótona. Estão

sempre persuadidos de que são pessoas muito importantes, e que devem ser muito desgraçados, ainda que precisamente não sabem porquê. São muito conceituosos, e usualmente possuem meia idéa: mas com meninas entusiastas, e rapazes patetas, são pessoas d'alta importancia.

O individuo em questão, o snr. Theodosio Buttler, tinha escripto um phamphleto, contendo considerações muito ponderaveis sobre o expediente de se fazer qualquer coisa; e como cada sentença continha pelo menos cincoenta palavras de quatro syllabas, os seus admiradores ficaram convencidos de que elle compozera uma obra de grande merecimento.

— Talvez seja elle, exclamaram algumas meninas, ouvindo-se um forte puxão no cordão da campainha, que quasi a fez arrebatado do seu logar.

Seguiu-se uma terrivel pausa. Chegaram algumas carruagens e uma joven senhora—era a menina Brook Dingwall, em rigorosa *toilette* de baile, com um immenso cordão d'ouro em volta do pescoço, e o vestido prêso por uma unica rosa. Trazia na mão um leque de marfim, e na physionomia impressa uma interessantissima expressão de desespero.

As duas Crumptions perguntaram pela familia com uma anciedade atroz, e a menina Brook Dingwall foi introduzida formalmente ás suas futuras companheiras.

As Miss Crumptions conversaram com as suas discipulas em tom melifluo, a fim de que a recém-chegada ficasse propriamente impressionada com o seu amavel tratamento.

Outro puxão na corda da campainha. Chega o snr. Dadson, o mestre d'escripta, e sua esposa. A senhora com vestido de sêda verde, com sapatos côr de lyrio, e o mestre d'escripta com collete branco, sapato de fivella e meias de sêda, e exhibindo umas pernas assaz sufficientes para dois mestres d'escripta, pelo menos.

As meninas cochicharam umas com as outras, e o mestre d'escrpta e sua esposa lisongearam as duas Crumptions, que vestiam a capricho com umas cintas como bonecas.

Repetiram-se os toques da campainha, e foram apparecendo differentes convidados em crescido numero, para poderem ser particularisados: papás e mamãs, tios e tias, correspondentes e tutores de differentes pupillas; o mestre de canto, o Signor Lobskini, de cabelleira preta; o mestre de piano e os rebecas; o harpista em estado d'embriaguez; e uns vinte mancebos, que se encostaram aos umbraes das portas, e principiam a conversar uns com os outros, fazendo occasionalmente uma irrupção a garnel. Ouvia-se um borborinho de fallas. Foi servido o chá em volta, e tomado em abundancia pelas mamãs gordas.

Chegou em seguida o popular snr. Hilton: e tendo sido rogado pelas Miss Crumptions para se encarregar do serviço de mestre de ceremonias, começaram as quadrilhas com immensa animação. Os rapazes encostados á porta adiantaram-se até ao meio da sala, e com o tempo foram-se aclimatando, a ponto de consentirem em serem apresentados ás damas. O mestre d'escrpta não deixou perder dança alguma, saltando em todas as direcções com a mais horrivel agilidade, e sua mulher jogou uma partida de wisth na sala d'espera, honrada com o nome de sala d'estudo, por conter cinco pequenas estantes.

A interessante Lavinia Brook Dingwall era a unica menina presente, que parecia não tomar interesse algum na festa da noite. Debalde foi sollicitada para dançar: debalde lhe prestavam homenagem universal como filha d'um membro do parlamento. Igualmente ficou insensivel á magnifica voz de tenor do inimitavel Lobskini, e á brilhante phantasia das—*Recordações d'Italia*—executada no piano por Miss Leticia Parsons,

com uma maestria que, segundo a opinião geral, era igual á do proprio Moschelles. Nem mesmo o annuncio da chegada do snr. Theodosio Buttler a podia induzir a abandonar o canto da sala d'espera, onde estava sentada.

--Vamos, Theodosio, disse Maria Crumpton, depois que aquelle escriptor tinha quasi apertado as mãos de todas as pessoas da companhia—quero apresental-o á nossa nova pupilla.

Theodosio parecia não ter em conta coisa alguma da terra.

—Ella é filha d'um membro do parlamento, disse Maria.

Theodosio estremeceu.

—E como se chama? perguntou elle.

—Lavinia Brook Dingwall.

—Justos céos! exclamou Theodosio poeticamente a meia voz.

Miss Crumpton apresentou o joven Theodosio. Lavinia ergueu languidamente a cabeça.

—Eduardo! exclamou ella ao vêr as bem conhecidas calças de ganga.

Felizmente, como Maria Crumpton não era dotada de grande dóse de penetração, e como era artigo dos arranjos diplomaticos, que nenhuma attenção se devia dar ás exclamações incoherentes de Lavinia, ficou ignorando completamente a agitação dos dois: e vendo portanto que fôra accete o convite de Theodosio para uma quadrilha, deixou-o ao lado de Lavinia Brook Dingwall.

—Oh! Eduardo! exclamou a mais romantica de todas as meninas romanticas—és tu, Eduardo!

Theodosio certificou aquella interessante creatura, em tom verdadeiramente apaixonado, de que ignorava totalmente ser outro que não elle.

--Então porque—porque motivo este disfarce? Oh!

Eduardo Mac-Neville Walter, quanto não tenho eu sofrido por tua causa!

—Lavinia, ouve-me; replicou o heroe na sua mais poetica corda. Não me condemnes antes de me ouvires. Se alguma coisa que póde emanar da alma d'um desgraçado como eu, póde occupar um logar na tua lembrança—se um sêr tão vil merece o teu perdão—recorda-te de que eu outr'ora publiquei um pamphleto (e paguei para a sua publicação) intitulado—*Considerações sobre os meios de remover os direitos sobre a cêra...*

—Recordo-me, recordo-me, disse Livinia suspirando.

—Era aquelle, continuou o namorado, um assumpto a que teu pai se dedicava em corpo e alma.

—Era, era, respondeu a sentimentalista.

—Eu bem sabia isso, continuou Theodosio tragicamente, eu bem sabia isso. Offereci-lhe um exemplar. Elle desejou conhecer-me. Podia eu acaso declarar-lhe o meu verdadeiro nome? Não! Acobertei-me com esse nome que tu tantas vezes tens pronunciado em tom amoroso. Como Mac-Neville Walter dediquei-me á causa do progresso; como Mac-Neville Walter ganhei o teu coração; sob o mesmo nome fui expulso de tua casa pelos servos de teu pai, e sem nome algum nunca pude alcançar a dita de te vêr. Encontramo-nos agora de novo, e eu orgulhosamente confesso que sou Theodosio Buttler.

A pobre menina pareceu perfeitamente satisfeita com este discurso argumentativo, e lançou um olhar da mais ardente affeição sobre o advogado da liberdade da industria cerieira.

—Posso eu esperar-me, disse elle, de que será renovada a promessa que teu pai interrompeu tão abruptamente?

—Vamos juntar-nos a esta quadrilha, disse Lavinia, porque podem começar a murmurar na sala.

—Não, exclamou o dono das calças de ganga, não me arredarei d'este logar com o coração torturado pela incerteza. Posso ter ainda esperança?...

—Pódes.

—Será renovada a promessa?

—Será...

—Juras-m'ó?

—Juro.

—Sem excepção?

—Bem o sabes... replicou Lavinia córando. As contorsões do rosto do interessante Buttler exprimiam o seu jubilo.

Podíamos ser prolixos sobre as occorrencias que se seguiram. De como Theodosio e Lavinia dançaram, conversaram e suspiraram no resto da noite—e de como as Miss Crumptions ficaram deleitadas com isso. De como o mestre de dança continuou a saltar com a força d'um cavallo, e de como sua esposa deixou a mesa do wisth na sala d'espera, e presistiu na idéa de mostrar o seu vestido verde na parte mais conspicua do salão do baile. De como a ceia consistiu em alguns sandwiches em fórma de triangulo, e um pastel aqui e acolá para variedade: e de como os convidados consumiram agua quente com limão, chrimada com o nome de sangria. Estas e outras materias d'igual jaez, passaremos em claro, com o fim de descrevermos uma scena de muito maior interesse.

Quinze dias depois da data do baile, Cornelio Brook Dingwall, M. P., estava sentado á mesma mesa, e na mesma sala descripta ha pouco. Estava só, e tinha impresso na sua physionomia um profundo pensamento, e com solemne gravidade estava delineando «uma proposta para a rigorosa observancia de Segunda Feira de Ramos.»

O laçao bateu á porta—o legislador foi despertado da sua meditação, e *Miss Crumpton* foi annunciada. Foi concedida licença a *Miss Crumpton* para entrar no gabinete; Maria entrou devagarinho, e tendo tomado assento com certa affectação, retirou-se o laçao, e a perceptora foi deixada a sós com o membro do parlamento. Oh! como ella desejava n'aquelle momento a presença d'uma terceira pessoa! até o menino brinçalhão teria sido um grande salvaterio.

Miss Crumpton começou o duetto. Desejava do coração que a esposa de *Brook Dingwall* e o lindo menino gosassem boa saude.

A sr.^a *Brook Dingwall* e o pequeno *Frederico* estavam em *Brighton*.

—Muito obrigado, minha senhora, disse *Cornelio* em tom de dignidade, pela sua attenção em procurar-me hoje. Fazia tenção de ir dar um passeio até *Hammer-smith* para vêr *Lavinia*, mas as suas informações eram tão satisfactorias, e os meus deveres prendem-me por tanto tempo no parlamento, que resolvi adiar a visita até á semana. Como vai minha filha.

—Muito bem, retorquiu *Maria*, receando informar o pae de que ella tinha ido pela porta fóra.

—Ah, eu pensei bem que o plano adoptado por mim era o que mais lhe convinha.

Aqui tinha a perceptora occasião opportuna para relatar o que acontecera, mas a tarefa era superior ás suas forças.

—A senhora tem perseverado estrictamente na linha de conducta que eu prescrevi?

—Estrictamente.

—Diz-me na sua carta que a menina vai perdendo o seu caracter melancholico.

—Quasi de todo.

—D'isso estava eu convencido.

—Mas receio, senhor, disse *Miss Crumpton* com

visível emoção, receio que o plano não tenha tão bom resultado como devíamos desejar.

—Não! exclamou o estadista. Que diz? Vejo-a assustada. Em nome do céu, que succedeu?

—A menina Lavinia...

—Então que foi?

—Fugiu... disse Maria, mostrando-se inclinada a desmaiar.

—Fugiu!

—Raptaram-na.

—Raptaram-na! Quem—quando—como—de que fôrma? exclamou em sobresalto o agitado diplomata.

A côr amarellada da physionomia da infeliz Maria, mudou-se em todas as côres do arco-iris, á medida que poisou sobre a mesa do membro do parlamento um pequeno embrulho.

Abriu-o apressado. Continha uma carta de sua filha e outra de Theodosio. Leu de relance o contheudo:

«Antes de receber esta estarei distante—appello para os sentimentos de pai—amo a—cêra—escravatura, etc., etc., etc.»

O diplomata levou as mãos á cabeça, e principiou a percorrer a sala com alongados passos, com grande susto de Maria.

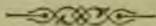
—Tome nota, minha senhora; de hoje para o futuro, disse Brook Dingwall, parando repentinamente junto da mesa, e batendo ahí o compasso com a mão—de hoje em diante, nunca consentirei, em quaesquer circumstancias que sejam, que entre em algum logar d'esta casa, excepto na cosinha, um homem que escreve pamphletos. Estabeleço uma pensão de cento e cincoenta libras annuaes para minha filha e seu marido, e nunca mais os quero ver: e fique certa a senhora que vou propôr no parlamento a abolição das escolas para a conclusão da educação das meninas!

.....

Tem-se passado algum tempo depois d'esta apaixonada declaração. O snr. Buttler e sua esposa estão vivendo actualmente n'uma casinha terrea em Ball'spond, situada junto d'uma fabrica de tijollo. Não teem familia. Theodosio dá-se grande importancia, e escreve incessantemente; mas em consequencia d'alguma grave combinação da parte dos editores, nenhuma das suas producções vê a luz do dia. Sua esposa começa a convencer-se de que a miseria ideal é preferivel á infelicidade real; e que um matrimonio contrahido á pressa, e com arrependimento vagaroso, é causa de mais desgraça do que outr'ora se persuadira.

Depois de reflexionar friamente sobre o caso, Cornelio Brook Dingwall Esq., M. P., foi obrigado a admittir com reluctancia, que o mau resultado dos seus arranjos devia attribuir-se antes á sua diplomacia, do que á falta de cuidado da parte das mestras.

Todavia consola-se satisfactoriamente, como outros diplomatas, pensando que se os seus planos não tiveram feliz exito, podiam tel-o tido.



OS TUGGS EM RAMSGATE

Em certa occasião, vivia n'uma rua estreita, do lado le Surrey d'além-rio, e a distancia d'um pequeno passeio de tres minutos da Ponte de Londres, o snr. José Tuggs — homemsinho de physionomia atrigueirada, olhar vivo, cabello luzidio, pernas curtas, e com um corpo de consideravel grossura, medindo exactamente lo botão do centro do collete aos botões ornamentaes da parte posterior do casaco.

A figura da amavel snr.^a Tuggs, se não d'uma perfeita symetria, era decididamente muito rasoavel; a forma da sua unica filha, a prendada menina Carlota Tuggs, ia caminhando a olhos vistos para aquelle estado de luxuriosa intumescencia, que encantara a vista e captivára o coração de José Tuggs, nos seus tempos de rapaz. Simão Tuggs, seu filho, e unico irmão da menina Carlota Tuggs, differia do resto da familia, tanto

na fôrma do corpo, como na constituição da intelligencia. Havia tanto alongamento na sua physionomia e uma tal apparencia de fraqueza nas suas interessantes pernas, que faziam acreditar forçosamente n'uma vasta intelligencia, e disposição romantica. Os mais ligeiros traços do character d'um tão importante personagem, não devem ser coisa de pouca monta para os espiritos especulativos. O snr. Simão apparecia usualmente em publico, enterrado em sapatos de grande bojo, com meias d'algodão pretas; e notava-se ter uma affeição particular por uma gravata de setim escuro, sem laço, ou outro qualquer ornato.

Não ha profissão, por mais util que seja, nem especulação mesmo a mais meritoria, que possa escapar aos ataques parvoinhos das intelligencias meãs. O snr. José Tuggs era um negociante de grosso tracto.

Podem suppôr, talvez, que um negociante de grosso tracto estivesse a coberto das flechas da calunnia? pois enganam-se: os visinhos alcunhavam-no de reles tendeiro; e a voz pestilente da inveja asseverava com desassombro que elle vendia o chá e café ao arratel, o asucar á onça, o queijo ás fatias, e o tabaco ás meias onças. Mas estes ditos de pouco gosto e nenhum espirito, não faziam móssa na familia Tuggs. O snr. Tuggs attendia á repartição dos generos de pêso, a sua cara metade á venda do queijo, e a menina Carlota á sua propria educação. O snr. Simão Tuggs era o guarda-livros de seu pai, e seu conselheiro privado.

Uma bella tarde, depois do jantar, estava sentado este ultimo cavalheiro n'um barril vasio de manteiga, atraz da pequena escrivaninha vermelha com grade de madeira, a qual ornamentava um canto do armazem, quando um sujeito saltou d'uma carruagem que parára á porta, e entrou na loja. Estava todo vestido de preto, e trazia consigo um guarda-sol verde e uma sacca de tapete azul.

—O snr. Tuggs? perguntou o recém-chegado.

—Eu chamo-me Tuggs, replicou o snr. Simão.

—É com o outro snr. Tuggs que eu quero fallar, disse o recém-chegado olhando para a porta da vidraça que conduzia á sala de jantar, atraz do armazem, e na qual o rosto roliço do snr. Tuggs Senior estava distintamente visível, espreitando por detraz d'uma cortina.

O snr. Simão accenou graciosamente com a penna, como se intimasse seu pae para aproximar-se, e o snr. José Tuggs, com consideravel celeridade, deslocou o rosto de traz da cortina, e veio apresental-o ao recém-chegado.

—Venho do tribunal, disse o homem da sacca de tapete.

—Do tribunal! disse a esposa de José Tuggs, abrindo a porta da sala de jantar, e deixando vêr a perspectiva da menina Carlota Tuggs.

—Do tribunal! disseram a menina Tuggs e Simão Tuggs ao mesmo tempo.

—Do tribunal! disse o snr. Tuggs fazendo-se pallido como um queijo flamengo.

—Do tribunal! repetiu o homem da sacca, da parte do snr. Cower, o sollicitador. Dou-lhe os parabens, snr. Tuggs. Minhas senhoras, desejo-lhes que gozem a sua nova fortuna! Vencemos.

E o homem da sacca foi com todo o vagar libertando-se das luvas e do guarda-chuva, como preliminares para apertar a mão do snr. José Tuggs.

Mal a palavra—*vencemos*—sahiu da bôca do homem da sacca, levantou-se o snr. Simão Tuggs, d'um pulo, do barril de manteiga de Cork, esgaseou os olhos, tomou a respiração, fez figuras d'oiros no ar com a penna, e finalmente cabiu desmaiado nos braços de sua anciosa mãe, sem o mais ligeiro motivo visível.

—Agua! gritou com voz aflautada a snr.^a Tuggs.

—Levanta-te meu filho, exclamou o snr. Tuggs.

—Simão! mano Simão! exclamou em voz de falsete Carlota Tuggs.

—Estou melhor agora, disse o snr. Simão.—Pois vencemos?—E então, como evidencia corroborativa de estar melhor, de novo desmaiou, e foi conduzido para a pequena sala do jantar, pelos esforços unidos do resto da familia e do homem da sacca de tapete azul.

Para um espectador casual, ou para qualquer pessoa pouco ao facto da posição da familia, este desmaio não tinha explicação. Para aquelles que comprehendiam a missão do homem da sacca, e de mais a mais estavam em dia com a excitação de nervos do snr. Simão Tuggs, a scena era comprehensivel. Uma demanda, concernente á validade d'um testamento, e cuja decisão estava ha muito pendente, decidira-se inesperadamente, e José Tuggs achava-se possuidor d'uma fortuna d'umas vinte mil libras.

Um prolongado conselho teve logar n'aquella noite na pequena sala do jantar—conselho que ia decidir dos destinos futuros da familia Tuggs. Fechou-se a loja a hora mais temporã que a ordinaria. Muitos pontapés de bom quilate foram applicados na porta por freguezes que procuravam meios arrateis de assucar, de queijo, ou um penny de pimenta; mas tinham de se retirar, porque a fortuna tinha decretado aos Tuggs que não curassem mais d'aquellas bagatellas.

—Devemos acabar quanto antes com o negocio, dizia a menina Tuggs.

—Oh! decididamente, dizia a esposa de José Tuggs.

—Simão irá estudar direito.

—E para o futuro hei-de sempre assignar-me *Cymon*, dizia o filho.

—E eu hei-de sempre chamar-me *Charlotte*, dizia a menina Tuggs.

—E vocês devem tratar-me sempre por *mamã*, e ao pai por *papá*.

—Sim, senhora, e o papá ha-de deixar os seus habitos vulgares, garganteou a menina Tuggs.

—Hei-de cuidar d'isso, disse o snr. José Tuggs com complacencia. — N'aquelle momento estava comendo salmão de escabeche, com uma navalha de algi-beira.

—Devemos deixar a cidade immediatamente, disse o snr. Cymon Tuggs.

Todos foram d'opinião que este era um preliminar indispensavel, se quizessem ser *alguma coisa*. — Appareceu então a pergunta—Para onde deveremos ir?

—Para Gravesend, suggeriu humildemente o snr. José Tuggs.—A idéa foi regeitada por unanimidade. Gravesend era logar só proprio para gente de baixa condição.

—Margate, insinuou a snr.^a Tuggs.—Cada vez peor —para alli não vão senão burguezes, ou gente do commercio.

—Brighton!

O snr. Cymon Tuggs oppôz uma objecção inquestionavel. As diligencias d'aquella carreira tinham-se voltado nas ultimas tres semanas, regularmente: de cada vez tinham havido dois passageiros mortos e seis feridos; e em cada occorrenca os jornaes tinham feito saber distinctamente que «nenhuma culpa se podia imputar ao cocheiro.»

—Ramsgate! exclamou o snr. Cymon pensativamente.

E na verdade, era mister terem estado a dormir, para não terem pensado antes n'esse logar! Ramsgate era d'entre todos o sitio que mais lhes convinha.

Dois mezes depois d'esta conversação, o vaporsinho *Cidade de Londres*, da carreira de Ramsgate, ia correndo alegremente pelo rio abaixo. A sua bandeira desdobrava-se empavezada, a banda ia tocando, e os passageiros conversavam: tudo dentro do vapor parecia

sorrir-se e animar-se. Que admiração!—se os Tuggs iam a bordo!

—Magnifica vista! não é... hein? disse o snr. José Tuggs, mettido dentro d'um grande casacão de côr verde das garrafas, com gola de velludo da mesma côr, e com um bonné azul de viagem, com borla d'oiro.

—Inspiradora da alma! replicou o snr. Cymon Tuggs, que começava o curso de direito.—Inspiradora da alma!

—Está uma manhã magnifica! disse um sugeito agigantado, de apparencia marcial, e usando d'um sobretudo azul abotoado até ao queixo, e de calças brancas prêsas por debaixo das solas das botas.

O snr. Cymon Tuggs tomou sobre si a responsabilidade de responder á observação:

—Celestial! replicou elle.

—Pelo que vejo o senhor é um admirador entusiasta da natureza? disse o cavalheiro de apparencia marcial, com deferencia.

—Sou, sim senhor, respondeu o snr. Cymon Tuggs.

—Tem viajado muito? inquiriu o outro.

—Não muito, replicou Cymon.

—Já esteve no continente, não é verdade? tornou a perguntar o sugeito d'apparencia marcial.

—Exactamente não, replicou o snr. Cymon Tuggs em tom doutoral, como querendo fazer acreditar, tacitamente, que fôra a meio do caminho, e que voltára outra vez.

—O senhor necessariamente ha-de mandar o seu filho fazer *un grand tour*? disse o sugeito d'apparencia marcial ao snr. José Tuggs.

Ora, como o snr. José Tuggs não comprehendia facilmente o que fosse *grand tour*, ou de que maneira se manufacturava esse genero, respondeu:

—Certamente.

Justamente quando pronunciára esta palavra, apro-

simou-se cambaleando, tendo-se levantado do lugar em que estava sentada á pòpa, uma joven senhora com vestido de sêda còr de pulga, botas da mesma còr e azenda, com grandes laços pretos—olhos negros e rasgados, saias curtas, e uns tornozellos irreprehensíveis.

—Gualterio! meu queridinho! disse a joven dama para o sujeito d'apparencia marcial.

—Que queres, Belinda, meu amor, respondeu elle á dama d'olhos negros.

—Porque me deixaste sósinha por tanto tempo? disse a joven dama. Aquelles rapazes malreados teem estado a olhar para mim com um modo tão insolente!...

—O que! pois atreveram-se... exclamou o sujeito d'apparencia marcial com tal emphase, que obrigou o snr. Cymon Tuggs a desviar o seu olhar da physionomia da dama com rapidez. Quem são esses marotos? onde estão?...

E o cavalheiro d'apparencia marcial cerrou os punhos, e deitou um olhar chammejante para os fumistas em redor.

—Socega-te, Gualterio, peço-te eu, disse a joven dama.

—Não quero! respondeu elle.

—Socegue-se um pouco, interrompeu o snr. Tuggs. Não faça caso d'essa gente, que nem merece attenção.

—Não! não! não merece que se lhe dê importancia, disse a joven dama.

—Tranquillisar-me-hei por esta vez, disse o cavalheiro d'apparencia militar. O senhor disse a verdade. Agradeço-lhe a sua observação a tempo, que talvez obstou a eu ter commettido um crime.

Acalmando a sua raiva, o cavalheiro quasi que deslocou a mão de Cymon Tuggs com um aperto.

—Apresento-lhe minha irmã, disse Cymon Tuggs,

vendo que o cavalheiro d'apparencia marcial estava deitando um olhar d'admiração para Carlota.

—Minha mulher, Belinda Waters, disse Gualterio apresentando a dama d'olhos negros.

—Minha mãe, a snr.^a Tuggs, disse Cymon.

O cavalheiro Gualterio Waters e sua esposa murmuraram encantadores cumprimentos, e os Tuggs mostraram-se tão desembaraçados quanto lhes cabia no possível.

—Gualterio! meu querido! disse a dama d'olhos pretos, tendo ella e seu marido estado conversando familiarmente com os Tuggs coisa de meia hora.

—Que queres, menina? disse Gualterio Waters.

—Não te parece que este cavalheiro (com uma indicação de cabeça apontando para Cymon Tuggs) é exactamente o retrato do marquez Carrivini?

—Ora esta! É verdade! disse o cavalheiro d'apparencia marcial.

—Notei isso apenas o vi, disse a joven dama olhando com intenção, e com certo ar de melancholia para o rosto escarlate do snr. Cymon Tuggs.

O snr. Cymon Tuggs olhou para todos: e parecendo-lhe que todos estavam olhando para elle, começou de sentir alguma difficuldade temporaria no orgão visual.

—Tem exactamente as maneiras do marquez, disse o snr. Waters.

—É uma coisa extraordinaria! disse a dama d'olhos pretos suspirando.

—O senhor não conhece o marquez? inquiriu o cavalheiro d'apparencia marcial.

O snr. Cymon Tuggs balbuciou uma negativa.

—Se o conhecesse, continuou o capitão Gualterio Waters, veria que se devia sentir cheio d'orgulho por se parecer com elle; é um rapaz elegante, e de maneiras as mais seductoras.

—É assim! é verdade! exclamou Belinda Waters com emphase: e como o seu olhar encontrasse o de Cymon Tuggs, retirou-o repentinamente com confusão, subindo-lhe o rubor ás faces.

Tudo isto lisongeava sobremodo a familia Tuggs: e quando em futura conversação se descobriu que a menina Carlota Tuggs era um fac-simile d'uma parente titular da snr.^a Belinda Waters, e que a propria snr.^a Tuggs mãe era uma exacta pintura da duqueza-viuva de Dobbleton, não tinha limites o gaudio de todos os membros da familia, pela aquisição que tinham feito de relações de tão boa sociedade, e que se tornavam tão amigas. Até a dignidade do capitão Gualterio Waters se relaxou a ponto de consentir em tomar parte, conjunctamente com o snr. José Tuggs, na consumição d'um pastel de pombos frio, e d'uma garrafa de Xerez, sobre o tombadilho; e uma conversação das mais amaveis, ajudada por estes estimulantes, prolongou-se até que o vaporsinho ancorou junto á prancha do caes de Ramsgate.

—Adeus, minha queridinha! disse a esposa do capitão Waters á snr.^a Carlota Tuggs, antes de principiar a azafama do desembarque: amanhã nos veremos na praia: e como estamos certas d'encontrarmos casa antes d'então, espero que seremos inseparaveis nas semanas que aqui passarmos.

—Oh! assim o espero, disse Carlota Tuggs com entono.

—Fazem favor dos seus bilhetes, minhas senhoras e senhores? disse o dispenseiro.

—O senhor precisa d'um porteiro? perguntaram uma duzia de mariolas acotovelando-se.

—Vamos, menina, disse o capitão Waters.

—Adeus! disse a esposa do capitão Waters; até á vista, snr. Cymon.—E depois d'um aperto de mãos, que desarranjou completamente os nervos do pobre

rapaz, a esposa do capitão Waters desapareceu no meio da turba. Viram-se um par de botinhas cõr de pulga, trepando os degraus; agitou-se um lenço branco, e uns olhos pretos relampejaram.

Os Waters tinham desaparecido, e o snr. Cymon Tuggs achava-se isolado n'este mundo, sem alma.

Este sensitiyo joven, abstracto e silencioso seguiu seus respeitaveis paes, e um grande numero de mariolas e carros de conducção pelo caes adiante, até que o barulho da scena que em redor se passava, o fez acordar da somnolencia em que cahira.

O sol brilhava em todo o seu esplendor: o mar, dançando ao som da sua propria musica, vinha bater alegremente na praia: grupos de pessoas passeavam aqui e alli: as meninas sorriam-se, as senhoras idosas conversavam, as amas de leite mostravam os seus encantos com a maior vantagem possivel, e as creancinhas a cargo d'ellas, corriam para cima e para baixo, para aqui e para alli, para dentro e para fóra, por baixo dos pés, e por entre as pernas dos espectadores, do modo mais alegre e risonho.

Havia alli tambem velhos, que procuravam achar objectos por meio de telescopios, e rapazes de colleirinhos altos, tornando-se elles proprios objectos notaveis: senhoras conduzindo cadeiras portateis, e cadeiras portateis conduzindo invalidos: gente esperando no caes por outra gente que deveria chegar nos vaporsinhos; e o que se ouvia por toda a parte era uma conversação animada, gargalhadas, cumprimentos, e coisas alegres.

—O senhor quer um *fly*? exclamou um côro de quatorze homens e garotos, no momento em que José Tuggs, á frente da pequena caravana, tinha posto o pé na rua.

—Até que chegou o senhor, finalmente! disse um cocheiro tirando o chapéo com polidez chocarreira. Es-

timo muito vê-lo—estou á espera do senhor ha seis semanas. Queira entrar, faça favor.

—Aqui tem um lindo carro, e que corre como um raio, disse um outro: anda quatorze milhas por hora, e torna os objectos invisiveis, com a ligeireza com que vai!

—Aqui tem o senhor um carro que lhe convém—leva-lhe a bagagem, gritava um terceiro. Não encontra nem melhor nem mais largo.

—Olhe para aqui, senhor! queira entrar, é um magnifico *fly*! gritava outro subindo para a almofada, e obrigando um cavallo pardo, velho e esparavonado a entregar-se a algumas reminiscencias imperfeitas do galope.—Olhe para isto!—genio de cordeiro, mas move-se como uma machina de vapor.

O snr. José Tuggs, resistindo á tentação de se servir d'um quadrupede de tanto merecimento como o mencionado, fez signal ao proprietario d'um sombrio vehiculo, de côr esverdeada, e com cortinas d'algodão riscado, já muito desbotadas: e tendo alli depositada a bagagem e a familia, o cavallo d'aquella carroça, depois de descrever circulos na estrada durante um bom quarto de hora, consentiu por fim em partir, em procura de alojamento.

—Quantas camas tem? gritou a snr.^a Tuggs sahindo fóra do carro, e dirigindo-se á mulher que lhe abriu a porta da primeira casa com letreiro indicativo d'alli haverem quartos para alugar.

—De quantas precisa a senhora? foi precisamente a resposta.

—De tres.

—Queira ter a bondade de entrar, minha senhora.

Desceu a snr.^a Tuggs. A familia estava contentissima. A vista que se devia gosar das janellas da frente prometia ser deliciosa.

Pequena pausa. D'ahi a pouco volta a snr.^a Tuggs

e diz que não podem alli ficar, porque n'aquella casa não havia senão um leito e um colxão.

—Porque não disseram isso logo no principio? re-dargui o snr. Tuggs, já um pouco enfadado.

—Não sei, disse a snr.^a Tuggs.

—Maldita gente! exclamou o nervoso Cymon. Novo letreiro—nova parada. A mesma pergunta—a mesma resposta—resultado igual.

Já era bastante escuro, quando o *fly*¹ andando de modo que tornava um motejo o seu nome, depois de ter subido quatro ou cinco calçadas perpendiculares, parou em frente d'uma casa empoeirada, com uma janella de sacada, d'onde qualquer pessoa podia obter uma vista de mar de relance—inclinando para fóra metade do corpo, com grave risco de cair na rua.

Apeou-se a snr.^a Tuggs.

Havia na casa por alugar uma sala d'espera ao rez do chão, tres alcovas e outros tantos leitos. Na mesma casa havia uma outra familia nos quartos em frente. Na sala do jantar estavam cinco creanças bebendo agua e leite, e no corredor via-se um pequeno, posto fóra do quarto do papá por mau comportamento, berrando como um endemoninhado.

—Quanto é o preço do aluguer? disse a snr.^a Tuggs.

A dona da casa estava deliberando sobre o expediente de pedir uma libra mais; por isso tossiu ligeiramente, e fingiu não ouvir a pergunta.

—Quanto é o preço do aluguer? disse a snr.^a Tuggs em clave mais baixa.

—Cinco guineos por semana, minha senhora, com serviço de criados, respondeu a dona da casa. (*Com serviço*, quer dizer o privilegio que cada um tem de

¹ *Fly*, é uma especie de carruagem muito ligeira. A palavra *fly*, propriamente, em inglez quer dizer *mosca*.

puxar pelo cordão da campainha quantas vezes quizer, para seu proprio divertimento).

—E um pouco caro, disse a snr.^a Tuggs.

—Oh! pelo contrario, minha senhora, respondeu a dona da casa com um sorriso benigno de piedade, pela ignorancia de maneiras da boa sociedade, que indicava a observação:

—É muito barato.

Uma authoridade tal era indisputavel. A snr.^a Tuggs pagou adiantado o aluguer d'uma semana, e tomou o alojamento para um mez. Dentro em uma hora estava a familia Tuggs sentada á mesa a tomar chá, no seu novo domicilio.

—Magnificos *cambarões!* disse o snr. José Tuggs.

O snr. Cymon contemplou seu pae com um piedoso sorriso, e exclamou com entono:

—Camarões..

—Vá lá, sejam camarões, disse José Tuggs. Camarões ou cambarões—tanto faz.

O snr. Cymon deitou-lhe um olhar de piedade, acompanhado de certa malicia.

—Tanto faz, pae! Que diria o capitão Waters, se ouvisse tal vulgaridade?

—Ou que diria a minha amiga Belinda, accrescentou Carlota, se visse a mãe—a mamã, quero dizer—comendo os camarões com a cabeça e tudo?

—Nem pensar n'isso é bom! exclamou o snr. Cymon com um calafrio.—Que differença, pensou elle consigo, da duqueza-viuva de Dobbleton!

—É uma linda mulher a esposa do capitão Waters, não é, Cymon? perguntou Carlota.

Um ardor d'excitação nervosa passou sobre a physionomia de Cymon Tuggs, á medida que respondia:

—É um anjo de belleza.

—Olé! disse o snr. José Tuggs, olé Cymon, meu rapaz, toma cuidado—é uma senhora casada, bem sabes:

e empiscou com malicia um dos seus olhinhos azougados.

—Porque? exclamou Cymon, levantando-se com um impeto de furia tão inesperado como assustador— porque motivo me avivarão a lembrança da minha infelicidade, e da ruina das minhas esperanças? Porque motivo me atormentam com as desgraças que estão amontoadas sobre a minha cabeça? Não será bastante o... o... o... e o orador fez pausa; mas nunca se pôde averiguar ao certo se foi por falta de palavras, se por falta de respiração.

Havia uma tão impressiva solemnidade no tom d' este discurso, e no ar com que o romantico Cymon, por conclusão, tocou a campainha e pediu um castiçal com espletadeira, que effectivamente obstava a qualquer réplica. Dirigiu-se para a cama com andar dramático, e os Tuggs tambem foram deitar-se meia hora depois, n'um estado de consideravel mystificação e perplexidade.

Se o caes tinha apresentado á familia Tuggs uma scena de vida e animação no dia do seu desembarque em Ramsgate, a apparencia da praia na manhã seguinte á sua chegada, excedi-a completamente.

Era um dia bello, brilhante e claro, com uma ligeira brisa do mar. Havia as mesmas damas, os mesmos homens, as mesmas creanças, as mesmas amas, os mesmos telescopios, e as mesmas cadeiras portateis: as senhoras estavam entretidas em trabalhos d'agulha, a bordarem, a vigiarem as filhas, ou a lêrem novellas; os homens liam jornaes ou revistas; as creanças faziam buracos na areia com pás de buxo, e deitavam-lhe depois agua dentro; as amas, com creancinhas nos braços, corriam atraz das ondas, e depois fugiam a correr com as ondas atraz d'ellas: e de quando em quando um bote á véla partia com uma carga de passageiros, joviaes e falladores, e voltava com elles silenciosos, e um pouco incommodados pelo enjoo.

—Ora esta! exclamou a snr.^a Tuggs, apenas ella e o snr. José Tuggs, e a menina Carlota Tuggs e o snr. Cymon Tuggs, com os seus oito pés em numero correspondente de sapatos amarellos, se sentaram em quatro cadeiras de fundo de palhinha, as quaes, tendo sido collocadas n'uma parte baloisa da areia, abateram dois pés e meio.—Ora esta!

O snr. Cymon Tuggs, exercendo a sua grande força pessoal, levantou-as e removeu-as alguns passos á retaguarda.

—Ora esta! Deus me não salve se acolá não vão a entrar na agua algumas senhoras, disse José Tuggs com immenso pasmo.

—Aonde, papá? perguntou Carlota.

—Acolá, minha filha, disse José Tuggs.

E na verdade, quatro raparigas, munidas cada uma com a sua toalha, subiram os degraus da ambulante barraca-carroça: o cavallo andou para diante, escoice-nhando ao entrar n'agua: a carroça deu volta, o conductor sentou-se, e immediatamente saltaram ao mar as quatro raparigas, dando quatro distinctos mergulhos.

—Oh! que coisa tão exquisita! exclamou o snr. José Tuggs depois d'uma pausa.

O snr. Cymon tossiu ligeiramente.

—Olha! acolá d'aquelle lado vão tomar banho alguns homens! exclamou a snr.^a Tuggs n'um tom de horror.

Tres carroças, tres cavallos, tres coices, tres voltas, tres mergulhos, e tres homens brincando n'agua como outros tantos golphinhos.

—Oh! que coisa tão exquisita! disse de novo o snr. Tuggs.—Carlota tossiu d'esta vez, e seguiu-se uma outra pausa. Foi terminada agradavelmente.

—Como está, minha querida? Temos andado toda a manhã a vêr se a viamos, disse uma voz dirigindo-se á menina Carlota Tuggs.

Tão agradável e assucarada voz, pertencia á esposa do capitão Waters.

—Como estão? disse com toda a suavidade o capitão Gualterio Waters; e seguiu-se a mais cordeal troca de cumprimentos.

—Belinda! meu amorsinho, disse o capitão Waters applicando a luneta, e olhando na direcção do mar.

—Que queres, meu amigo? replicou a snr.^a Belinda Waters.

—Está alli Henrique Thompson!

—Aonde? disse Belinda levando a luneta ao olho.

—A tomar banho.

—É verdade! Elle não nos vê, não?

—Penso que não, replicou o capitão. Ora esta! é coisa singular!

—O que é? perguntou Belinda.

—Está alli tambem Maria Golding.

—Sim! aonde?—e de novo foi applicada a luneta.

—Alli, disse o capitão apontando para uma das raparigas já mencionadas, que, com o seu vestido de banho, parecia estar embrulhada n'uma Mackintosh de patente, de exiguas dimensões.

—É ella, na verdade! exclamou a esposa do capitão Waters. — Seria muito curioso vê-los juntos agora!

—Muito, respondeu o capitão com perfeita frieza.

—Este é aqui o costume usual, como vê, disse baixinho Cymon Tuggs a seu pae.

—Assim vejo, disse baixinho em resposta José Tuggs.—Mas é exquisito, hein? O snr. Cymon Tuggs fez um signal affirmativo com a cabeça.

—Que tencionam fazer hoje de manhã? perguntou o capitão.—Iremos lanchar a Pegwell?

—Oh! tomára eu! disse a snr.^a Tuggs, que nunca tinha ouvido fallar em Pegwell; mas a palavra *lanchar* chegára-lhe aos ouvidos e soava-lhe agradavelmente.

—Como havemos d'ir? perguntou o capitão; faz muito calor para irmos a pé.

—Vamos n'um *trimbolim*, suggeriu o snr. José Tuggs.

—Carruagem, disse-lhe ao ouvido o snr. Cymon.

—Penso que um seria bastante, disse em voz alta José Tuggs, sem dar fé da correção—mas vamos em dois *trimbolihs* se querem.

—Oh! eu gostava d'ir em jumenta! disse Belinda.

—E eu tambem, eccoou Carlota Tuggs.

—Bem, nós iremos n'um carro, suggeriu o capitão, e as senhoras podem ir em jumentas.

Appareceu nova difficuldade. A esposa do capitão Waters declarou que não parecia bem passearem a cavallo duas senhoras sósinhas. O remedio era obvio. Talvez o snr. Tuggs Junior tivesse a bondade de as acompanhar.

O snr. Cymon Tuggs corou, sorriu-se, deu-se uns ares d'aparvado, e a custo se desculpou, dizendo que não era cavalleiro. A objecção foi vencida n'um momento. Bem depressa encontraram uma carruagem, e foram alugados para um passeio tres jumentos, que seu dono declarou, sob sua palavra de honra, serem «finos como um coral.»

—Anda p'ra diante! herrava um de dois rapazes, que caminhava atraz dos jumentos para os espicaçar, depois que Belinda e Carlota Tuggs tinham sido içadas, empurradas e mettidas nas andilhas.

—Up! up! up!—gritava outro rapaz atraz do snr. Cymon Tuggs.

O jumento principiou a andar, com os estribos tinnindo e batendo contra os calcanhares das botas de Cymon, as quaes quasi resvalavam no chão.

—Anda, anda! Hip! hip! hip! gritava Cymon Tuggs da melhor forma que podia no meio dos solavancos causados pelo trote.

—Não o faça galopar, gritava atraz com voz esgançada a esposa do capitão Waters.

—O meu jumento quer entrar para o botequim, bradava na rectaguarda Carlota Tuggs.

—Hip! hip! hip! grunhiam os rapazes juntos: e os jumentos começaram de correr como se nada os podesse fazer parar.

Todavia, tudo tem um fim: e até o galope dos jumentos alguma vez ha-de cessar.

O animal sobre que estava escarranchado o sr. Cymon Tuggs, sentindo no freio diversas puxadellas pouco agradaveis, cuja intenção não podia de modo algum adivinhar, encostou-se a um muro de tijollo, e exprimiu o seu constrangimento, esfregando a perna do sr. Tuggs contra a aspera superficie.

O jumento da esposa do capitão Waters, aparentemente sob a influencia d'algum pensamento faceto, precipitou-se com a cabeça repentinamente sobre uma sebe, d'onde se negou a sahir; e o quadrupede sobre que estava montada Carlota Tuggs, exprimiu o seu prazer por esta scena irrisoria, firmando no chão as patas dianteiras, e com as outras disparando algumas parcelhas de magnificos coices, d'uma maneira muito agil, ainda que um pouco assustadora.

Esta terminação abrupta da corrida da cavalgada, occasionou naturalmente alguma confusão. Ambas as damas se entregaram por algum tempo a uma vehemente gritaria, e o sr. Cymon Tuggs, além da intensa dôr corporea que soffria, tinha em addição a angustia mortal de ser testemunha da situação afflictiva das duas senhoras, sem lhes poder valer, pelo simples motivo de estar a sua perna aparafusada, entre o animal e o muro.

Todavia os esforços dos rapazes, ajudados com o engenhoso expediente de torcerem o rabo do jumento mais rebelde, conseguiram restabelecer a ordem em

menos tempo do que se podia esperar, e a pequena cavalgada continuou a marchar a passo.

—Agora deixem-nos andar, disse o snr. Cymon Tuggs. É uma crueldade estar a espicaçal-os.

—Está bom, senhor, disse o rapaz, fazendo uma momice para o companheiro, e querendo deprehender do dito do snr. Cymon, que a crueldade se applicava menos aos animaes do que aos cavalleiros.

—Que dia delicioso! disse Carlota.

—Está na verdade encantador! respondeu a esposa do capitão Waters. Que linda vista! não é snr. Tuggs?

Cymon olhou de chapa para a physionomia de Belinda, e respondeu:

—Linda! admiravel!

A dama abaixou os olhos, e consentiu que o animal em que montava ficasse um pouco atraz. Cymon Tuggs fez o mesmo, por instincto.

Seguiu-se um breve momento de silencio, quebrado tão sómente por um suspiro de Cymon Tuggs.

—Snr. Cymon! disse a dama repentinamente e em tom baixo, snr. Cymon!—sou d'um outro.

O snr. Cymon exprimiu o seu assentimento sobre um assumpto em que quasi era impossivel haver controversia.

—Se eu não fosse... concluiu Belinda, e de novo tornou a fazer pausa.

—O que, o que? disse Cymon repentinamente. Não me torture. Que ia a dizer?

—Se eu não fosse—continuou a esposa do capitão Waters—se outr'ora o fado me tivesse concedido o prazer de o conhecer, e de ser amada por um joven de tão nobres sentimentos—uma alma angelica—um espirito congenial—alguem capaz de apreciar e sentir a paixão que...

—Céos! que oiço? exclamou o snr. Cymon Tuggs. Será possivel? poderei crêr-me!—Arre! p'ra cima! up!

(Este ultimo parenthesis pouco sentimental era dirigido ao jumento, que, com a cabeça entre as pernas dianteiras, parecia estar examinando com grande curiosidade o estado das ferraduras).

—Up! up! up! diziam os rapazes na rectaguarda. —Acima! apostrophava de novo Cymon Tuggs. —Up! up! up! repetiam os rapazes:—e ou fosse porque o animal se sentisse indignado com o tom de commando do snr. Tuggs, ou se assustasse com o ruido das botas do deputado da localidade, que vinha correndo atraz d'elle, ou fosse levado da nobre emulação de avantar-se aos outros jumentos, o certo é que ainda bem não tinha ouvido a segunda série de *ups, ups*, já tinha partido com uma celeridade de passo, que fez sacudir instantaneamente o chapéo da cabeça ao snr. Cymon Tuggs, e em um abrir e fechar d'olhos levou este cavalheiro ao hotel da Bahia Pegwell, onde o depôz sem lhe dar o trabalho de se apeiar, atirando-o engenhosamente por cima da cabeça d'encontro á porta da loja de bebidas.

Grande foi a confusão do snr. Cymon Tuggs quando foi posto em pé por dois criados do hotel: consideravel foi a anciedade da snr.^a Tuggs por causa de seu filho: e agonisantes foram as apprehensões de Belinda Waters sobre a sorte d'aquelle cavalheiro. Todavia, bem depressa se descobriu que elle não soffrera mais injuria do que o jumento—elle espojára-se por terra, e o animal fez o mesmo—e «finalmente era tudo uma patuscada.»

Os dois esposos Tuggs e o capitão tinham mandado preparar um lanche no pequeno jardim nas trazeiras do hotel: constava de pequenos pratos com grandes camarões, diminutivos pedaços de manteiga, pão com muita côdea, e cerveja engarrafada. O céo estava sem uma unica nuvem: tinham diante d'elles vasos de flôres, e relva: o mar no socalco do oiteiro, espraiando-se até

que a vista não podesse distinguir coisa alguma: e a distancia os navios com vélas tão brancas, como pequeninos lenços de cambraia. Os camarões eram magníficos, a cerveja melhor, e o capitão, mais agradável do que qualquer das duas coisas. A esposa do capitão Waters estava *tão espirituosa* depois do lanche!—correndo primeiro atraz do capitão por cima da relva, e por entre os vasos de flôres, e depois atraz de Cymon Tuggs, e depois de Carlota Tuggs, rindo, quasi que impetuosamente. Mas, como muito bem dizia o capitão, que importava? Quem é que alli os conhecia? Deixar pensar os da casa, que elles eram gente ordinaria. Ao que o snr. José Tuggs respondia—*Ora é como diz;*—e então desceram a escadaria de madeira, um pouco mais além, que conduzia ao fundo do oiteiro, e contemplaram os caranguejos, as plantas aquaticas, e as enguias, até que já era mais que tempo de voltarem a Ramsgate: e finalmente o snr. Cymon Tuggs foi o ultimo a subir os degraus da escada, e a esposa do capitão Waters a penultima: e o snr. Cymon Tuggs descobriu que o pé e o tornozello da esposa do capitão Waters eram mais irreprehensíveis do que a principio julgára.

Conduzir um jumento para o seu logar ordinario de residencia, é uma coisa muito differente, e um feito mais facil de ser commettido, do que trazel-o d'alli. N'este ultimo caso é necessario muita previdencia, e muita presença de espirito para anticipar os vôos arrojados da discursiva imaginação do animalejo: em quanto que no primeiro caso, tudo o que ha a fazer é deixal-o ir, e depositar n'elle uma confiança cega. O snr. Cymon Tuggs, na volta para casa, adoptou este ultimo expediente: e os seus nervos ficaram tão pouco descompostos com a jornada, que entendeu lá para comsigo que á noite ainda podiam todos encontrar-se na sala de leitura.

A sala de leitura estava apinhada de gente. Estavam alli as mesmas senhoras e os mesmos homens que de manhã tinham estado na praia, e no dia antecedente no desembarcadoiro. Havia alli meninas com vestidos côr de castanha, e bracettes de velludo preto, distribuindo objectos de gosto no bazar, e presidindo aos jogos de azar no salão dos concertos.

Estavam alli filhas casadoiras, e mamãs casamenteiras, jogando, passeando, cantarolando, e namorisando.

Estavam alli tambem alguns peraltas masculinos de suissas, mostrando-se sentimentaes, e outros com grandes bigodes, mostrando-se ferozes. Estavam presentes tambem a snr.^a Tuggs, com um vestido côr de azeviche, Carlota Tuggs com um azul celeste, e a esposa do capitão Waters com um côr de rosa. Estavam igualmente o capitão Waters com um sobretudo entrançado, Cymon Tuggs de sapatos de verniz e collete bordado, e finalmente o snr. José Tuggs de casaco azul com bofes na camisa.

—Numero tres, oito e onze, gritava uma joven dama de vestido côr de castanha, presidindo a um jogo.

—Numero tres, oito e onze, eccoava outra joven dama no mesmo uniforme.

—O numero tres já passou, dizia a primeira senhora, numero oito e onze.

—Numero oito e onze, eccoava outra dama.

—O numero oito já passou, Maria Anna, disse a primeira senhora.

—Numero onze, bradava a segunda.

—Tiram-se agora os numeros todos, fazem favor de se aproximar, disse a primeira.

Os representantes dos numeros tres, oito e onze, e do resto dos numeros, agruparam-se em redor da mesa.

—Quer deitar? disse a sacerdotisa que presidia, en-

tregando o copo dos dados á filha mais velha d'uma senhora alentada, mãe de quatro raparigas.

Seguiu-se um profundo silencio entre os circumstantes.

—Deita, Joanna, minha filha, disse a senhora alentada. Seguiu-se uma interessante manifestação de modestia — um pouco de rubor encoberto com um fino lenço de cambraia — e um segredinho á mana mais velha.

—Amelinha! anda, deita por tua irmã, disse a alentada senhora; e voltando-se para um annuncio ambulante de oleo de macassar de Rowland, que estava ao pé de si, disse:—Joanna é tão modesta e mettida consigo, que não faz idéa; mas eu não me zango com ella por isso. As meninas assim simples e honestas, são as mais amaveis, e tomára eu que Amelia fosse como a mana.

O senhor que cheirava a macassar fez um signal affirmativo, e a menina simples e honesta deitou um olhar de relance para observar o effeito da sua inqualificavel simplicidade.

—Vamos, menina, disse a senhora alentada, a menina Amelia deitou oito pela irmã, e dez por ella.

—É uma linda rapariga, Amelia, não é? disse baixinho a senhora alentada para um delgado rapaz que estava a seu lado.

—É uma belleza!

—E que espirito! Sou do seu parecer a este respeito; não posso deixar de admirar a vida e a vivacidade. Oh! (um suspiro) quem me dera que a minha pobre Joanna se parecesse um pouco com a minha Amelinha.

O delgado rapaz concordou com este parecer; e tanto elle como o outro sugeito a quem a dama primeiramente se dirigira, ficaram satisfeitissimos.

—Quem é aquella? perguntou o snr. Cymon Tuggs

á esposa do capitão Waters, vendo uma mulher baixa, com um chapéu azul de pennas, ser conduzida á orchestra por um homiem gordo, de calças muito estreitas e casaca de gola de corrimão.

—E a Tippin dos theatros de Londres, respondeu Belinda, referindo-se ao programma do concerto.

A talentosa Tippin, depois de ter agradecido os applausos e bravos com que foi acolhida a sua apparição, começou de cantar a cavatina popular do—*Passarinho do meu jardim*—acompanhada ao piano pelo snr. Tippin; depois do que o snr. Tippin entoou uma canção comica, acompanhada ao piano pela snr.^a Tippin. e os applausos consequentes a estas duas peças de musica, so foram excedidos pela approvação enthusiastica com que foi recebida uma aria com variações de guitarra pela snr.^a Tippin, com acompanhamento de queixos pelo menino Tippin.

Assim se passou a noite, e assim se passaram os dias e as noites para os Tuggs e para os Waters, por seis semanas consecutivas. Praia de manhã, jumentos ao meio dia, desembarcadoiro á tarde, e á noite sala de leitura; e sempre a mesma gente em toda a parte.

Seis semanas depois da noite mencionada, a lua estava dardejando os seus brilhantes raios sobre um mar em calmaria, que vinha debater-se contra os penhascos descarnados da costa, com ruido bastante para fazer adormentar os peixes velhos, sem perturbar os novos.

Dois vultos estavam bem discerniveis—ou estariam se alguem tivesse olhado para elles—sentados n'um dos bancos de madeira, que estão estacionados á beira do mar, do lado mais occidental.

A lua tinha trepado bem alto nos céos, por uma jornada de duas horas, depois que os dois vultos alli estavam sentados, e ainda se não tinham movido.

A turba dos passeantes foi diminuindo pouco a pouco, até que dispersou de todo, e o ruido dos musicos am-

bulantes desaparecera igualmente: uma luz apoz outra appareceu nas janellas das differentes casas em distancia; alguns guarda-costas tinham passado este sitio solitario para se dirigirem a seus postos, e no entanto os dois vultos permaneciam estacionarios.

Algumas partes das duas fôrmas estavam em completa escuridão, mas os raios da lua, de repente deram sobre umas botinhas côr de pulga, e uma gravata de setim escuro. O snr. Cymon Tuggs e a esposa do capitão Waters, estavam sentados n'aquelle banco. Não fallavam, mas estavam silenciosamente contemplando o mar.

—Gualterio volta amanhã, disse Belinda Waters, quebrando o silencio melancholicamente.

O snr. Cymon Tuggs exhalou um suspiro como um tufão de vento através d'uma moita de groselheiras, e respondeu:

—Infelizmente volta!

—Oh! Cymon! continuou Belinda, este casto deleite, esta calma felicidade, d'esta semana d'amor platónico, é demasiado para mim!

O snr. Cymon Tuggs esteve quasi a suggerir que era muito pouco para elle, mas conteve-se, e murmurou palavras inintelligiveis.

—E pensar eu que até este átomo de felicidade, innocente como é, exclamou Belinda, o perderei para sempre?!...

—Oh! Não diga para sempre, Belinda, exclamou o excitavel Cymon, cahindo-lhe duas bogalludas lagrimas pela pallida face abaixo; não diga para sempre!

—Devo dizer.

—Porquê? apressou-se a perguntar Cymon—oh! porquê? Relações tão platonicas como as nossas, são tão inoffensivas, que, acredito, seu marido mesmo não porá objecções a ellas.

—Meu marido? exclamou Belinda. Vejo que o co-

nhece pouco. É ciumento e vingativo; cruel nas suas vinganças, e maniaco nos seus ciumes! Quererá acaso ser assassinado diante dos meus olhos?

O snr. Cymon Tuggs, n'uma voz entrecortada pela emoção, demonstrou os poucos desejos que tinha de querer ser assassinado diante dos olhos de quem quer que fosse.

—Então abandone-me, disse a esposa do capitão Waters, abandone-me esta noite para sempre. É tarde; vamos embora.

Cymon Tuggs offereceu o braço á senhora, e acompanhou-a até casa. Parou á porta—sentiu uma compressão platónica na sua mão.

—Boa noite, disse elle hesitando.

—Boa noite, disse a dama soluçando.

O snr. Cymon Tuggs estacou de novo.

—O senhor não entra? disse a criada. O snr. Tuggs hesitou.—Ora, hesitar! Resolveu-se a entrar.

—Boa noite, tornou a repetir o snr. Cymon Tuggs, apenas entrou na sala de visitas.

—Boa noite, replicou Belinda; e se em algum periodo da minha vida, eu—psiu! A dama fez uma pausa, e contemplou, penetrada de horror, a nebulosa physionomia do snr. Cymon Tuggs.

Ouyiram-se duas pancadas na porta da rua.

—É meu marido! disse Belinda, á maneira que a voz do capitão se ia ouvindo no fundo das escadas.

—É a minha familia! accrescentou Cymon Tuggs, á medida que se aproximavam as vozes dos seus parentes.

—Esconda-se—esconda-se atraz das cortinas—das cortinas! dizia assustada Belinda Waters, apontando para a janella, diante da qual estavam cerrados uns cortinados côr de verde-gaio.

—Mas eu não fiz coisa alguma má, dizia Cymon hesitando.

—Esconda-se, gritava a dama fóra de si, ou será assassinado.

Este ultimo appello aos sentimentos de Cymon era irresistivel. O infeliz occultou-se atraz dos cortinados com uma rapida pantomima.

Entraram o capitão, José Tuggs, sua esposa e Carlota.

—Minha queridinha, disse o capitão, apresento-te e tenente Slaughter.

Cymon ouviu os passos de duas grossas botas fer-radas, e uma voz aspera agradecendo a apresentação. O sabre do tenente retiniu com toda a força sobre o soalho, logo que elle se assentou.

O medo que accommetteu Cymon Tuggs, quasi que lhe ia fazendo perder a cabeça.

—Manda vir aguardente, Belinda, disse o capitão.

Ora aqui está uma situação linda! Iam assim passar a noite: e o snr. Cymon Tuggs estava encurralado atraz da cortina, e com medo de respirar.

—Slaughter, disse o capitão, um charuto?

É necessario que se entenda, que o snr. Cymon Tuggs nunca podia vêr fumar sem sentir uma necessidade indispensavel de se retirar immediatamente; e nunca podia cheirar o fumo sem uma forte disposição para a tosse. Vieram os charutos; o capitão era um fumista de profissão, o mesmo era o tenente, o mesmo era José Tuggs.

O quarto era pequeno, a porta estava cerrada, e o fumo intenso esvoaçava em pesadas nuvens por toda a sala, até que achou caminho para traz dos cortinados.

Cymon Tuggs tapou o nariz, depois a bôca, e por fim a respiração. Não lhe valeu de nada — a tosse sempre appareceu.

—Valha-me Deus, disse o capitão; peço-lhe perdão, Miss Tuggs. Faz-lhe mal o fumo?

—Oh! não; de maneira alguma, disse Carlota.

—Mas fal-a tossir.

—Não, senhor.

—Mas tossiu ainda agora?

—Eu, capitão Waters! que está ahi a dizer!

—Alguem tossiu, disse o capitão.

—Eu assim penso, disse Slaughter.

Todos os circumstantes negaram o facto.

—Foi imaginação, disse o capitão.

—Inquestionavelmente, eccoou Slaughter.

Acabados estes charutos—mais fumo, outro ataque de tosse, mas mais violento.

—Que diabo de historia é esta? disse o capitão, olhando em redor de si.

—É exquisito! exclamou José Tuggs.

O tenente Slaughter olhou primeiro mysteriosamente ora para uma pessoa, ora para outra: depois poisou o charuto; aproximou-se então da janella em bicos de pés, e apontou com o dedo indicativo da direita em direcção ao cortinado.

—Slaughter! exclamou o capitão, levantando-se da mesa—que quer dizer?

O tenente, por unica resposta, puxou o cortinado para o lado, e deixou vêr atraz o snr. Cymon Tuggs, pallido de susto, e roxo pela falta de tossir.

—Ah! exclamou o capitão furioso. Que vejo? Slaughter, a sua espada!

—Cymon! gritaram os Tuggs.

—Misericordia! disse Belinda.

—Platonico, dizia Cymon em torturas.

—A sua espada! bradava o capitão; largue-me, Slaughter—quero matar esse biltre!

—Soccorro! gritavam os Tuggs.

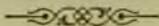
—Segure-o bem, senhor! articulava debilmente Cymon para o tenente, que estava segurando o capitão.

—Agua! exclamou José Tuggs—e o snr. Tuggs e

todas as damas presentes desmaiaram e formaram um quadro.

De boamente occultariamos a terminação desastrosa das relações de seis semanas. Todavia um costume bem arbitrario prescreve que uma historia deva ter uma conclusão em addição a um principio: e portanto não temos alternativa.

O capitão querellou; Tuggs appellou; o tenente Slaughter serviu de medianeiro, e quando o snr. Cymon Tuggs se restabeleceu completamente do estado nervoso em que o lançaram as suas affeições illegaes, e as outras circumstancias, veio no conhecimento de que sua familia perdera as relações tão agradaveis com os Waters: que seu pae tinha *minius* mil e quinhentas libras: e o capitão *plus* a sobredita somma. O dinheiro foi pago para se abafar o negocio, mas apesar d'isso sempre transpirou: e não falta quem queira affirmar, que nunca tres impostores enganaram maiores papalvos, do que o capitão Waters, a esposa e o tenente Slaughter enganaram os Tuggs em Ramsgate.



HORACIO SPARKINS

—Na verdade, meu caro, no ultimo baile da assembléa, *elle* teve muitas attentões para com Thereza, disse a snr.^a Malderton, dirigindo-se a seu marido, que depois das fadigas do dia na *City*, estava descansando sentado n'uma cadeira, com um lenço de sêda amarrado na cabeça, os pés poisados na grade do fogão, e enxugando um copinho do Porto;—e de novo torno a dizer, que se deve animar o rapaz.

Malderton não prestou attentão ao que lhe dizia a mulher.

—É necessario pedir-lhe para vir jantar connosco, disse ella.

—Quem? perguntou o snr. Malderton.

—Óra, quem ha-de ser!—hem sabes a quem me refiro—âquelle rapaz de suissas pretas e gravata branca, que foi ultimamente apresentado na nossa assembléa, e de quem fallam todas as raparigas.

—Como se chama elle, menina?—Marianna, como

é o nome d'elle? continuou a snr.^a Malderton, dirigindo-se á filha mais nova, occupada a bordar uma bolsa, e procurando tornar-se sentimental.

—Chama-se o snr. Horacio Sparkins, mamã, respondeu a menina Marianna, com um suspiro similhando os de Julieta.

—Ah! é verdade; é isso mesmo—Horacio Sparkins, disse a snr.^a Malderton. Decididamente é o rapaz com maneiras mais cavalheirescas que tenho visto. Estou certa que com aquella bem feita casaca que trazia na noite da reunião, parecia mesmo... mesmo...

—O principe Leopoldo, mamã—tão nobre, tão cheio de sentimento, acrescentou a menina Marianna em tom d'admiração entusiastica.

—Deves lembrar-te, meu amigo, concluiu a snr.^a Malderton, que Thereza tem hoje os seus vinte e oito annos, e que realmente é muito necessario tractarmos do seu futuro.

Thereza Malderton era uma menina d'estatura poucada, um tanto gorda, com faces de vermelhão, exprimindo bom humor; ainda não compromettida nos enredos de Cupido, apesar de que, para lhe fazermos justiça cabal, a infelicidade não nascia de falta de perseverança da sua parte.

Debalde tinha ella namorado dez annos a fio: de balde os esposos Maldertons conservavam extensas relações com todos os jovens celibatarios elegiveis de Camberwell, e até de Wandsworth e de Brixton; não fallando n'aquelles que appareciam occasionalmente, vindos da cidade.

Thereza Malderton era tão conhecida como o leão da casa de Northumberland. ¹

¹ O palacio do duque de Northumberland, em Trafalgar-square em Londres, torna-se notavel por um grande leão de pedra, collocado sobre a cornija do telhado.

—Estou certa de que havias de gostar immenso d'elle, continuou a snr.^a Malderton; elle é um perfeito cavalheiro!

—E tão talentoso! disse a menina Marianna.

—E tem tal fluencia de linguagem! accrescentou Thereza.

—E professa grande respeito por ti, meu amigo, disse a snr.^a Malderton em tom confidencial para seu marido.

O snr. Malderton tossiu, e olhou para o fogão.

—E verdade, estou certa de que elle presa muito a companhia do papá, disse a menina Marianna.

—Não ha duvida nenhuma, additou a menina Thereza.

—Isso é verdade; disse-o elle confidencialmente, observou a snr.^a Malderton.

—Bem, bem, retorquiou o snr. Malderton lisongeador: se o vir amanhã na assembléa, talvez lhe peça para vir cá. Naturalmente o tal sugeito já sabe que vivemos em Oak-Lodge em Camberwell.

—Com certeza; e tambem que tu tens um carro d'um cavallo...

—Fallaremos d'isso mais devagar, disse o snr. Malderton, arranjando-se para dormir um pouco—depois tractaremos d'isso.

O snr. Malderton era um homem cuja extensão de idéas limitava-se ao Loyd's, á Bolsa, á casa da India, e ao Banco.

Umás poucas de especulações felizes tinham-no erguido d'uma situação obscura e de limitada pobreza, a um estado de tal ou qual opulencia. Como acontece frequentemente em taes casos, as suas idéas e de sua familia tornaram-se elevadas a um ponto extraordinario, á proporção que augmentavam os meios de fortuna: affectavam a moda e o bom gosto, e muitas outras loucuras, como imitação das pessoas do grande mundo, e

tinham um horror decidido e profundo por qualquer coisa que tivesse a possibilidade de parecer propria da *gente baixa*.

Era Malderton hospitaleiro por ostentação, liberal por ignorancia, e cheio de prejuizos por opinião propria. O egoismo e o amor da ostentação induziam-no a ter uma excellente mesa: a conveniencia, e o amor pelas boas coisas d'esta vida, asseguravam-lhe muitos convivas.

Gostava de ter á sua mesa homens de talento, ou os que considerava como taes, porque julgava ser uma grande coisa fallar d'elles depois: mas nunca pôde soffrer o que elle chamava *gente fina*.

Provavelmente affagava este sentimento por causa de seus dois filhos, que nunca deram desgostos a seu respeitavel pae sobre esse particular.

A familia tinha ambição de angariar conhecimentos e travar relações n'uma esphera da sociedade superior áquella em que se movia; e uma das consequencias necessarias d'este desejo, augmentada com a ignorancia total do mundo, além do seu limitado circulo, era que qualquer pessoa que plausivamente podésse ter relações com titulares e com gente de elevada gerarchia, tinha um passaporte seguro para a mesa de Oak-Lodge Camberwell.

O apparecimento de Horacio Sparkins na assembléa, excitára não pequena dóse de surpresa e curiosidade, entre os frequentadores regulares d'aquella sociedade. Quem seria elle?

Horacio era evidentemente reservado, e apparentemente melancholico. Seria um ministro da religião? Nada: dançava com demasiada perfeição. Um advogado? Proferia poucas palavras e dizia muito. Seria algum estrangeiro distincto, visitando Inglaterra com o fim de descrever o paiz, os usos e os costumes? e frequentaria os bailes e jantares publicos com intenção

de se relacionar com o mundo elegante, e conhecer o viver d'essa parte da sociedade? Nada: não tinha pronuncia estrangeira. Seria medico, cirurgião, collaborador de revistas, escriptor de novellas, ou artista? Nada: a qualquer e a todas estas conjecturas oppunha-se alguma valiosa objecção.

—Então, diziam todos, deve ser personagem importante.

—Oh! se é! pensava consigo o snr. Malderton— isso passou-me pela idéa logo que o vi; bastava vêr o modo como elle descobriu a nossa superioridade, e a muita attenção que tem para connosco.

A noite seguinte áquella em que teve logar a conversação que acabamos de referir, era noite de reunião na assembléa.

Foram dadas ordens para que o *fly* estivesse postado á porta de Oak-Lodge, ás nove horas precisas.

As meninas Maldertons trajavam vestidos de setim azul celeste, com guarnições, e n'estas flôres artificiaes; e a snr.^a Malderton, mãe, que era tão apoucada d'estatura, quanto favorecida de carnes, ostentava-se com um vestido dito dito, e tinha a apparencia de sua filha mais velha, multiplicada por duas. O snr. Frederico Malderton, o filho mais velho, em rigorosa *toilette* de baile, era o exacto *bello ideal* d'um escudeiro de hospedaria: e o mais novo, Thomaz Malderton, de gravata branca, casaca azul e botões amarellos, e grande cadêa d'ouro com muitos sinetes e herloques, apresentava uma grande semelhança com os retratos que por ahí correm, do interessante joven Jorge Barnwell.

Cada membro da familia resolvera, a todo o custo, cultivar as relações de Horacio Sparkins. Thereza, naturalmente, devia ser tão amavel e interessante, como são ordinariamente as meninas de vinte e oito annos, á cata de maridos: a snr.^a Malderton preparava-se para ser toda sorrisos e graças; a menina Marianna devia

pedir o obsequio d'alguns versos para o seu album; o sr. Malderton devia acarinhar o illustre desconhecido, convidando-o para jantar; e Thomaz tencionava avaliar a extensão dos conhecimentos d'elle, chamando-o a terreiro sobre a interessante materia de tabaco e charutos.

Até o proprio Frederico Malderton, a authoridade da familia sobre todos os pontos de gosto, vestuario e modas—que tinha um quarto alugado para si só na cidade—que tinha entrada gratuita no theatro de Covent-Garden—que se vestia sempre em conformidade com os figurinos mensaes—que ia á praia do mar duas vezes na semana durante a estação, e que tinha actualmente um intimo amigo, que conheceu outr'ora um sujeito que residiu por muitos annos na Albania—até esse tinha concordado, que Horacio Sparkins era um bello rapaz, de maneiras finas, e tinha resolvido fazer-lhe a honra de o convidar para uma partida de bilhar.

O primeiro objecto que encontraram os olhos anciosos da familia Malderton ao entrar na sala de baile foi o interessante Horacio, que se apresentou n'aquella noite com o cabello penteado de modo que deixasse a descoberto a testa, com os olhos no chão, reclinando-se n'uma das cadeiras em contemplativa attitude.

—Elle alli está, meu amigo, segredou anciosamente a sr.^a Malderton para seu marido.

—Que similhaça com lord Byron! murmurou a menina Thereza.

—Ou com Montgomery! disse Marianna a meia voz.

—Ou com os retratos do capitão Ross! suggeriu Thomaz.

—Thomaz, não sejas asno! disse-lhe o pae, que lhe ia á mão em todas as occasiões, provavelmente com intenção de evitar que elle se tornasse *fino*, prevenção completamente desnecessaria.

O elegante Sparkins tomou diversas attitudes com admiravel effeito, até que a familia atravessou a sala.

Então levantou-se com a apparencia mais natural da surpresa e prazer: dirigiu-se á snr.^a Malderton com a maior cordealidade, saudou as meninas da maneira mais encantadora; inclinou-se, e apertou a mão ao snr. Malderton, com mostras de respeito quasi tocando a veneração, e retribuiu os cumprimentos dos dois rapazes d'um modo meio risonho, meio de protecção, que os convenceu completamente de que elle devia ser um personagem importante, e ao mesmo tempo condescendente.

—Minha senhora, disse Horacio depois dos cumprimentos ordinarios, dirigindo-se a Thereza, e inclinndo-se até baixo—concede-me licença que eu tenha esperança de que me permittirá ter o prazer...

—Não julgo estar compromettida, disse Thereza, com terrivel affectação de indifferença —mas realmente...

Horacio apresentava uma physionomia tão bellamente desgraçada, como a d'um Hamlet escorregando n'uma casca de laranja.

—Terei muito prazer, disse por fim a interessante Thereza com um sorriso; e o rosto de Horacio desannuveou-se, e brilhou como um chapéo velho que tenha apanhado uma bátega d'agua.

—É na verdade um rapaz encantador, disse Malderton satisfeitissimo, quando o obsequioso Sparkins e a sua parceira se reuniram á quadrilha que se estava formando.

—Tem bellas maneiras, disse Frederico.

—É um bello sugeito, disse Thomaz, que sempre procurava metter o nariz em tudo—falla como um leiloeiro.

—Thomaz, disse-lhe o pae solemnemente, julgo haver-te dito ainda ha pouco que não fosses tólo.

—Como é delicioso! disse o interessante Horacio para a sua parceira, passeando na sala depois de terminada a dança—como é delicioso, como é salutar, retirar-se a gente das procellas, das vicissitudes, e das perturbações da vida, quando mesmo seja por momentos curtos e passageiros: e passar esse tempo, por muito rapido que pareça, na agradável companhia d'uma pessoa... d'aquella de quem os rigores motivariam a morte, a indiferença produziria a loucura, o desprêso causaria a maior desgraça, em quanto que a sua constancia seria a felicidade, e a posse da sua affeição seria a melhor recompensa com que o céu poderia favorecer o homem!

—Que sentimentos! que delicadas phrases! pensou Thereza, encostando-se com mais força sobre o braço do seu companheiro.

—Mas basta—basta! rematou o elegante Sparkins com ar theatral. Que digo? que tenho eu... eu... a fazer com sentimentos como estes? Minha senhora!—aqui parou de repente—poderei animar a esperança de lhe offerecer o tributo humilde de...

—Realmente, senhor Sparkins, interrompeu a enlevada Thereza, corando de confusão—deve primeiro consultar o papá. Nunca poderei, sem licença d'elle, atrever-me a... a...

—Estou certo de que não porá objecções a...

—Talvez ponha—vejo que o não conhece, interrompeu Thereza, conhecendo perfeitamente que nada havia a receiar: mas desejando que a entrevista se assemilhasse a uma scena d'uma novella ultra-romantica.

—Seu papá não porá objecção a que eu lhe offereça um calix de vinho quente.

—E só isso? perguntou a si propria Thereza desapontada.—Tanta coisa para nada!

Nenhum incidente houve digno de ser archivado até terminar a reunião.

—Dar-nos-ha grande prazer, meu caro senhor, vindo jantar connosco, em Oak-Lodge Camberwell, no domingo ás cinco horas, se não estiver comprometido para outra parte melhor, disse o snr. Malderton, no fim da noite, estando elle e seus filhos conversando com Horacio Sparkins.

Horacio inclinou-se e aceitou o lisongeiro convite.

—Devo confessar, continuou Malderton offerecendo rapé ao seu novo conhecido, que não encontro n'estas reuniões tanto conforto—quasi que podia dizer tanto luxo—como em Oak-Lodge: os bailes teem poucos attractivos para um homem velho.

—E no fim de tudo o que é o homem? disse o metaphysico Sparkins — pergunto eu, o que é o homem?

—E verdade, acrescentou Malderton, é verdade.

—Sabemos que vivemos, e que respiramos, continuou Horacio, que temos necessidades, desejos, e appetites.

—Certamente, disse Frederico Malderton, modelando a physionomia pela d'um profundo pensador.

—Digo, que sabemos que existimos, repetiu Horacio, erguendo a voz, mas ahi ficamos: ahi está a meta das nossas averiguações: que mais sabemos?

—Nada, replicou Frederico—e ninguem melhor do que elle era capaz de responder por si proprio a esse respeito.

Thomaz esteve quasi a atrever-se a dizer alguma coisa, mas, felizmente para a sua reputação, enxergou; como um punhal que lhe estivesse apóntado, o olhar severo de seu pae, e escapou-se surrateiro, como um cãesinho que presente uma correcção eminente.

—Palavra de honra, disse Frederico Malderton, quando todos os membros da familia voltavam para casa no *fly*—o tal Sparkins é um rapaz admiravel.

—Que prodigiosos conhecimentos! que profundo saber! e que lindas maneiras de se exprimir!

—Estou convencida que deve ser algum personagem incognito, disse Marianna.

—Elle falla bem e alto, observou Thomaz timidamente, mas realmente não comprehendo o que elle quer dizer.

—Eu quasi que começo a desesperar de poderes entender alguma coisa, disse-lhe o pae, que, como era natural, ficára muito deleitado com a conversação de Horacio.

—Lembra-me agora, Thomaz, disse Thereza, que estiveste muito ridiculo esta noite.

—Isso é verdade, exclamaram todos ao mesmo tempo.

O infeliz Thomaz reduziu-se ao menor espaço possível.

N'aquella noite os dois esposos Maldertons tiveram um largo colloquio sobre o futuro de sua filha.

Thereza foi deitar-se, considerando se no caso de vir a esposar um titular, podia conscienciosamente receber as visitas de suas companheiras de solteira.

Sonhou toda a noite com homens illustres disfarçados, bailes, pennas de abestruz, presentes esponsalícios, e com Sparkins.

No domingo de manhã aventaram-se varias conjecturas sobre a qualidade do vehiculo em que viria o joven Horacio, tão anciosamente esperado.

Viria em *gig*? viria a cavallo? ou protegeria o omnibus com a sua pessoa?

Estas e varias outras conjecturas d'igual importancia augmentaram a attenção da snr.^a Malderton e de sua filha durante toda a manhã.

—Palavra de honra, minha amiga, disse Malderton para sua mulher, que é uma coisa que me causa bastante ferro, dar-se teu irmão por convidado para jantar hoje em nossa casa.

—Ora essa!

—Por causa da visita de Sparkins, continuou Frederico, absteve-me, de proposito, de convidar pessoa alguma, excepto Flamwel. E então, pensar que havemos de ter teu irmão, um merceeiro, custa a soffrer isto! Não desejaria muito que elle fizesse menção da sua loja diante dos nossos convidados; não, nem por mil libras! Não me importaria muito que viesse, se elle tivesse o bom senso de occultar o seu desgraçado modo de vida, deshonra da nossa familia: mas o maldito tem tanto a peito o seu negocio, que pôr força ha-de deixar conhecer aos outros o que é.

Jacob Barton, o individuo a quem alludia o snr. Malderton, era um merceeiro com negocio em grande escala: tão vulgar e tão falto de senso (no parecer do cunhado), que nunca escrupulisava em dizer que não estava acima do seu negocio, com que ganhava o seu dinheiro, e pouco se importava que alguém soubesse isto.

—Ah! meu caro Flamwell, como passa? disse o snr. Malderton, logo que entrou na sala um homemsinho d'olhos verdes; recebeu o meu bilhete?

—Recebi, sim senhor; e em consequencia d'isso aqui estou.

—Conhecerá por acaso de nome esse snr. Sparkins? Como conhece toda a gente...

O snr. Flamwell era uma d'essas pessoas que se dão importancia, pelo simples motivo de dizerem que conhecem muita gente, um d'estes sujeitos que se encontram occasionalmente na sociedade, pretendendo ter largas relações, e não conhecendo ninguém.

Na casa da familia Malderton, onde eram bem recebidas quaesquer historias a respeito de pessoas d'alta gerarchia, era elle muito bemquisto; e conhecendo com quem tinha a tractar, a sua mania de conhecer toda a gente tomava então as maiores proporções.

Tinha um modo singular de dizer as suas maiores

mentiras, n'um parenthesis, e com um ar d'abnegação como se receiasse ser julgado egoista.

—Não, não o conheço por esse nome, replicou Flamwell em tom baixo, e com ar de immensa importancia. Parece-me comtudo, accrescentou elle, que não tenho duvida que hei-de conhecê-lo. E alto?

—Sim, senhor, replicou Thereza vivamente.

—Com um nariz alguma coisa arrebicado.

—Não! disse Thereza desapontada—tem um nariz romano.

—Eu disse um nariz romano, não disse? O tal sujeito é um rapaz elegante?

—Oh! certamente.

—Com maneiras notavelmente delicadas.

—Sim, sim, disseram a um tempo todos os membros da familia.

—Devo conhecê-lo.

—Logo pensei que o senhor devia conhecê-lo, se elle fosse alguém, exclamou triumphantemente o snr. Malderton. Quem se persuade que elle seja?

—Da descripção que me fazem, disse Flamwell ruminando e abaixando a voz, o tal sujeito tem grande similhaça com o Honourable Augusto Fitz-Edward Fitz-John Fitz-Osborne. É um rapaz de muito talento, e bastante excentrico. É muito provavel que elle tenha trocado o seu nome para algum fim temporario.

O coração de Thereza bateu com força. Seria elle o Honourable Augusto Fitz-Edward Fitz-John Fitz-Osborne! Que magnifico nome para ser elegantemente gravado sobre dois bilhetes de lustroso cartão, atados com uma pequena fitinha de setim branco!—Esposa do Honourable Augusto Fitz-Edward Fitz-John Fitz-Osborne.

Só este pensamento lhe produziu um accesso de alegria.

—Faltam cinco minutos para as cinco, disse Mal-

derton, olhando para um relójo: queira Deus que elle nos não dê um desapontamento.

—Elle ahí está! exclamou Thereza, ouvindo bater na porta duas pancadas. Todos procuraram fingir— como se faz geralmente quando se espera alguma visita especial—que não suspeitavam a vinda de pessoa alguma.

Abriu-se a porta da sala.

—O snr. Barton, disse o criado.

—Maldito homem, disse consigo Malderton. Depois accrescentou em voz alta: Ah! meu caro amigo, como passa? Que ha de novo?

—Nada, retorquiu o merceeiro com os seus modos rudes e honestos, nada que eu *saiva*. Tudo está em paz pôdre. Como vão *vocês*, raparigas?

—Senhor Flamwell, tenho o gosto de o cumprimentar.

—Ahi está o snr. Horacio Sparkins, disse Thomaz, que estivera olhando para fóra da janella—e em que bello cavallo preto elle vem.

Era effectivamente Horacio, montado n'um grande cavallo preto, fazendo curvettas, e empinando, como um figurante do circo d'Astley.

Depois do cavalleiro puxar muito pela rêdea, com os usacs acompanhamentos da parte do cavallo, de rinchar, curvettar, e escoicinhar, o animal consentiu em parar a coisa de cem jardas da porta, e allí se apeou Sparkins, confiando o cavallo ao cuidado do groom de Malderton.

A cerimonia da introduccão foi feita com todas as fórmãs devidas.

Flamwell olhava através dos seus oculos verdes, com ar de mysteriosa importancia: e o galante Horacio exprimia com a sua physionomia coisas indiziveis para Thereza, que, pela sua parte procurava parecer pouco affectada.

—É elle o Honourable Augusto—como se chama? disse em voz baixa a snr.^a Malderton para Flamwell quando este a acompanhava de braço dado para a sala do jantar.

—Não é exactamente, replicou aquella grande authoridade, não é exactamente o mesmo.

—Quem é *elle* então?

—Pschiu! disse Flamwell, meneando a cabeça com ar grave, querendo dar a entender que sabia perfeitamente quem era o recém-chegado, mas por muitas e graves razões d'estado, estava impossibilitado de divulgar o segredo. Podia talvez ser um dos ministros, disfarçado para se tornar conhecedor das necessidades do povo.

—Snr. Sparkins, disse a snr.^a Malderton cheia de jubilo, peço-lhe que divida as senhoras.

—João, ponha uma cadeira áquelle senhor entre as meninas.

Era isto dito a um homem, que em occasiões ordinarias servia ora de groom, ora de jardineiro: mas na presente occasião, como era muito importante que Horacio Sparkins recebesse boa impressão, tinha sido mettido dentro d'uma gravata branca e d'uns sapatos de verniz, e limpo e escovado para ter a apparencia d'um escudeiro.

O jantar era excellente.

Horacio tinha toda a sua attenção fixa em Thereza, e todos se sentiam muito satisfeitos, á excepção de Malderton, que conhecendo as propensões de Barton, seu cunhado, soffria aquella especie de agonia, que, segundo os jornaes nos informam, experimentam os habitantes d'uma localidade, quando alguem d'alli se enforca n'uma trapeira ou palheiro, e que póde ser melhor imaginada do que descripta.

—Flamwell! tem visto ultimamente o seu amigo sir Thomaz Noland, inquiriu Malderton, deitando um

olhar de soslaio para Horacio, a fim de conhecer o effeito que sobre elle produzia a menção de tão illustre nome.

—Não—ultimamente não: vi antes de hontem Lord Gubbleton.

—Ah! espero que s. s.^a passe bem, disse Malderton em tom de muito interesse.

É escusado dizermos que até áquelle momento ignorára a existencia de tal pessoa.

—Sim, elle estava de perfeita saude—passava optimamente.

—É um bello homem: encontrei-o na City, e estive tagarelando com elle muito tempo. Tenho muita intimidade com elle. Apesar d'isso, não pude estar conversando com s. s.^a tanto tempo como desejava, porque ia para casa do meu banqueiro, homem muito rico, e membro do parlamento, e com quem tenho tambem alguma, posso mesmo dizer—muita intimidade.

—Bem sei de quem falla, retorqui o dono da casa, mas na realidade sabendo tanto de quem se fallava como o proprio Flamwell.

—Tem um negocio em larga escala.

Flamwell tocára n'um topico desastroso.

—A proposito de negocio, interrompeu Barton do centro da mesa, oiça lá: aquelle sujeito que você conhece muito bem, Malderton, antes de ter feito aquella feliz especulação, veio outro dia á nossa loja e...

—Barton, faz obsequio de servir-me uma batata, interrompeu o desgraçado dono da casa, esperando d'este modo cortar a historia pela raiz.

—Com todo o gosto, replicou o merceeiro, completamente alheio ás intenções do cunhado—e disse-me d'uma maneira muito simples...

—Faz-me favor de passar o mólho, interrompeu Malderton de novo receiando o final da anecdota, e a repetição da palavra *loja*.

Disse elle, continuou o merceeiro, depois de ter despachado o mólho—disse elle: como vai o negocio? E vai eu respondi-lhe rindo: você sabe o meu costume, não sou mais que o meu negocio, e espero que o meu negocio não será mais do que eu. Ah! ah! ah!

—Snr. Sparkins, disse o dono da casa, procurando debalde occultar o rubor que lhe subiu ás faces, serve-se d'um calix de vinho?

—Com muito gosto.

—À sua saude.

—Obrigado.

—Estavamos fallando na noite passada, concluiu Malderton, dirigindo-se a Horacio, parte com intenção de tornar notoria a eloquencia do seu novo amigo, e parte na esperança de abafar as historias do merceeiro, estavamos fallando outro dia ácerca da natureza do homem. O seu argumento deu-me muito que pensar.

—E a mim, disse Frederico.

Horacio inclinou graciosamente a cabeça.

—Qual é a sua opinião a respeito da mulher, snr. Sparkins? perguntou a snr.^a Malderton.

As meninas sorriram-se.

—O homem, replicou Horacio, o homem quer habite as alegres, florescentes, e encantadoras planicies d'um segundo Eden, ou as regiões estereis, e atrevo-me a dizer, estupidas, a que somos obrigados a acostumar-nos em tempos como os que vão correndo: o homem, digo, em quaesquer circumstancias ou em qualquer logar—quer esteja soffrendo o rigor do tufão gelado na zona fria, quer esteja abrazado debaixo dos raios d'um sol vertical—o homem, sem a mulher—estaria só.

—Sinto immenso prazer em vêr que manifesta opiniões tão honrosas, snr. Sparkins, disse a snr.^a Malderton.

—E eu tambem, accrescentou Thereza.

Horacio olhou para a menina com um gesto d'amor, e a joven corou como uma peonia aberta.

—É minha opinião... disse Barton.

—Já sei o que vai dizer, interrompeu Malderton, resolvido a não dar ao seu parente outra oportunidade de fallar na loja, e eu não concordo comsigo.

—O que? inquiriu o pasmado merceeiro.

—Sinto muito ser d'opinião contraria á sua, Barton, disse o dono da casa d'um modo positivo, como se realmente estivesse contradizendo uma proposição que outro tivesse apresentado,—mas não posso assentir ao que considero uma monstruosa proposição.

—Mas eu queria dizer...

—Nunca me poderá convencer! disse Malderton com ar de determinação obstinada. Nunca!

—E eu, disse Frederico, vindo em auxilio de seu pae, não posso inteiramente concordar com os argumentos do snr. Sparkins.

—Que! disse Horacio, que se tornou mais metaphisico e mais argumentativo, quando viu a parte feminina da familia escutando deleitada—que! não é o effeito a consequencia da causa? Não é a causa percursora do effeito?

—Esse é o ponto, disse Flamwell.

—Certamente, disse Malderton.

—Porque se o effeito é consequencia da causa, e se a causa precede o effeito, vejo que decididamente está enganado, accrescentou Horacio.

—Decididamente, disse Flamwell.

—Pelo menos parece-me que a deducção é justa e logica? disse Sparkins em tom de interrogação.

—Sem duvida, disse Flamwell de novo, termina o ponto.

—Talvez, accrescentou Frederico; não me tinha occorrido isso antes.

—Não comprehendo o caso ainda muito bem, disse o merceeiro, mas emfim deve ser assim.

As senhoras levantaram-se e sahiram.

—Como elle é instruido! segredou a snr.^a Mالدerton para suas filhas, quando se retiraram para a sala de visitas.

—Oh! é um prodigio, disseram ao mesmo tempo as duas meninas, falla como um oraculo. Deve ter muito conhecimento da vida.

Tendo ficado na sala unicamente os cavalheiros, seguiu-se uma pausa, durante a qual todos pareceram muito graves, como se tivessem ficado subjugados pela profunda natureza da discussão prévia. Flamwell, que tinha disposto o seu espirito para descobrir quem e o que era realmente Horacio Sparkins, foi o primeiro a quebrar o silencio.

—Desculpe-me a pergunta, disse aquelle distincto personagem. Presumo que estudou para seguir a advocacia? Tive um dia idéas de seguir essa distincta profissão; tinha bastante intimidade com alguns dos seus mais distinctos ornamentos.

—Não, não! disse Horacio com alguma hesitação, não exactamente.

—Mas, ou eu me engano, ou tem palpado muito as togas de sêda? inquiriu Flamwell com deferencia.

—Quasi toda a minha vida, replicou Sparkins.

Flamwell resolveu immediatamente comsigo proprio a questão. Horacio era pessoa pertencente a familia nobre.

—Eu não queria ser advogado, disse Thomaz, falando pela primeira vez, e olhando em redor da mesa para encontrar alguém que tivesse tomado nota da observação.

Ninguém respondeu.

—Não havia de gostar muito de pôr a cabelleira,

acrescentou Thomaz, atrevendo-se a apresentar outra observação.

— Thomaz, peço-te que te não tornes ridiculo, disse-lhe o pae. Está attento, aprende com a conversação que ouves, e não estejas constantemente fazendo essas observações absurdas.

— Está bem, papá, disse o infeliz Thomaz, que não tinha pronunciado uma unica palavra depois que pedira uma segunda fatia de carne, ás cinco e um quarto, e eram então oito horas.

— Vamos lá, Thomaz, disse-lhe o tio, não importa— eu penso contigo. Não gostaria muito de pôr uma cabelleira. Antes prefiro pôr um avental.

Malderton tossiu com violencia. Barton rematou o periodo:— «Porque se um homem quer ser mais do que o seu negocio...»

— Snr. Sparkins, disse Flamwell, voltando á carga, conhece acaso Monsieur Delafontaine de Bedford-Square?

— Já me visitei com elle: depois do que tive occasião de lhe prestar um notavel serviço, replicou Horacio, fazendo-se ligeiramente córado, sem duvida por ter feito esta confissão.

— É muito afortunado se teve occasião de servir aquelle grande homem, observou Flamwell com ar de profundo respeito.

— Não sei quem elle é, segredou Flamwell confidencialmente para Malderton, quando acompanhavam Horacio até á sala de visitas. É todavia bem claro que elle pertence ao fôro, e que é pessoa de grande importancia, e bem relacionada.

— Sem duvida, sem duvida, retorquiu o compaheiro.

O resto da tarde passou-se muito deliciosamente. Malderton ficou alliviado das suas apprehensões, em

consequencia de Barton cahir em profundo somno, e tornou-se affavel e gracioso o mais possivel.

A menina Thereza tocou a *Queda de Paris*, segundo declarou o snr. Horacio Sparkins, d'um modo magistral, e ambos elles, acompanhados por Frederico, cantaram um sem numero de cançonetas e de trios: tendo feito a agradavel descoberta de que as vozes dos tres cantores harmonisavam muito.

Com certeza cantavam a primeira parte; e Horacio, com addição ao ligeiro inconveniente de não ter ouvido, estava perfeitamente innocente a respeito de conhecer uma nota de musica. Apesar d'isso, passaram o tempo muito agradavelmente, e já era mais de meia noite quando Sparkins mandou vir o seu cavallo—ordem que foi cumprida immediatamente, logo que aquelle cavalheiro asseverou debaixo de sua palavra de honra que havia de repetir a visita no domingo seguinte.

—Mas o snr. Sparkins talvez nos fará companhia á noite, suggeriu a snr.^a Malderton. Meu marido quer levar as meninas a vêr a pantomima.

O snr. Sparkins assentiu, e prometeu ir ter com elles ao camarote n.^o 48, durante aquella noite.

—Não lhe pediremos para nos acompanhar de dia, disse a menina Thereza d'um modo encantador, porque a mamã quer ir connosco ás lojas, e eu sei que os homens teem grande horror a acompanharem as senhoras a essas visitas.

Sparkins declarou que teria grande prazer em acompanhar as meninas, mas um negocio de grande importancia occupava-o durante todo o dia.

Flamwell olhou para Malderton d'um modo significativo:

—Que disse eu? segredou-lhe.

No dia seguinte, ao meio dia, o *fly* estava á porta de Oak Lodge para conduzir a snr.^a Malderton e suas filhas na expedição diurna. Deviam jantar e vestir-se

para o espectáculo na casa d'uma amiga. Primeiramente foram alli levar os vestidos e as bocêtas com chapéos, e em seguida dirigiram-se a fazer algumas compras ao estabelecimento dos snrs. Jones, Spruggins, e Smith de Tottenham-court-road: depois do que tinham de ir a Bredwyne em Bond-street, e d'alli a innumereveis logares, de que nunca pessoa alguma ouvira fallar antes.

As meninas faziam esquecer as horas de tedio do caminho, elogiando Horacio Sparkins, ralhando com a mamã por as ter levado tão longe para poupar um schilling, e duvidando sempre se chegariam ao seu destino.

Por fim o vehiculo parou diante d'uma loja de fazendas brancas, com apparencia pouco lisongeira, e com objectos de todas as qualidades, e etiquetas de todos os tamanhos nas vidraças.

Encontravam-se alli todos os objectos de que uma dama tem necessidade; regalos de todos os preços e qualidades: sapatos de *bom bezerro francez*, a dois schillings e nove pences o par: guarda-solinhos verdes com o punho como o cabo dos trinchadores, a um preço igualmente commodo: e toda a especie de fazendas, como diziam os proprietarios do estabelecimento—e deviam-no saber melhor do que ninguem—cincoenta por cento abaixo do preço do custo.

—Oh! mamã, a que sitio nos veio trazer! disse Theresza, o que diria o sr. Horacio se nos visse aqui?

—É verdade, o que diria! disse Marianna horrorizada com tal idéa.

—Queiram sentar-se, minhas senhoras. Que artigo desejam vêr? perguntou o obsequioso mestre de ceremonias do estabelecimento, que com uma grande gravata branca, e um laço enorme, se assimilhava a um mau retrato d'um cavalheiro na exposiçào de Somerset-House.

—Desejo vêr algumas sêdas, respondeu a snr.^a Malderton.

—N'um momento, minha senhora.—Snr. Smith; onde está, snr. Smith?

—Estou aqui, gritou uma voz no fundo da loja.

—Ande depressa, snr. Smith, dizia o mestre de ceremonias—o senhor nunca apparece quando é preciso.

O snr. Smith, assim rogado a apressar-se, saltou com grande agilidade por cima do balcão, e veio collocar-se em frente das freguezas recém-chegadas.

A snr.^a Malderton soltou um grito: Thereza, que estava curvada a conversar com sua irmã, ergueu a cabeça, e quem havia de vêr?

—Horacio Sparkins!

Correremos um véo, como dizem os escriptores de novellas, sobre a scena que se seguiu.

O mysterioso, philosopho, romantico, metaphysico Sparkins—aquelle que para a interessante Thereza era o verdadeiro ideal dos jovens duques e outros personagens poeticos de mantos de seda azul, e sapatos dito dito, de que lera e com que sonhara, mas que nunca esperára vêr—convertia-se subitamente em Samuel Smith, caixeiro d'uma loja reles, cuja existencia datava de tres semanas!

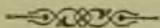
O desaparecimento do heroe d'Oak Lodge, logo que reconheceu as damas, só pode ser comparado com a fugida d'um cão vadio quando os garotos lhe prendem uma lata ao rabo.

As esperanças dos Maldertons desapareceram como o relampago; e a menina Thereza tinha agora tanta probabilidade d'encontrar um marido, como o capitão Ross de descobrir a passagem do noroeste.

Tem-se passado alguns annos depois da occorrença d'aquelle terrivel dia. As boninas já floresceram tres vezes em Camberwell-Green—já por tres vezes tambem

alli eccoaram os gorgeios estivaes dos pintasilgos; mas as meninas Maldertons ainda estão á espera de marido.

Thereza cada vez tem menos probabilidades d'encontrar um. Flamwell ainda está no zenith da sua reputação, e a familia Malderton continua a ter ainda grande predilecção pelos personagens aristocraticos, com profundo desprezo por tudo o que é *baixo*.



O VÉO NEGRO

Em uma noite de inverno, cerca do fim de 1800, ou mais anno menos anno, um joven cirurgião, que completara havia pouco o seu curso, achava-se sentado no seu quarto junto d'um agradavel fogo, escutando o sibilar do vento, que, em lufadas, impellia a chuva em grossas bagas contra os vidros da janella, sussurrando lugubrememente ao fender-se d'encontro á chaminé.

A noite estava humida e fria: o joven cirurgião, que andára todo o dia atascado em lama e agua, estava agora descansando, embrulhado em um roupão, e de chinellos, mais adormecido que acordado, mas ainda assim revolvendo mil coisas na sua fertil imaginação.

A principio esteve pensando no modo como o vento soprava com força, e como estaria n'aquelle momento ensopado na fria e penetrante chuva, se não estivesse acolhido confortavelmente em casa.

Em seguida veio-lhe á mente a visita que, pelo Natal, costumava fazer á sua terra e aos seus amigos mais caros: pensou no contentamento que todos sentiriam ao vê-lo, e na felicidade que daria a Rosa, se elle lhe podésse dizer que por fim já tinha um doente, e a esperança de ter mais, e de voltar dentro em pouco a esposal-a e leval-a para casa, a fim de tornar alegre o seu domicilio, ajudando-o nos cuidados domesticos.

Depois passou o joven praticante de cirurgia mui detidamente a cogitar, quando lhe appareceria o primeiro doente, ou se por acaso seria destinado por especial dispensa da Providencia a não ter nenhum: e então de novo começou a pensar outra vez em Rosa; adormeceu e sonheu com ella, até que lhe pareceu que lhe soava aos ouvidos o som da sua voz, e que a leve e delicada mãosinha da sua querida lhe estava poisada no hombro.

De facto estava sobre um dos seus hombros poisada uma mão, mas não era nem leve nem delicada: pertencia a um corpulento rapaz, senhor d'uma enorme cabeça, o qual, mediante a somma d'um schilling por semana e comida, estava ao serviço da parochia, para ser portador de remedios e recados. Como não havia occasião de ser empregado no primeiro mister, nem necessidade do ultimo, occupava usualmente as suas horas vagas—quatorze por dia, pouco mais ou menos—em comer e dormir, para não deixar de fazer alguma coisa.

—Está alli uma senhora, meu amo—uma senhora! disse a meia voz o rapaz, acordando o amo com um empurrão.

—Que senhora? exclamou o joven facultativo, levantando-se, com pouca certeza de que o seu sonho fosse illusão, e esperando que a senhora fosse a sua Rosa.—Que senhora? Onde está?

—Alli, senhor, replicou o rapaz apontando para a

porta da vidraça que conduzia ao gabinete cirurgico, e com uma expressão de susto, que poderia ter causado o apparecimento pouco usual d'um freguez!

O cirurgião olhou para a porta, e levantou-se de repente ao contemplar a visita inesperada.

Era uma mulher de estatura elevada, trajando de lucto rigoroso, e conservando-se tão proxima da porta, que o seu rosto quasi tocava na vidraça.

A parte superior do corpo da senhora de quem fallamos, estava cuidadosamente envolvida n'um chaile preto, com o qual parecia querer-se occultar, e o rosto tinha-o coberto por um espesso véo negro. Conservava-se perfeitamente perpendicular, e a sua figura desenhava-se em toda a altura. Apesar do cirurgião conhecer que os olhos encobertos pelo véo estavam fixados sobre elle, a senhora conservou-se perfeitamente immovel, e não deu mostras, pelo menor gesto, de ter a consciencia de que elle a estava contemplando.

—Deseja consultar-me? perguntou elle com alguma hesitação, conservando a porta aberta. Abriu-a para dentro, mas não obstante, o movimento não alterou a posição da mulher, que se conservou immovel no mesmo logar.

A dama inclinou ligeiramente a cabeça em signal d'assentimento.

—Tenha a bondade de entrar, disse o cirurgião.

A dama deu um passo á frente, e depois, voltando a cabeça na direcção do rapaz—com infinito horror d'elle—pareceu hesitar.

—Vai-te embora, Thomaz, disse o joven cirurgião dirigindo-se ao rapaz, cujos olhos bogalhudos se haviam arregalado desmarcadamente durante esta breve entrevista.—Desce a cortina e fecha a porta.

O rapaz correu um reposteiro verde através da parte envidraçada da porta, retirou-se para o gabinete de trabalho, fechou a porta sobre si, e immediatamente

applicou um dos seus grandes olhos ao buraco da fechadura do outro lado.

O cirurgião puxou uma cadeira para junto do fogão e indicou uma cadeira á visita. A mysteriosa personagem encaminhou-se vagarosamente para o lugar indicado, e como o clarão do fogo dêsse de chapa sobre o vestido preto, pôde o cirurgião observar que a cauda e a roda d'elle estavam saturadas de lama e de chuva.

—Está muito molhada? disse elle.

—Estou, disse a dama em voz baixa e concentrada.

—E sente-se incommodada? accrescentou o cirurgião compadecido, porque a expressão da voz da pobre senhora era a d'uma pessoa que soffre cruelmente.

—Sinto-me, respondeu ella, muito mal: não physicamente, mas moralmente. Não é para mim, ou por minha causa, continuou a dama, que venho procural-o. Se eu estivesse soffrendo algum padecimento corpóreo, não sabiria a esta hora de casa, e muito menos em uma noite como esta; e se o meu mal fosse d'aqui a vinte e quatro horas, Deus sabe com que satisfação ajoelitaria para lhe pedir a morte. É por causa d'outra pessoa que venho rogar-lhe o seu auxilio. Parecerei louca—às vezes chego a pensar que o estou—em vir fazer-lhe este pedido para elle; mas, nas noites, umas apoz outras, durante as longas horas em que eu velava e chorava, esse pensamento estava-me sempre presente na mente, e ainda que eu conheça a inellicacia do auxilio humano para o salvar, o cruel pensamento de o depositar no tumulto sem tentar antes todos os esforços possiveis para lhe restituir a vida, faz-me gelar o sangue!

E um grande tremor, que o cirurgião conheceu perfeitamente que a arte não podia produzir, agitou todo o corpo da mysteriosa dama.

Havia um tal desespero nas maneiras d'aquella mulher, que commoveu o coração do joven cirurgião.

Era ainda novato na sua profissão, e não tinha tido tempo de presenciar as miserias que diariamente se apresentam ante os olhos dos membros da sua classe, para poder contemplar com indiferença o soffrimento humano.

—Se a pessoa de quem está fallando, disse elle levantando-se apressadamente, se acha em condição tão desesperada como a que descreve, não se deve perder um momento. Parto comsigo instantaneamente. Porque não consultou os medicos ha mais tempo?

—Porque então seria inutil—porque é inutil agora mesmo, replicou a senhora, estorcendo as mãos na maior afflicção.

O cirurgião lançou um olhar prescrutador para o véo negro da dama, como se procurasse conhecer-lhe a expressão das feições por detraz d'elle: a sua espesura, todavia, impediu-lhe a realisação do desejo.

—A senhora está doente, disse-lhe elle com ar risonho, ainda que o não conhece. A febre, que lhe deu forças para supportar a fadiga d'esta visita que emprehendeu a minha casa, vai agora apparecendo. Leve isto aos labios, continuou elle, enchendo um copo de agua; descanse por alguns momentos, e diga-me, depois, com todo o socego que poder, qual é a molestia da pessoa a quem se refere, e ha que tempo ella está doente. Logo que eu saiba o que necessito conhecer, para a minha visita lhe ser util, estou prompto a acompanhal-a.

A senhora levou o copo á bôca sem erguer o véo, e poisou-o outra vez sem lhe tocar, desatando em profundo pranto.

—Eu bem sei, disse ella em alto choro, que o que lhe disse agora, lhe ha-de parecer a consequencia d'um delirio produzido pela febre. Já por mais vezes algumas pessoas me tem dito isso, e com menos delicadeza do que o senhor o fez. Não sou já nova: costuma dizer o

povo que quando a vida se vai encaminhando para o ultimo quartel, a gente tem em mais conta os seus curtos momentos—muito embora pareçam de nenhum valor aos outros—do que todos os annos que se passaram, apesar de ligados com as recordações d'amigos velhos já mortos, e dos novos—filhos d'elles, talvez—que nos esqueceram completamente como se tivessem morrido.

«O termo natural da minha vida não deve tardar muitos annos, e deve esse resto, portanto, ser-me caro, mas dal-o-ia de boa vontade sem um suspiro, e até com alegria, se o que vou dizer-lhe fosse falso, ou imaginario. Amanhã de manhã, aquelle de quem estou fallando, estará—sei-o perfeitamente, apesar de que desejaria illudir-me—fôra do alcance do auxilio humano; e todavia, hoje á noite, apesar d'elle estar em perigo de vida, não o pôde ir vêr nem soccorrer.

—Não tenho desejos alguns de augmentar o seu mal, disse o cirurgião depois d'uma curta pausa, investigando o que me acaba de dizer, nem desejo indagar os pormenores d'um assumpto que a senhora parece ter tantos desejos de me occultar: mas ha uma tal incoherencia na sua narrativa, que não posso deixar de lhe fazer algumas considerações, ou antes objecções. A pessoa de quem falla está proxima a morrer esta noite, e todavia eu não posso vê-la agora, quando talvez a minha arte lhe fosse d'algum proveito: a senhora receia que a minha assistencia seja inutil amanhã, e apesar d'isso quer que eu a veja então! Se na verdade essa pessoa lhe é tão cara, como demonstram as suas palavras e maneiras, porque não ha-de fazer todos os esforços para lhe volver a vida, antes que a demora e o progresso da molestia tornem isso impracticavel?

—Valha-me Deus, exclamou a mulher chorando amargamente; como posso eu esperar que os estranhos

acreditem aquillo que a mim mesmo me parece incrível? Não o quer ir então vêr, accrescentou ella, levantando-se subitamente.

—Eu não disse que não me promptificava a ir visital-o, replicou o cirurgião, mas aviso-a de que se persiste n'esse extraordinario adiamento, e o individuo morre, pesa sobre si uma terrivel responsabilidade.

—A responsabilidade ha-de pesar fortemente sobre outra pessoa, replicou com amargura a dama do véo. Qualquer responsabilidade que me toque, fico satisfeita de a supportar, e estou prompta a responder por ella.

—Como eu não incorro em nenhuma, conformando-me com o seu pedido, vel-o-hei amanhã, se me deixar a indicação. A que horas posso ir vêl-o?

—As nove, replicou a senhora.

—Deve desculpar-me se insisto n'estas perguntas, disse o cirurgião, mas diga-me, essa pessoa está a seu cargo agora?

—Não, senhor, foi a unica resposta da dama do véo preto.

—Então se lhe der instrucções para o seu tractamento durante a noite, a senhora não lh'o póde ministrar?

—Não, senhor, não posso, disse a pobre senhora, derramando copiosas lagrimas ao dar aquella resposta.

Vendo o cirurgião que havia pouca probabilidade de obter mais informações, com a prolongação da entrevista, e ancioso de poupar as sensações da mulher, subjugadas a principio por um esforço violento, mas agora patenteadas sem rebuço, e muito dolorosas para serem presenceadas, repetiu a promessa de ir fazer a visita na manhã seguinte á hora marcada.

A senhora, depois de lhe ter indicado uma casa em um sitio obscuro de Walworth, sahiu de casa do facultativo da mesma maneira mysteriosa porque tinha entrado.

Não é difficil de acreditar a profunda impressão que uma noite tão extraordinaria produziu na mente do joven cirurgião, e o muito tempo que elle esteve cogitando, mas com pouco resultado, sobre as circumstancias possiveis do caso. Communicando com a generalidade do povo, tinha elle muitas vezes ouvido e lido casos singulares de varias pessoas presentirem que morreriam dentro em um certo e determinado dia, e mesmo em uma dada hora e minuto, e realisar-se este presentimento.

Por algum tempo esteve inclinado a pensar que o caso presente era d'essa ordem, mas occorreu-lhe que todas as anecdotes d'este genero, que ouvira e lera, eram relativamente a pessoas que presagiaram a sua propria morte e não a dos outros.

A mulher, todavia, fallava d'uma outra pessoa— d'um homem: e era impossivel suppôr-se que um mero sonho ou uma allucinação podésse induzil-a a fallar do proximo passamento de quem quer que fosse, com tanta certeza como ella o fizera. Era pouco admissivel que o homem tivesse de ser assassinado no dia seguinte, e que a mulher, tendo primeiramente consentido na morte d'elle, e tendo sido obrigada a guardar segredo por um juramento, tivesse affroixado, e apesar de incapaz de obstar á perpetração do crime, se determinasse a poupar a vida da victima, interpondo a tempo o auxilio medico.

A idéa de acontecerem taes coisas a distancia de duas milhas de Londres, parecia improvavel e absurda, para ser admittida por um momento. Occorreu-lhe depois a sua primeira impressão, de que as faculdades intellectuaes da mulher estavam desarranjadas: e como era este o unico modo de resolver a difficuldade o mais satisfactoriamente possivel, obstinou-se em acreditar que ella era louca. Não obstante, acudiram-lhe certas desconfianças sobre este ponto, que lhe deixaram na

mente a duvida e a incerteza durante a noite, que foi para elle de completa insomnia, e na qual, apesar de todos os esforços em contrario, foi-lhe impossivel banir da imaginação a imagem da mulher do véo negro.

Walworth, na sua distancia mais longinqua da cidade, é ainda hoje um logar deserto e miseravel; mas ha sessenta annos, a maior parte d'este bairro pouco mais era do que um êrmo árido, habitado apenas aqui e alli por alguns sêres humanos de character duvidoso, inhibidos de viverem em melhor visinhança pela sua pobreza, ou obrigados pela sua industria e modo de vida a procurarem aquella solidão.

Muitas das casas que teem sido edificadas em varias partes d'aquelle bairro, só foram construidas muitos annos depois: e mesmo a maior parte d'aquellas que iam apparecendo, pouco a pouco, eram da mais despresivel e miseravel descripção possivel.

A apparencia do logar, através do qual ia caminhando, não era das mais proprias para animar o joven cirurgião, nem para lhe dissipar qualquer sentimento de anciedade ou receio, que lhe podêsse ter causado a singular visita que ia fazer.

Sahindo para fóra da estrada, o caminho que agora seguia era através de quelhas tortuosas e lodacentas, aqui e alli com casebres em ruinas, ou a desfazerem-se pelo tempo e pela negligencia dos proprietarios.

Aqui uma árvore mal geitosa, e alli uma poça d'agua estagnada, agitada ainda pela pesada chuva da precedente noite, obstruiam o caminho: e aqui e alli uma miseravel nesga de terra, com uma porção de taboas em montão, imitando uma casa, e algumas estacas trazidas das sébes circumvisinhas, testemunhavam não só a pobreza dos habitantes, mas o pouco escrupulo que sentiam em lançar mão da propriedade alheia em proveito proprio.

De quando em quando divisava-se alguma mulher

coberta d'andrajos, e de macilenta physionomia, apparecendo á porta d'algum d'esses casebres, para esvasiar o contheúdo d'algum utensilio de cosinha na goiteira da rua, ou para chamar com toda a força do pulmão alguma desgraçada creança, que se atrevera a desviar-se algumas jardas do lar paterno: afóra isto, nenhuma outra animação se via alli, e o limitado horizonte, que se podia divisar através do pesado nevoeiro, apresentava um aspecto tristonho e carregado, que harmonisava com os objectos que acabamos de descrever.

Depois de ter caminhado muito tempo por cima de lama, e de ter feito varias perguntas acerca do logar que lhe fôra indicado, recebendo sempre outras tantas respostas pouco satisfactorias e contradictorias, o joven cirurgião chegou finalmente á casa que lhe fôra apontada como termo do seu destino.

Era um casebre haixo e pequeno, d'um andar, com um exterior ainda mais miseravel e de peor apparencia do que aquelles por que passara até alli.

Uma cortina velha, amarellada, tapava a vidraça do primeiro andar, e as janellas da sala do jantar estavam cerradas, mas não fechadas de todo. A casa destacava-se das outras, e como estava situada no angulo d'uma viella estreita, não era devassada por nenhuma outra habitação.

Dizendo que o joven cirurgião hesitou, e passeou algum tempo em frente da casa, antes de se atrever a erguer a aldrava, nada dizemos que mereça os sorrisos ironicos do mais corajoso de nossos leitores.

A policia de Londres n'aquelle tempo era bem differente do que é hoje: a posição isolada dos suburbios, n'aquella época em que a mania das edificações e os melhoramentos progressivos os não tinham ligado ao centro principal *City* e arredores, tornava muitos daquelles logares (e este de que fallamos principalmente) refugio d'individuos da condição mais depravada e mi-

seravel. N'aquelle tempo, até as ruas de mais concorrencia eram mal illuminadas, e logares como os de que tractamos eram deixados á mercê da lua e das estrellas.

As probabilidades de se descobrirem os malfeitoses, ou vèstigos d'elles, eram bem poucas então, e por tal razão estes tornavam-se cada vez mais impávidos no crime, tendo a consciencia da impunidade, pela falta de castigo a que sempre escapavam.

Em addição a estas considerações, devemos recordar que o joven cirurgião gastou algum tempo nos hospitaes publicos da capital: e ainda que nem Berke nem Bishop tinham então alcançado grande celebridade, bastava-lhe, todavia, uma leve reflexão para lhe fazer conhecer quão facilmente se podiam commetter os crimes, a que o primeiro dos assassinos mencionados, em tempos subsequentes alliou o seu nome. Fosse qual fosse a reflexão que o fez hesitar, é todavia certo que o nosso heroe hesitou; mas, sendo dotado de grande força de vontade, apenas ficou perplexo um momento —deu subitamente um passo á frente, e bateu na porta do casebre.

Ouviu-se immediatamente depois, um cochichar de vozes, como se alguém no fim do corredor estivesse conversando com outra pessoa do andar superior. Succedeu-se a este o ruido de passos, dados por pessoa que parecia trazer botas ferradas, batendo no soalho.

O cadeado da porta foi tirado devagar, a porta foi aberta, e apresentou-se um homem alto, mal vestido, com cabellô côr d'azeviche, e uma physionomia, segundo o cirurgião declarou depois por varias vezes, tão pallida e cadaverica, como nunca assim vira em defuncto algum.

—Faça favor d'entrar, senhor, disse o homem em voz baixa.

O cirurgião fez o que se lhe dizia, e o homem,

tendo novamente segurado a porta com o cadeado, mostrou o caminho para uma saleta das trazeiras, na extremidade do corredor.

—Cheguei a tempo?

—Um pouco cedo, disse o homem.

O cirurgião olhou subitamente em volta de si, com um gesto de pasmo, acompanhado d'algum susto, que lhe não foi possível reprimir.

—Queira ter a bondade d'entrar para aqui, disse o homem, que evidentemente notou o movimento de pavor do cirurgião; queira entrar, e asseguro-lhe que se não demorará cinco minutos.

O cirurgião entrou immediatamente para a sala. O homem fechou a porta e deixou-o só.

Era uma pequena sala, fria, sem outros moveis mais do que duas cadeiras de pinho e uma mesa da mesma madeira. Algumas poucas achas de lenha, bastante grossas, estavam ardendo no lar do fogão, servindo o pouco calor que produzia aquelle fogo, se não para aquecer, ao menos para tirar um pouco a humidade, que se via gotejando nas paredes do quarto, com grande força. A janella, cujos vidros estavam partidos e substituidos em varios logares por pedaços de papel, dava para um pequeno quintal, quasi coberto d'agua.

Não se ouvia o menor som ou ruido dentro nem fóra da casa. O joven cirurgião sentou-se junto do fogão, aguardando o resultado da sua primeira visita profissional.

Não havia muitos minutos que permanecia n'esta posição, quando o ruido d'um vehiculo, aproximando-se, lhe feriu os ouvidos. O carro parou: abriu-se a porta da rua: succedeu-se o murmúrio de vozes, acompanhado do ruido de passos no corredor e nas escadas, como se dois ou tres homens viessem acarretando algum fardo para a sala de cima.

O ranger das escadas, poucos segundos depois,

annunciou que os recém-chegados, tendo ultimado a sua tarefa, qualquer que fosse, iam deixar a casa.

A porta foi de novo fechada, e o primitivo silencio novamente restabelecido.

Passaram-se outros cinco minutos, e o cirurgião resolvera, justamente n'aquelle momento, explorar a casa em procura d'alguem a quem fizesse conhecer a sua presença alli, quando se abriu a porta da sala, e a mulher da noite antecedente, vestida exactamente do mesmo modo, e com o véo deitado pela cara, lhe fez signal para se adiantar.

A sua altura varonil, junta com a circumstancia de não fallar, fez suspeitar por um instante ao cirurgião, que muito bem podia ser um homem disfarçado em mulher. Todavia os suspiros que saham debaixo do véo, e a attitude convulsiva de pesar que manifestava aquelle vulto, fez-lhe vêr immediatamente quão absurda era a sua suspeita, e induziu-o a segui-la.

A mulher guiou-lhe o caminho pelas escadas acima até á sala da frente, e parou á porta para o deixar entrar primeiro.

A sala estava parcamente mobilada com uma velha caixa de pinho, uma meia duzia de cadeiras, e uma cama de campanha, sem cortinados, nem ferros da cabeceira. A escassa luz que se recebia através da cortina que o cirurgião notara de fóra da porta, tornava os objectos na sala tão indistinctos, e communicava a todos uma côr tão uniforme, que lhe impediu, a principio, de perceber o objecto em que por fim se fixou o seu olhar. Quando o joven cirurgião estava n'estas indagações, a mulher correu tresloucadamente, e foi cahir de joelhos ao lado da cama.

Estendido na cama, envolvido n'um grande lençol de linho e com alguns cobertores por cima, jazia um sêr humano. A cabeça e o rosto, que eram d'um homem, estavam descobertos, e ligados por uma atadura, que

lhe vinha da cabeça até por debaixo dos queixos. Os olhos estavam cerrados. O braço esquerdo estava estendido sobre a cama, e a mulher pegára-lhe na mão.

O cirurgião puxou a um lado, com delicadeza, a mulher, e pegou na mão do homem.

— Meu Deus! exclamou elle deixando cahir o braço involuntariamente, este homem está morto!

A mulher cahiu-lhe aos pés, e segurou-lhe ambas as mãos, implorando-lhe piedade.

— Oh! não diga isso, senhor! exclamou ella n'um accesso de paixão quasi tocando no frenesi. Oh! não diga isso, pelo amor de Deus! Oh! não diga isso, porque não posso supportar taes palavras! Muitas pessoas teem recobrado a vida quando já lh'a davam por perdida; e muitas teem morrido que poderiam ter sido salvas, se se tivessem empregado os meios necessarios. Não o deixe aqui jazer sem fazer algum esforço para o salvar.

«Quem sabe se n'este proprio momento está expirando?»

«Pelo amor de Deus faça todos os esforços para o salvar.»

E em quanto fallava começou d'esfregar com toda a força, primeiro a testa, e depois o peito do vulto inanimado, e depois batia-lhe com as mãos uma na outra, as quaes, logo que ella cessou de as segurar, cahiram inertes na cama.

— É desnecessario todo e qualquer trabalho para o chamar á vida, boa mulher, disse o cirurgião carinhosamente, retirando a mão de sobre o peito do homem.

— Levante aquella cortina.

— Para que? disse a mulher, erguendo-se de repente.

— Levante aquella cortina, disse o cirurgião em tom agitado.

— Eu escureci a sala de proposito, disse a mulher.

collocando-se diante d'elle, quando o cirurgião a queria affastar para ir levantar a cortina.—Oh! senhor! tenha compaixão de mim! Se já não ha remedio, se realmente está morto, não exponha esse cadaver a outros olhos que não sejam os meus!

—Este homem não morreu de morte natural! disse o cirurgião. Preciso vêr o corpo!—e com tão rapido movimento, que a mulher nem tempo teve de conhecer que elle se affastava d'alli; rasgou a cortina, deixou entrar a luz do dia, e voltou para junto do leito.

—Aqui houve violencia, disse elle apontando para o corpo, e olhando attentamente para o rosto da mulher, d'onde pela primeira vez cahira o véo negro.

Um minuto antes tinha aquella desgraçada, no seu excitamento, arrancado o véo, e agora estava com os olhos fixados sobre elle. As suas feições eram as d'uma mulher de cincoenta annos, que outr'ora fôra bella.

Os pesares e as lagrimas tinham-lhe impresso nas feições sulcos e estragos, que o tempo não produziria só de per si; a sua physionomia estava coberta d'uma pallidez mortal, e havia uma contorsão nervosa nos labios, e um fogo tão pouco natural no seu olhar, que bem demonstrava terem as suas forças mentaes e corpóreas cedido ao cumulo da miseria e da dôr.

—Aqui commetteu-se um crime! disse o cirurgião lançando-lhe um olhar prescrutador.

—Commetten! replicou a mulher.

—Este homem foi assassinado!

—Oh! foi, foi! eu tomo a Deus por testemunha, continuou a mulher apaixonadamente, em como elle foi assassinado deshumanamente!

—Por quem? disse o cirurgião, segurando de repente o braço da mulher.

—Olhe para as marcas que lhe deixou o assassino, e depois faça-me a pergunta, replicou ella.

O cirurgião voltou o rosto para o leito, e inclinou-se

sobre o cadaver, que recebia em cheio a luz da janella.

O pescoço do morto estava inchado, e cercava-o uma marca livida.

A verdade patenteou-se subitamente ao cirurgião.

— Este é um dos homens que foram enforcados hoje de manhã! exclamou elle horrorisado, dando um passo á rectaguarda.

— E, replicou a mulher deitando-lhe um olhar fixo e glacial.

— E quem era elle? perguntou o cirurgião?

— *E meu filho!* respondeu a mulher, e cahiu-lhe aos pés sem sentidos.

Era a verdade. Um companheiro, igualmente culpado como elle, fôra absolvido por falta de provas; e este fôra sentenceado e executado.

E desnecessario contarmos as circumstancias do caso succedido n'um periodo tão pouco distante de nós, e mesmo porque a sua narração podia fazer soffrer algumas pessoas ainda vivas.

Aquella historia é igual a muitas que acontecem ahi todos os dias.

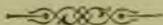
A mãe do executado era uma viuva sem parentes nem recursos, privando-se muitas vezes do que lhe era necessario para o dar ao orphão. Este, esquecido dos rogos da mãe, e das privações que ella passava por sua causa, tinha-se lançado na estrada do vicio e da dissipação. E aquelle fôra o resultado: morrera nas mãos do carrasco, enchendo a desgraçada mãe de vergonha, e causando-lhe uma loucura incuravel.

Por muitos annos depois d'esta occorrença, mesmo quando occupações proveitosas e arduas teriam induzido outros a esquecerem a existencia d'um ente tão desgraçado, o joven cirurgião visitava diariamente a infeliz louca: não sómente alliviando-lhe o rigor da situação com a sua presença e carinhos, mas offertando-

lhe donativos pecuniarios para seu sustento e conforto.

Durante alguns momentos de lucidez, que precederam a morte da infeliz creatura, sabiu-lhe dos labios uma oração ao Altissimo pela felicidade do joven cirurgião, e foi essa oração tão fervente como nunca pronunciou outra mortal algum. A oração subiu ao céu e foi attendida; porque os actos de caridade practicados pelo cirurgião á pobre louca, foram-lhe mil vezes pagos pela felicidade que no futuro gosou.

O joven cirurgião nunca mais olvidou todas as circumstancias da noite em que pela primeira vez viu a mulher do *Véo Negro*.



A EXCURSÃO EM VAPOR

O snr. Percy Noakes era um estudante de direito, que habitava um quarto no quinto andar d'uma d'essas casas de Gray's-inn-square, d'onde se gosa uma extensa vista de jardins e seus adimniculos, que são amas de meninos pavoneando-se, e garotos com pernas em fôrma de parenthesis.

O snr. Percy Noakes era o que geralmente se chama *um grande pandigo*.

Tinha um comprido numero de relações, e raras vezes jantava á sua custa. Costumava fallar sobre politica com os papás, lisongear a vaidade das mamãs, tornar-se amavel com as filhas, combinar partidas de prazer com os filhos primogenitos, e divertir-se á custa dos mais novos.

Da mesma fôrma que todos esses modellos de perfeição, os lacaios desarranjados annunciando-se nos jornaes, o snr. Noakes estava sempre *desejando tornar-se geralmente util*.

Se alguma senhora velha, cujo filho estava na India, dêsse um baile, o snr. Percy Noakes era o mestre de ceremonias; se alguma joven dama casava clandestinamente, lá ia o snr. Percy Noakes servir de testemunha; se alguma esposa juvenil presenteava seu marido com um lindo cherubim, não havia duvida nenhuma em que o snr. Percy Noakes ia servir de padrinho; e se fallecia algum membro da familia d'um amigo, via-se invariavelmente o snr. Percy Noakes n'um carro do acompanhamento, com um lenço nos olhos, chorando—para usarmos da sua apropriada e expressiva phrase—*como um chafariz*.

Póde-se facilmente imaginar que estas numerosas occupações, deviam implicar com os estudos profissionaes de Percy Noakes. Conhecia elle isso perfeitamente, e por essa razão resolveu, depois de maduras reflexões, deixar-se completamente d'estudar—determinação louvavel, a que adheriu da maneira a mais condigna.

O seu quarto apresentava um estranho cáhos de luvas, de ditas d'esgrima, caricaturas, albuns, cartas de convite, floretes, taboleiros de xadrez, desenhos, pinturas, e mil outros objectos, incluindo muitas bugiarias extravagantes, e tudo amontoado na mais exquisita confusão.

Estava sempre fazendo alguma coisa para alguém, ou planisando alguma partida de prazer, que era o seu forte. Fallava invariavelmente com uma rapidez pasmosa, apresentava-se sempre bem vestido, e tinha vinte e oito annos.

—Magnifica idéa, palavra de honra! disse comsigo o snr. Percy Noakes, depois de ter bebido o seu café do almoço, recordando-se d'uma idéa que lhe fôra suggerida na noite antecedente por uma dama, em cuja casa a estivera divertindo—Bella idéa!

—Snr.^a Stubbs! gritou o estudante levantando a voz.

— Senhor! respondeu uma velha de physionomia inflammada, sahindo de dentro da alcova com um barril de lixo e cinzas.—O senhor chamou? disse a velha, que exercia as funcções de criada de Noakes.

— Tome sentido, snr.^a Stubbs, vou sahir: se o alfaiate voltar outra vez, é melhor dizer-lhe... é melhor dizer-lhe, que fui para fóra da cidade, e não volto estes quinze dias; e se vier o sapateiro, diga-lhe que perdi o seu adresse... ou então, que lhe mandarei a pequena conta que lhe devo. E se vier cá o snr. Hardy... conhece o snr. Hardy?

— Aquelle sugeito muito ratão?

— Sim, esse mesmo. Se vier cá o snr. Hardy, diga-lhe que fui para casa da snr.^a Taunton, para combinarmos o passeio pelo rio.

— Sim, senhor; vá descansado.

— E se vier algum rapaz, e disser que vem por causa d'um vapor, diga-lhe que esteja aqui ás cinco horas da tarde. Entendeu, snr.^a Stubbs?

— Perfeitamente, senhor.

O snr. Percy Noakes escovou o chapéo, limpou com um lenço de seda as migalhas das calças, com o dedo indicativo encaracolou as pontas do cabello, e sahiu em direcção ao domicilio da snr.^a Taunton em Great-Malboroughstreet, onde ella e suas filhas occupavam a parte superior da casa.

Era a snr.^a Taunton uma viuva dos seus cincoenta annos, aparentemente bem conservada, com a fórma d'uma gigante, e a intelligencia d'uma creança. O unico cuidado da sua existencia, era procurar sempre prazeres, ou distracções com que matar o tempo.

Era louca pelas filhas, que eram tão frivolas como ella.

Uma exclamação geral de satisfação acolheu a chegada de Percy Noakes, que, depois de cumprimentar as senhoras na fórma usual, se atirou para uma cadeira

commoda, junto á mesa de trabalho das senhoras, com toda a liberdade d'um amigo commensal da familia. A snr.^a Taunton estava muito occupada a prender immensos laços em todas as partes d'um bonnet onde era possivel collocal-os: a menina Emilia Taunton estava fazendo uma cadêa de cabello; e Sophia estava sentada ao piano, estudando uma canção nova — poesia pelo joven official, ou pelo official da policia, ou pelo empregado d'alfandega, ou por algum outro interessante amator.

— Seja bem vindo, disse a snr.^a Taunton, dirigindo-se ao interessante Percy; o senhor, realmente, é um bello rapaz! aposto que veio para combinarmos o passeio pelo rio?

— Pois a que havia eu de vir! replicou o snr. Noakes em ar de triumpho. Aproximem-se as meninas, que lhes vou dizer o que ha.

Emilia e Sophia aproximaram-se da mesa em passo de dança, o que algumas meninas pensam ser uma coisa fascinante.

— Parece-me, continuou Percy Noakes, que o melhor é nomearmos uma commissão de dez pessoas para arranjar tudo, e fazer os preparativos do passeio. Proponho mais, que as despezas devem ser pagas por esses dez sujeitos juntos.

— Excellente idéa, disse a snr.^a Tannton, que approvava altamente esta ultima parte de tão luminosa idéa.

— Depois d'isto, o meu plano é que cada um d'esses dez sujeitos deve ter amplos poderes para convidar cinco pessoas. Deve haver uma reunião dos membros da commissão no meu alojamento, para se fazerem todos os arranjos, e para se nomearem as pessoas convidadas: cada membro da commissão deve ter a faculdade de riscar qualquer que fôr proposto, e uma esphera preta será bastante para excluir esse convidado. Estes preparativos garantem-nos uma bella patuscadal!

—O senhor é um grande homem para estas coisas! interrompeu a snr.^a Taunton.

—Magnifico! disse a amavel Emilia.

—Como não conheço outro! exclamou Sophia.

—Parece-me que assim vão bem as coisas, hein? disse o snr. Percy Noakes, que se achava no seu elemento. Havemos d'ir até Nore e voltar, e antes de partirmos devemos ter um magnifico almoço frio, na camara do vaporsinho, de modo que tudo esteja lá prompto sem haver confusão: e o lunch deverá ser servido no convés, para podermos gosar o ar livre. Havemos de fretar um vaporsinho expressamente para a nossa excursão; levaremos connosco uma banda de musica para podermos dançar polkas e quadrilhas todo o dia: e havemos de convidar quem saiba de musica... e finalmente, parece-me que o dia se ha-de passar ás mil maravilhas, hein?

O annuncio de taes preparativos, que promettiam tantos divertimentos, foi acolhido com o maior enthusiasmo.

As snr.^{as} Taunton, Emilia e Sophia, desfaziam-se em encomios.

—Ora muito bem: mas diga-me cá, Percy, disse a snr.^a Taunton, quem devem ser os dez sujeitos escolhidos?

—Oh! eu conheço muitos rapazes que estão mortos por serem nomeados, replicou Percy Noakes: com toda a certeza devemos escolher...

—O snr. Hardy, interrompeu o criado annunciando uma visita. As duas meninas assumiram as attitudes mais interessantes, que podiam ser adoptadas em tão curto espaço de tempo.

—Como estão? disse um sujeito alentado, de cerca dos seus quarenta annos, demorando-se á porta na attitude d'um desazado arlequim.

Era elle o snr. Hardy, o mesmo que ha pouco dis-

semos ser o «sugeito muito ratão», segundo a authoridade da snr.^a Stubbs.

Era um gracioso, por habito, muito popular entre as senhoras casadas, e muito favorito dos rapazes solteiros.

Estava sempre compromettido para algum passatempo de qualquer especie que fosse; e n'essas occasiões divertia-se sempre a pregar alguma peça a alguém.

Cantava immensas cantigas populares, imitava os cocheiros de praças e as gallinhas, tocava muitas peças de musica nos queixos, e tambem berimbau com perfeição.

Comia por quatro, bebia por outros tantos, e era o amigo querido de Percy Noakes.

Tinha cara vermelhaça, voz aspera, e soltava risadas de trovão.

—Como vai isso? disse o espirituoso, rindo, como se um cumprimento fosse um excellente gracejo, e apertando as mãos ás damas com tanta vehemencia, como se os braços d'ellas fossem bombas de nora.

—Es justamente o homem que eu precisava, disse Percy Noakes, que passou a explicar-lhe a causa porque o requisitava.

—Ah! ah! ah! exclamou Hardy, depois de ouvir a exposição, e de tomar conhecimento da excursão projectada. —Magnifico! excellente! Que bello dia havemos de passar! Que grande patuscada! —Mas, olha lá, quando vaes principiar a fazer os preparativos?

—Parece-me que o melhor seria agora... que dizem?

—Isso bom é! exclamaram as senhoras! tracte-se d'isso já.

Papel, tinta e pennas, foi tudo posto, n'um abrir e fechar d'olhos, diante de Percy Noakes, e depois de muita discussão entre elle e Hardy, como se de tudo

aquillo dependesse o destino das nações, foram nomeados os membros da commissão.

Concordaram depois em que uma reunião devia ter logar no domicilio de Percy Noakes, na quinta feira ás oito horas da tarde, e separaram-se os dois.

Chegou a noite de quinta feira: soaram as oito, e oito membros da commissão foram pontuaes á reunião.

O snr. Loggins, o procurador, de Boswelcourt, enviou uma escusa, e o snr. Samuel Briggs, dito de Farnival's Inn, mandou seu irmão, com muita satisfação d'elle (irmão), e com grande desprazer de Percy Noakes.

Entre as Briggses e as Tauntons existia um odio implacavel, como não havia memoria d'outro igual.

A animosidade que reinou entre os Montechios e Capuletos, foi nada comparativamente com a que prevalecia entre as duas illustres familias que mencionamos.

A snr.^a Briggs era uma viuva com tres filhas e dois filhos: Samuel, o primogenito, era advogado, e Alexandre, o mais novo, practicava com seu irmão.

Residiam em Portland-street, e moviam-se na mesma orbita que as Tauntons—d'ahi a mutua desaffeição de ambas as familias. Se as meninas Briggses appareciam com chapéos da ultima moda, as Tauntons eclipsavam-nas com outros chapéos d'uma moda futura, e portanto de grande novidade e effeito.

Se a snr.^a Taunton, mãe, apresentava um enfeite com todas as côres do arco-iris, não tardava muito que a snr.^a Briggs sahisse á luz com uma touca, com todos os objectos d'um Kaleidoscopo.

Se a menina Sophia Taunton aprendia uma nova canção, as duas meninas Briggses apresentavam um novo duetto.

Se as Tauntons obtivessem um triumpho dedilhando harpa, não tardava que apparecessem em campo as

Briggses com duas guitarras, com as quaes effectivamente derrotavam o inimigo.

Não havia fim á rivalidade entre ellas.

Ora, como Samuel Briggs era uma mera machina, uma especie de manequim ambulante, e como era bem sabido que a excursão fôra originada, ainda que remotamente, pelas Tauntons, a parte feminina da familia Briggs arranhou com que Alexandre assistisse á reunião em lugar de seu irmão: e como o sobredito Alexandre era altamente conhecido por possuir em subido grau a pertinacia d'um advogado de tribunal de Banquarrotas, junta á obstinação d'aquelle interessante animal que costuma roer o serdo — poucas recommendações lhe foram necessarias.

Pediram-lhe todavia para que, sobretudo, se tornasse o mais desagradavel possível, e que a todo o custo deitasse fava preta nas Tauntons.

Percy Noakes abriu a sessão; e depois de ter feito notar aos cavalheiros presentes a propriedade de misturarem alguma aguardente na agua, expôz á assembléa o importante objecto da reunião; e concluiu observando, que o primeiro passo que tinham a dar era a nomeação d'um presidente, possuindo alguns poderes arbitrarios — não inconstitucionaes, accrescentava elle — a quem fosse confiada a direcção pessoal de todos os arranjos (sujeito tudo isto á approvação da commissão).

Um dos circumstantes, joven pallido, com uma grande gravata verde e oculos da mesma côr, membro da honrosa associação de Inner Temple, levantou-se immediatamente, com o fim de propôr Percy Noakes. «Elle, orador, tinha-o conhecido por largos annos, e podia imparcialmente affirmar, que nunca conhecera pessoa alguma mais honrada, de melhores qualidades, ou dotada de tão excellente coração!» (Apoiado—apoiado!)

O joven orador, que era membro d'uma sociedade de

debates, aproveitou esta occasião opportuna para entrar n'um profundo exame do progresso das leis inglezas, desde a época de Guilherme, o conquistador, até ao periodo presente: tocando ligeiramente no codigo estabelecido pelos antigos Druidas, e referindo-se de passagem aos principios estabelecidos pelos legisladores athenienses:— e concluiu com um elogio apaixonado aos pic-nics, e aos direitos constitucionaes.

O snr. Alexandre Briggs oppôz-se á proposta, dizendo:

«Que professava a mais alta estima pelo snr. Percy Noakes, como individuo; mas considerava do seu dever dizer, que não se lhe deviam confiar a elle poderes tão illimitados. (Oh! oh!)—Acreditava elle, orador, que o snr. Percy Noakes, investido no cargo da presidencia, não se portaria imparcial e honrosamente: mas todavia pedia á illustre assembléa que tivesse bem em consideração, que elle, orador, dizia isto sem o menor intuito de offender o respeitavel personagem a quem se referia.»

O snr. Hardy levantou-se e defendeu o seu nobre amigo, n'um metal de voz que a aguardente e a emoção tornavam inintelligivel.

A proposta foi posta á votação, e como só havia um dissidente, Percy Noakes foi declarado devidamente eleito, e por consequencia assumiu a presidencia.

Os trabalhos da reunião caminharão então com grande rapidez.

O presidente apresentou o seu calculo sobre a despesa provavel da excursão, e cada pessoa presente subscreeveu conforme o rateio.

Tractou-se de discutir se o *Ligeiro* devia ser freado: o snr. Alexandre Briggs fez uma proposta para que a palavra *Ligeiro* se transformasse em *Rapido*; mas depois d'alguns debates, consentiu em retiral-a.

Começou então a importante cerimonia do escrutinio secreto.

Foi collocada sobre uma mesa, n'um canto escuro do quarto, uma chaleira velha; e cada um dos circumstantes munuiu-se com duas espheras, uma preta e outra branca.

O presidente leu então com grande solemnidade a seguinte lista das pessoas que se propunham a convidar:—a snr.^a Taunton e duas filhas, o snr. Wizzle, e o snr. Simpson.

Passou-se á votação, e declarou-se que os nomes da snr.^a Taunton e suas filhas tinham sido rejeitados por uma esphera preta.

Percy Noakes e Hardy trocaram um relancear de olhos.

—A sua lista está prompta; snr. Briggs? inquiriu o presidente.

—Está, replicou Alexandre apresentando a seguinte.

—A snr.^a Briggs e tres filhas, o snr. Samuel Briggs.

Foi repetida a cerimonia do escrutinio, e a snr. Briggs e as suas tres filhas receberam espheras negras.

Alexandre Briggs ficou um tanto aparvado, e os circumstantes ficaram admirados com o resultado da votação.

Procedeu-se de novo á votação; mas uma pequena circumstancia, que Percy Noakes a principio não previra, obstava a que o seu systema dêsse o resultado que elle tinha imaginado—cada pessoa proposta que fosse contemplada com uma esphera preta não podia tornar a ser votada.

O snr. Alexandre Briggs, para se desferrar, exercia a cada momento a faculdade d'exclusão, e o resultado foi que depois de se gastarem tres horas em incessantes votações, sahiam unicamente os nomes de tres cavalheiros.

N'esta collisão, que se devia fazer? ou todo o plano

cahia por terra, ou devia-se effectuar outro arranjo.

Este ultimo alvitre pareceu preferivel: e conseguentemente Percy Noakes propôz para que se dispensasse o escrutinio, e que tão sómente fosse necessario a cada cavalheiro mencionar as pessoas que desejava levar.

A proposta foi immediatamete accete: as Tauntons e os Briggses foram readmittidos, e formou-se a lista dos convivas.

O dia de quarta feira da seguinte semana foi o escolhido para o grande divertimento, e foi resolvido, por unanimidade, que cada um dos membros da comissão usasse uma fitinha azul celeste em volta do braço esquerdo.

Em seguida disse Percy Noakes, que o vaporsinho pertencia á companhia geral de navegação a vapor, e estava ancorado em frente da alfandega. Como elle propozera que o jantar e os vinhos fossem fornecidos por o dono d'um dos melhores restaurantes, concordou-se em que Percy Noakes estaria a bordo ás sete horas para vigiar os preparativos, e que os restantes membros da comissão, juntamente com os convidados em geral, deveriam estar a bordo sem falta ás nove horas.

Esgotou-se mais alguma aguardente e agua; varios estudantes de direito presentes pronunciaram alguns discursos, votaram-se agradecimentos ao presidente, e terminou a reunião.

O tempo estivera bello até este periodo, e bello continuou a estar.

Passou-se domingo, e Percy Noakes tornou-se totalmente desassocegado—corria continuamente para o caes, e voltava, com grande pasmo dos empregados d'alfandega, e grande proveito dos cocheiros de Holborn.

Chegou a terça-feira, e a anciedade de Percy Noakes não tinha limites: a cada momento estava correndo para a janella, a fim de examinar o curso das nuvens; e

Hardy maravilhou os habitantes da rua, ensaiando no quarto do presidente uma canção nova para a funcção.

N'aquella noite o somno de Percy Noakes foi muito perturbado; deu immensas voltas no leito, e sonhou confusamente com vapores levantando ancora, com relos gigantescos com os ponteiros marcando as nove menos um quarto, e com a carantonha feia d'Alexandre Briggs olhando para o barco, e sorrindo-se sarcasticamente pelos infructiferos esforços de Percy em se mover. O estudante fez um esforço violento para se metter a bordo, e acordou.

O sol dardejava seus brilhantes raios no interior do quarto de dormir de Percy Noakes, que se levantou apressado buscando o seu relogo com o terrivel receio de achar realisados os seus peiores sonhos.

Eram cinco horas. Calculou o tempo — tinha de gastar uma boa meia hora a vestir-se, e como estava uma manhã bonita, e a maré estava descendo então, resolveu ir a pé de seu vagar até Strand-lane, onde tomaria um barco para o conduzir á alfandega.

Vestiu-se e sahiu. As ruas estavam tão solitarias e desertas, como se tivessem sido percorridas na noite antecedente pela ultima vez. Aqui e alli um caixeiro madrugador, com os olhos meio fechados pelo somno, estava abrindo as portas da loja: occasionalmente se via algum policeman, ou alguma leiteira caminhando a passo: os criados ainda não tinham principiado a limpar as portas ou accender os fogões, e Londres era uma pintura exacta de desolação.

A um lado d'uma rua transversal, perto de Temple-Bar, estava estacionado um café volante, para quem quizesse um almoço na rua. O café servia sobre um fogo de lenha, e grandes fatias de pão e manteiga estavam amontoadas umas sobre as outras, como as achas n'uma pilha de lenha. Dois rapazes, cuja desordenada alegria, e vestuario em desalinho, bem deixa-

vam antever a sociabilidade da precedente noite, estavam banquetecendo *tres damas* e um trabalhador irlandez.

Um pequeno, limpador de chaminés, a curta distancia, deitava um olhar de cubiça ás provocadoras fatias; e um policeman estava vigiando o grupo, do lado opposto da rua.

A apparencia pallida, e os ornamentos fastuosos das raparigas pobremmente vestidas, contrastavam singularmente com a luz brilhante do sol, do mesmo modo que a sua alegria forçada destoava da hilaridade estridente dos dois rapazes, que de quando em quando variavam os seus divertimentos, fazendo barretadas ao proprietario do *café* ambulante.

Percy Noakes passou por alli apressado, e quando voltou Strand-lad, e deu com os olhos na agua buliçosa do rio, pensou consigo que em toda a sua vida nunca se sentira tão importante nem tão feliz.

—Quer barco, senhor! gritou um dos tres barqueiros que estavam sentados ao sol no caes, assobiando em differentes tons. —Quer barco, senhor!

—Não! replicou Percy Noakes um pouco picado, porque a pergunta não fôra feita do modo que convinha á sua dignidade.

—Talvez quizesse antes um *nabio*? disse d'alli outro, com infinito prazer dos companheiros.

Percy Noakes replicou com um olhar do mais supremo desprêso.

—O senhor deseja ir para bordo do vaporsinho? perguntou muito confidencialmente um marinheiro, velho matreiro, que tinha vestida uma camisolla vermelha, já bastante desbotada, justamente como a côr d'uma encadernação velha d'um almanak da côrte.

—Quero, e depressa—ao *Ligeiro*—defronte d'al-fandega.

—*Ligeiro!* gritou o homem que fizera rir os bar-

queiros ha pouco. Eu vi-o ir pelo rio acima ha boa meia hora.

—E eu tambem, disse outro; e penso que já terá vindo para baixo, porque está cheio de senhoras e de homens.

O snr. Percy Noakes fingiu não dar attenção a esta tagarelice, e saltou para o barco, o qual depóis de denodados esforços da parte do barqueiro para o puxar á terra, veio finalmente atracar ao caes.

—Larga! gritou o snr. Percy Noakes, e o barco pôz-se a caminho, sulcando as esverdeadas aguas, no meio da vozaria dos barqueiros de terra, que apostavam cem contra um em como elle nunca chegaria ao seu destino.

—Até que chegamos! disse satisfeito Percy Noakes, quando o barco se aproximava do vaporsinho.

—Pára! gritou a bordo o dispenseiro, e Percy Noakes saltou para o *Ligeiro*.

—Parece-me que o senhor ha-de achar tudo como deseja.

—O vaporsinho hoje está muito bonito—foi todo limpo, continuou o dispenseiro.

—Está muito bem, disse o estudante n'um estado d'extasis impossivel de se descrever.

O tombadilho tinha sido esfregado e lavado, assim como as banquetas, e havia um grande palanque para a musica, e um logar para se dançar, um montão de tamborettes campestres, e um toldo.

Percy Noakes correu á camara, e viu o pasteleiro e os seus ajudantes azafamados com pudings e pastellões, e a mulher do dispenseiro arranjando uma grande mesa ao comprimento da camara.

Percy Noakes não se pôde conter: tirou o casaco, e começou a correr para dentro e para fóra, na maior agitação, não fazendo, todavia, coisa alguma, mas perfeitamente convencido de que estava ajudando a todos: e a

mulher do dispenseiro riu-se até lhe virem as lagrimas nos olhos, e Percy Noakes quasi que cahiu extenuado com os violentos esforços que fazia.

Passou-se o tempo; bateram as oito e meia; o *dessert* foi collocado sobre a mesa, e Percy Noakes fechou a porta da camara, e mettu a chave no bolso, para que a mesa, com toda a sua magnificencia, surprehendesse todos os da companhia a um tempo.

Os musicos vieram para bordo, assim como tambem veio o vinho.

Faltavam dez minutos para as nove, e embarcaram os membros da commissão em corporação. Lá vinha o snr. Hardy com uma jaqueta azul, collete e calças brancas, meias de sêda e sapatos, vestido com um costume totalmente aquatico, com um chapéo de palha na cabeça, e um grande telescopio debaixo do braço, e com elle vinha tambem o mancebo d'oculos verdes, de calças de ganga, collete da mesma fazenda e botões de madre-pérola, como as pinturas que representam Paulo — não o apostolo, mas o amante de Virginia.

Os restantes membros da commissão, vestidos com jaquetas leves, colletes, calças e chapéos brancos, apresentavam uma perspectiva entre criados de servir e plantadores das Antilhas.

Soaram nove horas, e chegaram os convidados em magote. O snr. Samuel Briggs, esposa e filhas appareceram n'um botesinho particular. As tres guitarras nas respectivas caixas de verde-escuro, foram cuidadosamente collocadas no fundo do barco, acompanhadas com dois immensos cadernos de musica, que para ser tocada do principio ao fim, sem descansar, levaria, pelo menos, uns bons quinze dias.

Os Tauntons chegaram ao mesmo tempo com mais musica e um *leão*—um cavalheiro com uma voz de basso e um bigode ruivo a despontar. Os vestidos da familia Taunton eram côr de rosa; os das Briggses azul

celeste. As Tauntons tiuham flôres artificiaes nos chapéos; n'este parlicular as Briggses levavam-lhes decidida vantagem—traziam pennas.

—Como está, minha querida? diziam as meninas Briggses ás meninas Tauntons (a palavra *querida*, entre meninas, é perfeitamente synonymo de *maldita*).

—Bem, obrigada; replicaram as meninas Tauntons ás meninas Briggses: e seguiu-se então uma tal dôse de beijos, de cumprimentos e d'apertos de mão, bem capazes de persuadir ao maior descrente, que as duas familias professavam a amizade mais profunda uma pela outra, em lugar de se desejarem vêr mutuamente no fundo do rio, como sinceramente desejavam.

O snr. Percy Noakes recebeu as visitas, e cumprimentou, com uma inclinação de cabeça, o sujeito desconhecido, como desejando saber quem elle era.

Era isto justamente o que queria a snr.^a Taunton.

Apresentava-se uma occasião oportuna de fazer pasmar as Briggses.

—Oh! peço-lhe perdão! disse o commandante do rancho dos Tauntons com ar indifferente.

—Snr. Percy Noakes, interrompeu a snr.^a Taunton, esquecia-me apresentar-lhe o capitão Helves—snr.^{as} Briggses—o capitão Helves.

O snr. Percy Noakes curvou-se até baixo; o capitão apresentado fez o mesmo, retorcendo os bigodes, e dando á physionomia uma apparencia de ferocidade, o que claramente fez abaixar oorgulho da familia Briggses.

—Não tendo podido vir connosco o snr. Wizzle, disse a snr.^a Taunton, tomo a liberdade de trazer o capitão, que é para nós uma grande acquisição por causa do seu talento musical.

—Em nome da commissão, agradeço-lhe, minha senhora, a resolução que tomou, e congratulo-me pela honra que o capitão Helves faz á nossa companhia, disse Percy Noakes (aqui renovaram-se os cumprimentos).

—Mas tenha a bondade de se sentar—tem tempo ao depois de passear. Capitão, faz o favor de dar o braço á snr.^a Taunton—snr.^a Briggs, concede-me licença de lhe offercer o meu braço?

—Onde iriam ellas farejar aquelle militar? perguntou a snr. Briggs á menina Kate Briggs na occasião em que seguiam a comitiva.

—Eu sei lá! replicou Kate, toda indignada, porque o ar d'orgulho com que o galante capitão contemplava a companhia, tendo-lhe feito grande impressão, demonstrou que o militar era pessoa de grande importancia.

Chegaram os barcos uns atraz dos outros, e os convidados uns apoz outros. Os convites tinham sido arranjados excellentemente, porque Percy Noakes julgou ser de grave importancia, que o numero dos rapazes igualasse o das raparigas, assim como que a quantidade de facas a bordo fosse na precisa proporção com a dos garfos.

—Então, estão todos a bordo? perguntou Percy Noakes.

Os membros da commissão (que com os pedacinhos de fita azul atados nos braços, parecia que iam todos ser sangrados) começaram a correr d'um lado para o outro, para se certificarem do facto, e vieram asseverar que podiam partir.

—Larga! gritou o mestre do vapor em cima da ponte.

—Larga! eccoou um grumete que estava estacionado junto da escotilha para transmittir as ordens ao engenheiro: e em marcha se pôz o barco, com aquelle desagradavel arruido peculiar dos vapores.

Oi, oi, oi, oi, oi, oi, i, i, i! gritaram meia duzia de vozes, d'um bote, a distancia d'um quarto de milha á reatguarda.

—Para! gritou o capitão; as pessoas que vem no bote serão dos nossos?

—Noakes, exclamou Hardy, que estivera examinando com o telescópio todos os objectos proximos e longinquos — são os Fleetwoods, e os Wakefields, e trazem duas creanças com elles... ora sempre!

—Que vergonha! trazer creanças! disseram elles; é falta de consideração.

—Parece-me que seria uma boa partida fingir que os não vemos, hein? suggeriu Hardy, com immenso prazer de toda a companhia, e geral approvação.

Reuniu-se apressadamente um conselho de guerra, e foi resolvido que os recém-chegados deviam ser recebidos a bordo, tendo Hardy comprometido solemnemente a sua palavra, de mortificar as creanças durante todo o dia.

—Pára! gritou o capitão.

—Pára! repetiu o grumete: o vapor assobiou, e todas as meninas, como de costume, deram guinchos em côro.

As meninas ficaram socegadas, tão sómente quando o marcial Helvelhes certificou que a erupção do vapor, logo que o barco pára, raras vezes é seguida de varios accidentes.

Dois marinheiros correram á escada, e depois de muita vozearia, e d'um grande numero de pragas e juras, e de muitos esforços para segurarem o bote com um cabo, o snr. Fleetwood, e sua cara metade e filho, e o snr. Wakefield, esposa e filha, foram postos a salvo no tombadilho.

A menina tinha cerca de seis annos d'idade, e o pequeno quatro: aquella tinha um vestido branco, com um cinto côr de rosa, e um chapéo de palha com véo verde: o menino fôra arreado para a solemnidade com uma blusa de ganga, distinguindo-se entre a orla d'esta, e a parte superior das meias escocezas, duas perninhas, assimilhando-se ás d'uma gallinha.

Trazia um bonnet azul celeste, com vizeira doirada

e borla, e na mão um pedaço de *gingerbread* amolecido, com que tinha ligeiramente enfarruscado a sua meiga physionomia.

Mais uma vez se pôz de novo em marcha o vapor-sinho: a banda de musica tocava—*A caminho! a caminho!*—a maior parte dos convidados conversavam alegremente em grupos, e os sugeitos idosos passeavam ao comprimento do convés, para cá e para lá, com tanta gravidade e perseverança, como se o passeio lhes tivesse sido imposto como castigo, ou fizessem um serviço penoso! Os rapazes occupavam-se em fazer vêr ás meninas solteiras o panoramima da cidade, e a vista imponente dos milhares de mastros nas docas.

Hardy narrava diversas historias ás senhoras casadas, que soltavam immensas gargalhadas, envolvendo os rostos nos lenços d'assoar, e ficando-lhes, ainda assim sufficiente vista para lhe baterem nos joelhos com os leques, applicando-lhe os epithetos de—*mausinho, marotinho*—e outros semelhantes; e o capitão Helves, com um certo ar sanguinario, fez algumas rapidas descripções de batalhas e duellos, que lhe alcançaram a admiração das mulheres e a inveja dos homens.

Principiaram as quadrilhas: o capitão Helves dançou uma vez com Emilia Taunton, e outra com Sophia Taunton. A mãe d'estas meninas estava extasiada. A victoria parecia completa; mas infelizmente a inconstancia é peculiar no homem!

O capitão, tendo cumprido aquelle dever de civilidade, occupou-se unicamente da menina Julia Briggs, com quem dançou nada menos de tres quadrilhas consecutivas, mostrando-se disposto, e com a melhor vontade a não sahir de junto d'ella durante todo o dia.

Depois do incomparavel Hardy ter tocado no berimbau duas ou tres brilhantes phantasias, e depois de ter repetido frequentemente o espirituoso gracejo de pintar com giz uma cruz nas costas de cada um dos

membros da commissão, Percy Noakes exprimiu desejos de que os seus amigos, amadores de musica, obsequiassem a companhia, pondo em relevo os seus talentos musicaes.

— Talvez, disse elle com um modo insinuante, o capitão Helves nos obsequie, fazendo-nos ouvir a sua bella voz.

A physionomia da snr.^a Taunton desannuevou-se, porque o capitão só cantava em duettos, e não os cantaria senão acompanhado com alguma de suas filhas.

— Realmente, disse o tal sujeito d'apparencia guerreira, terei n'isso extrema satisfação, mas...

— Ora vamos, cante-nos alguma coisa, disseram todas as meninas.

— Miss Sophia, tem alguma duvida em me acompanhar n'um duetto?

— Oh! nenhuma: fal-o-hei com todo o gosto, disse aquella menina n'um tom de voz que bem demonstrava que sentia inteiramente o contrario do que dizia.

— Queres que te acompanhe, perguntou a menina Briggs, com a innocente intenção de estragar o effeito do duetto.

— Fico-lhe muito obrigada, menina, retorquiu apresada a snr.^a Taunton, que comprehendeu a manobra: minhas filhas cantam sempre sem acompanhamento.

— E sem vozes, resmoneou a snr.^a Briggs, em tom baixo.

— Talvez, disse a snr.^a Taunton, fazendo-se rubra como uma cereja, porque adivinhou o theor do *aparte*, que não poderá ouvir claramente. Talvez para certa *gentinha* fosse melhor que a sua voz se não ouvisse tanto.

— E talvez se os cavalheiros, a quem preparam armadilhas para fazerem a côrte às filhas de *certa gente*, não tivessem o sufficiente criterio para as abandonar por outras meninas honestas, respondeu a snr.^a Briggs,

digo se não se desse esse caso, talvez *certa gente* não estivesse disposta a deixar vêr o seu mau genio, que a distingue da *gente d'educação*.

—Gente d'educação!

—É o que digo, minha senhora.

—Insolente!

—Forte patifaria!

—Pchiu! pchiu! interrompeu Percy Noakes, que fôra um dos poucos por quem este dialogo foi ouvido.

Pchiu!—peço-lhes attenção para o duetto.

Depois de muitas tossidellas, e d'outros preparativos, o capitão começou um duetto da opera *Paulo e Virginia*, n'um tom, sabe Deus como.

No meio do canto, o capitão foi interrompido por gritos desenfreados, marcando supremo terror, e que procediam da visinhança da machina do vapor.

—Meu filho?! exclamou a snr.^a Fleetwood toda assustada; meu filho? aquella é a sua voz. Conheço-a bem.

A snr.^a Fleetwood, seguida de varias pessoas, correu immediatamente ao sitio d'onde partia o alarido, e todos os circumstantes soltaram uma exclamação de horror: a primeira impressão foi de que o innocentinho tivesse mettido a cabeça na caldeira, ou as pernas no engenho da machina.

—Que te aconteceu? exclamou o afflicto pae, voltando com a creança nos braços.

—Oh! oh! oh! choramingava o pequerrucho de novo.

—Que te aconteceu, menino? perguntou o pobre pae mais uma vez, apressando-se a despir a blusa da creança, a fim de se certificar se ella ainda teria algum osso que não estivesse fracturado.

—Oh! oh! tive tanto medo!

—De quê, lindinho? de quê? dizia a mamã, enxugando as lagrimas do menino.

—Oh! elle estava-me fazendo umas caras tão feias! dizia o pequeno em convulsões, só com a lembrança do que se passára.

—Elle—quem? exclamaram todos, fazendo roda.

—Oh!—aquelle, replicou o pequeno apontando para Hardy, que, de todos, era o que mais affectava estar assustado.

Immediatamente todos comprehenderam o caso, á excepção dos Flectwods e dos Wakefields. O engraçado Hardy, em cumprimento da sua promessa, seguiu o menino a um sitio remoto do barco, e de repente appareceu-lhe fazendo taes esgares, que produziram aquelle paroxismo de terror.

Naturalmente veio-lhe á mente, que era necessario negar a accusação: e por conseguinte a infeliz victima foi levada d'alli, depois de ter recebido dos paes varios piparotes na cabeça por ter inventado uma historia.

Terminado este pequeno incidente, o capitão e a menina Sophia concluíram o canto que tinham principiado.

O duetto foi calorosamente applaudido, e na verdade a completa independencia com que ambos cantaram, merecia grandes encomios.

A menina Sophia cantou a sua parte sem a mais leve referencia ao capitão, e este cantou tão alto, apartando-se do tom, que não podia ter a menor idéa do que estava fazendo a sua companheira—foi um magnifico *ad libitum*.

Depois do capitão ter cantado só, os ultimos dezoito ou dezenove compassos, agradeceu os applausos da companhia com aquelle ar d'abnegação, que os artistas ordinariamente assumem, quando julgam ter feito alguma coisa que deixou os espectadores de bocca aberta, ainda quando não saibam o que tenha sido.

—Agora, disse Percy Noakes, que acabára de subir as escadas da camara, onde estivera occupado a mudar

o vinho das vasilhas para as garrafas, as meninas Briggses, dar-nos-iam immenso prazer, se nos favorecessem com algum trecho de musica antes do jantar.

A esta insinuação, seguiu-se um d'aquelles borbo-
rinhos d'admiração, que frequentemente se ouvem na
sociedade, quando ninguem tem a minima noção do
que está approvando.

As tres meninas Briggses olharam modestamente
para a mamã, e a mamã olhou para suas filhas com ar
d'approvação, e a snr.^a Taunton olhou para todas ellas
por cima do hombro.

As meninas Briggses pediram as guitarras, e alguns
cavalheiros, com a anciedade com que queriam apre-
sentar-lhes as caixas, estragaram-lh'as, fazendo-lhes
graves avarias.

Seguiu-se uma interessante exposição de tres mi-
croscopicas chaves, que abriram as caixas, e uma in-
terjeição melodramatica de horror ao encontrarem uma
corda da guitarra partida.

Bastou boa meia hora para se afinarem os instru-
mentos, durante cujo tempo a snr.^a Briggs fez longos
discursos ás suas visinbas sobre a immensa difficuldade
da guitarra, tocando de leve na proficiencia de suas
filhas n'aquella arte mystica. A snr.^a Taunton disse
baixinho a outra senhora, que aquillo fazia dormir, e
as meninas Tauntons fingiam saber tocar muito bem
guitarra, mas não tocavam n'ella por ser instrumento
vulgar.

Finalmente, principiaram as meninas Briggses. Era
uma nova composição hespanhola para tres vozes e
tres guitarras. O effeito foi prodigioso. Todas as vistas
estavam fixadas sobre o capitão, que, segundo se dizia,
passára outr'ora com o seu regimento através de Hes-
panha, e que portanto devia ter perfeito conhecimento
da musica d'aquella nação.

O capitão estava arrebatado. Era isto o sufficiente:

o trio mereceu a honra de *bis*—os applausos eram universaes, e nunca as Tauntons tinham soffrido derrota tão completa.

—Bravo! bravo! bravo! exclamou o capitão.

—Não é tão linda esta canção? inquiriu o snr. Samuel Briggs com ar de satisfação.

Diga-se de passagem, que foram aquellas as primeiras palavras que se lhe ouviram pronunciar desde que deixara a sua casa de Boswelcourt.

—Deliciosa! replicou o capitão, meneando a cabeça como bom entendedor da materia—soberba.

—Magnifico instrumento! disse um senhor idoso, com grande calva, o qual estivera todo o dia fazendo esforços para vêr por um telescopio, dentro do qual, em um dos vidros, collocára Hardy uma grande obreia preta.

—Já ouviu um bombo portuguez? perguntou aquelle engraçado individuo.

—E o senhor já ouviu um tom-tom? perguntou o capitão, que não perdia a opportunidade de dar noticia das suas viagens verdadeiras, ou imaginarias.

—Um o quê? perguntou Hardy, tomado de improviso.

—Um tom-tom?

—Nunca ouvi!

—Nem um gum-gum?

—Tambem não!

—O que é um gum-gum? perguntaram com curiosidade algumas senhoras.

—Quando eu estive na India, respondeu o capitão (nova descoberta—o capitão tinha estado na India!) fui em certa occasião fazer uma visita, não muito longe, apenas a alguns milhares de milhas no interior do paiz, a casa do meu grande amigo, Ram Chowdar Doss Azuph Al Bowlar—grande patusco, por signal. Uma tarde, em que nós estavamos saboreando os nossos

hookahs na fresca varanda da sua *villa*, ficamos um tanto surprehendidos com a subita apparição de trinta e quatro dos seus Kitma-gars (elle tinha n'aquelle sitio um largo estabelecimento), acompanhados de numero correspondente de Consumars, aproximando-se da casa com ar assustador e batendo um tom-tom. O Ram deu um pulo.

—O quê? perguntou o senhor da grande calva, que seguia a narrativa com grande interesse.

—O Ram—Ram Chowdar.

—Oh! disse o velho—peço-lhe perdão; realmente não me occorria isso: queira continuar.

—O Ram, como disse, deu um pulo e arrancou da cinta uma pistola.

—«Helves?» disse elle, «meu rapaz — chamava-me sempre seu rapaz — Helves, ouvès aquelle tom-tom?»

—Oico, disse eu. A sua physionomia, que antes era pallida, assumiu uma horrivel apparencia: todo o seu rosto se debatia em contorsões, e o corpo tremia-lhe como se tivesse sido tocado pela pilha galvanica.

—«Vès aquelle gum-gum?» disse elle.

—Não! disse eu, olhando assustado em redor de mim.

—«Não vès?!» disse elle.

—Não: diabos me levem, se vejo coisa alguma, disse eu: e o mais é que não sei o que seja um gum-gum.

—Pensei, continuou o capitão, que o homem desmaiava. Tomou-me a um lado, e com uma expressão de agonia, que nunca esquecerei, disse-me em tom paixo...

—Minhas senhoras! o jantar está na mesa, interrompeu a mulher do dispenseiro.

—Concede-me a honra de lhe offerecer o meu braço, disse o capitão, juntando immediatamente a acção á

palavra, e acompanhando a menina Julia Briggs á camara, com tanta presença d'espírito como se tivesse concluido a historia.

—Que coisa tão extraordinaria! exclamou o velho, conservando a sua attitude de profundo pasmo.

—Que grande viajante! diziam as meninas.

—Que nome tão singular! diziam os cavalheiros um tanto mystificados, com a maneira como a historia acabára.

—Foi uma pena que elle não acabasse a historia, disse uma senhora idosa. Desejava saber o que é um gum-gum!

—Ora essa! disse Hardy, que até então estivera mergulhado em profundo pasmo: não sei o que seja na India, mas na Inglaterra posso dizer-lhe que é uma grande pèta... ah! ah! ah!

—Que invejoso! que tólo! disseram todos caminhando para a camara, completamente impressionados com as maravilhosas aventuras do capitão.

Helves, no resto do dia, foi o heroe d'aquella sociedade—a impudencia e o maravilhoso são passaportes seguros em toda a parte.

Por este meio tempo tinham chegado ao seu destino, e tractado dos arranjos para jantarem. O vento, que os não largára todo o sancto dia, batia-lhes agora de frente: o tempo tornára-se gradualmente mais carregado: e o céo, a agua, e as margens do rio, eram agora d'aquella triste, pesada e uniforme côr de chumbo, com que os pintores costumam pintar os muros exteriores das casas que se estão aproximando a um estado de convalescença. Uma chuva miuda, mas rara e pouco intensa, que estivera cahindo durante meia hora, tornára-se agora grossa, pesada e apressada.

O vento refrescava cada vez mais, e o marinheiro do leme exprimiu claramente a sua opinião de que não tardava muito uma borrasca. Uma ligeira emoção da

parte do navio, parecia o preambulo do que se seguiria, na eventualidade do vento soprar com mais força. As madeiras começaram de ranger, como uma canastra cheia de roupa, conduzida ás costas d'algue[m].

O enjão no mar é como a crença nas almas do outro mundo—toda a gente tem receios, mas ninguem o quer confessar.

Uma grande parte da companhia, portanto, tractou de fingir-se muito satisfeita, mas sabe Deus o terror que lhes ia lá por dentro.

—Chove? perguntou o sугeito da grande calva, ha pouco mencionado, logo que os convivas, á força de se comprimirem, conseguiram sentar-se á mesa.

—Parece-me que sim—pouca coisa, replicou Percy Noakes, que a custo podia fazer ouvir a sua voz, em consequencia dos passos dos marinheiros no tombadilho.

—Faz vento? perguntou outro dos convivas.

—Não, penso que não, respondeu Hardy, desejando sinceramente persuadir-se do que dizia, porque estava sentado junto da porta, e o vento quasi que o arrebatava do logar.

—Isto vai a espalhar, disse Percy Noakes em tom jovial.

—Oh! certamente, exclamaram todos os membros da comissão.

—Sem duvida, disseram os restantes convivas, cuja attenção estava sériamente occupada em comer, trinchar, deitar vinho, etc.

O movimento apressado da machina era demasiado perceptivel.

No fundo da mesa estava collocada uma grande e substancial perna de carneiro, tremendo, como se estivesse assustada: uma grande peça de *roast beef*, de deliciosa apparencia, parecia que fôra accommettida subitamente de mal nervoso; e algumas linguas, postas

em cima de pratos de proporções gigantescas, faziam as mais surprehendedentes evoluções d'um lado para o outro, como uma mosca dentro d'um copo collocado de fundo para cima.

Os doces buliam e tremiam, até que quasi era impossível alguém ter mão n'elles, largando-os por fim desesperados: e os pastellões de pombos faziam parecer que as aves, cujas pernas estavam de fóra, tractavam de as metter para dentro.

A mesa vibrava e saltava como um pulso febril, e até as pernas d'ella tremiam ligeiramente—tudo estava em movimento.

As traves do tecto da camara pareciam estar alli com o unico fim de produzirem dôres de cabeça á gente, e em consequencia d'isso alguns sujeitos idosos tornaram-se de mau humor.

Tão depressa os criados erguiam os ferros do fogão, como estes cahiam; e quantos mais esforços as damas e cavalheiros empregavam para se sentarem commodamente nas cadeiras, tanto mais estas se lhes escapavam com os baloiços do barco.

Ouviram-se alguns pedidos, de mau agoiro, de copinhos d'aguardente: as physionomias iam soffrendo gradualmente mudanças bem extraordinarias: e notou-se que um dos convivas se levantou subitamente da mesa sem o mais leve fundamento para isso, e subiu as escadas com incrível rapidez, estragando tanto a sua roupa, como a d'um criado, que por acaso vinha descendo n'aquelle momento.

Tirou-se a toalha: a sobremesa foi collocada, e encheram-se os copos.

O movimento do barco augmentava cada vez mais; alguns dos convivas principiaram a tornar-se um pouco sombrios e tristes, tendo a apparencia de quem ha pouco se levantára da cama.

O mancebo d'oculos verdes, que estivera por algum

tempo n'um estado fluctuante—ora triste, ora alegre— mudando de temperamento com a mesma presteza com que um pharol de rotação mostra a luz ou a occulta— annunciou inesperadamente que ia propôr um brinde.

Depois de varios esforços inefficazes para se conservar perpendicular, aquelle joven, tendo conseguido segurar-se com a mão esquerda á perna do centro da mesa, fez o seguinte discurso:

—Damas e cavalheiros! temos entre nós um cavalheiro...

Aqui um pensamento mortificador pareceu accommetter a mente do orador, que pausou um momento, e a sua physionomia tomou uma singular apparencia.

Depois continuou:

—Temos entre nós um cavalheiro, cujo talento, cujas viagens, cuja jovialidade...

—Um momento, se faz favor Edkins, interrompeu bruscamente Percy Noakes—Hardy, tu que tens?

—Nada, replicou Hardy, que tinha a sufficiente vitalidade para soltar duas syllabas consecutivas.

—Tomas aguardente?

—Não, replicou Hardy em tom indignado, e com tão bella apparencia como a da Torre de S. Paulo durante uma cerrada nebrina—para que quero a aguardente?

—Queres subir para o tombadilho?

—Não, não quero, respondeu Hardy em tom determinado, mas com uma voz muito desfallecida.

—Perdão pelo ter interrompido, Edkins, disse o cortez Percy Noakes; persuadi-me que o nosso amigo Hardy estava incommodado. Continue, meu amigo.

Seguiu-se uma pausa.

—Póde continuar.

—O snr. Edkins desapareceu, observou alguém.

—Aquelle senhor, veio dizer o criado a Percy Noakes—aquelle senhor que subiu agora, aquelle de

olhos verdes, está muito enjoado: e o rebecca diz que a menos que lhe não dêem alguma aguardente, não responde pelas consequências. Um outro musico esteve tambem muito incommodado, mas vai melhor: só está suando agora muito.

Eram inuteis agora quaesquer disfarces: todos os convivas se espalharam pelo tombadilho; os cavalheiros faziam todos os esforços para nada mais verem do que as nuvens, e as senhoras, embrulhadas nas capas e nos chailes, estendiam-se nos bancos e no chão, da maneira mais desgraçada.

Nunca os convidados d'um pic-nic soffreram como n'aquelle dia, tanta chuva, vento, encontrões, e balanços.

O menino Fleetwood berrava com todas as forças dos pulmões até perder a voz, e quando isso succedia a menina Wakefield encarregava-se de berrar durante os intervallos.

Notou-se que, algumas horas depois, Hardy estava em tal posição, que fez suppôr aos seus amigos que elle contemplava as bellezas do fundo do mar: somente lastimavam que o seu gosto pelo pittoresco o fizesse permanecer n'uma posição injuriosa para toda a gente, mas muito mais para uma pessoa que, como elle, mostrava tendencias para ataques de cabeça.

Chegou por fim o vaporsinho á alfandega ás duas horas da noite, com os passageiros mais mortos que vivos, como vulgarmente se diz.

As Tauntons soffriam demasiado para questionarem com as Briggses, que igualmente se achavam em miserero estado.

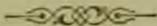
Na passagem do vaporsinho para as carruagens, perdeu-se uma das guitarras, e as meninas Briggses não escrupulisaram em asseverar que as Tauntons tinham subornado um mariola para a deixar cahir.

O snr. Edkins, o mancebo d'olhos verdes, con-

tinua a fazer um discurso todas as occasiões que a sorte lhe proporciona ensejo para isso, e a eloquencia da peça oratoria só pôde ser equiparada pelo tamanho d'ella.

O capitão Helves continuou a fazer a côrte á menina Julia Briggs, a quem provavelmente esposaria, se não acontecesse, infelizmente, ter o pae da menina recebido aviso de que o capitão ia descansar por algum tempo á sombra dos ferros d'el-rei, por se ter esquecido de solver algumas insignificantes dividas.

Percy Noakes continúa com a cabeça tão vasia de senso commum como antes, e ainda não perdeu totalmente a mania de emprehender excursões de recreio.



UM DUELLO COMO HA MUITOS

A pequena cidade de Grande Winglebury, fica exactamente situada a quarenta e duas milhas e tres quartos da esquina de Hide-Park.

Tem uma comprida, solitaria e tortuosa rua Direita, com um grande relojo preto e branco na avermelhada casa do municipio, uma praça de mercado, uma assembléa, uma igreja, uma ponte, uma capella, um theatro, uma livraria, uma hospedaria, uma bomba e uma casa do correio.

A tradição falla d'uma «Pequena Winglebury», coisa de duas milhas além n'uma encruzilhada; e parece haver algum fundamento para a lenda, por isso que outr'ora um pedaço quadrado de papel sujo, que se presume significar uma carta, com certos caracteres em zig-zag inscriptos em cima, e nos quaes uma imaginação viva podia traçar alguma similhança com a

palavra—*Pequena*—estava em exposição, aguardando o reclamante, na vidraça do correio de Grande Winglebury, d'onde desapareceu feito em tiras pelos annos e pela poeira.

A credulidade publica inclina-se a conferir esse nome a um chavascal, ao cabo d'uma lodacenta viella, a distancia d'um par de boas milhas, colonizado por um carpinteiro, quatro mendigos, e um vendedor de cerveja.

Mas esta opinião deve ser tida em pouca conta, attendendo a que os habitantes do tal bêco são concordes em asseverar, que nunca elle tivera nome de qualidade alguma, desde as mais remotas eras até nossos dias.

O *Leão de Winglebury*, no centro da rua Direita, em frente do pequenino edificio com o grande reloujo, é a principal hospedaria de Grande Winglebury—a hospedaria principal commercial, a casa do correio, repartição dos impostos, a casa onde tem logar as eleições annuaes, e finalmente o tribunal.

É tambem o quartel-general do club de Whist de Winglebury (assim chamado em opposição ao club Xadrez, que tem as suas reuniões n'uma casa, um pouco mais além): e se alguma vez um pelotiqueiro, expositor de figuras de cêra, ou algum domesticador de ratos sabios, inclue Grande Winglebury no itinerario das suas excursões pelas provincias, apparecem no dia seguinte em todas as esquinas da pequena cidade, immensos cartazes, annunciando— «que o snr. Fulano, ultimamente chegado, confiando na protecção com que o illustrado publico de Grande Winglebury acolhe todos os artistas, resolvera, com grande sacrificio pecuniario, alugar os elegantes e commodos salões do club do *Leão de Winglebury*, onde tenciona dar a sua primeira funcção.»

A casa é bastante espaçosa, com uma frontaria de tijolo e pedra avermelhada: tem um magnifico pateo

interior, ornamentado com plantas sempre florescentes, terminando com a vista d'um balcão, sobre o qual está collocado um armario repleto de presuntos de fiambre, pernas de vitella, e outras quejandas iguarias, promptas para serem cosinhadas á primeira ordem, e fazendo crescer a agua na bôca aos recém-chegados, apenas entram.

As portas em frente conduzem ás salas onde se serve o café: e uma larga e grande escadaria—tres degraus mais, e um patamar, quatro degraus e um outro patamar, meia duzia de degraus e outro patamar, e assim por diante, conduzem á galeria dos quartos de dormir, e a um labyrintho de salas, com o titulo de *particulares*, onde cada um pôde estar tanto á sua vontade e sem incómodo, como se está n'um logar em que de cinco em cinco minutos se abre a porta para deixar vêr a cabeça d'um hospede que se enganou, e que vai continuando a abrir todas as portas dos quartos do corredor, até encontrar o seu.

Tal é a hospedaria do Leão de Winglebury no dia de hoje, e tal era algum tempo atraz—pouco importa quando—dois ou tres minutos antes da chegada da diligencia de Londres.

Quatro cavallo cobertos com mantas—mudas da diligencia—aguardavam a chegada d'esta, junto á estação no fim da rua, rodeados por um grupo indolente de boleiros, occupados a discutirem o merito do gado; meia duzia de garotos, boquiabertos, estacionados um pouco mais longe, escutavam com interesse evidente o colloquio instructivo d'aquellas summidades: completando a scena meia duzia de basbaques, tidos em conta dos *dandys* da cidade, e que de mãos nos bolsos esperavam tambem a chegada da diligencia.

Estava o dia quente, o sol abrasador, e a cidade no zenith da insipidez; e, á excepção d'esses poucos vadios, não se via mecher um unico sêr vivente.

Repentinamente as notas desafinadas d'uma corneta, vieram perturbar a tranquillidade monótona da rua: chegou a diligencia, rodando sobre a calçada desigual com um formidavel ruido, capaz de fazer parar, com susto, o relogo da torre. Saltaram abaixo os passageiros da imperial, desceram-se todas as vidraças, vieram á rua todos os criados da hospedaria, e os vadios, os boleeiros e os garotos, pozeram-se todos em movimento, como se tivessem sido tocados pela pilha galvanica.

N'um abrir e fechar d'olhos foram desfivelados e desapparelhados os cavallos recém-chegados, e em logar d'esses foram mettidos ao carro outros, bem contra vontade d'elles.

Por toda a parte era uma balburdia, de mais não poder ser.

—A senhora da rotunda faz favor de descer, diz o conductor.

—A senhora quer subir para a hospedaria? diz o criado.

—Ha algum quarto reservado? interroga a senhora.

—Certamente, minha senhora, responde uma criada.

—A senhora não tem nada mais do que estas tres malas? pergunta o conductor.

—Mais nada, responde a senhora.

Os da imperial tornaram a subir, e mais o conductor e o cocheiro: as malas foram sacudidas da diligencia abaixo. — Resôa o grito de *prompto*, e em marcha se põe o vehiculo. Os hasbaques ainda se conservaram na rua um minuto mais ou menos, contemplando a diligencia até que voltou a esquina, e então desappareceram um a um.

A rua de novo ficou deserta, e a cidade, por contraste, mais socegada do que nunca.

—Chama a senhora do numero vinte e cinco, grita

em voz esganiçada a dona da hospedaria—Thomaz?

—Minha senhora.

—Uma carta que trouxeram agora para o sujeito do numero dezenove.—Trouxe-a um criado da Estrella —não tem resposta.

—Uma carta para o senhor, dizia Thomaz, depondo a carta sobre a mesa do numero dezenove.

—Para mim? disse o numero dezenove, voltando-se da janella d'onde estivera contemplando a scena que ha pouco descrevemos.

—Sim, senhor (os criados das hospedarias inglezas fallam sempre por entre dentes, e nunca completam as sentenças)—sim, senhor, criado da Estrella, a ama diz que é para o numero dezenove—o sobrescripto diz —*Alexandre Trott Esq.*—É o nome do bilhete do senhor, que lá está em baixo.

—Chamo-me Trott, replicou o numero dezenove, quebrando o fecho: é para mim. Póde-se ir embora.

O criado puxou abaixo a persianna, e tornou-a a puxar para cima, porque um bom criado deve fazer alguma coisa antes de sahir d'um quarto—arranjou os vidros sobre a commoda, espanou um sitio aonde não havia pó, esfregou com muita força as mãos, dirigiu-se a passo de marcha para a porta, e evaporou-se.

Havia o quer que fosse no contheudo da carta, se não inesperado, pelo menos de natureza desagradavel.

Alexandre Trott poisou-a, tornou a pegar n'ella, passeou todos os quadradinhos do tapete em varias direcções, e até fez esforços, ainda que com pouco exito, por assobiar uma cantiga. Não havia de quê. Atirou-se para cima d'uma cadeira, e em voz alta leu a seguinte missiva:

ESTRELLA DO NORTE.—GRANDE WINGLEBURY.

Terça feira de manhã.

Senhor.

Apenas descobri as suas intenções, deixei o nosso escriptorio e segui-o. Sei os fins da sua jornada;—mas essa jornada nunca se completará.

Não tenho amigo a quem possa confiar o meu segredo, mas não será isso obstaculo á minha vingança.

Emilia Browne não ficará exposta ás sollicitações mercenarias d'um tratante, que lhe é odioso, e que toda a gente despreza: nem eu me sujeitarei aos ataques clandestinos d'um patife como você é.

Da igreja de Grande Winglebury, uma vereda conduz por entre campos a um sitio retirado, conhecido entre a gente rustica por Adro do Enforcado (aqui um calafrio percorreu todo o corpo de Alexandre Trott).

Amanhã de manhã, ás cinco e quarenta minutos, aguardal-o-hei alli sósinho. Escuso de dizer-lhe que no caso de eu esperar debalde, terei o prazer de mais tarde lhe ir fazer uma visita, munido d'um bom chicote.

Horacio Hunter.

P. S.—Ha um espingardeiro na Rua Direita; e a polvora não se vende depois de anoitecer—não sei se me entende.

P. P. S.—Faria muito bem em não encommendar o almoço para amanhã, até ter fallado commigo. Era dinheiro que poupava.

—Maroto! Eu bem sabia que isto havia de acabar assim, exclamava o aterrado Trott.—Eu sempre disse ao pae, que me mandou n'esta expedição, que Hunter me havia de perseguir como o Judeu Errante. Já não é pouco a gente casar por ordem do velhote, e sem consentimento da rapariga! Mas que pensará Emilia a meu respeito, se vou ter com ella, espavorido a fugir d'esta salamandra infernal?

«Que farei eu? Se volto para traz, para a cidade, fico deshonorado para sempre, perco a rapariga, e, o que é mais, perco tambem o dinheiro. Isto não tem geito! Se vou para casa de Brown na diligencia, Hunter seguir-me-ha em qualquer carruagem d'aluguer. Se vou a esse maldito sitio, a esse Adro do Enforcado (novo estremecimento), sou homem morto. Já o vi acertar cinco vezes em cada seis, no segundo botão do collete do manequim da sala de tiro de Pallmall, e quando não acertava n'esse logar, feria-o na cabeça.

E com esta consoladora reminiscencia, Alexandre Trott repetia outra vez:

—Que farei?

Longas e tristes foram as reflexões do pobre Trott, que occultando a face entre as mãos, sentou-se para cogitar no melhor meio de se sahir do aperto. Acudira-lhe primeiramente á idéa o partir para Londres, mas lembrava-se do estado de desespero em que ficaria o seu velho assim que o visse, e da perda da fortuna que o papá Brown promettera ao papá Trott, caso a filha d'aquelle se afeiçoasse ao filho d'este.

Em seguida as palavras—*para casa de Brown*—estavam legivelmente escriptas no interior do seu cráneo, mas ao mesmo tempo eccoavam-lhe aos ouvidos as palavras da carta de Hunter;—finalmente, apparece-lhe diante dos olhos, em letras de fogo, o distico—*O Adro do Enforcado*—e então o snr. Trott adopta um plano que ruminou primeiramente.

Antes de mais nada, enviou um moço de estrebaria á Estrella do Norte, com uma cavalheiresca missiva dirigida ao snr. Horacio Hunter, fazendo-lhe vêr quão sequioso estava pelo seu sangue, e que no dia seguinte, de manhã cedo, sem falta, lhe daria o prazer de o fazer em quartos. Escreveu depois uma outra carta, e requisitou os serviços d'um outro servente dos quadru-pedes—porque havia um par na casa.

Ouviu-se uma pancada modesta na porta da sala.

—Entre, disse o snr. Trott.

Alguem introduziu dentro do quarto uma cabeça avermelhada, com um só olho, e sendo de novo convidado a entrar, trouxe então um corpo e umas pernas, aos quaes a cabeça pertencia, e um gôrrro de pelles, que pertencia á cabeça.

—Você é o criado dos cavallos? perguntou o snr. Trott.

—Sim, senhor, para o servir, respondeu uma voz de dentro d'uma jaqueta de velvutina, com botões de madre-pérola—isto é, eu sou o moço da casa: o outro é *avaixo* de mim, e é meu *subordinado*.

—Você é de Londres?

—Guiei alli um carro, foi a resposta laconica.

—Porque não é já cocheiro?

—Porque virci o carro uma vez em cima do frete, respondeu o moço com brevidade.

—Sabe onde é a casa do *mayor*? perguntou Trott.

—Parece-me que saberei, respondeu o ex-cocheiro, d'um modo significativo, e como se tivesse razões particulares para se recordar.

—Você seria capaz de entregar alli uma carta, com cautella?

—Julgo que serei.

—Mas tome sentido: esta carta, disse-lhe Trott, segurando n'uma mão um disforme bilhete, com uma pa-

ralytica direcção, e na outra cinco schillings—esta carta é anonyma.

—Uma—o quê? interrompeu o moço.

—Anonyma—elle não deve saber d'onde vem.

—Oh! entendo, respondeu o basbaque, empiscando o olho, e sem mostrar estar menos inclinado a emprender a tarefa—entendo, namorico, eh! eh!... não é feia a pequena do nosso *mayor*, mas olhe que elle é finorio, e diabos me carreguem, se o que elle quer não é desfazer-se d'aquelle fardo... eh! eh! eh!

Se o snr. Alexandre Trott estivesse em melhor condição d'espírito, a primeira coisa que faria, teria sido pôr a pontapés fóra do quarto o moço da estrebaria; contentou-se, todavia, em duplicar o salario, e em lhe explicar que a carta era apenas um aviso, para evitar um encontro que poderia ter logar no dia seguinte.

Retirou-se o moço, jurando solememente guardar segredo; e o snr. Alexandre sentou-se para saborear um linguado, uma costelleta, Madeira, e varias outras iguarias, com mais socego d'alma do que quando recebeu o cartel de Horacio Hunter.

A senhora que se apeou da diligencia de Londres, ainda se não tinha bem installado no numero vinte e cinco, e feito algumas alterações no seu vestuario de viagem, dirigiu um bilhete a José Overton, esquire, tabellião, e *mayor* de Grande Winglebury, rogando-lhe o obsequio de comparecer na hospedaria, para um negocio particular da maior importancia—pedido este a que o digno funcionario não pôde resistir; porque depois de arregalar os olhos um numero infinito de vezes, e depois de exclamar diversas vezes—*Ora esta!*—e de manifestar outros quejandos signaes de surpresa, desprendeu do prégo usual do escriptorio o seu chapéo d'abas enormes, e dirigiu-se apressado ao *Leão de Winglebury*, na Rua Direita, através do pateo de

cujo estabelecimento, e pela escada acima foi levado aos empurrões pela proprietaria, e por um grupo de officiosos criados, até á porta do numero vinte e cinco.

—Diga a esse sujeito que entre, disse a senhora, respondendo ao annuncio do criado.

O cavalheiro entrou.

A senhora levantou-se do sophá; o *mayor* deu um passo para a frente, e tornaram a pausar por um minuto ou dois, olhando um para o outro, como por consentimento mutuo. O *mayor* viu em frente de si uma figura feminina boçal, ricamente vestida, e de cerca dos seus quarenta annos; e a senhora deu com os olhos n'um homemsinho empertigado, dentro d'umas calças de funil, com puxadeiras, casaco preto, gravata e luvas.

—Miss Julia Manners! exclamou por fim o *mayor*, fez-me pasmar.

—Pois admira-me isso muito, snr. Overton, respondeu Julia Manners, porque conheci-o por bastante tempo, para não ficar surprehendida com coisa alguma que o senhor fizesse, e parece-me que igual cortezia podia ter commigo.

—Mas fugir—fugir assim agora com um rapaz! retorquiu-lhe o *mayor*.

—Presumo que não quereria que eu fugisse agora com um velho! foi esta a fria resposta da dama.

—E então pedir-me a mim—a mim—de toda a gente do mundo—um homem da minha idade e posição—*mayor* da cidade—para promover um escandalo! apostrophou com muito mau humor o snr. José Overton, atirando-se para cima d'uma cadeira de braços, e tirando da algibeira uma carta da snr.^a Julia Manners, como para corroborar a asserção de que ella lhe pedira o seu auxilio.

—Vamos, Overton, replicou a dama com impaciencia, necessito do seu auxilio para este negocio, e

devo tel-o. Na vida do pobre Cornberry, que... que...

—Que estava para casar com a senhora, e não o fez porque morreu primeiro: e que lhe deixou as propriedades, sem a addição da sua pessoa, suggeriu o magistrado em tom sarcastico.

—Muito bem, replicou Julia, córando ligeiramente —na vida d'aquelle que Deus tem, as propriedades eram administradas pelo senhor, e tudo o que tenho a dizer, é que me admiro altamente que não tivessem morrido phtysicas, em legar do dono. O senhor fez tudo que pôde então para seu bem—ajude-me agora tambem.

O snr. José Overton era homem do mundo, e de mais a mais tabellião; e como lhe passassem pela mente umas certas recordações indistinctas d'umas duas mil libras, ou coisa assim, apropriadas por engano, tartamudeou o quer que fosse, sorriu-se ligeiramente, ficou silencioso por alguns segundos, e finalmente perguntou:

—Em que a posso servir?

—Eu lhe digo, replicou Julia Manners, eu lhe digo em duas palavras. O meu caro lord Pedro...

—Aposto em como esse é o rapaz, interrompeu o *mayor*.

—Este é o joven fidalgo, replicou a dama, accentuando fortemente a ultima palavra—lord Pedro tem um medo incrivel do resentimento de sua familia; por essa razão julgamos melhor casarmo-nos clandestinamente.

«Para evitar suspeitas, elle, acompanhado tão sómente do seu tigre favorito, sahiu da cidade, como para uma visita ao seu amigo o Honourable Augusto Flair, cujo solar, como sabe, é a cerca de trinta milhas d'aqui. Combinamos que eu viria aqui ter só, na diligencia de Londres: e que elle, largando o carro e o tigre no meio do caminho, marcharia para diante, e chegaria aqui esta tarde o mais cedo possivel.

—Muito bem, observou José Overton, e então elle mandará apromptar uma carruagem, e podem ir ambos juntos a Gretna Green, ¹ sem requisitarem a presença ou interferencia d'um terceiro, não é assim?

—Não, senhor, replicou a snr.^a Julia Manners. — Temos todas as razões para acreditar, que os parentes do meu caro lord Pedro, não o julgando dotado de muita prudencia ou sagacidade, e sabendo quanto elle me ama, apenas seja notada a sua ausencia, tratarão de fazer pesquisas n'esta direcção; para illudir as quaes, quero que fiquem acreditando que lord Pedro  um pouco desarranjado do juizo, ainda que perfeitamente inoffensivo: e que eu sou pessoa desconhecida para elle, e aguardo a sua chegada para o conduzir n'uma carruagem de posta a um asylo de lunaticos—a Berwick, por exemplo. Se eu me não mostrar muito, parece-me que farei com que possa passar por sua mãe.

Occorreu ao *major* o pensamento de que a dama podia bem mostrar-se à vontade, sem receio de que a não acreditassem, por isso que era do dobro da idade de seu futuro marido. Todavia não disse nada, e a senhora continuou:

—Lord Pedro está ao facto de todas estas combinações: e o que eu necessito agora, é tornar a illusão mais completa, dando-lhe a sanco da influencia do senhor n'este logar, e mostrar  gente da hospedaria que esta é a razão porque eu conduzo o joven lord commigo.—Para acreditar mais depressa a historia,  necessario que eu o nó veja até depois d'elle estar na carruagem, e por isso pedia-lhe para ir ter com elle e informal-o de que tudo vai s mil maravilhas.

—Elle chegou? perguntou Overton.

¹ *Gretna Green*, logar na Escocia, onde havia um ferreiro, fallecido ha dois annos, e que celebrava casamentos clandestinos, que depois se tornavam válidos.

— Não sei.

— Então como hei-de eu saber-o? perguntou o *major*. Com toda a certeza elle não escreverá o seu proprio nome no livro da hospedaria.

— Eu pedi a lord Pedro que apenas chegasse lhe escrevesse um bilhete, replicou a snr.^a Manners, e para evitar a possibilidade do nosso projecto ser descoberto por esses meios, pedi-lhe que escrevesse uma carta anonyma, e que o fizesse sabedor do numero do seu quarto em termos mysteriosos.

— Valha-me Deus! exclamou o *major*, levantando-se da cadeira, e remexendo nas algibeiras—que coisa tão extraordinaria! — *elle* chegou — este bilhete anonymo foi deixado em minha casa da maneira mais mysteriosa— não sabia que fazer com o tal bilhete até agora, e de modo algum esperava este desfecho. — Oh! aqui está.

E José Overton tirou do bolso do interior do casaco a carta rabiscada por Alexandre Trott.

— É esta a letra de lord Pedro?

— E, replicou Julia. Como é bom e pontual! Nunca vi a sua letra mais do que uma ou duas vezes, mas sei que escreve muito mal e muito largo. Como sabe, Overton, estes rapazes nobres...

— Sim, sim, só cuidam de cavallos e cães, vinho e jogo—actrizes e charutos—cavallarice, bordeis e bo-tequim: e por fim os tribunaes.—Aqui está o que elle diz:

«Senhor.—Um cavalheiro moço, hospedado no Leão de Winglebury, no quarto n.º 19, está para commetter amanhã, a uma hora cedo, um acto violento. (Não está má! quer dizer—casar-se). Se tem em alguma conta o socego d'esta cidade, ou a conservação d'uma—ou talvez de duas vidas...»—Que diabo quer elle dizer com isto?!

—Que está tão ancioso pela cerimonia, que porá

termo á existencia se fôr adiada, e que bem me pôde acontecer o mesmo, replicou a dama com grande complacencia.

—Oh! bem vejo—não ha muito receio d'isso: bem —«...duas vidas humanas, fará por o remover d'aqui. (Quer partir já—que maganão!)—Não receie tomar a responsabilidade sobre si, porque amanhã será bem apparente a necessidade absoluta d'este procedimento. Lembre-se: n.º 19—o seu nome é Trott. Nada de demora, porque a vida ou a morte dependem da sua promptidão.»—Linguagem apaixonada, na verdade! Devo ir vê-lo?

—Vá, replicou Julia; e recommendo-lhe que represente bem o seu papel. Tenho algum receio por elle. Diga-lhe que tenha todas as cautellas.

—Dir-lh'o-hei, disse o *major*.

—Arranje tudo bem.

—Não tem duvida, tornou o *major*.

—E diga-lhe que julgo melhor mandar apromptar a carruagem para a uma hora.

—Está bem, disse mais outra vez o *major*; e ruminando sobre a absurda situação em que fôra collocado pelo fado, e pelas suas relações d'outras eras, rogou o criado para annunciar a sua visita ao representante temporario do numero dezenove.

O annuncio de—*Um senhor que lhe deseja fallar*—induziu o snr. Alexandre Trott a poisar em meio um copo de vinho do Porto, cujo contneudo estava absorvendo n'aquella occasião a levantar-se da cadeira, e a dar uns poucos de passos para a janella, como para assegurar uma retirada, na eventualidade do visitante assumir as fôrmas e apparencia de Horacio Hunter. Todavia um relance d'olhos para José Overton, pacificou as suas apprehensões.

Com toda a cortezia apontou uma cadeira ao recém-chegado. O criado, depois d'um pouquinho de di-

vertimento com os copos e com a garrafa, consentiu em sahir do quarto: e José Overton, collocando o seu chapéo d'abas largas sobre uma cadeira junto a si, enctou a conversa, dizendo em tom muito baixo e cauteloso:

—Milord!

—Hein? disse Alexandre Trott na mais baixa clave, com o olhar vago e esgazeado d'um sonnambulo.

—Pschiu! pschiu! disse o cauteloso magistrado— muito bem— deixemo-nos de titulos— eu chamo-me Overton.

—Overton!

—Sim, senhor; sou o *mayor* d'este logar— mandou-me uma carta com informações anonymas esta tarde.

—Eu, senhor?! exclamou Trott com surpresa mal dissimulada, porque apesar de grande covarde que era, de boa vontade repudiaria a paternidade da carta em questão.—Eu, senhor?!

—Sim, o senhor: não me escreveu? respondeu Overton já um pouco enfastiado com o que elle suppunha ser um intenso grau de desnecessaria precaução.

—Ou esta carta é do senhor, ou não. Se é, podemos conversar com segurança sobre a materia. No caso contrario, não tenho mais coisa alguma a accrescentar.

—Fique, fique, dizia Trott, é *minha*; fui eu que a escrevi. Que podia eu fazer, meu caro senhor? não tinha aqui amigo algum...

—Certamente, certamente, dizia o *mayor* animando-o, não podia ter andado melhor. Pois muito bem... é-lhe necessario partir hoje á noite n'uma carruagem puxada a quatro. E quanto mais correrem os cavallos, tanto melhor. Não está aqui livre de o perseguirem.

—Valha-me Deus! exclamou Trott, podem acontecer coisas d'estas n'um paiz como o nosso? Uma perseguição assim tão implacavel, e a sangue frio!—Aqui limpou a essencia concentrada de covardia, que lhe

estava resudando da testa, e olhou apavorado para José Overton.

—Na verdade é uma coisa bem extraordinaria, replicou o *major* com um sorriso, que n'um paiz livre a gente não possa casar com quem quizer, sem ser perseguido como se fosse um criminoso. Todavia, no caso presente a dama quer, e, como sabe, no fim de contas é esse o ponto principal.

—A dama quer, repetiu Trott mechanicamente.— Como é que sabe que a dama quer?

—Vamos... vamos... maganão, finge muito bem, disse o *major*, applicando um benevolo piparote no braço d'Alexandre Trott.—Conheci-a por muito tempo, e se alguém podésse ter a menor duvida sobre o objecto, asseguro-lhe que não seria eu—e o senhor escusa de duvidar.

—Ora esta! dizia Trott murmurando—ora esta!—isto é na verdade uma coisa extraordinaria!

—Muito bem, milord Pedro! disse o *major*, levantando-se.

—Lord Pedro! repetiu com admiração Alexandre Trott.

—Oh!—ah! tinha-me esquecido; muito bem, então, snr. Trott, ah! ah! ah!—Pois bem, meu caro, a carruagem deve estar prompta á uma hora.

—E que farei eu até então? perguntou o snr. Trott com anciedade.—Não salvaria talvez melhor as apparencias, se fingissem que me guardavam á vista?

—Ah! replicou Overton, lembra bem—é uma idéa magnifica, indubitavelmente. Mando immediatamente alguém cá acima. E se fizer alguma resistencia, quando o mettermos na carruagem, não seria mau... finja que não quer que o levem, entende?

—Perfeitamente! disse Trott—perfeitamente!

—Pois bem, milord, disse Overton abaixando a voz, desejo-lhe uma feliz tarde.

—Milord! exclamou de novo Alexandre Trott, re-
cuando um passo ou dois, e fitando um olhar espan-
tado sobre a physionomia de *major*.

—Ah! ah! anda perfeitamente, milord — ensaia o
papel de louco, hein? — o olhar esgazeado, está magni-
fico! — bravo, milord! bravo! — boa tarde, snr.... Trott
—ah! ah! ah!

—O *major* decididamente está bebado! dizia com-
sigo Alexandre Trott, atirando-se para cima d'uma ca-
deira, na attitude de quem reflexiona.

—Este rapaz é muito mais fino do que eu pensava;
representa o seu papel d'uma maneira admiravel! pen-
sava Overton, descendo as escadas para vir completar
os arranjos.

Bem depressa ficou tudo prompto: foi implicita-
mente acreditada cada palavra da historia, e o moço,
d'um só olho, recebeu immediatamente instrucções para
se dirigir ao numero dezenove, e servir de guarda ao
supposto lunatico, até á uma hora.

Em consequencia d'estas ordens, aquelle guarda
improvisado, em tudo excentrico, armou-se com uma
bengala de gigantescas dimensões, encaminhou-se com
serenidade de espirito para o quarto de Alexandre
Trott, onde entrou sem cerimonia, e começou a guarda,
atirando-se sobre uma cadeira á entrada da porta, e
tractando de fazer passar o tempo assobiando uma can-
tiga popular, com grande satisfação apparente.

—Que queres d'aqui, patife? exclamou Trott appa-
rentando indignação pela sua detenção.

O moço da estribaria batia o compasso com a ca-
beça, ao mesmo tempo que se voltava para Alexandre
Trott com um sorriso de piedade; e depois continuou
assobiando em tempo de *adagio*.

—Você está aqui por ordem do snr. Overton? per-
guntou Trott, um pouco pasmado com as maneiras do
homem.

—Não se lhe importe, respondeu o criado socega-
damente, e melhor fará em estar calado.—E continuou
a assobiar.

—Tome bem nota, exclamou Alexandre Trott com
grandes desejos de fingir que estava ansioso por se
bater em duello, se o deixassem.—Protesto contra a
minha detenção aqui. Nego ter tido intenção de me
bater com pessoa alguma. Mas como de pouco serve
contender com numero superior, sentar-me-hei soce-
gado.

—É o que pode fazer melhor, observou placida-
mente o guarda, brandindo a bengala expressiva-
mente.

—Protestando, todavia, disse Alexandre Trott com
a indignação na physionomia, e a alegria no coração—
protestando sempre...

—Oh! certamente, replicou o guarda, proteste o
que quizer; mas não falle muito—porque lhe pôde
fazer peor.

—Fazer-me peor! exclamou Trott com pasmo não
fingido, este homem estará bebado...

—E' melhor estar socegado, observou-lhe o guarda,
acompanhando o dito com uma scena de pantomima
com a bengala.

—...ou doido?! continuou Trott, um pouco assus-
tado. Saia d'aqui, e diga em baixo que mandem outra
pessoa cá acima.

—Pois não foste!

—Saia já! gritou Trott, puxando pelo cordão da
campainha com violencia, porque lhe crescia cada vez
mais o susto.

—Não *vula* na campainha, sô maldito lunatico, dizia
o guarda, forçando Trott a sentar-se na cadeira, e bran-
dindo a bengala. Esteja quieto por uma vez, e não
faça saber a todos que ha um doido na casa.

—E um doido! exclamou Trott apavorado, olhando

com extremo horror para o unico olho do cyclope de cabeça avermelhada.

—Doido! sim! replicou o moço—diabos me levem se não é um doido, que custa a aturar. Oiça, desgraçado... Ai quer?—(ligeira pancada na cabeça de Alexandre Trott com a bengala, á medida que elle se aproximára do cordão da campainha). Apanhei-te...

—Poupe-me a vida! exclamou Trott levantando as mãos, em acção de implorar misericordia.

—Para que quero eu a sua vida? replicou o outro desdenhosamente: ainda que era um acto de caridade alguém tirar-lh'a.

—Não, não! interrompeu apressadamente o pobre Trott: eu antes a quero conservar...

—Como queira, respondeu com toda a placidez o personagem d'um só olho, cada um tem os seus gostos.

—Tudo o que tenho a *dizer-le* é o seguinte: sente-se ahí n'essa cadeira, e eu sento-me aqui; se estiver quieto e não *vulir*, não *le* faço mal; mas se mexer com mão ou pé até á uma hora, ponho-lhe a figura n'uma posta, e juro-lhe que se não ha-de conhecer quando se vir ao espelho. Tenha entendido.

—Sim, sim, respondeu a victima dos enganos, e o snr. Alexandre Trott assentou-se, e em frente d'elle sentou-se tambem o seu guarda, com a bengala em attitude de estar ás ordens, quando fosse necessaria.

Compridas e tediosas foram as horas que se seguiram. O sino da igreja de Grande Winglebury acabava de soar dez horas, e tres horas mais provavelmente se passariam antes de chegar soccorro. D'ahi a meia hora, o estrepito que faziam as portas das lojas da rua fronteira ao fecharem-se, mostrava alguns signaes de vida na cidade, e tornava a situação de Alexandre Trott menos insupportavel: mas esta começou a tornar-se insoffrida, quando o barulho mencionado cessou, e nada mais se ouvia além do rodar d'uma ou

outra carruagem, que parava para fazer mudas, e rodava outra vez, e do tinido das ferraduras das bestas nas cavallariças da hospedaria.

O guarda movia-se occasionalmente uma pollegada ou duas, para espezitar com os dedos os morrões dos castiçaes, mas reassumia no mesmo instante a primitiva posição: e como se recordava de ter ouvido onde quer que fosse, que o olhar humano produzia um effeito infallivel para conter os loucos, conservava o seu orgão solitario de visão continuamente fixo sobre a physionomia de Alexandre Trott. Este desgraçado, por seu turno, fixou tambem o olhar sobre o seu companheiro, até que as feições d'elle começaram a tornar-se cada vez mais indistinctas, o cabello menos avermelhado, e a sala mais nebulosa e densa.

O snr. Alexandre Trott cahiu n'um profundo somno, de que foi despertado por um estrepito na rua, acompanhado de vozes que diziam—Carruagem a quatro para o numero vinte e cinco.

Succedeu-se um ruido nas escadas: a porta da sala foi aberta de par em par, repentinamente: e entrou o senhor José Overton, seguido de quatro forçados mariolas e da snr.^a Williamson, proprietaria do Leão de Winglebury.

—Snr. Overton! exclamou Alexandre Trott, dando um salto com o frenesi d'um energumeno—olhe para este homem!—considere a triste situação em que eu estive durante as tres horas que se passaram—o homem que o senhor mandou para me guardar era um doido—um doido varrido e furioso!

—Bravo! muito bem! soprou-lhe ao ouvido Overton.

—Coitadinho! dizia com cara de compungida a snr.^a Williamson—os doidos julgam a outra gente tambem doida!

—Coitadinho! apostrophou Alexandre Trott—Que

diabo quer dizer o seu *coitadinho*? A senhora é a dona d'esta casa?

—Sou, sou, respondia ella com ar de compaixão, não 'puxe por si—lembre-se da saude—coitadinho!—que desgraçado!

—Não puxe pōr mim! gritava o snr. Alexandre Trott: graças a Deus, minha senhora, que ainda conservo algum folego, senão teria ha pouco sido assassinado por aquelle vêsgo, de cabeça d'estopa. Como se atreve a senhora... sim, como se atreve a ter um doido para assustar e aggredir os hospedes da sua casa?!

—Juro-lhe que nunca mais hei-de ter outro, dizia a snr.^a Williamson, deitando um olhar de arguição para o *mayor*.

—Magnifico! magnifico! dizia Overton baixinho, á medida que embrulhava Alexandre Trott n'um immenso capote.

—Magnifico! exclamava Trott em voz alta, diga antes horrível. Só a lembrança faz-me arripiar. Antes quereria bater-me em quatro duellos em tres horas, sobrevivendo aos tres primeiros, do que sentar-me frente a frente outra vez com um doido!

—Continue a gritar assim quando descermos as escadas, dizia-lhe Overton ao ouvido: a conta está paga, e a sua mala está na carruaagem.—E depois accrescentava em alta voz—Vamos, rapazes, este senhor está prompto.

A este signal, os quatro mariolas cercaram Alexandre Trott. Um segurou-lhe o braço direito, outro o esquerdo, um terceiro caminhou adiante com um castiçal na mão: o guarda e a snr.^a Williamson fechavam a rectaguarda, e ahi foram elles pela escada abaixo—Alexandre Trott expressando sempre, com grande alarido, ou a sua fingida repugnancia em marchar, ou a sua indignação, não fingida, por ter sido encerrado n'um quarto com um doido.

O snr. Overton collocou-se junto da porta da carruagem, os cavallos bem depressa foram attrelados, e alguns criados, ainda não mencionados, estavam em volta, de bôca aberta, para presencarem a partida do *doidinho*. O snr. Alexandre Trott tinha já posto o primeiro pé no estribo da carruagem, quando observou (o que a escuridão lhe não deixara ver antes) uma figura humana sentada na carruagem, completamente embrulhada n'um capote como o seu.

—Quem está alli? perguntou elle muito baixinho a Overton.

—Pschiu! pschiu! replicou o *mayor*: a outra pessoa, naturalmente...

—A outra pessoa, dizia Trott esforçando-se por se retirar.

—Sim, sim: vai saber tudo, antes de irem longe; mas eu pensei—mas faça bulha, porque se continua assim a fallar-me baixinho, pôde excitar suspeitas.

—Não quero ir n'esta carruagem, bradava Alexandre Trott, renovando-se-lhe o susto primitivo, agora com violencia dez vezes maior. —Serei assassinado, serei.

—Bravo! bravo! dizia Overton a meia voz, eu o eupurrarei.

—Mas eu não quero ir! exclamava Trott. Soccorro! soccorro! Querem levar-me contra vontade! Querem assassinar-me!

—Coitadinho! dizia outra vez a snr.^a Williamson, meneando a cabeça.

—Vamos, rapazes, atirem-no dentro! gritava o *mayor*, empurrando Trott, e fechando-lhe a porta.—Agora corram a bom correr, e não parem por nada senão na proxima estação—prompto!

—Os cavallos estão pagos, Tom, dizia em voz esganiçada a snr.^a Williamson: e em marcha se pôz a carruagem, correndo na razão de quatorze milhas por

hora, com Alexandre Trott e a snr.^a Julia Manners, cuidadosamente encerrados dentro.

Durante as primeiras duas ou tres milhas, o snr. Trott conservou-se completamente enroscado a um canto da carruagem, e o seu mysterioso companheiro a outro. Trott encolhia-se cada vez mais, á medida que via a outra pessoa sahindo pouco a pouco do canto, e debalde procurou, elle na escuridão, deitar uma vista d'olhos á face de Horacio Hunter.

—Agora já podemos fallar, disse-lhe o companheiro de viagem por fim; nem o cocheiro nem o sóta podem ouvir-nos, nem vêr-nos.

—Esta não é a voz de Hunter! pensou Alexandre pasmado.

—Lord Pedro! dizia Julia com meiguice, poisando o seu braço sobre o hombro de Trott—Lord Pedro, meu amor! Nem uma unica palavra?

—Como! é a voz d'uma mulher! exclamou Trott no tom baixo de excessivo pasmo.

—Ah!—que voz é esta?! dizia Julia—não é a de lord Pedro!

—Não, é a minha, replicou Trott.

—A sua?! disse Julia—um estranho! ah! meu Deus! —como veio o senhor aqui ter?

—Quem quer que a senhora seja, bem podia vêr que vim para aqui contra minha vontade, replicou Alexandre, porque eu fiz bastante barulho quando entrei.

—Vem de mando de lord Pedro? perguntou Julia.

—Diabos levem o tal lord Pedro, replicou Trott um pouco zangado: não conheço lord Pedro nenhum—nunca ouvi fallar n'esse nome antes d'esta noite, em que me teem massado com elle—é lord Pedro para aqui, lord Pedro para alli, até que me teem feito doido!

—Aonde nos dirigimos? perguntou a dama tragicamente.

—Essa é boa! como o hei-de eu saber? replicou

Trott com singular frieza, porque os acontecimentos d'aquella noite quasi que lhe tinham dado algum valor.

—Pãrem! pãrem! gritava a dama abaixando os vidros de diante.

— Peço-lhe perdão, minha senhora, dizia Trott, tornando a fazer subir as vidraças com uma mão, e com a outra apertando suavemente o pulso de Julia.— Aqui ha algum engano por força; conceda-me, minha senhora, a sua companhia até chegarmos á seguinte estação, para que nos possamos explicar. Devemos ir até ahi, pois não pôde ficar agora no meio da estrada, a esta hora da noite.

A senhora consentiu: e bem depressa foi explicado o *qui-pro-quo* mutuamente.

O snr. Trott era bem moço ainda, usava d'umas suissas, que promettiam muito, vestia n'um alfaiate in-criticavel—de que mais necessitava elle, a não ser de mais alguma coragem? Mas quem cura d'essas bagatellas com tres mil libras de renda?

A dama tinha ainda mais do que este dinheiro de renda; apenas precisava d'um marido ainda moço, e a unica coisa que podia obstar á deshonra de Alexandre Trott era uma rica esposa.

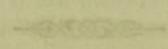
D'este modo vieram á conclusão de que seria uma pena terem tido tanto trabalho, e feito tantas despezas para nada, e como já estavam em meio do caminho, que o melhor era irem a Gretna Green, e casarem-se —e assim fizeram. E o seguinte assento no livro do ferreiro, foi o do casamento de Emilia Brown com Horacio Hunter. O snr. Hunter apresentou a sua esposa á sua familia, pediu perdão, e foi perdoado; e o snr. Trott fez o mesmo exactamente, e foi perdoado tambem.

E lord Pedro, que se detivera além do tempo marcado a beber Champagne e a tomar parte n'uma corrida de cavallos, voltou para o solar do seu amigo, o Honourable Augusto Flair, onde bebeu mais Cham-

agne, tomou parte em segunda corrida, cahiu do cavallo abaixo, e morreu. E Horacio Hunter adquiriu fôcos de valente, por se valer da covardia de Alexandre Crott; e todas estas circumstancias se souberam em tempo, e foram consignadas com todo o cuidado: e se algum dia, qualquer dos leitores ficar por uma semana em Winglebury, contar-lhe-hão esta historia do duello que teve logar n'aquelle sitio.



... parte em segunda ordem, e em
... e no... E...
... por se tratar de...
... e...
... e...
... e...
... e...
... e...



UMA REPRESENTAÇÃO DE CURIOSOS

Immensos eram os preparativos em Rose Villa, Clapham Rise, domicilio do snr. Gattleton, corretor de letras, em circumstancias bastante lisongeiras, e grande era a anciedade da interessante familia Gattleton, á medida que se aproximava o dia marcado para a representação particular d'um drama, que andava em ensaios ha muitos mezes.

Toda a familia fôra atacada da monomania das representações: a casa, de ordinario tão linda e aceiada, estava, para usarmos da phrase expressiva de Gattleton,— *completamente virada de cima para baixo*;— a grande sala do jantar, desprovida dos moveis e ornamentos, apresentava uma vista pittoresca e phantastica, um amontoado exquisito de bastidores, lampadas, pontes, nuvens, trovões, relampagos, bandolins, flôres, adagas, florestas, e outros quejandos objectos, proprios de representações theatraes.

Os leitos gemiam com o scenario; a cosinha estava occupada pelos carpinteiros.

Os ensaios tinham logar todas as noites impares, na sala de visitas, e não havia sophá algum na casa, que não estivesse mais ou menos estragado pela perseverança e coragem com que o snr. Sempronio Gattleton e Lucinia, desempenhavam a scena do assassinato no *Othello*. Tinham resolvido que a tragedia formaria a principal parte do divertimento nocturno, que devia constar de parte do *Othello* de Shakspeare, e de alguns actos da opera *Mazaniello* (*Muda de Portici*).

—Quando estivermos um pouco aperfeiçoados, parece-me que a *coisa* ha-de ir ás mil maravilhas, disse o snr. Sempronio, dirigindo-se á sua companhia dramatica, no fim de cento e cincoenta ensaios.

O snr. Sempronio, em attenção a gosar o *pequeno* inconveniente de fazer todas as despezas da representação, foi unanimemente eleito, com applauso geral, director da scena e ensaiador.

—Evans, continuou o snr. Gattleton Junior, dirigindo-se a um mancebo alto, delgado e pallido, com suissas descommunaes—Evans, palavra de honra que fazes de *Roderigo* admiravelmente!

—Isso é uma pura verdade, disseram a um tempo as meninas Gattletons; porque o snr. Evans, no parecer de todas as meninas, era proclamado um modello de perfeição. Mas como assim não havia de ser, se o hom do rapaz tinha umas maneiras tão interessantes, e umas tão lindas suissas, sem fallarmos do seu talento de escrever versos em albuns, e de tocar flauta?!

O interessante Rodrigo córou e abaixou a cabeça.

—Mas eu penso, accrescentou o ensaiador, que o senhor ainda não está bem perfeito na—*queda*—na scena da morte, sabe?

—É muito difficil, disse Evans pensativo; já me tenho atirado ao chão um hom par de vezes no escripto-

rio, para me acostumar a bem morrer, mas o que tenho podido conseguir é magoar o corpo bastante. Sendo obrigado a cahir de costas, ás vezes dou com a cabeça no soalho, e faz-m'a doer muito.

—Deve ter cuidado em não atirar ao chão algum bastidor, disse o sr. Gattleton Senior, que fôra nomeado ponto, e que tomava tanto interesse na representação, como qualquer rapaz. Bem sabe que o palco é muito pequeno.

—Não se assuste, disse Evans com ar de quem muito confia em si: hei-de fazer todo o possível para que não haja novidade.

—Parece-me que havemos de fazer grande furor com o *Mazaniello*, disse o director da scena, esfregando as mãos de contente. Harleigh canta aquella musica admiravelmente!

Todos lhe fizeram um cumprimento. Harleigh agradeceu com um sorriso aparvado, que lhe era familiar, e em seguida assobiou a aria—*Amis la matinée est belle*—e fez-se tão encarnado como o barrete de pescador que estava pondo na cabeça.

—Vamos a vêr, dizia o ensaiador, contando pelos dedos—havemos de ter tres pastoras para a dança, além de Fenella, e quatro pescadores. Além d'isso, temos o nosso Thomaz, que, com um par de sapatos brancos dos meus, uma camisa de Bob, e um barrete vermelho, pôde muito bem fazer de pescador—e ahí temos nós cinco. Nos córos, devemos indubitavelmente cantar de dentro, para parecer maior o numero, e na scena podemos entrar embuçados em capotes, com chapêos derrubados. Quando tiver logar a scena da revolta, Thomaz deve começar a correr d'um lado para o outro, tão ligeiro quanto possa ser, com um machado na mão. O effeito ha-de ser electrico; ha-de parecer exactamente como se houvesse um grande numero de pessoas em scena; e quando tiver logar a erupção do Ve-

suvio, havemos de queimar a polvora, e atirar ao chão as chaleiras velhas, para fingir o ruído do vulcão, hein?! A coisa parece-me que vai ás mil maravilhas.

—Com certeza, com certeza, exclamaram todos os actores *una voce*.

E o snr. Sempronio Gattleton sahiu da sala apressadamente para lavar a cara, suja da cortiça queimada, e superintender á collocação d'algumas scenas, pintadas por amadores, as quaes nunca eram sufficientemente admiradas por quem tinha a dita de as vêr.

A snr.^a Gattleton era uma pobre creatura, vulgar e de bom genio, estimando excessivamente seu marido e seus filhos, e aborrecendo unicamente tres coisas. Em primeiro logar, sentia uma antipathia natural pelas filhas de qualquer outra pessoa; em segundo, tinha um reccio descomedido por tudo o que tivesse a fórma de ridiculo; e por ultimo, e como uma consequencia necessaria do sentimento que acabamos de expôr, olhava com o mais profundo horror uma tal snr.^a Josepha Porter.

Todavia, a boa gente de Clapham e cercanias, temia altamente os escandalos e os sarcasmos; e por esse motivo a snr.^a Josepha Porter era cortejada, lisongeada, bem recebida, e convidada por todos, pela mesma razão que um poeta sem um *farthing*¹ na algibeira, tracta com a mais extraordinaria civilidade um mariola que faz recados a dois *penny*.²

—Não tem duvida, mamã, disse a menina Emma Porter, em colloquio com a sua respeitavel mãe—se elles me convidassem, não accetava, porque eu bem sei que nem o papá nem a mamã gostariam muito que eu tomasse parte em taes exposições publicas.

¹ *Farthing*, pequena moeda ingleza, que corresponde aos nossos 5 réis.

² O *penny* corresponde a 19 réis.

—Disseste o que eu esperava do teu bom senso e muito juizo, replicou a mãe. Estou muito satisfeita de que te saibas portar d'essa fôrma.

Diga-se aqui de passagem, que a menina Porter, não obstante as suas idéas rispidas, estivera com aprazimento seu, na semana antecedente, e durante quatro dias, em *exposição*, no balcão d'um bazar, a todos os subditos fieis de Sua Magestade, que estiveram dispostos a pagar um schilling pelo privilegio de vêrem quatro duzias de meninas namorarem, com descaramento, as pessoas que allí iam comprar algum objecto.

—Acolá! dizia a snr.^a Porter olhando pela janella, acolá vão a entrar duas peças de vitella e um fiambre, provavelmente para sandwiches; e Thomaz, o pastelheiro, diz que foram mandadas fazer doze duzias de pasteis, além dos gelados e do crème. Ora, só o imaginarmos as Gattletons com vestidos de baile, é um acabado divertimento! aquillo ha-de ser mesmo uma coisa d'estallar com riso!

—Oh! ha-de ser uma coisa ridicula em extremo, accrescentou Emma perdida com riso.

—Deixa estar que vou tractar de as intrigar, disse a snr.^a Porter; e em seguida sahiu pela porta fóra, na sua caritativa missão.

—Olhe, minha cara snr.^a Gattleton, dizia a snr.^a Porter, depois de ter estado a palestrar com a sua vizinha por algum tempo, e de lhe ter sacado todas as novidades da casa com referencia á representação—olhe, minha senhora, essa gente póde dizer o que lhe vier á cabeça; e estou certa que o dizem, porque ha gente muito mal intencionada.

—Ah! minha cara Lucinia (isto dirigia-se a uma das meninas Gattletons, que entrára)—como está?—estava agora mesmo dizendo á sua mamã que ouvira dizer...

—O quê?

—Esta senhora estava fallando a respeito da nossa representação, minha filha; disse a snr.^a Gattleton, ella estava, custa-me bem dizer-t'o, a contar-me que...

—Oh! peço-lhe que não diga isso, interrompeu a snr.^a Porter: é um absurdo, e tão grande como aquelle rapaz... esquece-me agora o seu nome, dizer que se espantava de que a menina Carolina, com o pé e tornozello que tem, podésse ter a vaidade de fazer de *Fenella*... ora já se viu disparate assim!

—É muito impertinente quem disse essas coisas! disse a snr.^a Gattleton impertigando-se toda.

—Certamente que sim, minha querida! continuou a snr.^a Porter, intimamente satisfeita com o mal que fazia—ninguem pôde duvidar que é uma pouca vergonha. Porque, como eu disse, se a menina Carolina vai fazer de *Fenella*, não se segue por isso que ella esteja persuadida, que tem um pé bonito; e não teve elle o atrevimento de dizer—estes rapazes d'agora sempre são uns bonifrates!—que a menina...

E' impossivel dizer-se até onde iria a amavel snr.^a Porter com o seu desenfreado cavaco, se a entrada do snr. Thomaz Balderstone, irmão da snr.^a Gattleton, e chamado vulgarmente na familia o *tio Thomaz*, não tivesse feito mudar o assumpto da conversa, e suggerido á intrigante um excellentes plano de vingança para a noite da representação.

O tio Thomaz era muito rico, e amava excessivamente seus sobrinhos e sobrinhas: deve, portanto, suppôr-se que era uma pessoa de grande importancia na sua familia. Era um dos homens de melhor coração que existiam—sempre de bom humor, e sempre fallando. O seu maior prazer era poder dizer, que usára sempre sapatos brancos, e nunca pozera ao pescoço um lenço de sêda preto; e o seu maior orgulho era recordar-se de todos os dramas de Shakspeare, desde o

principio ao fim, recitando-os com grande aprazimento seu, e tortura de quem o escutava.

Resultava d'esta sua prenda de papagaio, que não só estava continuamente citando o *Cysne do Avon*,¹ mas tambem não podia ouvir a sangue frio, fosse onde fosse, uma citação errada, sem corrigir immediatamente o infeliz delinquente.

Tinha tambem algumas pretensões a espirituoso: nunca perdia qualquer oportunidade de patentear o que elle considerava um dito chistoso, e ria sempre, até as lagrimas lhe virem aos olhos, de qualquer coisa que lhe parecesse ridicula ou jocosa.

—Então como vão as minhas pequenas? disse o tio Thomaz, depois da cerimonia preparatoria dos beijos e dos bons dias.—Já sabem os seus papeis, hein?

—Vamos, Lucinia, repete a scena 1.^a do 2.^o acto—colloca-te á esquerda—séria—diz lá.

«O terrivel fado... que se segue agora?—vamos.

«Os céos...

—Ah! é verdade, disse Lucinia, agora me lembro.

«Os céos permittam que a nossa felicidade e o nosso amor possam augmentar, á medida que augmentam os nossos dias.»²

—Faz uma pausa de quando em quando, dizia o velho tio, que se tinha em conta de excellente critico.

—«... Que a nossa felicidade e o nosso amor possam augmentar—emphasis na ultima palavra—«augmentar á medida»—mais baixo—uma, duas, tres, quatro; outra vez mais alto—«que augmentam os nossos dias», emphasis nos *dias*. Assim é que deve ser; confia em mim, se queres recitar bem.

³ *Avon*, rio d'Inglaterra, que banha a pequena cidade de Stratford, onde nasceu Shakspeare.

¹ *Othello*, acto 2.^o

—Olé! Sempronio, como vai isso?

—É realmente uma pena que o seu sobrinho se não lembrasse de o fazer ponto, snr. Balderstone, segredou-lhe a snr.^a Porter: estou certa que a peça havia de ir muito melhor.

—Parece-me que se me encarregasse d'isso havia de dar boa conta do officio, retorquiu o tio Thomaz.

—Na noite da representação hei-de sentar-me a seu lado, continuou a snr.^a Porter; e peço-lhe desde já que se os nossos amigos errarem algum verso, me faça notar o engano, porque me interesse muito com essas coisas.

—Terei grande prazer se lhe podér servir d'alguma utilidade.

—Não se esqueça, pois, d'este nosso ajuste.

—Fique descansada.

—Não sei porque, dizia a snr.^a Gattleton e suas filhas, que estavam em volta do fogão decorando os seus papeis—mas desejava realmente muito que a tal snr.^a Porter não viesse na quinta feira. Estou certa de que ella está premeditando alguma coisa má.

—Não importa: *ridiculos*, é que ella nos não póde tornar, observou altivamente o snr. Sempronio Gattleton.

A quinta feira tão desejada chegou finalmente, e trouxe consigo, como observou philosophicamente o snr. Gattleton Senior, «desapontamentos, de que nem era bom fallar.» Em verdade, ainda haviam largas duvidas sobre se *Cassio* poderia arranjar-se com um vestido, que lhe sôra trazido d'um armazem de fatos do mascarás.

Era igualmente ainda incerto, se a primeira cantora estava completamente restabelecida da grippe, para poder fazer a sua parte. O snr. Harleigh, que n'aquella noite fazia de *Mazaniello*, estava rouco, e um tanto enjoado, em consequencia da grande quanti-

dade de limão e assucar-cande que engulira, para melhorar a voz: e dois flautas e um violoncello, enviaram desculpas por estarem constipados.

Que se havia de fazer? Os espectadores não faltavam. Todos sabiam as suas partes: os vestidos estavam cobertos d'ouros e lentejollas: as pennas brancas mettiam uma linda vista: o snr. Evans ensaiava-se no modo de cahir ao chão, quasi a ponto de ter os ossos amassados desde a cabeça até aos pés, e portanto representava com perfeição; e *Iago* estava totalmente convencido, de que na scena da morte havia de fazer furor.

Um curioso, surdo, que se offerecera bondosamente para trazer a sua flauta, foi uma valiosa aquisição para a orchestra: o talento que a snr.^a Jenkins mostrava ao piano, era demasiadamente conhecido para ser posto em duvida por um momento; o snr. Cape frequetes vezes tinha acompanhado aquella senhora com rebecca, e o snr. Brown, que promettera trazer o seu violoncello, sem duvida alguma, havia de fazer as delicias da noite.

Soaram as sete horas, e vieram chegando os espectadores; todas as notabilidades, e todas as pessoas do grande mundo de Clapham e suas vizinhanças enchiam o theatrinho.

Viam-se alli os Smiths, os Gubbians, os Nixons, os Dixons, os Hicksons, gente com toda a especie de nomes, dois *aldermen*, um *sheriff* em perspectiva, sir Thomaz Glumper (nomeado cavalleiro no ultimo reinado, em consequencia de ter apresentado uma felicitação por alguém ter escapado d'alguma coisa); e por ultimo, mas não sendo os ultimos em importancia, entenda-se, lá se viam a snr.^a Josepha Porter e o tio Thomaz, sentados no centro da terceira fileira, contando da scena.

A snr.^a Porter divertia o tio Thomaz com historias

de todo o genero, e o tio Thomaz divertia toda a gente com as suas risadas descomedidas.

Dlin! dlin! dlin! soou a campainha do ponto ás oito horas, e de repente rompeu a orchestra com a symphonia do *Promotheo*. O tocador do piano-forte, ia martellando os ouvidos dos espectadores com a mais louvavel perseverança; e o violoncello, que se ouvia por intervallos, *era bem bom para curiosos*.

O violoncellista era muito curto de vista, e estando collocado a alguma distancia da estante da musica, a unica coisa que fazia era tocar, de quando em quando, alguma nota gorda fóra do tom e do compasso.

A symphonia assimilhava-se algum tanto a um desafio entre os diversos instrumentos: o piano adiantou-se alguns compassos, seguiu-se depois o violoncello, que se distanciava muito da pobre flauta: e como o tocador d'este ultimo instrumento era surdo, só conheceu que a symphonia terminára quando retumbaram os applausos da assembléa.

Ouviu-se então um consideravel borborinho e ruído de pés dentro do palco, acompanhado isto das seguintes palavras, ditas em voz baixa: «Estamos bem servidos!—que se ha-de fazer agora?» etc.

O auditorio applaudiu de novo para enthusiasmar os actores; e depois o snr. Sempronio pediu, em voz alta, ao ponto para que fizesse sahir toda a gente da scena, e dêsse signal para subir o panno.

Dlin! dlin! dlin! soou de novo a campainha. Sentaram-se todos; o panno moveu-se, e levantou-se á altura sufficiente, para que se podêssem vêr alguns pares de sapatos amarellos, movendo-se d'um lado para o outro, e n'isto ficou tudo.

Dlin! dlin! dlin! soou de novo a campainha. O panno bulia convulsivamente, mas não se ergueu mais alto: os espectadores sorriam-se; a snr.^a Porter olhou para o tio Thomaz, e o tio Thomaz olhava para toda a

gente, esfregando as mãos, e rindo-se com a melhor vontade.

Depois de muitos toques de campainha, de se preferirem muitas palavras, e de se ouvir pedir, em voz alta, corda e pregos, ergueu-se finalmente o panno, e deixou vêr o snr. Sempronio Gattleton *solus*, vestido de *Othello*.

Seguiram-se tres distinctas rodas d'applausos, durante as quaes o snr. Sempronio, director da scena, levou a mão direita ao lado esquerdo do peito, e, terminadas as palmas, inclinou-se com toda a cortezia, deu dois passos á frente, e disse:

— Damas e cavalheiros! Asseguro-vos que é com sincero pesar que sou obrigado a informar-vos, de que *Iago*, que tinha de fazer a parte do snr. Wilson... peço-vos perdão, damas e cavalheiros, mas eu estou bastante perturbado (applausos)—quero dizer, o snr. Wilson, que estava para fazer a parte de *Iago*, está... isto é, esteve... ou, por outras palavras, damas e cavalheiros, o facto é que acabo de receber n'este mesmo instante um bilhete, em que sou informado de que *Iago* está retido esta noite, por affluencia de serviço no correio. N'estas circumstancias, confio... uma... uma... representação de curiosos... desculpa... uma outra pessoa fará aquelle papel... peço indulgencia por algum tempo... cortezia e bondade do publico britannico (applausos estrepitosos).

Sahe Sempronio Gattleton, e cahe o panno.

Os espectadores ficaram todos de muito bom humor, porque tudo aquillo era muito divertido. Tiveram de esperar uma hora com excessiva paciencia, e para tornarem o tempo mais curto, dirigiram a attenção para as bandejas dos cakes e das limonadas.

Pelas subseqüentes explicações do snr. Sempronio, parece que a demora não teria sido tão grande, se se não tivesse dado o caso de ter chegado inesperada-

mente o *Iago* original, quando o seu substituto tinha acabado de se vestir, e justamente quando o drama estava para começar. Foi portanto o primeiro obrigado a despir-se, e este ultimo a vestir-se para o seu papel: e como achasse alguma difficuldade em ageitar-se com a roupa, occupou isso bastante tempo.

Finalmente, começou a tragedia. Foi até á terceira scena do primeiro acto, quando *Othello* se dirige ao senado, dando-se então uma circumstancia notavel, a qual foi, que não podendo *Iago* enfiar as botas, em consequencia de lhe terem inchado os pés com o calor e excitação dramatica, foi obrigado, pela necessidade, a fazer o seu papel com uns sapatos de bezerro branco, que contrastavam singularmente com os calções, ricamente bordados. Quando *Othello* dirigiu a sua falla ao senado (cujá dignidade estava representada pelo *duque*, um carpinteiro, dois homens, mandados alli pela recommendação do jardineiro, e um garoto) a snr.^a Porter achou o ensejo favoravel, para a intriga, que tanto desejava.

O snr. Sempronio proseguiu:

«Muito poderosos, graves e venerandos senhores; meus nobres e bons amos—que eu raptei a filha d'este velho, é mais que verdade—rude sou eu nas minhas palavras...»

—Aquillo vai bem? disse baixinho a snr.^a Porter para o tio Thomaz.

—Não.

—Diga-lh'o então.

—Vou dizer-lh'o.—Sempronio! gritou o tio Thomaz, isso não vai bem...

—Que é que não vai bem, meu tio? perguntou *Othello*, esquecendo-se completamente da dignidade da situação.

—Deixastes de recitar:

«É verdade que a esposiei.»

—Oh! ah! disse o snr. Sempronio, tractando d'ocultar a sua confusão tão inefficazmente, como os espectadores procuravam occultar as risadas abafadas, tossindo com grande violencia.—«É verdade que a esposei»—não passa d'isto a minha total offensa.

(*À parte*)—O pae porque não aponta?

—Porque perdi os meus olhos, disse o pobre snr. Gattleton quasi morto de calor e afflicção.

—Vamos, rapaz—*Rude sou eu*—disse o tio Thomaz.

—Eu bem sei, tio, replicou o infeliz *Othello*, proseguindo no seu papel.

Seria longo e enfadonho contarmos o numero de vezes que o tio Thomaz, agora completamente no seu elemento, e instigado pela snr.^a Porter, corrigiu os enganos dos actores: basta dizer-se, que uma vez encetada por elle aquella tarefa, não haviam forças humanas que lhe pozessem um termo; de modo que durante todo o resto da representação, ia repetindo em tom baixo as diversas partes dos actores, o que fazia um effeito singular, e promovia a anarchia.

Os espectadores riam-se a bandeiras despregadas; a snr.^a Porter saltava de jubilo, e os actores estavam embaraçados o mais possivel. O tio Thomaz nunca na sua vida se sentiu tão satisfeito; e os sobrinhos e sobrinhas, apesar de serem herdeiros declarados dos seus muitos haveres, nunca desejaram tão cordealmente, como n'aquella occasião, vê-lo mettido duzentas toezas no interior da terra.

Varias outras coisas menores concorreram para mitigar o ardor dos personagens. Nenhum dos actores podia mexer as pernas nos calções, ou mover os braços dentro das jaquetas: as calças eram muito curtas, as botas muito grandes, as espadas e adagas de todos os tamanhos e feitios.

O snr. Evans, alto em demasia para as scenas, trazia um gôrro de velludo preto, com grandes plumas

brancas, cuja gloria se perdia nos bandolins, e tinha, além d'isso, o inconveniente de que, quando estava fóra da cabeça, não o podia tornar alli a pôr, e quando estava na cabeça, a custo o podia tirar. Não obstante os numerosos ensaios que fizera, deu com a cabeça n'um dos bastidores, que esteve quasi a perder o equilibrio.

O tocador de piano, atormentado com o extremo calor que reinava na sala, foi procurar o fresco no começo da representação, deixando a musica do *Mazaniello* a cargo do flauta e do violoncello. Os da orchestra queixaram-se de que o snr. Harleigh os atrapalhava, e o snr. Harleigh declarou que a orchestra o inhibia de cantar.

Os pescadores, que tinham sido ajustados para o effeito scenico, revoltaram-se ao natural, recusando-se positivamente a entrar em scena sem lhe augmentarem a dôse do heberete: e tendo sido deferido o seu pedido, na scena da erupção apresentaram-se ébrios com a maior naturalidade.

A polvora, que foi queimada no fim do segundo acto, além d'ir produzindo a suffocação dos espectadores, esteve quasi a incendi'ar a casa.

O resto da peça foi representado no meio d'um denso nevoeiro de fumo.

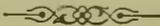
Em summa, a tal representação foi, como dizia triumphantemente a snr.^a Porter a toda a gente—*um completo estenderete*.

Os espectadores retiraram-se para suas casas ás quatro horas da madrugada, exhaustos de se rirem, soffrendo dôres de cabeça, e com um terrivel cheiro a polvora e enxofre. Os snrs. Gattleton Senior e Junior, foram deitar-se com a vaga idéa de emigrarem para a Australia na semana seguinte.

Rose Villa retomou de novo a sua usual apparencia: a mobilia da sala de jantar foi collocada no seu lugar;

as mesas estão hoje tão lindamente envernizadas como d'antes; as poltronas de crina estão enfileiradas contra a parede, com a mesma regularidade com que estavam; as persianas foram todas postas nas janellas da casa, para interceptar as vistas curiosas da snr.^a Josepha Porter.

Nunca mais pessoa alguma da familia Gattleton tornou a fallar em representações, a não ser o tio Thomaz, o qual não pôde deixar d'expressar a sua surpresa e pesar, ao vêr que seus sobrinhos e sobrinhas mostram ter perdido o gosto que outr'ora tinham pelos dramas de Shakspeare, e pelas citações d'aquelle immortal bardo.



...estas cosas hoy los indios envejecidos como
 niños en pollinos de arena están envejecidos como
 niños con a incienso envejecido con que están;
 ...porque han todos por los indios de casa
 un indio en casa de casa de casa de casa de casa
 de casa de casa de casa de casa de casa de casa

...estas cosas hoy los indios envejecidos como
 niños en pollinos de arena están envejecidos como
 niños con a incienso envejecido con que están;
 ...porque han todos por los indios de casa
 un indio en casa de casa de casa de casa de casa
 de casa de casa de casa de casa de casa de casa

UM BAPTISADO

O snr. Nicodemus Dumps, ou, como os seus conhecidos lhe chamavam—o *grande Dumps*—era um solteirão, de seis pés d'altura, e de cincoenta annos de idade; sугeito de costumes exquisitos, com physionomia cadaverica, e de natural serrazina e ruim.

Nunca era feliz senão quando era desgraçado: e tanto mais desgraçado era, quanto mais razões tinha para ser feliz.

O unico prazer real da sua existencia, era fazer mal aos que o rodeavam, para poder então dizer, com verdade, que gosava a vida.

Vivia afflicto com um emprego no banco, que lhe rendia quinhentas libras annuaes, e morava n'um primeiro andar mobilado, em Pentonville, que alugára a principio por deitar sobre um cemiterio adjacente. Eram familiares para elle todas as inscrições dos tumulos,

e professava uma descomedida sympathia pelos enterrados.

Os seus amigos appellidavam-no de misanthropo: elle dizia que era simplesmente nervoso: na opinião d'elles, não passava d'um cão; mas o snr. Nicodemus protestava ser *o homem mais desgraçado d'este mundo*.

Com o coração frio que possuia, e com o seu character de maldade, não deixava, todavia, de ser susceptivel d'affeições.

Reverenciava a memoria de Hoyle, por elle proprio ser um admiravel e imperturbavel jogador de whist, e enchia-se de prazer quando acontecia ter por parceiro algum impaciente, que sentia pesar com as perdas. Adorava o rei Herodes, pela matança dos innocentes: e se alguma coisa odiava mais que outra, era certamente uma creança.

Pôde-se dizer, comtudo, affoitamente, que não tinha odio por coisa alguma em particular, por isso que aborrecia todas as coisas em geral: mas talvez os objectos da sua maior antipathia fossem os *cabs*, as mulheres velhas, as portas que não fechavam de todo, os amadores de musica, e os cocheiros dos omnibus.

Era um dos subscriptores da Sociedade para a Suppressão do Vicio, unicamente pelo gosto de pôr um termo a quaesquer passa-tempos innocentes, e auxiliava largamente dois missionarios methodistas ambulantes, só com a amavel esperanza de que, se as circumstancias fizessem qualquer feliz n'este mundo, os receios da vida futura o tornassem desgraçado.

O snr. Dumps tinha um sobrinho, que se casára havia cerca d'um anno, e era algum tanto favorito de seu tio, por ser um d'aquelles em quem melhor podia exercer as suas tendencias de maldade.

Carlos Kitterbell, tal era o nome do sobrinho, era baixo, vivo, e magro, com uma cabeça similhando a abobora menina, e uma phisionomia larga e de bom

humor. Parecia um d'estes gigantes pintados, de que já desapareceu o corpo, e tem a cabeça e cara restauradas.

Tinha elle um modo de olhar tal, que era impossivel dizer, quem com elle conversasse, para que lado elle deitava as suas vistas. Os olhos estavam fixos na parede, quando vos estava olhando de frente. Em addição a estes caracteristicos, pôde-se accrescentar, que Carlos Kitterbell era um dos mais positivos pequeninos personagens, que jámais habitaram em Great-Russel-street, Bedford-square.

—Mas, meu caro tio, palavra de honra, deve prometter-me ser padrinho, dizia o snr. Kitterbell, uma manhã, logo que principiou a conversar com o seu respeitavel parente.

—Não posso! não posso! retorquia Dumps.

—Mas porque não? Jemmina não ficará contente. É tão pouco trabalho...

—Quanto ao trabalho, reiterou o homem mais desgraçado do mundo, pouco me importa; mas os meus nervos estão em tal estado!—não poderei supportar toda a cerimonia. Tu sabes isto perfeitamente.—Pelo amor de Deus, Carlos, não bulas assim com o môxo: fazes-me doido!

Kitterbell, com pouca consideração para com os nervos de seu tio, occupava-se, havia dez minutos, em descrever um circulo, no soalho, com uma perna do môxo do escriptorio, em que estava sentado, conserando as outras tres no ar, e agarrando-se com unhas e dentes á escrivaninha.

—Peço-lhe perdão, meu tio, disse Kitterbell envergonhado, largando a escrivaninha de repente, e deixando cahir as tres pernas do tamborete, com uma força capaz d'abater o soalho.—Mas ande, não recuse.—Se fôr um rapaz, como sabe, devemos ter dois padrinhos.

—Se fôr um rapaz! disse Dumps, como! pois não podes dizer se é rapaz ou rapariga?

—Tomára eu dizer-lh'o... mas é-me impossivel, porque a creança ainda não nasceu!

—Ainda não nasceu! repetiu Dumps, despontando-lhe um raio d'esperança através da sua lugubre physionomia.—Então poderá ser uma rapariga, e já não precisas de mim—ou se fôr rapaz, pôde muito bem morrer antes de se baptisar.

—Oh! Deus nos livre d'isso! disse o pae, modelando uma grave physionomia.

—Tambem digo o mesmo, accrescentou Dumps, evidentemente satisfeito com o tom que tomára a conversa. Começava a ser feliz.—Deus não ha-de querer tal; mas casos desgraçados occorrem frequentemente durante os dois ou tres primeiros dias da vida das creanças:—oiço dizer que são muito communs os ataques de nervos, e convulsões spasmodicas acontecem a cada momento.

—Oh! meu Deus! exclamou o bom de Kitterbell, quasi sem poder resfolegar.

—É verdade; olha, a minha patrôa deu á luz—deixa-me vêr—na terça feira ultima, um rapaz robustissimo. Na quinta á noite a ama tinha-o deitado nos joelhos, em frente do fogão, e a creança passava o melhor possivel; de repente fizeram-se-lhe as faces arroxadas. Mandou-se chamar o medico a toda a pressa; veio, experimentaram-se os remedios, mas...

—E então? perguntou Kitterbell, quasi terrificado.

—A creança morreu necessariamente. Pôde ser, comtudo, que o teu filho não morra; e se fôr rapaz, e viver para ser baptisado, serei então um dos padrinhos; vá lá.

Dumps era naturalmente um bom sugeito, quando tinha fé nos seus prognosticos.

—Muito obrigado, meu tio, disse-lhe o sobrinho,

todo tremulo, e apertando-lhe a mão com uma força, como se o tio lhe tivesse prestado um serviço eminente. — Talvez seja melhor, eu não mencionar a minha mulher o que o tio me contou.

— Certamente; se ella tem pouca coragem, é melhor não menciones o que eu contei, replicou Dumps, que tinha inventado toda a historia: apesar de que talvez lhe prestarias um grande serviço, preparando-a sempre para o *peior*.

Um dia ou dois depois d'esta scena, Dumps, estando a lêr um jornal da manhã no restaurante que frequentava regularmente, deu com os olhos no seguinte paragrapho:

«*Nascimentos*.—No sabbado, 18 do corrente, a esposa de Carlos Kitterbell, Esq., em Great-Russel-street, deu á luz um menino.»

—E um rapaz! exclamou elle, atirando fóra o jornal, com grande pasmo dos criados.—E um rapaz!

¶ Mas a sua physionomia compôz-se repentinamente, deparando com a secção dos obitos das creanças.

Passaram-se seis semanas, e como não fóra recebida communicação alguma da parte dos Kitterbells, começara Dumps a lisongear-se com a idéa de que teria morrido a creança, quando a seguinte carta lhe veio fazer esmorecer os seus pensamentos de satisfação:

«GREAT-RUSSEL-STREET.

Segunda feira de manhã.

Caro tio.

Ficará deleitado quando souber que a minha cara Jemmina já sahiu do quarto, e que o seu futuro aliado passa ás mil maravilhas. A principio estava muito magrinho, mas agora está engordando muito, e a ama diz que ha-de continuar assim. Grita muito, e tem uma

côr singular, que deu que pensar a mim e a Jemmina: mas, como bem diz a ama, a côr é natural, e como cá a gente pouco entende d'essas coisas, estamos satisfeitos com o que diz a ama.

Estamos persuadidos de que ha-de ser uma creança muito esperta; e a ama também é da mesma opinião, por isso que elle nunca quer dormir.

Acreditará muito bem o tio, quão felizes somos; só um pouco atrapalhados com a falta de descanso, porque o pequerrucho não nos deixa pôr ôlho em toda a noite: mas devemos esperar isto, assim diz a ama, nos primeiros sete ou oito mezes.

O pequeno foi vaccinado, mas em consequencia da operação se fazer com pouco geito, introduziram-se-lhe algumas pequenas particulas de vidro no braço, conjunctamente com o virus.

Talvez seja este, em grande parte, um dos motivos porque é tão barulhento; pelo menos assim pensa a ama. Tencionamos fazel-o baptisar pela volta do meio dia de sexta feira, na igreja de S. Jorge, em Hartstreet, e pôr-lhe o nome de Frederico Carlos Guilherme.

Peço-lhe que não tarde mais do que um quarto para o meio dia. Á noite teremos a companhia d'alguns poucos amigos, e, escusado é dizer-se, que esperamos ter o gosto de o vêr.

Tenho a dar-lhe a triste nova de que o pequeno hoje não se acha bom, e está muito desassocegado; receio que tenha febre.

Sou, meu caro tio,

Seu sobrinho afeiçoado

Carlos Kitterbell.

P. S.—Abro de novo a carta, para lhe participarmos que já descobrimos a causa do desassocegado do Fre-

deriquinho. Não era a febre, como eu suppunha, mas um pequeno alfinete que lhe picava na perna, e que a ama deixára cahir accidentalmente hontem á noite.

Tiramos-lh'o para fóra, e agora o pequeno parece mais socegado, ainda que rabuja um pouco.»

Será quasi desnecessario accrescentar, que a leitura d'esta interessante carta, não deu grande allivio á mente do hypocondriaco Dumps. Era todavia impossivel retroceder, de maneira que não teve remedio se não conformar-se com a sua sorte.

Arranjou a sua melhor cara, que, de passagem seja dito, era de fazer fugir, e comprou para o futuro afilhado, um jarro de prata, sobre o qual fez gravar as iniciaes—*F. C. G. K.*—com a sua competente firma, que fazia recordar um bacêllo encadeado n'uma ramada.

O dia de segunda feira amanheceu bello, o de terça delicioso, quarta igualou a ambos, e na quinta feira o tempo não podia ser melhor: quatro successivos dias magnificos em Londres!

Os cocheiros de praça tornaram-se revolucionarios, e os varredores começaram de duvidar da existencia d'uma Causa Primaria.

O *Morning-Herald* informou os seus numerosos leitores, de que se ouvira dizer a uma velha da aldêa de Camden, que não havia memoria d'um tempo assim. Os empregados publicos, com grandes familias e pequenos salarios, largaram, interinamente, as suas polainas de borracha, não se dignaram levar os seus guarda-chuvas d'algodão de côr duvidosa, e caminhavam pela cidade, revendo-se nas suas meias lavadas e botas á Blucher, reluzindo como um espelho.

Dumps contemplava isto tudo com olhar de supremo desprêso—não tardava o seu triumpho. Sabia elle perfeitamente, que ainda quando o tempo estivesse bom

quatro semanas a fio, em vez de quatro dias, de certo choveria no dia em que pozesse pé na rua: exultava pois com lugubre felicidade, perfeitamente convencido de que sexta feira seria um dia desgraçado—e assim aconteceu.

—Eu bem sabia que havia de chover, dizia consigo Dumps ao voltar a esquina fronteira a Mansion-House, ás onze horas e meia da manhã de sexta feira. Eu bem sabia que havia de chover, os nervos perseguiram-me; era signal evidente de transtorno atmospherico;—e certamente, a apparencia do dia era sufficiente para abalar o espirito de qualquer menos hypochondriaco que elle.

Tinha chovido, sem cessar um só momento, desde as oito horas da manhã; todos os que passeavam Cheapside para cima e para baixo, iam a pingar, tiritando de frio, e cobertos de lama. Sahiram á luz n'aquelle dia todos os guarda-chuvas, alguns esquecidos de tempo immemorial. Os *cabs* voavam d'um lado para o outro, com o *frete* embocetado entre duas vidraças puxadas acima, como as pinturas mysteriosas dos castellos nos romances de Anna Radeliffê; os cavallos dos omnibus fumegavam como chaminês de vapores. Ninguem pensava em esperar debaixo das arcadas ou nas soleiras das portas: todos estavam convencidos de que não cessaria a chuva, de maneira que corriam apressados, saltando, acotovellando os outros, jurando, transpirando, e dando trambolhões, exactamente como os patinadores no lago de Hide-Park, n'um domingo de inverno.

Dumps fez uma pausa: era loucura da sua parte pensar em caminhar a pé, com o fato domingueiro, que levava por causa do baptisado.

Se tomasse um *cab*, tinha a certeza de ficar com a roupa salpicada de lama;—outra qualquer carruagem, era demasiado dispendiosa para quem professava idéas de economia como elle.

Estava parado um omnibus na esquina opposta—era um caso desesperado—nunca tinha ouvido dizer que se virasse um omnibus, ou que os cavallos que puxam esta especie de vehiculos, tomassem o freio nos dentes.

—Ainda ha logar, gritava o cocheiro do *Albion*, que tal era o nome da conducção mencionada.

Dumps cruzou a rua.

—Por aqui, faz favor, gritava em voz de stentor o conductor do *Ligeiro*, adiantando o seu vehiculo, que se atravancou diante da porta do outro.—Faz favor de entrar—aquelle está cheio. Dumps hesitou. O cocheiro do *Albion* começou apostrophando com descomposta vozeria o do *Ligeiro*; mas o conductor do *Almirante Napier* veio cortar o nó gordio da questão, da maneira mais satisfactoria para todos, agarrando Dumps pela cintura, e atirando-o para dentro do seu vehiculo, que justamente chegara, e só necessitava d'um decimo sexto passageiro!

—Prompto! disse o do *Almirante*:—e a machina pôz-se a caminho, com a força d'uma locomotiva, levando os freguezes do interior no gôso da commodidade, que tem um jornal no prélo.

—Pelo amor de Deus, diga-me onde me hei-de eu sentar! dizia o homem desgraçado a um sugeito d'idade, sobre cujo estomago cahira pela quarta vez.

—Em qualquer parte, menos no meu *regaço*, dizia o sugeito com tom irado.

—Talvez fosse melhor passar para o tejadilho, suggeriu um escrevente de cartorio, de camisa de chita, e physionomia adelgaçada.

Depois de violentos esforços e de muitos balanços, que o fizeram andar n'uma bolandina, Dumps a final conseguiu espremer-se n'um logar, que, em addição á pequenina desvantagem de estar entre uma vidraça que não fechava, e uma porta que devia estar aberta,

o punha em contacto com um passageiro, que andára toda a manhã sem guarda-chuva, e que dava ares de quem tinha passado o dia n'uma tina cheia d'agua, com a differença somente de estar mais molhado.

— Não bata assim com a porta! dizia Dumps ao conductor, que a fechára com immensa força, depois de ter deixado sahir quatro passageiros — sou muito nervoso — isso faz-me mal.

— Algum dos senhores quer alguma coisa? disse o conductor, enfiando a cabeça pela porta, assim com ares de quem não entendera a observação.

— Disse-lhe que não batesse com a porta, repetiu Dumps com uma expressão de physionomia, que lembrava a d'um valete de paus.

— Saiba o senhor que esta porta não fecha sem fazer barulho, replicou o conductor; e, para provar o que dizia, abriu a porta para traz de todo, e fechou-a com grande empurrão, fazendo o barulho d'um tiro de peça.

— Desculpe-me interrompel-o, disse um velho todo aperaltado, sentado em frente de Dumps: o senhor não terá observado, quando vai em omnibus n'um dia humido, que de cinco pessoas que entram, quatro trazem immensos guarda-chuvas d'algodão, sem castão nem cabo, nem ferrão em baixo?

— E verdade, dizia Dumps, voltando-se por ter ouvido soar meio-dia — isso nunca eu notei, mas como o senhor agora menciona isso... — pára! pára! gritava o desgraçado, vendo que o omnibus passára a toda a brida Drury-lane, onde déra ordem para se apaar. — Onde está o conductor?

— Parece-me que está no tejadilho, disse o escrevente já mencionado, com a camisa de chita que parecia uma folha de papel regrada com tinta encarnada.

— Quero descer! dizia Dumps com voz já rouca, pelos esforços que fazia para ser ouvido.

—Este parceiro quer pôr-se ao fresco, gritava o escrevente, rindo-se do seu dito, que aspirava a ser chistoso.

—Pára! gritava Dumps outra vez.

—Pára! eccoavam os passageiros. O omnibus passou a igreja de S. Gil.

—Alto! gritou o conductor; diabos me levem se me não esqueci do sugeito que queria descer em Drury-lane. Vamos, senhor, depressa — faça favor, acrescentou elle, ajudando, com todo o sangue frio, o nosso amigo Dumps a descer, como se o omnibus parasse onde este queria.

A indignação de Dumps ultrapassou todos os limites.

—Drury-lane! dizia elle com a voz d'uma pessoa que entra pela primeira vez n'um banho frio.

—O senhor quer ir para Drury-lane?—ah! sim!— a terceira rua, acolá, á sua direita.

Dumps estava completamente enraivecido: comprimiu o seu guarda-chuva, e ia andando com a firme determinação de não pagar. Aconteceu, por uma notavel coincidência, ser o conductor d'uma opinião diametralmente opposta, e Deus sabe até que ponto iria a altercação, se o cocheiro não viesse pôr-lhe termo d'uma maneira satisfactoria.

—Olá! disse aquelle respeitavel personagem, pondo-se em pé na almofada, e segurando-se com uma mão á grade do omnibus.—Olé, Tom, diz a esse senhor, que se não está satisfeito, levamol-o de graça até Edgeeware, e quando voltarmos deixamol-o em Drury-lane.

O argumento era irresistivel: mas Dumps considerou, que assentando no que dizia o cocheiro, só de noite chegaria ao seu destino, em razão do que houve por bem pagar os seis pence.

Dentro d'um quarto de hora estava nas escadas do numero 14 de Great-Russel-street.

Tudo indicava que se faziam preparativos para a recepção d'alguns *poucos amigos* n'aquella noite. Uns poucos de taboleiros com doce, algumas duzias de copos com sangrias e outros refrescos, estavam ainda no corredor, chegados de pouco.

Nas escadas havia um cheiro intenso a vinho do Porto, com noz-moscada e amendoas. Foi tirado de cima do tapete da escada o panno crú que o cobria. No primeiro andar a figura de Venus parecia envergonhada do lampeão chinez, que lhe collocaram na mão direita, e que contrastava singularmente com as roupas côr de fumo da deusa do amor.

A criada, a suar e a correr, empurrou Dumps para a sala d'espera, em frente, mobilada lindamente, e adornada com muitos cestinhos, bonequinhos, e em diferentes mesas uma porção d'albuns doirados, e diversos livros, com encardenação da côr do arco-iris.

—Oh! meu tio! disse Kitterbell, como passa? Deixe-me apresentar-lhe a minha Jemmina.—Jemmina, meu amorsinho—nosso tio. Julgo que o tio já tinha visto Jemmina.

—Tive esse gosto, resmungou Dumps, tornando duvidoso pelo tom e maneira como dissêra isto, se algum dia tinha experimentado semelhante prazer.

—Sim, senhor, dizia a esposa de Kitterbell com um languido sorriso, e tossindo ligeiramente. O tio, estou certa, é um grande amigo de Carlos—ainda mais, o padrinho de...

—Muito bem dito, minha queridinha, dizia Kitterbell, que parecia estar olhando para as casas fronteiras, mas que na realidade estava contemplando sua mulher com ar de afeição; muito bem dito.

As ultimas duas palavras foram acompanhadas d'um

riso alvar, e d'um aperto de mão ao tio, que lhe fez agitar a sua bilis.

—Joanna, diz á ama que traga cá abaixo o néné, dizia a snr.^a Kitterbell, dirigindo-se á criada.

A snr.^a Kitterbell era ainda nova, alta, delgada, com pouco cabello, e com uma cara branca—uma d'essas mulheres, que, sem nós sabermos porquê, nos fazem recordar d'um pedaço de vitella fria.

A criada sahiu, e d'ahi a pouco entrou a ama com um pequeno embrulho nos braços, dentro d'uma mantinha azul, ornada de fitas brancas. Era a creança.

—Vamos, meu tio, dizia o snr. Kitterbell, levantando a parte da mantinha que cobria a cara do menino—com quem acha que se parece?

—He! He! É verdade, com quem se parece? dizia a senhora, introduzindo o seu braço por entre o de seu marido, e olhando para a physionomia de Dumps com tanto interesse, quanto ella era capaz de mostrar.

—Oh! meu Deus, como elle é pequeno! exclamava o amavel tio, dando dois passos á rectaguarda, com bem fingida surpresa—*notavelmente* pequeno!

—Parece-lhe isso? perguntou o pobre Kitterbell, um pouco assustado. É um gigante á vista do que era, não é verdade ama?

—É um anjinho, disse a ama espremendo a creança, e evadindo a resposta, não porque tivesse escrupulos de mentir, mas porque não queria perder a probabilidade de receber a meia corôa do padrinho.

—Bem, mas então com quem se parece? perguntou Kitterbell.

Dumps contemplava a creança embrulhada, e cogitava unicamente na melhor maneira de mortificar os paes.

—Realmente não sei com *quem* se parece, respondeu elle, sabendo já a resposta que se esperava.

—Não julga que se parece *commigo*? inquiriu o brinho com um certo ar de ufania.

—Oh! *decididamente* que não! replicou Dumps com uma emphase, que não podia ser mal entendida—decididamente não se parece contigo. Certamente que não.

—Então parece-se com Jemmina? perguntou Kitterbell com voz enfraquecida.

—Qual historia! com essa não se parece mesmo nada. Devo dizer tambem que não sou grande juiz em taes casos; —mas realmente, penso que se assimilha mais a uma d'estas figurinhas d'anjos, soprando a trombeta final, insculpidas nos carceiros dos cemiterios.

A ama inclinou-se sobre o menino, e a grande custo impediu a explosão d'uma gargalhada. Papá e mamã ficaram completamente aparvados.

—O tio, dizia o desgraçado pae, talvez esteja mais habilitado para dizer com quem elle se parece, hoje á noite quando o pequeno não tiver a mantinha.

—Talvez, disse Dumps sentindo-se satisfeito.

—Vamos, meu amorsinho, dizia Kitterbell á sua cara metade, é tempo de partirmos. Devemos encontrar na igreja o outro padrinho e a outra madrinha—são, meu caro tio, o snr. Wilson e mulher—bella gente. Estás bem embrulhada, meu amorsinho?

—Estou, meu queridinho.

—Não queres levar outro chaile? inquiriu o ancioso marido.

—Não é necessario, dizia a encantadora esposa, aceitando o braço offerecido por Dumps.

O lindo tercieto entrou com a ama e creança n'uma carruagem que os devia conduzir á igreja; Dumps divertia a pobre snr.^a Kitterbell, fazendo-lhe uma prolixa descripção das hexigas, garrotelhos, sarampo, e outras molestias interessantes, que de ordinario accommettem as creanças.

A cerimonia do baptismo (que occupou cerca de cinco minutos), passou sem nenhuma occorrença particular.

O clérigo tinha de jantar a boa distancia da cidade, e tinha tres baptisados e um enterro mais para effectuar em menos de vinte minutos. Os padrinhos, portanto, prometteram renunciar o diabo e suas pompas—*e todas essas trapalhadas*—como dizia Kitterbell—em um abrir e fechar de mãos: e á excepção de Dumps ter quasi deixado cahir a creança dentro da pia baptismal, quando a entregava a clérigo, toda a cerimonia se passou da fôrma usual.

Dumps entrou as portas do banco ás duas horas, com o coração pesado, e com a penosa convicção de que teria d'assistir á partida da noite.

A noite chegou—e tambem chegaram as botas de verniz de Dumps, a gravata branca e a casaca, objectos que ordenara fossem trazidos ao banco por um rapaz. O desgraçado padrinho vestiu-se e arranjou-se no escriptorio d'um seu amigo, d'onde, com o animo cincoenta graus abaixo de zero, sahiu para se dirigir a pé—visto que a atmospherá tinha alliviado, e a tarde estava toleravel—a Great-Russel-street. Subiu a passo Cheapside, Newgate-street, desceu Snow-hill, e tornou a subir Holborn com uma physionomia tão carrancuda, como a d'uma figura de prôa d'uma nau de guerra, achando a cada momento novos motivos para affligir-se.

Ao cruzar a esquina de Hatton-garden, um homem aparentemente embriagado, veio d'encontro a elle, e tel-o-ia prostrado no chão, a não ser providencialmente segurado por um gentil rapaz, que n'aquella occasião aconteceu estar alli perto.

O choque, de tal modo desarranjou os nervos do snr. Nicodemus, e o seu vestuario, que a custo se podia segurar em pé. O cavalheiro que o amparava travou-lhe do braço, e acompanhou-o até Furnival's Inn.

Dumps, pela primeira vez na sua vida, sentiu-se agradecido, e usou de maneiras polidas: e tanto elle

como o seu joven salvador, separaram-se com mutuas expressões de sympathia.

—Ainda ha alguma gente com boas disposições n' este mundo! resmoninhou o misanthropo Dumps, caminhando para o seu destino.

Traz-traz-traz-traz-traz-traz—batia á porta de Kitterbell, o cocheiro d'uma carruagem d'aluguer, querendo imitar os criados dos lords, justamente quando chegava alli Nicodemus Dumps: e do vehiculo se apeiou uma velha senhora, com grande touca, e um sujeito puxado em annos, de casaca azul, e tres cópias femininas da velha, com vestidos côr de rosa, e sapatos a dizer.

—E uma grande reunião, dizia o infeliz padrinho, suspirando; e limpando o suor da testa, encostou-se á grade do passeio.

Passou-se algum tempo antes que o desgraçado se aventurasse a bater á porta, e apenas entrou, a ridicula apparencia d'um tendeiro da visinhança (que fôra contractado por sete schillings e seis pence para servir de guarda-portão—só as suas canellas valiam o dôbro), o lampeão na passagem, a Venus no patamar do primeiro andar, e ainda o zunido de muitas vozes, e o som d'uma harpa e de duas rebecas, convenceram-no de que as suas penosas supposições eram fundadas.

—Boas noites, meu tio, como passou? disse Kitterbell, todo azafamado, sahindo a correr da sala do jantar, com um saca-rólhas na mão, e com as calças e casaca cheias de serradura de cortiça e pedaços de lacre, que pareciam outras tantas virgulas ás avessas.

—Oh! meu Deus, disse Dumps, entrando na sala do jantar para calçar uns sapatos de verniz, que trouxera no bolso do paletot, e espantado com a vista de sete rólhas, tiradas de fresco, e um numero correspondente de garrações.

—Quantas pessoas estão lá em cima?

—Oh! pouco mais de quarenta. Mandei tirar o tapete da sala d'espera de traz, e collocar o piano e as mesas de jogo na de diante. Jemmina julgou mais acertado termos a ceia na sala do jantar, por causa das saudes e discursos. — Mas, oh! meu Deus, que tem o tio? continuou Carlos afflicto, vendo Dumps com um só sapato calçado, e com o outro pé no ar, remexendo os bolsos, e acompanhando tudo isto de horriveis contorsões.—Que perdeu? a carteira?

—Não, respondeu Dumps, mettendo a mão n'uma algibeira, e n'outra, e n'outra, e fallando com uma voz como a de Desdemona com o travesseiro na bocca.

—Perderia a carteira dos bilhetes? a caixa do rapé? a chave da porta da rua? continuou Kitterbell, endereçando pergunta sobre pergunta, com a rapidez do relampago.

—Não! não! respondeu Dumps, procurando ainda nas algibeiras vasias.

—Foi talvez o presente para o Frederiquinho, de que fallou esta manhã?

—Sim, foi isso mesmo.

—Como é que lhe podia acontecer tal? perguntou Kitterbell, está certo que o trouxe?

—Estou! estou!—ah! agora vejo como foi! disse Dumps, dando um salto na cadeira, tendo-lhe atravessado a mente uma nova idéa—oh! que desgraçado que eu sou! Agora já vejo como foi tudo... foi o rapaz de maneiras delicadas que me deu o braço, que me roubou!

—O snr. Dumps! annunciou com voz de stentor o tendeiro, empurrando o desgraçado padrinho para uma sala d'espera, meia hora depois da sobredita declaração.—O snr. Dumps!

Toda a gente olhou para a porta, pela qual entrou Dumps, sentindo-se n'aquelle logar tanto á sua vontade como um salmão n'um campo de feno.

—Seja muito bem vindo, meu tio, disse a snr.^a Kitterbell, sem ter dado pela confusão e misero aspecto do pobre homem—dê-me licença de o apresentar a uns poucos dos meus parentes: minha mamã, minhas irmãs e meu papá.

Dumps apertou a mão da mãe da comadre, com tanta força que lhe fez contrahir o rosto em contorsões spasmodicas, abaixou a cabeça ás meninas, recuando e vindo d'encontro a um sujeito, que estava conversando atraz d'elle, e não fez caso do pae, que durante cinco minutos e alguns segundos esteve n'uma contínua moção de cabeça.

—O tio, disse Kitterbell, depois que Dumps fôra apresentado a uma duzia ou duas dos amigos mais intimos—o tio ha-de-me conceder licença de o levar ao fim da sala, para o apresentar ao meu amigo Danton. É um bello rapaz — estou certo que o tio ha-de gostar immenso d'elle—por aqui, faz favor.

Dumps seguiu-o com a mesma paciencia, com que um urso domesticado segue o pelotiqueiro.

Danton era um rapaz de cerca de vinte e cinco annos, munido d'uma boa dóse de impudencia, e com diminuta porção d'idéas: era muito querido de todos, e especialmente das meninas de dezeseis até vinte e seis annos inclusivê. Sabia imitar admiravelmente o som d'uma trompa, cantava modinhas inimitavelmente, e tinha um modo insinuante de dizer impertinentes nadas aos seus admiradores femininos.

Adquirira consequentemente a reputação de engraçado, e mal abria a bocca, toda a gente que o conhecia ria ás gargalhadas.

A apresentação fez-se nas devidas fórmias. Danton abaixou a cabeça, retorcendo um lenço de senhora, que tinha na mão, d'um modo que parecia querer ser engraçado.

Riram todos.

—Está hoje muito calor, disse Dumps, sentindo a necessidade de dizer qualquer coisa.

—É verdade, mas hontem estava mais, replicou o engraçado Danton.

Risada geral.

—Tenho o maior prazer em o congratular pelo vêr, pela primeira vez, assumir o character de pae, continuou elle dirigindo-se a Dumps—de padrinho, queria eu dizer.

As meninas contorceiram-se em convulsões com o riso, e os cavalheiros estavam extasiados.

Um murmurio geral de admiração interrompeu a conversação, e annunciou a entrada da ama com a creanca.

As meninas correram todas em chusma a abraçar a illustre vergonteia dos Kitterbells.

(As senhoras solteiras presam em extremo as creanças, na sociedade).

—Oh! que lindinho! dizia uma.

—Que gracinha tem! exclamava outra no tom da mais entusiastica admiração.

—É uma pintura! accrescentava uma tereceira.

—Oh! que lindos bracinhos! dizia uma quarta, segurando um braço e um punho da grossura d'uma perna de gallinha, depois de depennada.

—Já viu uma coisa assim? dizia uma buliçosa *coquette*, com uma physionomia similhando as das lithographias francezas, e appellando para o testemunho d'um cavalheiro enterrado n'uma casaca de gola de corrimão.—Já viu uma coisa assim?

—Nunca, minha senhora, gaguejou o elegante, puxando por um colleirinho.

—O' ama, deixe-me pegar no lindinho, exclamava outra.—Ai, que gracinha!

—Já abre os olhos, ama? inquiriu uma outra menina, affectando a maior innocencia.

Basta dizermos, que as senhoras solteiras proclamaram unanimemente ser a creança um anjo, e as casadas concordaram, *nemine contradicente*, que era a mais linda creança que tinham jámais visto—excepto as suas proprias.

Começaram as quadrilhas com grande animação. Eram todos de parecer que Danton estava n'aquelle dia muito feliz nos seus gracejos: e algumas das meninas encantaram a bella sociedade, e conquistaram um sem numero de admiradores, cantando interessantes modinhas e balladas. «Os rapazes, segundo dizia a snr.^a Kitterbell, portaram-se muito bem», e as raparigas não deixavam fugir uma occasião opportuna: finalmente, a noite promettia passar-se optimamente.

Dumps pouco se importava com isto tudo: tinha formado um plano — um pequeno divertimento a seu modo—e estava-se rindo interiormente. Jogou um *robber*, e perdeu todos os pontos. Danton disse que Dumps não podia ter perdido todos os pontos, por isso que elle proprio tinha feito ponto; — este gracejo era bom de mais, para deixar de ser acompanhado d'uma tremenda gargalhada.

Dumps retribuiu com outro gracejo, mas ninguem se riu, á excepção do dono da casa, que julgava do seu dever rir-se de tudo, até ficar com a cara rôxa. Falhára uma unica coisa: os musicos não tocavam com aquella animação que fôra desejada. A causa foi em breve satisfactoriamente explicada, porque segundo o testemunho d'um cavalheiro que de tarde viera de Gravesend, parece que os homens tinham sido ajustados para bordo d'um dos vaporsinhos que navegam no Tamisa, e tinham estado a tocar todo o santo dia.

A ceia era excellente. Havia sobre as mesas quatro templos d'assucar e farinha, que teriam produzido um effeito deslumbrante, se se não tivessem derretido antes de começar o festim; e sobre um immenso *cake*

um moinho de vento, cujo unico defeito era que em lugar de fazer girar as vélas, girou elle mesmo por cima da cabeça d'um convidado.

Havia aves, lingua, sandwiches, salada de lagosta, — e tudo o mais.

Kitterbell, rôxo como um pimentão maduro, estava continuamente gritando por pratos, e os pratos não appareciam, e os cavalheiros que d'elles precisavam, diziam então que comeriam nos proprios pratos das senhoras. A snr.^a Kitterbell applaudia com toda a força do pulmão este galanteio; e o tendeiro, que servia de escudeiro, corria d'um lado para o outro, até entender que tinha feito bastante serviço para sete schillings e seis pence. As meninas solteiras não comiam muito, com receio de parecerem pouco romanticas, e as casadas comiam até não poderem mais, com receio de que não fosse bastante: despejaram-se duzias de garrafas, e todos riam e conversavam alegremente.

— O' minha queridinha, dizia Kitterbell levantando-se, e dando-se ares de grande importancia. Meu amorzinho (isto era dirigido á esposa, collocada na outra extremidade da mesa), não te descuides de servires a snr.^a Maxwell e a sua mamã, e o resto das senhoras casadas; os cavalheiros fazem favor de servir as meninas?

— Senhoras e cavalheiros! disse o grande Dumps em voz sepulchral, e com accento cavernoso, levantando-se da cadeira, como a estatua do commendador no D. Juan—tenham a bondade de encher os seus copos. Desejo propôr um *toast*.

Seguiu-se um silencio mortal, encheram-se os copos, e todos conservaram extrema seriedade.

— Senhoras e cavalheiros! continuou com voz serena o patife. Eu (aqui Danton imitou duas notas de trompa, que electricaram o orador, e fizeram resoar uma estrepitosa gargalhada no auditorio).

—Ordem! ordem! dizia Kitterbell, esforçando-se por abafar o riso.

—Ordem! diziam os cavalheiros.

—Está quieto, Danton, dizia um amigo intimo, do lado opposto da mesa.

—Senhoras e cavalheiros! continuou Dumps, recuperando o seu sangue-frio—Conformando-me com o uso estabelecido, segundo creio, em taes occasiões, eu como um dos padrinhos do menino Frederico Carlos Guilherme Kitterbell (aqui tartamudeou um pouco, porque se recordou do presente que lhe fôra roubado)—atrevo-me a propor um *toast*.

«Seria superfluidade da minha parte o accrescentar, que é á saúde e prosperidade da creancinha, a quem vimos celebrar um dos mais faustos successos da sua ainda curta vida. (Applausos e apoiados).

«Senhoras e cavalheiros! É impossivel supôr que aquelles nossos amigos (apontando para os paes da creança) possam atravessar a longa estrada da vida, sem soffrerem grandes provações, consideraveis desgostos, immensas afflicções, e perdas fataes! (Aqui fez pausa o archi-traidor, e tirou devagarinho do bolso um comprido lenço branco—diversas senhoras seguiram o seu exemplo)—Que esses desgostos lhes sejam poupados, são os meus mais ardentes votos, e mais ferventes desejos (um distincto suspiro da avósinha).

«Confio em Deus, e tenho esperanças, senhoras e cavalheiros, de que a creança, cujo baptismo hoje nós todos vimos aqui celebrar, não será arrancada aos carinhos paternos pela implacavel parça; e que aquelle corpo tão gentil, e com tão *apparente* saúde, não será despedaçado por alguma febre consumptiva (Dumps, aqui deitou um olhar sardonico em redor de si, porque se manifestara grande sensação entre as senhoras casadas).

«Estou certo, que todos se unirão commigo, dese-

jando que elle viva, para ser o conforto e o amparo de seus paes. (Oçam, oçam!—e um suspiro da snr.^a Kitterbell). Mas succedendo que elle não venha a ser o que desejamos—succedendo que elle esqueça em tempos futuros o respeito que deve a seus progenitores, e que estes venham a conhecer a verdade proclamada pelo nosso grande bardo—«quão mais perniciosa que o veneno da vibora, é a ingratidão dos filhos...»

A snr.^a Kitterbell, com o lenço nos olhos, e acompanhada d'algumas senhoras, sahiu da sala, e soffreu um violento ataque de hystérico, no corredor. Seu marido conservava-se em quasi identicas circumstancias, e Dumps, em geral, causou boa impressão, e foi bem acolhido pelos circumstantes—porque no fim de tudo todos gostam do sentimentalismo.

E escusado acrescentar-se, que esta occorrença pôz um termo á harmonia da noite. Requisitavam-se tanto o vinagre, os sães, e a agua fria, como um pouco antes os doces, os bolinhos, e os *cakes*.

A snr.^a Kitterbell foi levada immediatamente para o seu quarto, os musicos calaram-se, os namorados e todos foram-se separando pouco a pouco.

Dumps deixou a casa no meio da confusão, e caminhou para o seu domicilio. A sua patrão, que dormia na sala immediata, offerece-se a jurar sobre a biblia, em como o ouvira rir com aquelle seu modo peculiar, depois que fechára a porta.

A asserção, todavia, é tão importante, e tem tão pouca evidencia de verdade, que até hoje ainda não foi acreditada.

Depois do periodo a que nos referimos, a familia de Carlos Kitterbell tem augmentado consideravelmente: tem elle agora dois filhos e uma filha, e como esperava dentro em pouco ter uma addição á sua florescente progenie, está ancioso por arranjar um padrinho elegivel para a occasião.

UMA LOA DE NATAL

EM

PROSA

CONTO PHANTASTICO DO NATAL

UMA LOA DE NATAL

EM

PROSA

CONTO FANTASTICO DO NATAL

UMA LOA DE NATAL EM PROSA

PREFACIO

Esforcei-me n'este phantastico livrinho em apresentar o phantasma d'uma idea, que não torne os leitores de mau humor consigo mesmos, com os outros, com a estação, ou commigo. Possa elle ser o espirito familiar de cada habitação, e não merecer os esconjuros de ninguem. São estes os maiores desejos do

AUTHOR.

ESTROPHE I

● espectro de Marley

Para começarmos: Marley tinha morrido. Não havia a menor duvida sobre tal acontecimento. A sua certidão d'obito fôra assignada pelo parochio, pelo sacristião, pelo armador, e pelo testamenteiro. Scrooge tambem a assignou; e o nome de Scrooge era de bastante pêsso sobre uma letra de cambio, para deixar de o ser em outro qualquer papel onde o quizesse firmar.

Por conseguinte, o pobre Marley estava tão morto como um *prêgo de porta*.¹

Entendam bem, que não quero dizer com isto, que sei alguma coisa, por experiencia propria, sobre o caso d'um *prêgo d'uma porta* estar morto ou não. Eu por mim antes me inclinaria a crêr que o objecto do officio de ferreiro mais morto, é um *prêgo d'um esquite*. Mas a sabedoria dos nossos antigos é a que dá força á comparação, e não serei eu, pobre diabo, quem venha pôr pecha a uma coisa tão santa; e se fosse assim, onde iria parar o nosso paiz?

Portanto, hão-de conceder-me licença para repetir, com emphasis, que Marley estava morto como um *prêgo d'uma porta*.

Sabia acaso Scrooge que elle morrera? Certamente que sabia. Como poderia ser d'outra forma? Scrooge e elle eram socios, nem eu sei bem já ha quantos annos. Scrooge era o seu unico administrador, o seu unico socio, o seu unico legatario universal, o seu unico amigo, e o seu unico testamenteiro. E até Scrooge não ficou tão ralado de saudade, que deixasse, no proprio dia do funeral, de fazer um magnifico negocio. Se elle era um excellente commerciante!

A menção do funeral de Marley traz-me á idéa o ponto d'onde me apartei. Não havia duvida alguma que Marley tinha morrido. Devem ter isto bem na lembrança, ou então deixemo-nos da historia, porque nada de maravilhoso poderá sahir do que vou narrar. Se não estivessemos bem convencidos de que o pae de Hamlet morrera antes de começar a tragedia, não haveria nada de mais notavel em elle vir dar um passeio nocturno hafejado pelo vento suão, sobre as ameias do seu castello, do que em qualquer sujeito de meia idade, vir collocar-se n'um sitio sombrio e triste—por

¹ Locução ingleza.

exemplo, no adro de S. Paulo—para metter medo a um seu filho ainda creança.

Scrooge nunca riscou o nome do velho Marley da firma da sociedade. Ainda por muitos annos ficou gravado por cima da porta do escriptorio—*Scrooge & Marley*,—firma porque era conhecida aquella casa commercial. Algumas vezes, pessoas pouco ao facto dos negocios, chamavam-o Scrooge Scrooge, outras vezes simplesmente Marley; mas elle respondia igualmente a um e outro nome:—para elle era tudo a mesma coisa.

Oh! mas o tal snr. Scrooge era um grande patife!... avaro como elle nunca alumiou a luz do sol. Duro como a pederneira, de que o aço ainda não extrahiu a generosa scentelha; concentrado e solitario como a ostra! O frio que o circumdava gelava-lhe as feições, aguçava-lhe o nariz ponteagudo, enrugava-lhe as faces, diminuia-lhe o abdomen, avermelhava-lhe os olhos, azulava-lhe os labios, e, finalmente, tornava-lhe a voz aspera como o vento de janeiro. Uma camada de alva neve cobria-lhe a cabeça, as sobrancelhas e a barba fina.

Para toda a parte aonde se dirigisse, acarretava consigo a sua temperatura propria, abaixo de zero; durante as caniculares fazia gelar o escriptorio, e nem mesmo durante o natal mudava sequer um grau a temperatura.

O frio ou o calor intenso pouca influencia produziam sobre Scrooge. Os ardores do estio não o podiam aquecer, nem o mais rigoroso frio conseguia gelal-o.

Nunca o vento soprando foi mais aspero do que elle, nem a neve cahindo conseguiu mais depressa o seu fim, nem a chuva a torrentes se tornou mais inexoravel.

O mau tempo não o incommodava na menor coisa. A chuva mais pesada, a neve, o granizo, e o gêlo só a

um respeito lhe levavam vantagem; cahiam em *profusão* e Scrooge ignorava completamente esse termo.

Nunca pessoa alguma o fez parar na rua para lhe dizer com ar prasenteiro: — «Como está, meu caro snr. Scrooge? quando ha-de ir fazer-me uma visita?»

Nunca mendigo lhe pediu uma esmolinha, nem creança lhe perguntou as horas, nem homem ou mulher lhe pediu informações sobre o caminho melhor para tal ou tal lugar. Até os cães dos cegos pareciam conhecê-lo, e quando o viam aproximar, puxavam seus amos para as portas das cocheiras ou vielas lateraes, mexendo com o rabo, como querendo dizer: — «Meu pobre amo, mais vale não vêr nada do que ter mau olhar.»

Mas que importava a Scrooge tudo isso? Era exactamente o que elle gostava. Caminhar através da povoada estrada da vida avisando a *sympathia* humana para que se conservasse em distancia, era para Scrooge o seu pratinho favorito.

Certo dia—o melhor de todos os dias do anno, a vespera de Natal—o velho Scrooge estava sentado no seu escriptorio, muito atarefado. Fazia um frio de trespassar a mais pesada roupa, e o tempo estava chuvoso; fóra da porta estava um nevoeiro espesso. Scrooge podia ouvir a gente que passava na rua para cima e para baixo batendo as mãos nos peitos, tiritando de frio, e estampando os pés com furia sobre a calçada, para os aquecer. Os relojos da cidade tinham ha pouco soado as tres, mas já era quasi escuro.

Pouco claro estivera durante todo o dia, e agora as luzes nas vidraças dos escriptorios visinhos similhavam-se a nódoas de graxa vermelha n'um fundo escuro.

O nevoeiro foi penetrando no interior das casas por todas as fendas e buracos das fechaduras, e era tão denso na rua, que apesar d'esta ser estreita, as casas fronteiras divisavam-se como phantasmas. Ao vêrem-se

as sombrias nuvens virem descendo cada vez mais, e espalharem sobre todos os objectos profunda obscuridade, dir-se-ia que a natureza viera alli estabelecer perto uma fabrica de cerveja em larga escala.

A porta do escriptorio de Scrooge estava aberta a fim d'este poder vigiar o caixeiro, que no seu triste cubiculo, que mais parecia uma cisterna, estava copiando cartas. Scrooge tinha junto de si um fogo quasi extinto, mas o do caixeiro ainda estava em peores condições, porque parecia simplesmente um carvão escandecido. O desgraçado não o podia renovar porque Scrooge guardava a caixa do carvão, e de todas as vezes que o caixeiro se preparava a trazer algum na pá, o patrão prégava-lhe um comprido sermão em que lhe predizia que não estava longe o dia de se separarem. Era por isso que o caixeiro puxava acima a sua manta de lã d'abafo, e fazia todos os esforços por se aquecer á luz do candieiro, mas em vão, porque o pobre diabo não era dotado d'imaginação viva.

—Boas festas, meu tio! Deus o salve, gritou uma voz alegre.

Era a voz do sobrinho de Scrooge, entrando com tal rapidez, que foi este o primeiro signal que deu de si.

—Ora, ora! disse Scrooge. Asneiras!

Tanto se aquecera com o passeio rapido pelo nevoeiro e frio, o sobrinho de Scrooge, que estava todo n'uma chamma; a sua physionomia era rosada e bella, os olhos scintillavam, e a sua respiração ainda fumegava.

—O tio chama ás boas festas asneiras! disse o sobrinho de Scrooge; o tio não falla sério, bem vejo.

—Fallo muito sério, sim, disse Scrooge! Boas festas... Festas alegres... é insupportavel! Que direito, ou que razão tens tu para estares alegre? Não és tu demasiado pobre!

—Ora vamos, vamos! replicou o sobrinho alegremente. E que razão tem o tio para estar triste? e que razão tem para se demorar no dia de hoje a fazer contas? Não é rico bastante?

Scrooge, não tendo no momento resposta alguma convincente, resmoneou um —*ora!*— que foi seguido da sua favorita expressão—*asneiras!*

—Não esteja de mau humor, meu tio, disse o sobrinho.

—E como não hei-de estar, disse o tio, se vivo n'um mundo de loucos como este! Boas festas! Malditas festas, digo eu! Que é o tempo de Natal, senão uma época de pagarmos as nossas letras, muitas vezes sem termos dinheiro: tempo de nos acharmos com um anno mais d'idade, e nem por isso com uma hora mais de riqueza: tempo de darmos balanço aos nossos livros, e vêrmos que todas as transacções alli mencionadas, feitas através dos doze mezes do anno, não deixaram o menor proveito? Se eu podêsse fazer a minha vontade, continuou Scrooge com indignação, todo o pateta que percorresse as ruas dando as boas festas, havia de ser cozido no seu proprio pudding¹ e ser sepultado com uma frecha d'azevinho, traspassando-lhe o coração. Digo o que penso!

—Meu tio! exclamou o sobrinho, tornando-se advogado officioso do Natal.

—Sobrinho, replicou o tio severamente, festeja o Natal como te parecer, e deixa-m'ó festejar cá a meu modo.

—Festejal-o! replicou o sobrinho de Scrooge, mas o tio não o festeja!

—Ora, deixa-me em paz com o teu Natal, disse

¹ Todos os puddings de dia de Natal, em Inglaterra, tem no cimo um ramo de azevinho.

Scrooge. Ha-de-te dar muito proveito, não tem duvida! E muito bem te ha-de ter feito já... ah! ah!

—Ha milhares de coisas, confesso, exclamou o pobre sobrinho, de que poderia tirar algum bem, e que pouco ou nada me teem aproveitado; e o Natal é uma d'ellas. Mas tenho a certeza de ter contemplado o dia de Natal, quando apparece—pondo de parte a veneração devida ao seu nome e origem sagrada, se taes coisas se podem pôr de parte, fallando-se do Natal—como um dia de felicidade, de perdão para todos os nossos erros, dia de caridade para com os nossos semelhantes; o unico dia, que eu saiba, do longo kalendario do anno, em que homens e mulheres parecem, por unanime consentimento, patentear os arcanos dos seus corações, reconhecer nas outras creaturas de condição inferior, verdadeiros companheiros de viagem na estrada do tumulto, e não viandantes dirigindo-se a differente lugar. É por isso, meu tio, que apesar do Natal não me ter mettido no bolso a mais pequena moeda d'oiro ou prata, acredito que me faz bem, e ainda me fará; e repito do fundo do coração: Viva o Santo Natal!

O caixeiro, lá no seu cantinho, applaudiu involuntariamente; mas reconhecendo no mesmo instante que commettera uma inconveniência, principiou a atizar o fogo, não fazendo mais do que apagar a ultima faisca que existia ainda.

—Que eu oiça o menor ruido d'esse lado, e você vai festejar o Natal para o meio da rua. Vocemecê, snr. meu sobrinho, disse Scrooge voltando-se para elle, está-se tornando um orador de mão cheia. Não sei como não vai fazer discursos para o parlamento!...

—Não se afflija, meu tio, exclamou o sobrinho de Scrooge, amanhã ha-de ir jantar commosco.

Scrooge resmoneou palavras sem nexo, e depois soltou a praga mais horrenda, mandando-o... ah! nem quero dizer o resto!

—Mas porque não ha-de ir, meu tio? porquê?

—Para que te casaste? perguntou Scrooge.

—Porque estava namorado.

—Namorado! namorado! resmoneou Scrooge, como se fosse o amor a coisa mais ridicula d'este mundo— mais do que as festas do Natal.—Boas noites!

—Mas o tio nunca me foi vêr antes do meu casamento, e para que dá agora esse motivo como razão de não ir a minha casa?

—Boas noites! disse Scrooge.

—Eu não quero nada do tio; não lhe peço nada;— porque não seremos amigos?

—Boas noites! disse Scrooge.

—Acredite que estou bem penalizado pelo vêr com tal resolução. Nunca disputamos um com o outro, pelo menos que eu fosse a causa! Fiz esta tentativa para honrar o Natal, e guardarei o meu bom humor até ao fim. Tenha festas alegres, meu tio.

—Boas noites! disse Scrooge.

—Desejo-lhe um anno feliz!

—Boas noites! exclamou Scrooge fóra de si.

Não obstante a má recepção, o sobrinho sahio do escriptorio sem soltar uma palavra de descontentamento. Parou á porta da entrada para dar as boas festas ao caixeiro, que apesar de gelado, tinha mais calor que Scrooge, porque retribuiu o cumprimento cordealmente.

—Alli está um outro pateta, murmurou Scrooge, que o ouvira do logar em que estava; o meu caixeiro tem quinze schillings por semana, está sobrecarregado de mulher e familia, e falla de festas alegres! Isto é d'um homem dar em doido!

O pateta do caixeiro, como lhe chamava o patrão, tendo deixado sahir o sobrinho de Scrooge, mandou entrar dois sugeitos. Eram dois cavalheiros na apparença, de physionomias insinuantes, que com os cha-

péos na mão, se conservavam agora de pé no escriptorio de Scrooge. Traziam nas mãos livros e papeis, e cumprimentaram.

—Scrooge & Marley, julgo eu? disse um d'elles, procurando na lista. Tenho a honra de fallar com o snr. Scrooge, ou com o snr. Marley?

—O snr. Marley morreu ha sete annos, disse Scrooge. Falleceu, faz esta noite exactamente sete annos.

—Não temos duvida alguma em que a sua generosidade estará bem representada pelo socio sobrevivente, disse o cavalheiro, apresentando as suas credenciaes.

Certamente que estava: porque os dois socios pareciam sempre professar as mesmas idéas. A palavra de mau agoiro—*generosidade*—Scrooge carregou o sobr'olho, meneou a cabeça, e tornou a restituir o papel.

—N'esta festiva estação do anno, Mr. Scrooge, disse o cavalheiro, pegando n'uma penna, é mais necessario do que no tempo usual, fazermos algumas parcas provisões para os pobres e infelizes, que soffrem immenso n'esta quadra. Quantos milhares de desgraçados não carecem do necessario para a vida? ah! senhor, milhares de pessoas não conhecem o minimo conforto!

—Não ha cadêas então? perguntou Scrooge.

—Ha immensas, retorquiu o outro, deixando cahir a penna.

—E as casas de trabalho, perguntou Scrooge, já abaram?

nã —Oxalá que tivessem acabado!

—Então não está em vigor a lei dos pobres? perguntou Scrooge.

œ —Está, está; e tem que fazer de sóbra.

—Oh! eu tinha bem receio, pelo que o senhor me disse, de que alguma coisa tivesse feito parar o curso d'essas uteis instituições—estimo bem ouvir o contrario.

—Sob a impressão de que essas instituições escassamente poderão fornecer uma satisfação christã corpórea e espiritual ás multidões, replicou o cavalheiro, alguns de nós tractamos d'arranjar donativos para comprarmos para os necessitados alguma carne e cerveja, e darmos-lhes os meios de se aquecerem. Escolhemos esta occasião, porque é o tempo, de todo o anno, em que a necessidade se faz mais sentir, e a abundancia mais alegre o espirito. Quanto deverei marcar na lista?

—Nada! replicou Scrooge.

—Não deseja vêr o seu nome; quer que ponha anonymo?

—O que eu queria era que me deixassem em paz. Visto que os senhores me perguntam o que eu quero, é esta a minha resposta. Eu proprio não festejo o Natal, e por tal motivo não quero servir d'instrumento para que os vadios se divirtam. Gosto d'auxiliar os estabelecimentos que ha pouco mencionei: custam bastante; e aquelles a quem lhes não servirem, que vão para o meio da rua.

—Muitos não podem alli ser admittidos; e outros antes prefeririam morrer.

—Se querem morrer, disse Scrooge, muito bem fariam em pôr essa idéa em execução quanto antes, e diminuir assim a população, que é em demasia. Demais, queiram desculpar-me, nada sei com relação ao objecto de que me fallam.

—Mas scr-lhe-ia facil informar-se, observou um dos cavalheiros.

—Não tenho nada com isso, retorquiu Scrooge. Já não é pouco para um homem estar em dia com os seus negocios, e não interferir com os dos outros. Boas noites, meus senhores.

Vendo claramente que de balde proseguiriam nos pedidos, os dois sujeitos retiraram-se.

Scrooge entregou-se de novo ao trabalho mais con-

tente consigo, e com o espirito mais alegre do que de ordinario.

Entretanto, o nevociro e a escuridão de tal modo tinham augmentado, que se viam aqui e alli pessoas com archotes accêsos, offerecendo os seus serviços aos cocheiros, para levarem os cavallos dos carros à mão, e guial-os no caminho. A antiga torre d'uma igreja, cujo velho sino roufenho parecia estar sempre espreitando Scrooge através d'uma fenda da sua janella gothica aberta no muro, tornou-se invisivel; e o sino começou a soar as horas e os quartos nas nuvens, como tremulas vibrações prolongadas, como se os dentes lhe rangessem na sua cabeça, gelada lá em cima. O frio tornou-se intenso.

Na rua principal, ao canto do pateo, varios operarios estavam reparando os canos do gaz, e tinham accendido uma grande fogueira, em volta da qual estavam reunidos alguns homens e rapazes esfarrapados, aquecendo as mãos, e empiscando os olhos de contentamento. Esqueceram-se de fechar a torneira, e esta começou de deixar correr a agua, que se tornou em gelo misanthropico.

As luzes brilhantes das lojas, onde se viam deslumbrantes os puddings e outros acepipes, lançavam um reflexo avermelhado sobre os transeuntes.

As lojas dos vendilhões d'aves e dos tendeiros, tinham-se de tal forma transformado, que parecia impossivel ser simplesmente o desejo de fazer bom negocio a causa d'este luxo desusado. O Lord Mayor, no seu palacio de Mansion-House, dava ordens aos seus cincoenta cozinheiros e dispenseiros, para que o Natal fosse festejado como deve ser na casa d'um Lord Mayor: e até o pobre remendão, que elle multara na segunda feira antecedente, por ter sido encontrado em estado de embriaguez, e commettendo desordens na rua, até esse preparava o pudding do dia seguinte na

sua trapeira, em quanto que a magra esposa, com os filhinhos, sahia para ir comprar a carne necessaria.

Cada vez mais nevoeiro e mais frio! Frio aspero, penetrante! Se o bom S. Dunstan ¹ tivesse beliscado o nariz do espirito das trevas, com um pouquinho d'um tempo como este, em lugar de usar as suas armas familiares, não ha a menor duvida de que o diabo teria soltado uivos infernaes.

O possuidor d'um narizito novo, roido, e chupado pelo esfomeado frio, do mesmo modo que os ossos são roidos pelos cães, abaixou-se em frente do buraco da fechadura de Scrooge, para o regalar com uma cantiga do Natal; mas ás primeiras palavras de

Boas festas, meu senhor
Boas festas Deus lhe dê.

Scrooge agarrou na regra com um gesto tão energico, que o cantorsinho fugiu assustado, deixando a fechadura á mercê do nevoeiro e do gêlo.

Chegou enfim a hora de se fechar o escriptorio.

Scrooge desceu do seu tamborete com ar de mau humor, concedendo assim tacita licença, para se ir embora, ao caixeiro, que a aguardava no seu bêco.

Este immediatamente apagou a véla, e pôz o chapéo.

—Supponho que quer todo o dia d'amanhã para si? disse Scrooge.

—Se assim convém a v. s.^a...

—Não me é conveniente, disse Scrooge, e não

¹ S. *Dunstan*, santo inglez que viveu no oitavo seculo. Contam as lendas, que sendo este santo tentado pelo principe das trevas, e já fatigado com os argumentos de tão ruim visitante, com uma tenaz em braza segurára o nariz do demonio, e o levára para uma janella, onde esteve exposto á irrisão do publico.

acho bonito o seu procedimento. Aposto que se eu lhe descontasse meia corôa por esse dia, vocemecê havia de julgar-se lezado?

O caixeiro sorriu-se levemente.

—E no entanto, continuou Scrooge, vocemecê não me julga lezado por eu lhe pagar um dia para vadiar?

O caixeiro observou que era um caso extraordinario, e que se dava tão sómente uma vez por anno.

—E' uma desculpa muito fraca para limpar a algibeira d'um homem todos os dias 25 de dezembro, disse Scrooge abotoando o casacão até cima. — Mas emfim; continuou elle, fique lá com o dia inteiro: tracte com-tudo de me desferrar, vindo depois d'amanhã mais cedo.

O caixeiro prometeu que sim, e Scrooge sahio res-moneando.

Fechou-se o escriptorio n'um momento, e o caixeiro, com as duas pontas da manta de lã do pescoço chegando até á cinta (porque o misero não professava o uso do paletot) principiou a escorregar no gelo, no passeio de Cornhill, umas vinte vezes, atraz d'uma malta de gamenhos em honra da vespera do Natal, e em seguida dirigiu-se d'uma corrida a sua casa, em Camden-Town, para jogar a cabra-cega.

Scrooge enguliu o seu melancholico jantar na casa de pasto que de costume frequentava; e, depois de ter lido todos os jornaes, e de se ter entretido o resto da noite com o livro das letras, foi para casa deitar-se.

Vivia no alojamento, occupado outr'ora pelo seu fallecido socio.

Era uma série de quartos escuros, fazendo parte d'um sombrio edificio na extremidade d'uma rua, onde estava tão fóra de proposito, a ponto da gente não poder deixar de imaginar, que aquella casa veio para alli algum dia que, na sua mocidade, jogou as escondidas com as outras casas visinhas, e não pôde tornar a encontrar o caminho.

O edificio era bastante idoso, e assaz triste, porque ninguem vivia n'elle, á excepção de Scrooge; os outros quartos estavam todos alugados para escriptorios.

O pátco estava tão escuro, que o proprio Scrooge, conhecendo-o palmo a palmo, viu-se obrigado a entrar ás apalpadellas.

O nevociro e o gèlo de tal modo envolviam a sombria e velha porta da casa, que parecia que o genio da estação estava sentado no limiar em profunda meditação.

Diga-se agora em abono da verdade, que nada havia de particular no martello da porta, senão que era muito grande.

E um facto tambem muito veridico, que Scrooge o tinha visto de dia e de noite, durante toda a sua residencia n'aquélle logar: e tambem Scrooge tinha tão pouco do que se chama força d'imaginação, como qualquer homem na *City*, incluindo mesmo—o que é uma temeridade da minha parte dizel-o—a corporação, os aldermen, e os notaveis.

Devemos tambem estar bem possuidos da idéa de que Scrooge não tinha pensado mais em Marley, desde aquella occasião, de tarde, em que mencionára a morte do seu antigo socio, havia sete annos.

E agora explique-me alguém, se pôde, como succedeu que Scrooge, tendo mettido a chave na fechadura da porta, viu no martello, sem fazer uso d'alguma fórmula magica, não um martello, mas a cara de Marley?

A cara de Marley, sim, senhores! Não era uma sombra impenetravel, como os outros objectos no pátco — mas cercava-a uma luz sombria, brilhando do mesmo modo que uma lagosta pôdre n'uma adega escura. A expressão da physionomia não dava signaes d'ira ou de ferocidade, mas contemplava Scrooge como Marley costumava, com oculos d'espectro erguidos na

sua testa de defuncto. O cabello de Marley estava exquisitamente levantado, como se fôra por effeito d'um sôpro ou vento quente: e os olhos, apesar de estarem abertos, não tinham movimento algum.

Esta circumstancia e a sua côr livida, tornavam-no horrivel: mas o horror que se sentia ao contemplal-o, parecia provir antes da expressão da physionomia, do que da figura do morto.

A medida que Scrooge olhava fixamente para este phenomeno, nada mais via do que um martello.

Seria saltar á verdade, se dissesse que elle não estremeceu, ou que o seu sangue não sentiu uma terrivel sensação, que lhe fôra estranha desde a infancia.

Novamente pôz a mão sobre a chave, que a principio largára, deu-lhe volta estouvadamente, deu um passo á frente, e accendeu a vêla.

Pausou com irresolução momentanea antes de fechar a porta; e *olhou* para traz com cautella, primeiramente, como se esperasse vêr a figura de Marley apparecer no vestibulo. Mas nada havia atraz da porta, excepto os prégos e as dobradiças que seguravam o martello; de sorte que Scrooge disse—*Puff! puff!*—e fechou a porta com um arremêso. O barulho resoou em toda a casa como um trovão. Cada sala, no andar de cima, e cada pipa nos armazens debaixo, do negociante de vinhos, pareciam formar um ecco separado. Scrooge não era homem que se assustasse com eccos: deu volta á chave, atravessou o páteo, e subiu as escadas devagarinho, arranjando e espevitando a vêla á medida que caminhava.

Estão continuamente fallando das velhas escadarias que se construíam outr'ora, por onde podia subir á vontade um coche puxado a seis, ou o cortejo do parlamento: mas eu digo-lhes que a escadaria da casa onde residia Scrooge, era maior que essas de que fallam; podia-se fazer subir á vontade uma diligencia, com a

lança para um lado do muro, e a porta do carro para o outro lado, e muito facilmente. Havia immenso logar para essa operação, e ainda crescia espaço. Meia dúzia de bicos de gaz do tamanho dos da rua, não teriam sido suficientes para illuminarem o vestibulo: imaginem por isto a claridade que lhe daria a froixa luz da véla de Scrooge!

Scrooge continuava a subir, sem dar a essas coisas a mais pequena importancia; a escuridão é barata, e Scrooge estimava-a por essa razão. Mas antes de se decidir a fechar a pesada porta, passeou através das salas, a fim de vêr se tudo estaria no seu logar, em consequencia talvez de se recordar da mysteriosa figura.

A sala de visitas, o quarto de dormir, e a sala de espera, estavam como deviam estar. Ninguém estava debaixo da mesa, nem do sophá: no fogão alguns carvões accésos: colher e chavena promptas: e sobre a trempe uma chõcolateira com agua de cevada (porque Scrooge achava-se indefluxado). Ninguém appareceu debaixo da cama, na cozinha não viu ninguém, nem tão pouco dentro do roupão, que estava dependurado na parede, em attitude suspeita.

A sala de vestir tinha a apparencia ordinaria. Uma grade de fogão velha, sapatos velhos, lavatorio sobre tres pernas, e um aticador.

Scrooge, completamente satisfeito com as suas pesquisas, correu a porta e fechou-se por dentro, a duas chaves, contra o seu costume. Julgando-se assim a salvo de qualquer surpresa, tirou a gravata, enfiou o roupão, calçou os chinellos, e sentou-se em frente do fogão para tomar o cozimento de cevada.

O fogo estava quasi extincto: pouco ou nada era para noite tão fria. Foi obrigado a conchegar-se, e quasi acocorinhar-se sobre elle, para poder extrahir a mais diminuta sensação de calor d'aquella pitada de carvão.

O fogão era muito velho, naturalmente mandado fazer ha muito tempo por algum negociante hollandez, e guarnecido em volta com exquisitos ladrilhos hollandezes, representando scenas da Escriptura. Havia alli Cains e Abeis; filhos de Pharaó, Rainhas de Sabá, Mensageiros angelicos descendo através do ar sobre nuvens, como sobre camas de pennas, Abrahões, Balhazares, Apostolos embarcando-se em bateis com fórma de manteigueiras, centos de figurinhas, para attrahir as idéas de Scrooge: e não obstante a physionomia de Marley, morto ha sete annos, vinha como a antiga vara do Propheta absorver o resto. Se cada um dos ladrilhos começasse por estar branco, e tivesse o poder de formar na superficie uma figura com os varios pensamentos de Scrooge, não haveria duvida que em cada ladrilho se veria uma cópia da cabeça de Marley.

— Asneiras! disse Scrooge: e principiou a passear d'um lado para o outro da sala.

Depois de varios passeios a todo o comprimento da sala, sentou-se de novo. Na occasião em que recostava a cabeça na cadeira, o seu olhar fixou-se casualmente sobre uma campainha — uma campainha desusada, suspensa na sala, e communicando, para algum fim agora esquecido, com o quarto no ultimo andar da casa.

Foi com grande pasmo, e com susto extraordinario e inexplicavel, que viu a campainha principiar a bambaliar-se. A principio, tão devagarinho se movia, que nem sequer dava o menor som: mas não tardou muito que principiasse a soar alto, sendo correspondida por cada campainha na casa.

Não durou isto mais que meio minuto, ou, quando muito, um minuto; mas esse tempo pareceu a Scrooge uma hora. As campainhas cessaram ao mesmo tempo, exactamente como tinham principiado. Succedeu-lhe um tinido de ferros, procedendo das partes subterra-

neas da casa, assim a modo d'alguma pessoa que estivesse arrastando uma pesada cadêa sobre as pipas da adega do negociante de vinhos. Scrooge recordou-se então de ouvir dizer, que as almas do outro mundo, nas casas onde appareciam, costumavam sempre arrastar cadêas.

Ouviu-se abrir a porta da adega com grande barulho, e depois seguiu-se ruido nas escadas do fundo, em seguida mais acima, e finalmente proximo á porta do quarto.

— Asneiras! murmurou Scrooge; eu não acredito n'essas coisas!

Mudou todavia de côr quando n'um momento, sem a menor pausa, o phantasma passou através da pesada porta, e veio collocar-se-lhe no quarto, mesmo em frente dos seus olhos. No momento em que elle entrou, a chamma amortecida fulgurou, como para dizer: «*Conheço-o bem: é o espectro de Marley!*» e extinguiu-se de todo.

Aquelle era o mesmo rosto d'elle, exactamente o mesmo.

Era Marley com o rabicho da cabelleira, collete usual, calções e botas; n'estas ultimas, as borlas estavam hirtas como o rabicho, as abas do casaco e o cabello na cabeça. A cadêa que o phantasma arrastava prendia-o no meio da cinta. Era comprida, e afastava-se d'elle como se fôra um rabo: e era feita (porque Scrooge observou-a de perto) de cofres, de chaves, de fechaduras, de livros d'escrpturação, d'acções de bancos e de pesadas bolças d'aço.

O corpo do phantasma era de tal fôrma transparente, que Scrooge, observando-o e olhando-o através do collete, podia vêr os dois botões na parte posterior do casaco.

Scrooge ouvira muitas vezes dizer que Marley não

tinha entranhas, mas até áquelle momento nunca acreditára tal asserção.

Nem mesmo agora acreditava. Apesar de poder vêr o phantasma d'um lado ao outro, e de o vêr alli de pé diante de si; apesar de sentir a influencia gracial dos seus olhos gelados pela morte, e de notar o proprio tecido do lenço. que lhe cobria a cabeça e lhe passava debaixo do queixo, do que a principio não dera fé— conservava-se incredulo, e recusava o testemunho da propria vista.

—Então que temos! disse Scrooge, caustico e frio como sempre. Que quereis de mim?

—Muita coisa!

Era a voz de Marley: nenhuma duvida se lhe offereceu a tal respeito.

—Quem sois vós?

—Perguntai-me antes quem eu *era*.

—Quem creis vós então? disse Scrooge alteando a voz. Sois muito preciso nos termos para uma sombra.

—Em vida era o vosso socio, Jacob Marley.

—Podeis... podeis sentar-vos? perguntou Scrooge, olhando para elle com desconfiança.

—Posso.

—Então sentai-vos.

Scrooge fez esta pergunta, porque não sabia se um phantasma tão transparente, se acharia em estado de pegar n'uma cadeira: e pensava que no caso d'isso lhe ser impossivel, o obrigaria a entrar em explicações que lhe não causariam pouco embaraço. Mas o phantasma sentou-se no lado opposto do fogão, como se estivesse a isso muito acostumado.

—Não acreditaes em mim? perguntou o phantasma.

—Não... não acredito, disse Scrooge.

—Que mais provas quererieis ter da minha realidade, além da que vos dão os vossos sentidos?

—Não sei, disse Scrooge.

—Porque duvidaes dos vossos sentidos!

—Porque, disse Scrooge, basta a menor coisa para os affectar. Uma pequena desordem no estomago, torna-os mentirosos. Podieis muito bem ser um pedaço de *roastbeef* mal digerido, um pequena colher de mostarda, um bocadinho de queijo, ou um fragmento d'uma batata mal cozida. Quem quer que sejaes, cheiraeis mais a aguardente, do que a agua benta.

Scrooge não tinha por costume fazer trocadilhos de palavras, e n'aquelle momento fracas disposições sentia no fundo do coração para se tornar espirituoso. Procurava todavia fazer-se engraçado, a fim de distrahir os seus pensamentos, e de afogar o seu terror, porque a voz do espectro gelava-o até á medula dos ossos.

Ficar sentado olhando de frente para aquelles olhos fixos e envidraçados, ainda mesmo por um instante, era uma experiencia diabolica para Scrooge. Havia o quer que fosse de horrivel, na atmospherá infernal que cercava o espectro; Scrooge não a podia sentir por si proprio, mas nem por isso deixava ella de ser menos real; porque apesar do espectro ficar sentado e immovel, o cabello, as abas do casaco e as borlas das botas, ainda estavam agitadas como pelo vapor que se exhala d'um forno.

—Vêdes este palito? disse Scrooge, voltando de repente á carga, pela razão emittida: e desejando, ainda que fosse por um unico segundo, desviar o olhar do espectro, frio como o marmore.

—Vejo.

—Mas não olhaes para elle, disse Scrooge.

—Mas apesar d'isso vejo-o, disse o phantasma.

—Pois bem, replicou Scrooge. Não tenho mais que engulil-o, e para o resto dos meus dias ser perseguido por uma legião de duendes, todos da minha creação. Asneiras! meu amigo... asneiras!

A estas palavras o espirito soltou um formidavel

grito, e abalou as cadêas com um ruído tão lugubre e terrível, que Scrooge segurou-se à cadeira com ambas as mãos, para obstar a cair desfallecido.

Mas quão maior não foi o seu horror, quando o phantasma, arrancando o lenço que lhe segurava os queixos, como se fizesse muito calor para o trazer dentro de casa, deixou cabir até ao peito a mandíbula inferior!

Scrooge cahiu de joelhos, e occultou o rosto entre as mãos.

—Misericórdia! exclamou elle. Terrível apparição, porque vens atormentar-me?

—Alma mundana! replicou o espectro, crês ou não em mim?

—Creio, disse Scrooge; devo crêr. Mas porque andam os espiritos sobre a terra, e porque veem elles procurar-me?

—É obrigação inherente a toda a creatura, retorquiu o phantasma, que a sua alma se misture com os seus semelhantes, e que percorra todos os logares: e se tal dever se não cumpre durante a vida, é a alma obrigada a cumpri-lo depois da morte. Fica condemnada a errar pelo mundo—oh! quão desgraçada eu sou!—e ser testemunha de prazeres que não pôde partilhar, quando na terra podia ter tido o seu quinhão, e tel-os convertido em felicidade das outras creaturas.

De novo o espectro soltou um grito, e abalou as cadêas, torcendo as descarnadas e frias mãos.

—Estaes encadeado, disse Scrooge a tremer, dizei-me porquê?

—Arrasto a cadêa que forjei em vida, replicou o espectro. Fabriquei-a élo a élo, e palmo a palmo; fui eu que a preendi á minha livre vontade, e por minha livre vontade a trouxe sempre. Ser-vos-ha estranha a sua fôrma?

Scrooge tremia cada vez mais.

—Ou querieis saber, proseguiu o espectro, o peso e o comprimento do cabo que vós mesmo arrastaes? Era exactamente tão comprido e tão pesado como este, faz agora sete vespersas de Natal. Depois d'isso tendes trabalhado n'elle. Deve agora ser uma bem pesada cadêa.

Scrooge deitou um relancear d'olhos ao soalho, na expectativa de se ver rodeado por algumas cincoenta ou sessenta jardas de ferro; mas não pôde ver coisa alguma.

—Jacob! disse elle implorando. Velho Jacob Marley, falla-me mais. Dirige-me palavras de consolação, Jacob.

—Não tenho consolações para ti. As consolações veem d'outras regiões, Ebenezer Scrooge, e são trazidas por outros ministros, a outra classe de homens. Nem eu te posso dizer tudo o que queria. Muito pouco tempo me é concedido. Não posso descansar, não posso permanecer, não posso habitar em logar fixo. Sabes bem, que em vida, a minha alma nunca ultrapassou os limites do nosso escriptorio—toma bem sentido—nunca o meu espirito caminhou além dos limites da nossa casa de desconto; eis a razão porque tenho de cumprir tão angustiosas viagens!

Tinha Scrooge o inveterado costume de metter as mãos nos bolsos, quando se tornava meditabundo. Pensando as palavras do espectro, tomou a attitudo habitual, mas sem erguer os olhos ou mover os joelhos.

—Deveis então estar muito atrazado, Jacob, observou Scrooge em tom de quem tracta negocios, mas com humildade e deferencia.

—Atrazado? repetiu o espectro.

—Sim! murmurou Scrooge, morto ha sete annos, e todo esse tempo a caminhar...

—Todo esse tempo... replicou o espectro, nem descanso, nem paz! Tortura incessante do remorso!

—Viajaes rapidamente? perguntou Scrooge.

—Nas azas do vento, replicou o espectro.

—Deveis ter visto muitas terras n'esses sete annos, disse Scrooge.

O espectro, ao ouvir taes palavras, soltou um novo grito, e tão horrivel estrepito produziu com a cadêa, no silencio profundo da noite, que a policia justificar-se-ia se o tivesse prendido por desordeiro e perturbador do socego publico.

—Oh! estou captivo, encadeado, e carregado de ferros, por ter olvidado que todo o homem se deve associar, pela sua parte, ao grande trabalho da humanidade, prescripto pelo Senhor, e perpetuar o progresso, porque esta terra deve passar á eternidade, antes que o bem de que é susceptivel, esteja de todo desenvolvido: por não ter sabido que qualquer alma christã, trabalhando com energia na sua pequena esphera da vida, qualquer que seja, ainda assim poucas occasiões encontra na sua vida mortal para poder compensar aquellas em que podia fazer o bem. E foi o que eu fiz, desgraçado de mim!

—Mas fostes sempre um bom negociante, Jacob, balbuciou Scrooge, que agora applicava a si mesmo as palavras do espectro.

—Bom negociante! disse o espectro freneticamente, retorcendo outra vez as mãos. A humanidade devia ser o meu negocio. O bem dos meus semelhantes devia ser o meu negocio; caridade, misericordia, perdão e benevolencia, deviam ser tão sómente o meu negocio. O tráfego do meu commercio, era apenas uma gota d'agua no comprehensivo oceano do meu negocio!

O espectro ergueu as cadêas a todo o comprimento do braço, como para mostrar a causa de todos os seus pesares inuteis, e novamente as deixou cahir em todo o pêso sobre o sobrado.

—N' esta época do anno, disse o espectro, é quando

soffro mais. Porque atravesssei os grupos dos meus semelhantes, com olhos sempre postos na terra, e nunca os ergui para aquella bemdita estrella, que conduziu os Magos a uma pobre choupana! Não haveria acaso tambem pobres habitações onde a sua luz podésse ter-me conduzido?

Scrooge estava tranzido de susto por ouvir o espectro fallar de tal sorte. Começou a tremer excessivamente.

—Escuta-me, exclamou o espectro, o meu tempo quasi está passado.

—Escuto, disse Scrooge; mas não me masses muito, Jacob; deixa as flôres de rhetorica.

—Como é que appareço diante de ti em fórma que podes vêr, não o sei dizer. Muitos e muitos dias tenho estado invisivel a teu lado.

Não era esta uma confidencia agradavel para Scrooge, que estremeceu e limpou o suor que lhe corria da fronte.

—Não é esta a menor parte da minha penitencia, proseguiu o espectro. Estou hoje aqui para te advertir que tens ainda esperança e probabilidade de escapar ao meu fado. Esperança e probabilidade, que eu te procurarei, Ebenezer.

—Sempre fostes muito meu amigo, disse Scrooge. Agradeço-vos.

—Apparecer-te-hão, concluiu o phantasma, tres espiritos.

A physionomia de Scrooge tornou-se tão pallida como a dô proprio phantasma.

—É essa a esperança que me prometteis, Jacob? perguntou elle com voz desfallecida.

—E.

—Pois eu... eu pensava que não, disse Scrooge.

—Sem as suas visitas, disse o espectro, não podes esperar o evitar a senda que eu trilho. Aguarda o primeiro amanhã, quando o relajo soar uma hora.

—Não poderia eu, Jacob, recebê-los todos a um tempo, e acabar depressa com essa tarefa? insinuou Scrooge.

—Espera o segundo na noite seguinte, á mesma hora, continuou o phantasma, sem lhe prestar attenção. O terceiro na noite seguinte, quando a ultima pancada da meia noite tiver cessado de vibrar. Não esperes vêr-me mais; e por teu proprio interesse, recorda-te do que se passou entre nós.

Apenas ditas estas palavras, o espectro arrebatou o lenço de cima da mesa, e embrulhou a cabeça como antes. Scrooge conheceu isto pelo ruido sêcco dos dentes, quando as maxillas se uniram com a pressão do lenço. Atreveu-se novamente a erguer os olhos, encontrou o visitante sobrenatural contemplando-o em soberba attitude, com a cadêa enrolada em volta do braço.

A apparição afastou-se d'elle, recuando; e a cada passo que dava, a janella erguia-se um pouquinho, de sorte que quando o espectro se aproximou d'ella, estava de todo aberta. O phantasma fez signal a Scrooge para se adiantar: este obedeceu.

Quando estavam distantes dois passos um do outro, o espectro de Marley levantou a mão, fazendo-lhe signal para que se não aproximasse mais. Scrooge parou. Não tanto por obediencia, como surprehendido e receioso; porque quando a sombra levantou o braço, Scrooge ouviu alguns sons confusos no ar: sons incoherentes de lamentos e saudades, queixumes inexprimeveis de tristeza e remorso. O espectro, depois de ter escutado por um momento, juntou-se a esse côro triste, e desapareceu no seio da pallida e escura noite.

Scrooge seguiu-o á janella, com o desespêro da curiosidade. Olhou para fóra.

A atmospherá estava repleta de phantasmas, errando d'aqui para alli, em incessante movimento, e ex-

halando queixumes quando passavam. Todos arrastavam cadêas como o espectro de Marley: alguns poucos (talvez ministros culpados) estavam manietados uns aos outros; nenhuns caminhavam livres. Muitos, durante a vida, tinham sido conhecidos pessoases de Scrooge.

Scrooge fôra muito amigo d'um velho phantasma, de collete branco, com um monstruoso anel de ferro no tornozêllo, gritando que fazia lastima, por não poder soccorrer uma pobre mulher com uma creancinha, que elle via em baixo no limiar d'uma porta. O supplicio de todos elles, via-se bem claro. Procuravam interferir nos negocios humanos, para fazerem algum bem; mas desgraçadamente eram vãos os seus esforços. Era já tarde.

Se aquellas malfadadas creaturas se desfizeram em nevoeiro, ou se o nevoeiro as absorveu, foi coisa que Scrooge nunca pôde dizer. Mas elles e as suas vozes phantasticas desapareceram, e a noite volveu a ser o que fôra quando elle caminhava para casa.

Scrooge fechou a janella, e examinou a porta por onde o phantasma tinha entrado. Estava fechada a duas chaves, como a elle fechara com as suas proprias mãos: os ferrôlhos estavam intactos. Procurou dizer: —*ora, asneiras!*—mas parou na primeira syllaba. E necessitando muito dormir, ou pela commoção que soffrera, ou pelas fadigas do dia, ou pelo seu relance de olhos ao mundo invisivel, ou pela triste conversação com o espectro, ou, finalmente, pela hora adiantada, foi direito para a cama, sem se despir, e cahiu em profundo somno no mesmo instante.

ESTROPHE II

● primeiro dos tres espiritos

Quando Scrooge acordou, fazia tão escuro, que, olhando para fóra do leito, a custo podia distinguir a janella transparente, das paredes opacas do quarto. Esforçava-se em trespassar a escuridade com os seus olhos de furão, quando o carrilhão d'um relajo visinho bateu quatro quartos. Pôz-se á escuta.

Com grande pasmo seu, o pesado sino caminhou das seis ás sete, e das sete ás oito, e assim regularmente, até completar doze toques; então parou. Meia noite!

Já passava das duas horas quando Scrooge se deitára. O relajo por força estava estonteado. Algum pedaço de gêlo se tinha introduzido no machinismo! Meia noite!

Scrooge tocou na móla d'um relajo de repetição, que tinha á cabeceira do leito, para corrigir aquelle relajo prepostero da torre. O rapido martelinho do relajo bateu na campainha doze vezes... e parou.

—Como! não é possível! disse Scrooge. Terei eu dormido um dia inteiro, e ainda em cima parte da noite seguinte! Será possível que tenha acontecido alguma coisa ao sol, e que seja meia noite ao meio dia?

Sendo esta idéa bastante assustadora, o nosso heroe saltou abaixo da cama, e, ás apalpadellas, foi-se diri-

gindo para a janella. Viu-se na necessidade de limpar o gèlo da vidraça, com a manga do roupão, para poder vêr alguma coisa; ainda assim muito pouco pôde distinguir. Percebeu tão sómente, que ainda havia muito nevociro e muito frio, e que se não ouvia rumor de gente correndo para cima e para baixo, como tal seria inquestionavelmente o caso, se a noite tivesse expulso o dia, e este se tivesse apossado do mundo. Foi isto um grande allivio para o bom do homem, porque verificando-se os seus pensamentos, que valeriam as suas letras, rezando:—«A tres dias vista pagará por esta minha primeira de cambio, ao snr. Ebenezzar Scrooge ou á sua ordem»—etc. etc.? Valeriam tanto como hypothecas feitas sobre as montanhas da lua.

Scrooge voltou para a cama, e pensou, pensou, pensou uma, duas, cem vezes no que lhe succedia, sem poder achar a chave do enygma.

Quanto mais pensava, tanto mais perplexo ficava; e quanto mais se esforçava em não pensar, tanto mais depressa os pensamentos lhe acudiam á mente.

O espectro de Marley incommodava-o horriavelmente.

Todas as vezes que resolvia interiormente, depois de maduro exame, não ser tudo aquillo mais que um sonho, o seu espirito, semelhante á móla que cessa de ser comprimida, voltava á sua primeira posição, e apresentava o mesmo problema, para de novo ser resolvido.

Tudo aquillo era um sonho, ou realidade?

Scrooge jazeu n'este estado, até que os carrilhões soaram tres quartos mais; recordou-se então subitamente do espectro lhe ter prophetisado uma visita que devia receber, quando o relójo da torre marcasse uma hora. Resolveu conservar-se acordado até que fosse passado esse tempo, e attendendo a que não lhe seria mais facil dormir do que ir para o céo, foi indubitavelmente aquella a melhor resolução que podia tomar.

O quarto de hora durou tanto, que Scrooge chegou a convencer-se de que forçosamente tinha dormitado o seu bocado, sem ter dado por isso, e de que não ouvira o relajo.

Este por fim feriu-lhe o ouvido attento.

—Dlin! dlon!

—Um quarto, disse Scrooge contando.

—Dlin! dlon!

—Meia hora.

—Dlin! dlon!

—Tres quartos!

—Dlin! dlon!

—Soou a hora, disse Scrooge com ar de triumpho, e nada apparece!

Scrooge fallou antes de bater a pancada que marcava a hora, e que se seguiu soando profunda e melancholicamente—**UMA HORA!**

No mesmo instante brilhou uma luz no quarto, e os cortinados da cama foram puxados para o lado.

Os cortinados foram puxados para o lado — como lhes digo—por uma mão. Não os cortinados aos pés nem a cabeceira, mas sim aquelles para onde Scrooge estava olhando. Os cortinados do leito ficaram abertos, e Scrooge, erguendo-se na attitude d'uma pessoa meia deitada, achou-se face a face com o ente sobrenatural que os tinha puxado; tão perto d'elle, como eu agora estou de vós, minhas amaveis leitoras e caros leitores, e notem que eu estou em espirito junto das vossas meninas dos olhos.

Era uma figura extraordinaria, assim a modo d'uma creança. E no entanto assimilhava-se menos a uma creança do que a um velho, visto através d'algum prisma sobrenatural, que lhe dava um ar de se ter afastado a distancia, e de ter ido diminuindo até ás proporções d'uma creança. Os seus cabellos, que lhe cahiam pelas costas abaixo, eram brancos, como por effeito da idade:

e todavia o rosto não apresentava uma só ruga, e na pelle brilhava o mais suave rosado. Os braços eram muito compridos e musculares; e as mãos igualmente, como se fosse dotado d'uma força pouco commun. Os pés, formados mui delicadamente, estavam descalços, e as pernas nuas como os membros superiores. O espectro trazia uma tunica do mais puro branco, prendendo-a um cinto luminoso, brilhando admiravelmente. Na mão trazia um ramo d'azevinho, cortado de fresco; e em singular contraste com aquelle emblema do inverno, trazia o vestido adornado de flôres do estio. Mas o mais extraordinario n'aquelle personagem, era que da corôa da cabeça, se espargia um jacto de luz brilhante e claro, que tornava tudo invisível: d'onde provinha, sem duvida, o uso que fazia, nos momentos de tristeza, em lugar de chapéo, d'um apagador que trazia debaixo do braço.

No entanto, não era este o attributo mais extraordinario da apparição aos olhos de Scrooge, que a contemplava attentamente. Porque da mesma forma que o cinto ora brilhava e reluzia n'um lado ora n'outro, e o que era luz n'um momento, se tornava trevas immediatamente—assim tambem a figura do espectro fluctuava diversamente, ora apparecendo um ente com um só braço, depois com uma só perna, ou com vinte; agora um par de pernas, sem cabeça, mais tarde um corpo sem pernas; não deixando os membros, que desapareciam, ficar visível na escuridade um só contorno. Em seguida, por singular prodigio, tornava-se de novo tão visível e distincta como sempre.

—Sois acaso o Espirito, cuja vinda me foi prophetisada? perguntou Scrooge.

—Sou!

A voz era suave e agradável. Singularmente baixa, como se em lugar de lhe sahir da garganta, viesse de distancia.

— Quem sois vós? perguntou Scrooge.

— Sou o espirito do Natal passado.

— Passado ha muito? inquiriu Scrooge, notando a sua estatura d'ano.

— Não; o ultimo.

Talvez Scrooge não tivesse sabido dizer, se alguém lhe perguntasse, a razão porque tinha um desejo especial de vêr o espirito pôr o barrete na cabeça; e para satisfazer o seu capricho, rogou-lhe que se cobrisse.

— Que! exclamou o espirito—quererieis acaso extinguir com mão mundana a luz que espalho? Não será bastante já, que vós sejaes um d'aquelles, cujas paixões egoistas me obrigam a usar d'este chapéo, e me forçam, através dos seculos, a trazel-o na cabeça?

Scrooge negou ter tido intenção de offender o espirito, e ousou perguntar-lhe que negocio o trazia alli.

— A vossa felicidade.

Scrooge mostrou-se muito reconhecido, mas não pôde deixar de pensar, que uma noite de repouso não perturbado, alcançaria aquelle fim mais depressa. De certo o espirito lhe adivinhou o pensamento, porque lhe disse immediatamente:

— A vossa conversão então. Acautelai-vos.

Ao tempo que passava, estendeu-lhe a sua possante mão, e segurou-o por um braço.

— Levantai-vos e segui-me.

Debalde Scrooge teria allegado, que o tempo e a hora não eram proprios para passeios a pé; que a cama estava quente, e o thermometro alguma coisa abaixo do gêlo; que estava vestido ligeiramente, apenas com as meias, roupão, e barrete de dormir; e que n'aquelle momento o incommodava um terrivel defluxo. O aperto do braço, ainda que ligeiro, como se fosse causado por uma mulher, não era todavia muito para se lhe resistir.

Scrooge levantou-se; mas percebendo que o espi-

rito se dirigia para a janella, segurou-lhe a tunica em attitude supplicante.

—Sou um mortal, observou-lhe Scrooge, e portanto posso cahir.

—Permitti somente que eu ponha a mão *ahi*, disse o espirito, collocando-lh'a sobre o coração, e vencereis provações maiores que esta.

Ao dizer estas palavras, passaram ambos através da parede, e acharam-se n'uma estrada d'aldêa, com campos d'um lado e d'outro.

A cidade tinha desaparecido completamente: não se via nem o menor vestigio d'ella. A obscuridade e o nevoeiro tinham desaparecido conjunctamente, porque era dia claro, e frio d'inverno, com neve por toda a parte.

—Deus do céo! disse Scrooge, batendo ambas as mãos, e olhando em redor de si. Fui aqui creado. Passei n'este logar a minha infancia!

O espirito olhou-o com bondade. O leve contacto, ainda que instantaneo, tinha despertado a sensibilidade do velho. Este tinha a consciencia d'uma suave fragancia na atmospherã, associada com milhares de pensamentos, d'esperanças, d'alegrias, de preoccupações olvidadas de ha muito.

—Tremem os vossos labios, disse o espirito. E que é o que tendes sobre a face?

Scrooge, com a voz algum tanto tremula, disse que era um cravo; e pediu ao espirito para que o levasse onde queria.

—Recordaes-vos do caminho?

—Se me recordo!... disse Scrooge calorosamente. Podia andal-o com os olhos fechados.

—É exquisito que o tivesséis esquecido por tantos annos! observou o espirito. Caminhemos.

Continuaram a marchar na estrada, reconhecendo Scrooge cada poste, e cada arvore, até que appareceu

em distancia uma pequena aldêa com a sua ponte, sua igreja, e com um ribeiro sinuoso. N'aquelle momento viram-se trotando em direcção a elles alguns garranos de comprido pêllo, montados por buliçosos rapazes, chamando por outros que vinham em carros, governados por aldeões. Todos estes rapazes estavam muito alegres, e gritavam uns pelos outros, até que os campos ficaram tão cheios d'esta alegre musica, que o ar, em vibração, ria de os ouvir.

—São apenas sombras do que foram, disse o espirito, nenhum desconfia da nossa presença aqui.

Os viajantes alegres adiantaram-se; e á medida que se aproximaram, Scrooge reconheceu-os e pronunciou o nome do cada um d'elles.

Porque se alegrava elle, vendo-os? Porque lhe fulguravam os olhos, de ordinario sem movimento, e lhe batia o coração, quando elles passaram? Porque ficou elle saltando de jubilo, quando os ouviu desejar uns aos outros boas-festas, ao separarem-se nas encruzilhadas que os levavam cada um a sua casa? Que eram boas-festas para Scrooge? Fóra com o bom Natal! Que bem lhe fizera elle algum dia?

—A escola ainda não está de todo deserta, disse o phantasma. Ainda alli está um pequeno solitario, esquecido pelos seus amigos.

Scrooge disse que reconhecia o logar, e suspirou.

Deixaram a estrada real, seguindo por um atalho hem conhecido de Scrooge, e dentro em pouco se aproximaram d'uma construcção de tijolos vermelhos, d'apparencia triste, com uma pequena cupola, terminada por um cataventó: sobre o tecto estava suspensa uma sineta.

Era uma vasta habitação, mas mostrando as vicissitudes da sorte, porque ás suas espaçosas salas estavam pouco usadas, os muros estavam humidos e cobertos de musgo, as vidraças partidas e as portas des-

pedaçadas. As gallinhas cacarejavam e espanejavam-se nas cavallarices, e as cocheiras e os telheiros estavam sobrepejados de herva.

Nem no interior mostrava mais vestígios do seu antigo estado; porque ao entrarem no sombrio vestibulo, e deitando um olhar através de varias portas abertas de differentes quartos, Scrooge e o espirito encontraram-nos pobremente mobilados, frios e solitarios.

No ar sentia-se grande cheiro a môfo, e em toda a casa reinava uma mudez glacial, que deixava perceber as vigílias dos moradores, que se levantavam com luz para trabalhar, e não tinham comida em abundancia.

Scrooge e o espirito dirigiram-se através do vestibulo a uma porta situada nas trazeiras da casa; abriu-se a porta diante d'elles, e deixou vêr uma sala comprida, melancolica e deserta, e tornada mais deserta ainda por uma fileira de bancos de pinho, e escritaninhas da mesma madeira.

N'uma d'ellas, junto d'um fogão quasi extincto, estava lendo um rapaz que ficára só. Scrooge sentou-se sobre um banco e chorou, reconhecendo-se esquecido e abandonado como costumava ficar no tempo de rapaz.

Nem um unico ecco occulto na casa, nem o menor ruido dos ratos pelejando sobre o fôrro, nem o som da gôta d'agua meia-gelada, cahindo da torneira no páteo da casa, nem o suspiro do vento por entre os ramos do choupo desfolhado, nem o bater surdo da porta do vasio armazem, nem o ligeiro crepitar do fogo—deixavam de fazer sentir sua doce influencia no coração de Scrooge, que deu um mais livre curso ás suas lagrimas.

O espirito tocou-lhe no braço, e apontou-lhe para a creança—imagem representando Scrooge d'outr ora, lendo attentamente.

Subitamente, um homem vestido exquisitamente, real e distincto á vista, appareceu em pé por detraz da

porta de vidraça, com uma machadinha á cinta, e conduzindo pelo freio um burro carregado de lenha.

— Aquelle é Ali-Baba! exclamou Scrooge extasiado; é o bom velho Ali-Baba. É elle—reconheço-o perfeitamente. N'um dia de Natal, em que eu, quando era rapaz, fiquei abandonado aqui só, veio elle justamente como agora. Pobre creança! E Valentim, e aquelle patife de seu irmão Orson,ahi veem tambem! É como se chama aquelle, que foi posto adormecido, sem calças, á porta de Damasco? não o vedes? E o laçao dô sultão, deitado por terra pelos genios: alli está de cabeça para baixo. Tractem-no como merece. Para que precisava elle d'esposar uma princeza!

Grande surpresa teria sido para os collegas da City, se tivessem ouvido Scrooge dispender todo o seu ardor natural em taes assumptos, n'uma voz exquisita, mixto de riso e lagrimas, e mais se admirariam vendo a animação que se lhe estampava no rosto.

—Alli está o papagaio! exclamou Scrooge, corpo verde, e rabo amarello, com uma coisa semelhante a uma leituga, sahindo-lhe da poupa. Pobre Robinson Crusoe, como elle o chamava, quando voltou a casa, dep is de ter navegado em volta da ilha.

«Pobre Robinson Crusoe, onde estiveste Robinson Crusoe?

«O homem persuadiu-se que sonhava — mas não, não sonhava.

«Era o papagaio que sabeis.

«Eis—allí Sexta-feira correndo á bahia para salvar a vida.

«Vamos, coragem, upa!»

Então, com rapida transição, muito differente do seu caracter usual, disse, levado de piedade por aquelle outro elle:

— Pobre rapaz!

E exclamou de novo:

—Desejava... murmurou Scrooge, mettendo a mão no bolso, e olhando em redor de si, depois de ter enxugado os olhos com a manga do casaco—mas é tarde agora.

—Que temos? perguntou o espirito.

—Nada, disse Scrooge, nada. Na noite passada veio um rapaz cantar as lóas do Natal á minha porta. Desejaria ter-lhe dado alguma coisa; é isto unicamente.

O espirito sorriu pensativo, e moveu a mão, dizendo:

—Veremos para o Natal seguinte:

A estas palavras, Scrooge viu á luz a figura que o representava quando creança, ir crescendo, e a sala tornar-se mais escura e mais suja.

Os caixilhos appareceram com fendas, as vidraças quebradas, fragmentos do estuque cahiram do tecto, e apresentavam-se despidas as ripas do travejamento: mas como se faziam estas transformações, era coisa que Scrooge sabia tanto como vós, estimaveis leitoras.

Sabia tão sómente que tudo aquillo era exacto, que se passara tudo d'aquella fórma; e que alli estava elle novamente só, quando todos os seus condiscipulos tinham ido passar as ferias com a familia.

Já não lia agora, mas passeiava desesperado d'um para o outro lado. Scrooge olhou para o espirito, e com um movimento triste de cabeça, olhou anciosamente para a porta.

Abriu-se esta; e uma menina, mais nova que o rapaz, entrou para a sala, rapida como uma setta, e enroscando os braços em volta do pescoço d'elle, disse:

—Meu irmãosinho, meu caro irmãosinho. Venho buscar-te para te conduzir a casa, disse a menina batendo as mãosinhas uma contra a outra, e inclinando-se com a força do riso. Venho acompanhar-te para casa.

—Para casa, Francisquinha? perguntou o rapaz.

—Sim, disse ella radiante d'alegria, para casa para sempre, para sempre. O papá está tão differente do que era, que em casa agora está-se como no céu. Fallou-me com tão bom modo uma noite quando me ia deitar, que não tive medo de lhe pedir mais uma vez para te deixar vir a casa; e elle disse que sim, que virias: e mandou-me de carruagem para te levar. E tu vaes ser um homem, accrescentou ella abrindo os olhos, e nunca mais voltarás aqui: mas primeiro vamos passar juntos a festa do Natal, e havemos de divertir-nos como ninguem.

—Tu estás quasi uma senhora, Francisquinha! exclamou o rapaz.

Ella bateu as mãos e riu-se: e procurou fazer-lhe meiguices na cabeça; mas sendo pequena ainda, riu-se de novo, e pôz-se em bicos de pés para abraçar o irmãozinho. Então, com o afan proprio de creança, começou a empurrar-o para a porta, e o rapaz, sem se fazer muito rogado, acompanhou-a.

Uma voz terrivel no vestibulo, exclamou:

—Tragam para baixo o bahú do snr. Scrooge.

E appareceu no vestibulo o mestre escola, que deitou sobre o pobre rapaz um olhar de condescendencia feroz, e fez-lhe perturbar o espirito com um aperto de mão que lhe deu.

Introduziu-o em seguida, assim como a irmã, na sala do rez do chão, a mais fria que existia, em que os mappas das paredes, e os globos celestes e terrestres nos vãos das janellas pareciam gelados de frio. Apresentou então aos dois irmãos uma garrafa de vinho muito ordinario, e um pedaço de cake já bastante rijo, e ao mesmo tempo mandou um criado, d'apparencia desprezivel, offerecer um copo de *qualquer coisa* ao postilhão, que respondeu que ficava muito obrigado, mas que se o vinho era da mesma especie do que bebera antes, preferiria não beber nenhum.

N'este meio tempo o bahú do menino Scrooge tinha sido collocado no tejadilho da carruagem: o menino e a irmã disseram adeus do fundo do coração ao mestre, e tendo entrado para o vehiculo, atravessaram alegremente o jardim do collegio; as ligeiras rodas faziam saltar, como espuma, os pedaços de neve que cobriam o caminho.

—Foi sempre uma delicada creatura aquella menina, que o mais leve sôpro poderia curvar, disse o espirito; mas, tinha um magnanimo coração!

—Oh! se tinha!... exclamou Scrooge melancolicamente. Tendes razão. Não direi o contrario, espirito. Deus me defenda.

—Morreu casada, disse o espirito, e deixou duas creanças.

—Uma só, retorquiu Scrooge.

—É verdade, disse o espirito. É o vosso sobrinho. Scrooge parecia constrangido, e apenas respondeu brevemente:

—Sim.

Apesar de terem deixado a escola n'aquelle momento, achavam-se já no centro agitado d'uma cidade, onde passavam e repassavam sombras humanas; onde percorriam as ruas sombras de carros e carruagens, e havia o arruido real d'uma verdadeira cidade. Pelos objectos que se viam patentes nas differentes lojas, bem demonstrado ficava que aqui tambem se celebrava o Natal n'aquelle momento. Era de noite, e as ruas estavam illuminadas.

O espirito parou á porta d'um armazem, e perguntou a Scrooge se reconhecia aquelle logar.

—Se conheço! respondeu Scrooge. Foi aqui que eu dei o meu tempo de rapaz.

Entraram. Á vista d'um sugeito com grande cabelleira, sentado atraz d'uma escrivaniinha, tão alta, que se elle tivesse duas pollegadas mais d'estatura, ha-

teria com a cabeça contra o tecto, Scrooge exclamou muito entusiasmado:

—É o velho Fezziwig! Deus me perdoc: é Fezziwig ressuscitado.

O velho Fezziwig poisou a penna, e olhou para o relajo, que marcava sete horas. Esfregou as mãos, apertou o casacão, riu-se todo desde os calcanhares até ás pontas dos cabellos, e chamou com voz forte, sonora, rija, cheia e jovial:

—Olá! Ebenezzzer! Dick!

A figura do outro Scrooge, tornado agora já rapaz, entrou vagarosamente, acompanhado do seu companheiro nas lides do negocio.

—É Dick Williams, não ha duvida! disse Scrooge ao espectro. É elle, é elle, meu Deus! Era-me muito afeiçoado aquelle Dick! Pobre Dick! Coitado.

—Olá, meus rapazes! disse Fezziwig, nada mais de trabalho por hoje. É a vespera de Natal, Dick. Boas festas, Ebenezzzer. Vá, fechem-se as portas n'um momento, accrescentou o velho Fezziwig, batendo as mãos alegremente.

Ninguem acredita como n'um abrir e fechar d'olhos pozeram mãos á obra os dois rapazes. Carregaram com as portadas até á rua—uma, duas, tres—collocaram-nas nos seus logares—quatro, cinco, seis—pozeram os ferrólhos, e as chavetas—sete, oito, e nove—e voltaram, antes que chegasseis a contar até doze, offegantes como cavallo de corridas.

—Olá! gritou o velho Fezziwig, deixando-se escorregar de junto da alta escrivaninha, com maravilhosa agilidade. Vamos a arrumar isto, e deixemos a sala livre aqui. Vamos, Dick; anda depressa, Ebenezzzer.

Arrumar! Não havia nada que elles não fizessem, ou que não podéssem fazer, estando presente o velho Fezziwig. Tudo se fez n'um minuto. Todos os objectos transportaveis foram tirados do seu logar para não im-

pedirem a passagem; foi varrido e borrifado o soalho, arranjados os lampiões; no fogão foi lançado um montão de carvão; e o armazem ficou transformado n'uma sala de baile tão linda, quente, commoda, e acciada, como os meus leitores desejariam vêr em noite de inverno.

Entrou um tocador de rebeca com um livro de musica; subiu á alta escrivantina, e arranjou uma orchestra improvisando sons semelhantes aos vagidos produzidos por incómodos do estomago. Entrou em seguida *Mistress Fezziwig*, toda ella um sorriso substancial. Vieram depois as tres meninas *Fezziwigs*, radiantes e amaveis, e atraz d'ellas seis pretendentes, cujos corações as ingratas espedaçavam; e depois entraram todos os rapazes e raparigas, empregados no trafego commercial da casa; depois a criada grave com o seu primo padreiro; depois o cosinheiro, com o amigo intimo de seu irmão, o fornecedor de leite; depois o aprendiz da loja fronteira, com a apparencia de não ter bastante que comer em casa de seu amo, e procurando esconder-se atraz da criadinha da casa, duas portas abaixo, á qual estava mais que provado, que a ama puxára as orelhas. Assim entraram uns atraz dos outros; este com modos d'envergonhado, aquelle com ademanes de corajoso, e aquell'outro empurrando os convivas; finalmente, entraram todos d'um modo ou d'outro, não importa como.

Romperam a dança vinte pares ao mesmo tempo, dando as mãos e formando circulo; metade avançam, e metade retrogradam; ora estes se balanceiam em cadencia, ora aquelles seguem o movimento geral; os pares velhos não atinam com a dança, e continuamente se enganam; os rapazes e raparigas tractam de os desconcertar completamente, e afinal termina tudo em confusão geral. Quando se chegou a este bello resultado, o velho *Fezziwig* bateu as palmas para cessar a quadrilha, e gritou:—*Bravo! muito bem!*—e o da rebeca

introduziu a sua avermelhada caraça dentro d'um cangirão de *porter*, ¹ alli collocado para esse mesmo fim. Mas tendo em pouca conta o repouso, quando reappareceu sahido do cangirão, apesar de ainda não estarem formados os pares, começou a tocar com tal furia, que fazia acreditar que o primeiro musico fôra levado para casa em padiola, exausto de forças, e elle viera para o desbancar, ou então terminar com a vida.

Seguiram-se mais danças e joguinhos de prendas, e mais danças e um grande cake, e serviu-se vinho quente com noz-moscada, e uma grande peça de *roast-beef* frio, e tortas de picado, e cerveja em abundancia. Mas o melhor do sarau ou da festa, foi depois de servido o *roast-beef*, quando o da rebecca (fino mastini! palavra de honra—homem dos diabos, que sabia do seu officio melhor do que os senhores todos, ou eu!) começou a tocar o *Sir Roger de Coverley*! Agora o vereis! Ahi me salta para a frente o velho Fezziwig, a fim de dançar com a esposa. Collocaram-se na cabeceira da sala, e então é que foi o bonito! Tinham a dirigir vinte e tres ou vinte e quatro pares, com quem não se podia brincar; gente que queria dançar, e não sabia que coisa fosse o dar um passo!

Mas ainda que o numero dos pares fosse duplicado ou quadruplicado, o velho Fezziwig e sua cara metade haver-se-iam bem com elles.

Se este não é um elogio de pôlpa, forneçam-me um melhor, que eu o usarei convenientemente. As canellas de Fezziwig resulgiam uma luz positiva; e brilhavam no meio da dança como duas luas. Apareciam e desapareciam como os fogos fatuos.

Quando o relajo bateu as onze, desfez-se este baile domestico. Os dois esposos Fezziwig foram tomar os seus logares, cada um encostado á hobreira da porta,

¹ Cerveja preta.

e á medida que cada convidado masculino ou feminino se retirava, apertavam-lhe a mão com inequívocos signaes d'agradecimento, e desejando-lhe boas festas. Quando todos se tinham retirado, á excepção dos dois aprendizes, a esses mesmos fizeram a mesma cerimonia. As vozes alegres foram-se extinguindo pouco a pouco, e os dois rapazes metteram-se na cama, que era n'uma alcova do armazem.

Durante todo o tempo que durára a funcção, Scrooge parecia um homem que perdera o juizo. Á sua alma e o seu coração estavam n'aquelle logar com o *seu primeiro elle*.

Reconhecia tudo, recordava-se de tudo, gosava tudo, e soffria a mais extraordinaria agitação. Foi tão sómente quando os rostos radiantes de satisfação, do seu outro elle e de Dick, tinham desaparecido de diante de seus olhos, que se recordou do phantasma, e que teve a consciencia de que este ultimo o considerava attentamente, emquanto a auréola de luz, refulgindo-lhe, brilhava cada vez mais.

— Pouco basta, disse o phantasma, para obrigar á gratidão d'esta pobre gente.

— Pouco! eccoou Scrooge.

O phantasma fez-lhe signal para que escutasse os dois aprendizes, que soltavam entusiasticos *hurrahs* em louvor de Fezziwig, e accrescentou quando Scrooge prestou attenção:

— Pois não é assim? Não basta pouco? Fezziwig dispendeu poucas libras do vosso dinheiro mortal; tres ou quatro talvez. É isto o que merece tantos elogios?

— Não é tanto assim, disse Scrooge, tomando calor com a observação, e fallando como o Scrooge d'outr'ora, e não como o Scrooge de hoje. Não é assim, espirito. Fezziwig tem o poder de nos tornar felizes ou infelizes, de tornar o nosso serviço ligeiro ou pesado—um prazer ou uma tarefa.

«Dizei muito embora que o seu poder consiste em palavras e olhares, em coisas tão ligeiras e insignificantes, que é impossível adicional-as e contal-as; mas que se segue então? A felicidade que nos faz gosar é tamanha, como se fosse á custa d'uma fortuna.

Sentiu o olhar do espirito e fez pausa.

—Que tendes? perguntou o espirito.

—Nada.

—Pareceis ter alguma coisa? insistiu o espirito.

—Nada, disse Scrooge, nada. Desejava dizer agora uma palavra ou duas ao meu caixeiro. Nada mais.

O seu primeiro elle apagou as luzes á medida que elle exprimia este seu desejo: e Scrooge e o espirito de novo se enccentraram ao lado um do outro ao ar livre.

—O meu tempo está a findar, observou o espirito. Depressa!

Estas palavras não eram dirigidas a Scrooge, nem a alguém que elle podésse ver, mas produziram um effeito immediato, porque de novo Scrooge se viu a si proprio. Era mais velho agora: um homem na flôr da idade. O seu rosto não tinha as feições duras e severas da maturidade; mas principiava a exhibir signaes dos cuidados e da avareza.

Havia no seu olhar um movimento ávido, ardente e inquieto, demonstrando a paixão que n'elle ganhára raizes; e adivinhava-se já onde iria projectar-se a sombra da arvore que ia crescendo.

Não estava só: achava-se sentado ao lado d'uma linda menina, trajando de luto, e em cujos olhos brotavam lagrimas, scintillando á luz projectada pelo espirito do Natal passado.

—Pouco importa, dizia ella suavemente, pelo menos a ti. Um outro idolo veio substituir-me, e se elle te poder alegrar e acarinhar no porvir, como eu tentaria fazer, não tenho tanta razão para me affligir.

—Que idolo te substituiu? perguntou elle.

—O idolo do oiro!

—O mundo é assim! disse elle. Não ha nada que tracte com mais dureza do que a indigencia; e não ha nada que tenha o poder de condemnar com tanta severidade, como o desejo das riquezas.

—Receias demasiado a opinião do mundo, respondeu com doçura a menina. Sacrificaste todas as tuas esperanças ao desejo de te collocares a coberto do desprezo sordido do mundo. Tenho visto todas as tuas nobres aspirações desfolharem-se uma a uma, até seres absorvido pela paixão dominante, o luero. Não tenho razão no que digo?

—E d'ahi que se segue? Quando mesmo com o andar dos annos, eu cobrasse mais tino, que se seguia d'ahi? Não mudava com referencia a ti.

A menina meneou a cabeça.

—Pois estarei mudado a tal respeito?

—O nosso contracto é muito antigo. Firmamol-o quando ambos eramos pobres, e estavamos satisfeitos com a nossa sorte, aguardando o dia em que podéssemos melhorar a nossa fortuna d'este mundo pela nossa paciente industria. Tu tens mudado demasiado. Quando juramos o nosso amor eras um outro homem.

—Eu então era uma creança, disse elle com impaciencia.

—A tua propria consciencia te diz que não eras o que és hoje. Eu sou a mesma. O que nos promettia felicidade quando tinhamos um só coração, é a fonte de todas as desgraças, agora que possuímos dois. Não te direi quantas vezes e com quanta amargura tenho pensado n'isto! Basta que me recorde, para agora te restituir a tua palavra.

—Procurei eu alguma vez desquitar-me d'ella?...

—De palavras, não, nunca.

—Então, como?

—Mudando completamente; o teu genio já não é o mesmo: já não possues o espirito jovial d'outr'ora: a atmosphaera que te rodeia é totalmente outra: a esperanza, alvo da tua vida, é tambem outra. Finalmente, mudou tudo o que poderia tornar o meu amor d'algum valor a teus olhos. Se não existisse entre nós um contracto, disse a menina, olhando-o com suavidade, mas com firmeza ao mesmo tempo, dize-me, virias hoje procurar a minha mão?... oh! não!

A imagem de Scrooge, mau grado seu, pareceu curvar-se ante a justiça de tal supposição.

No entanto, não quiz' dar o seu braço a torcer, e disse:

—Essa não é a tua opinião.

—Bem me aprouvera pensar d'outra fórma, se podesse, respondeu ella. Deus o sabe! Para eu me haver convencido d'uma tal verdade, era necessario que ella fosse bem patente e irresistivel. Mas se hoje ou amanhã fosses tão livre como hontem, poderia eu acreditar que escolhesses para esposa uma rapariga sem dote—tu, que nos teus momentos de confidencia para commigo, pesavas tudo na balança do interesse? ou, se me escolhesses, prevalecendo sobre os teus ruins principios a amizade para commigo, não tenho eu a convicção de que em breve se seguiria o arrependimento por assim teres obrado? Restituo-te a tua palavra, de todo o coração, em nome do nosso antigo amor.

A imagem de Scrooge ia a fallar, mas a menina, com a cabeça voltada para o lado, continuou:

—Talvez, quem sabe—a recordação do passado, faz-me quasi esperar que assim ha-de ser—soffrerás por tal motivo. Mas em breve tempo, varrer-se-ha da tua memoria essa recordação, como um sonho, de que tiveste a felicidade d'acordar a tempo. Oxalá que sejas feliz na vida que escolheste!

A menina deixou-o, e elles partiram.

—Espirito, disse Scrooge, não me façás vêr mais nada! Conduz-me a casa. Porque te delectas em me atormentar?

—Uma sombra mais, exclamou o phantasma.

—Nada mais, exclamou Scrooge, nada mais. Não desejo vêr mais nada. Não me mostres mais.

Mas o inexoravel phantasma cingia-o entre os braços, e forçava-o a assistir á marcha dos acontecimentos.

Achavam-se agora em outro logar, e nova scena se lhes apresentava á vista—encontravam-se n'uma sala, não mui larga ou bella, mas cheia de commodidades.

Junto ao fogão estava sentada uma linda menina, de tal fórma semelhante á de que ainda agora fallamos, que Scrooge julgou ser a mesma, até que a reconheceu já mãe de familia, sentada defronte de sua filha.

O rumor n'esta sala quasi se tornava tumultuoso, porque havia alli mais creanças do que poderia contar Scrooge, com o espirito agitado como tinha, e bem diferentes do rebanho de que resa o poema; não eram quarenta creanças, conduzindo-se como uma só, mas sim, cada creança conduzindo-se como quarenta.

Era consequencia necessaria um alarido difficil de se imaginar, mas com que ninguem parecia inquietar-se; pelo contrario, a mãe e a filha riam-se do intimo do coração, e pareciam saborear a scena.

Esta ultima, a filha, tendo-se intromettido nos brincquedos infantis, foi de subito assaltada pelos pequenos, que a tractaram sem mercê.

Que não daria eu para ser um d'elles! Apesar de que eu não seria tão mau! não! não!... por todas as riquezas do mundo, não teria desmanchado e esgadelhado aquelles tão lindos cabellos, penteados com tanta arte; e aquelle seu pequeno sapatinho, não o teria arrancado, quando com isso podesse conseguir, Deus me perdôe, a salvação da minha vida!

Quanto a abraçar a sua inflexivel cintura, em brin-

quedo, como se atreveram a fazer aquelles pequenos patifes, não o teria feito, com receio de que o meu braço, em castigo do sacrilegio, ficasse arqueado para sempre, e nunca mais se podesse endireitar.

E todavia confesso, que do coração desejava ter tocado os seus labios, tel-a interrogado a fim d'ella os abrir, fixar o meu olhar sobre as pestanas dos seus olhos avelludados, e fazer-lhe subir o rubor ás faces; ter soltado os seus cabellos ondeantes, cada um dos quaes seria para mim a lembrança mais grata; — em summa, ousou confessal-o, desejava ter tido a mais ampla liberdade de creança, e ao mesmo tempo ser homem para apreciar o valor d'aquella joia.

Ouve-se agora uma pancada na porta, e segue-se immediatamente tal barulho e tal confusão, que a pobre menina, com a physionomia risonha, e o vestido rasgado, foi levada no centro do grupo desordeiro, e chegou a tempo de receber o pae, que entrava em casa acompanhado d'um homem carregado com presentes do Natal.

Figurem-se agora os gritos, os assaltos e os combates contra o carreteiro indefeso.

Era cada qual a vêr quem mais depressa o escalaria com cadeiras em fôrma d'escada, quem o despojaria dos embrulhos: um agarrava-o pela gravata, outro quasi o suffocava; estes apalpavam-lhe os bolsos trazeiros da véstea, aquelles brindavam-n'o com alguns ponta-pés nas barrigas das pernas!

Com que gritos d'admiração e prazer não acompanhavam a abertura de cada embrulho! Que terrível sobressalto não foi o que teve um dos pequerruchos, no acto de levar á bocca a certã d'uma boneca, e as suspeitas com que todos ficaram de que outro engulira um ficticio Perú, feito de massa de papellão! Com que immensa alegria não é acolhida a noticia de que o alarme fôra infundado!

É impossível descrever-se a alegria, a gratidão, o entusiasmo!

Finalmente, aproximando-se a hora, as creancinhas com as emoções, sahiram da sala, e subindo as escadas quatro a quatro, dirigiram-se ao ultimo andar, onde foram para a cama e socegaram.

Scrooge, depois d'esta scena, olhou com mais attenção do que antes, vendo o dono da casa, com a filha recostada no hombro, sentar-se com ella e a mãe junto do fogão; e quando o accommetteu o pensamento de que uma outra creatura semelhante áquella, assim graciosa e cheia de esperanças, poderia ter-lhe chamado pae, e converter em amena primavera o tempestuoso inverno da sua vida, arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas.

—Bella! disse o marido voltando-se para sua mulher com um sorriso: vi esta tarde um teu antigo conhecido.

—Quem era?

—Adivinha.

—Como posso adivinhar?... ah! já sei, accrescentou ella rindo-se, como o marido. Foi mr. Scrooge.

—Elle mesmo. Passei diante da janella do seu escriptorio; e como não estava fechada, e tinha luz dentro, não pude deixar de espreitar. O seu socio está a expirar, segundo me disseram, e elle estava sentado como de costume. Só no mundo, penso eu!

—Espirito, disse Scrooge com a voz entrecortada pela emoção, afasta-me d'este logar.

—Preveni-vos de que vos mostraria as sombras do passado, respondeu o phantasma; não é culpa minha se são o que são, e nada mais.

—Afasta-me d'aqui! exclamou Scrooge com impaciencia; já não posso supportar semelhante espectáculo!

Voltou-se para o espirito, e vendo que este o contemplava com um rosto em que, por uma singularidade

extraordinaria, se divisavam fragmentos de todas as physionomias que antes lhe mostrara, agarrou-se-lhe com força, e exclamou:

—Deixa-me! leva-me d'aqui! cessa de me perseguir.

Na lucta, se aquillo se pôde chamar lucta, em que o phantasma, sem resistencia visivel da sua parte, anniquilava qualquer esforço do adversario, notou Scrooge que a luz procedente da cabeça do espirito se tornava cada vez mais scintillante; e aproximando esta circumstancia na mente, com a influencia que o espirito sobre elle exercia, agarrou o apagador, e com um movimento rapido enterrou-lh'o na cabeça.

O espirito de tal forma se encolheu, que o apagador pôde-o cobrir em toda a sua extensão; mas apesar de Scrooge comprimir o apagador com toda a força, não podia occultar a luz que por debaixo sahia, e se derramava pelo soalho.

A final teve a consciencia de estar exausto de forças e carregado de somno, e reconheceu estar no seu leito. Fez novo esforço para comprimir o apagador, mas o braço cahiu-lhe sem movimento; e apenas teria tempo de se voltar no leito, quando cahiu em profundo somno.

ESTROPHE III

○ segundo dos tres espiritos

Acordando no meio d'um rumor produzido por um profundo roncar, e sentando-se no leito para coordenar as suas idéas, Scrooge não teve necessidade de ser informado de que o sino ia soar *uma hora*. Conheceu por si proprio, que recuperava as idéas a tempo preciso, para o fim especial de ter uma conferencia com o segundo mensageiro enviado por intervenção de Jacob Marley. Mas achando que o ambiente arrefecia demasiado, começou a meditar sobre qual dos cortinados o novo espectro abriria, e afastou-os ambos para o lado com as mãos; e deitando-se de novo, com os olhos começou a vigiar todo o espaço visível em volta do leito, porque desejava encarar affoitamente com o espirito, e não ser surprehendido, a ponto de se tornar assustado.

Os *homens superiores*, que se vangloriam de estar á altura de toda a especie de emoções, e de poderem a toda a hora fazer frente a qualquer acontecimento imprevisto, exhibem os seus fôros de valorosos, declarando que jogam *cruzes ou cunhos*; nos quaes jogos, indubitavelmente, ha um campo assaz largo, e uma variedade immensa de objectos.

Sem me aventurar a proclamar Scrooge um d'estes Ferrabrazes, não posso todavia escusar-me de observar aos leitores, que o bom do homem estava prevenido para um infinito numero d'extraordinarias aspirações, e nada o teria feito pasmar, desde o aspecto d'uma creança de mama, até á exhibição d'um rhinoceronte.

Ora, esperando elle quasi tudo, por essa mesma razão não estava prevenido para não vêr nada; e por consequencia, quando o relajo bateu a *uma*, e nenhuma sombra appareceu, foi o pobre homem accommettido por violentas convulsões. Passaram-se cinco minutos, dez minutos, um quarto de hora, e nada!

Durante todo este tempo, jazia elle estendido no leito, onde se aconchegaram os raios d'uma luz avermelhada, quando o relajo soou a hora; e sendo sómente uma luz, tornava-se mais pavorosa do que uma duzia d'espectros, por isso que a Scrooge era-lhe impossivel comprehender o enygma. Demais, chegou a ter apprehensões de que se dêsse n'elle algum caso de combustão espontanea, sem ter a consolação de conhecer o accidente.

Por fim começou a pensar—como v. s.^{as} ou eu teriamos logo pensado (dá-se sempre o caso de que a pessoa que se não encontra na difficuldade, sabe o que se deveria ter feito, e o que inquestionavelmente teria feito em tal caso)—por fim, dizia eu, Scrooge começou a pensar, que a origem e o segredo d'aquella phantastica luz, devia estar na sala adjacente, da qual, examinando melhor, parecia proceder. Esta idéa, de tal fórma se apoderou do seu espirito, que se ergueu d'um pulo, calçou os chinellos devagarinho, e veio encostar-se á porta.

No momento em que Scrooge poisava a mão no ferrolho, chamou-lhe uma voz exquisita pelo nome, e convidou-o a entrar. Scrooge obedeceu.

Era a sua propria sala; não havia duvida alguma.

Mas tinha passado por uma transformação surpreendente. As paredes e o tecto, tão adornadas estavam com grinaldas de verdura, que ter-se-ia dito um perfeito bosquesinho, d'onde reluziam, de todas as partes, bagas de carmim. As folbas lustrosas do visco, do azevinho e da hera, reflectiam a luz como se tantos espelinhos alli se achassem espalhados; e no fogão crepitava uma chamma tão ardente, como nunca conhecera aquelle lar frio como a pedra, nem no tempo de Scrooge e de Marley, nem por muitos e muitos invernos já passados.

Amontoados sobre o soalho, para formar uma especie de throno, viam-se perús, patos, caça, aves domesticas, grandes peças de carnes frias, leitões, grandes filas de choiriços, pasteis de carne picada, *plumduddings*, barris d'ostras, castanhas assadas, maçãs avermelhadas, laranjas, pêras succulentas, grandes cakes de Natal, e immensas tigellas de ponche a ferver, obscureceram a sala com o seu delicioso vapor. Sobre este leito de repouso estava sentado um jovial gigante, digno de se vêr, tendo na mão uma tocha accêsa, cuja fôrma se assimilhava a uma cornocopia, a qual elevou acima da cabeça, hem acima, para que a luz fosse dar de chapa sobre Scrooge, que espreitava através da porta meia aberta.

—Entre, exclamou o espirito, entre, não se assuste, homem.

Scrooge entrou timidamente, e curvou-se ante o espirito. Já não era o Scrooge trombudo e soberbo d'outr'ora; e apesar dos olhos do phantasma serem limpidos e meigos, não desejava elle muito fital-os.

—Sou o espirito do presente Natal, disse o espectro. Olha direito para mim.

Scrooge obedeceu respeitosamente. O espirito do Natal trajava um simples vestido, ou tunica de côr verde, e orlado de martha branca. Este vestido cahia

tão negligentemente do corpo do espectro, que o seu largo peito ficava a descoberto, como desdenhando procurar occultar-se ou precaver-se por algum artificio. Os pés, que se lhe viam distinctamente por debaixo das largas dobras da tunica, estavam descalços; e não trazia na cabeça outro ornato, além d'uma corôa d'azevinho, entrelaçada aqui e alli com pedacinhos de gelo. Os compridos caracos do cabello ondeavam-lhe livremente; eram tão livres, como a sua physionomia era franca, o seu olhar scintillante, a sua mão liberal, a sua voz sympathica, o seu porte desaffectedado, e o seu todo jovial. Pendia-lhe da cinta uma bainha de ferro de forma antiga, sem espada, e coberta de ferrugem.

—Nunca vistes antes de mim ninguem que se me assimilhasse? exclamou o espirito.

—Nunca, respondeu Scrooge.

—Nunca andastes com os membros mais novos da minha familia? quero dizer (porque sou muito novo), os meus irmãos mais velhos, nascidos n'estes ultimos annos? proseguiu o phantasma.

—Parece-me que não, disse Scrooge. Recceo que não. Tendes tido muitos irmãos, espirito?

—Mais de mil e oitocentos, disse o phantasma.

—Que numerosa familia para sustentar! resmoncou Scrooge.

O espirito do presente Natal levantou-se.

—Espirito, disse Scrooge submisso, conduzi-me onde vos aprouver. Fui obrigado a sahir, mau grado meu, a noite passada, e recebi uma lição que começa a germinar seus fructos desde já. Se tendes a ensinar-me alguma coisa esta noite, deixai-me aproveitar bem da lição.

—Toca na minha tunica.

Scrooge fez o que lhe recommendou o espirito, agarrando-se-lhe á tunica com toda a força.

Azevinho, bagas, hera, perús, patos, caça, aves,

carne, leitões, choiriços, ostras, pasteis, puddings, frutas e punch, tudo desapareceu instantaneamente. O mesmo aconteceu á sala, fogão, mobilia, hora da noite; e acharam-se em manhã do dia de Natal, n'uma das ruas da City, onde o povo (porque o tempo estava demasiado frio) executava um genero de musica barbaresco, mas com acompanhamento não de todo desagradavel, raspando a neve do passeio em frente dos seus domicilios, ou varrendo-a das goteiras, d'onde se despenhava á rua em pequenas cascatas artificiaes, com grande deleite dos garotos do bairro.

As fachadas das casas pareciam bastante negras, e as janellas, ainda mais negras, em contraste com o alvejante lençol de neve espalhado sobre os telhados, e com a neve mais suja da rua, que fôra desfeita pelas rodas das carruagens e carroças.

O céu estava sombrio, e as ruas mais estreitas estavam envolvidas em um denso nevoeiro, metade derretido, metade coalhado, cujas particulas mais pesadas cahiam n'um chuveiro d'átomos fuliginosos, como se todas as chaminés da Gran-Bretanha, por consenso unanime, tivessem pegado fogo, e estivessem ardendo com grande satisfação sua.

Nada havia agradavel nem na apparencia da cidade, nem do clima; e todavia, reinava no exterior um ar de satisfação, que a atmospherá mais clara, e o sol mais brilhante do estio, debalde se esforçariam em diffundir.

As pessoas atarefadas a varrer a neve nos telhados, pareciam alegres e de bom humor, e gritavam umas pelas outras, e de quando em quando atiravam a sua bolinha de neve—projectil muito menos inoffensivo que certos gracejos—fazendo grande ruido cordealmente, quando ella acertava, e igualmente soltando estridentes gargalhadas quando errava o alvo.

As lojas dos gallinheiros conservavam-se ainda meias abertas, e as dos vendilhões de fructa brilhavam em

todo o seu esplendor. Aqui viam-se grandes e redondos cestos de castanhas, semelhantes na forma aos colletes de velhos gastronomos, parecendo quasi prestes a cahirem na rua, victimas da sua corpolencia apoplectica: acolá magnificas e luxuosas cebolas de Hespanha, fazendo recordar, pelas suas arredondadas barrigas, os frades seus patricios, e lançando olhares amorosos, do alto das prateleiras, ás raparigas que passavam.

Não faltavam as pêras e maçãs enfileiradas em appetiveis pyramides: e os cachôs d'uvas, que por benevolencia dos logistas, estavam pendurados no logar mais saliente, a fim de que a agua crescesse na bocca aos transeuntes, e estes podêssem d'esse modo refrescar-se gratuitamente.

Havia tambem montes d'avellãs, verdes e sêccas, fazendo recordar, pela sua fragrancia, os antigos passeios nos bosques, onde cada um tinha o prazer de se enterrar até ao joelho nas folhas estioladas; igualmente se divisavam os *biffins* de Norfolk, ¹ fazendo sobresahir o amarello das laranjas e limões, e parecendo recomendar, pelo seu volume e apparencia succulenta, que os levassem para casa em cartuxos de papel, a fim de serem comidos depois do jantar.

Os peixinhos doirados e prateados, expostos em vasos de cristal, cheios d'agua, no meio dos fructos escolhidos, apesar de pertencerem a uma raça bisonha e apathica, pareciam ter conhecimento de que alguma coisa extraordinaria se passava; e por essa razão iam e vinham com a bocca aberta, em signal de satisfação, e percorriam continuamente o seu pequeno universo.

Eos tendeiros! os tendeiros... unicamente com meia porta aberta; mas que bella vista através das frestas!

Não era só o som alegre das conchas da balança, batendo no mostrador, ou o ruido das thesoiras cor-

¹ *Biffins*—especie de bolinhos.

tando os cartuxos de papel, ou os perfumes do chá e do café de moka, tão gratos ao olfacto, ou mesmo as passas tão bellas e tão abundantes, as amendoas tão brancas, os paus de canella tão compridos e tão direitinhos, as outras especiarias tão deliciosas, as fructas de doce tão bem feitas e tão cobertas d'assucar, a ponto de fazerem estremecer os mais indifferentes espectadores; não, nem os figos succulentos e carnudos, nem as ameixas francezas, córando de modestia nas cestinhas, aprimoradamente talhadas, nem finalmente todas essas coisas maravilhosas, ornadas para um dia tão solemne de festa; não... não era só isto digno de se vêr... era necessario vêr os freguezes tão apressados, e tão ávidos em realisarem as esperanças do dia, a ponto de irem de encontro uns aos outros á entrada da porta, amassando os cestos das compras, esquecendo os embrulhos sobre o balcão, voltando atraz buscal-os a toda a pressa, e commettendo mil faltas semelhantes no melhor humor possível.

Bem depressa os sinos chamaram a boa gente á igreja ou á capella, e ahí veem todos, caminhando através das ruas, com os seus melhores factos, e com physionomias festivas. Ao mesmo tempo, d'uma immensidade de ruas lateraes, viellas e bécos sem nome, sahio uma quantidade innumeravel de pessoas, levando os seus jantares a casa dos padeiros, para os metterem no forno.

O aspecto d'essa pobre gente pareceu interessar muito o espirito, porque se conservou ao lado de Scrooge, no limiar da porta d'uma padaria, e arrancando a cobertura dos cestos que conduziam os jantares, lançava sobre estes, incenso espargido da sua tocha. E na verdade, era bem maravilhosa a tocha, porque uma ou duas vezes que se trocaram palavras de cólera entre os conductores dos jantares, os quaes com a pressa se tinham pegado uns com os outros, o espirito espargiu al-

gumas gôtas d'agua sobre elles, e a alegria d'aquella pobre gente reapareceu. Até chegaram a dizer que era uma vergonha altercarem em dia de Natal. E assim era, meu Deus, assim era!

Em tempo determinado os sinos cessaram de tocar, e as padarias fecharam-se: e todavia reinava um antegosto de todos os jantares, e do bom cosinhado, no vapor humido que degelava por cima de cada forno, cujo pavimento fumegava, como se os tijollos tambem estivessem a cozer.

—Ha algum sabor particular nos pingos que espargis da vossa tocha? perguntou Scrooge.

—Ha certamente; é o meu sabor.

—Póde-se applicar no dia de hoje a qualquer especie de jantar? perguntou Scrooge.

—A qualquer jantar offerecido do coração, e principalmente dos mais necessitados.

—Porque a esses mais do que a outros? perguntou Scrooge.

—Pela razão de que precisam mais d'elle.

—Espirito, disse Scrooge depois de pensar um momento, admiro que vós, d'entre todos os seres que povoam os mundos que nos circumdam, desejasses privar esta pobre gente das occasiões que se lhes offerecem de gosarem um prazer innocente!

—Eu! exclamou o espirito.

—Sim, vós, visto que os privaes dos meios de jantarem cada oito dias, muitas vezes o unico dia em que se possa dizer que jantam, disse Scrooge. Não é verdade?

—Eu! exclamou o espirito.

—Não sois vós que fazeis fechar estes fornos no settimo dia? disse Scrooge. E não vem a ser a mesma coisa?

—Eu!... querer tal coisa!

—Perdoai-me se me engano. Faz-se isso em vosso

nome ou em nome de vossa familia? disse Scrooge.

—Ha muitos homens sobre esta terra que habitaes, disse o espirito, que pretendem conhecer-nos, e que em nosso nome practicam todas as más accções, filhas das ruins paixões, como são o orgulho, o odio, a inveja, a hypocrisia e o egoismo; mas são-nos tão estranhos e a toda a nossa familia, como se nunca tivessem vivido. Recordai-vos d'isto, e tornai elles, e não nós, responsaveis pelos seus actos.

Scrooge fez-lhe promessa affirmativa a tal respeito; e então dirigiram-se invisivelmente, como antes tinham estado, aos suburbios da cidade.

Tinha o espectro a faculdade notavel (que Scrooge já notára em casa do padeiro) de se poder accommodar a qualquer logar com facilidade, não obstante a sua fórma gigantesca; de sorte, que debaixo da menos elevada aboboda, conservava tanta graça e tanta magestade, como sob o portico mais elegante.

Talvez fosse o prazer que sentia o bom espirito em patentear bem esta singular faculdade, ou então a tendencia do seu character benevolo e generoso, que o levou direito á casa do caixeiro de Scrooge: effectivamente lá se dirigiu, levando Scrooge agarrado á sua tunica.

No limiar da porta o espirito sorriu-se, e parou para abençoar o domicilio de Bob Cratchit com os pingos da sua tocha. Ora vejam! Bob não tinha mais de quinze *Bobs*¹ por semana! Cada sabbado não mettia no bolso mais do que quinze cópias do seu nome de baptismo, e todavia o espirito do Natal presente, abençoou o seu alojamento de quatro salinhas!

Levantou-se então mistress Cratchit, esposa de Bob,

¹ *Bob* é o diminutivo de Roberto, e em gíria popular significa tambem um *schilling*.

trajando pobremente um vestido já duas vezes voltado, mas abundante em fitas, que são baratas, e fazem grande effeito por seis pence; e veio pôr a mesa, ajudada por Belinda Cratchit, sua segunda filha, também abundante em fitas, entretanto que Pedrinho Cratchit mettia um garfo na panella das batatas, e mordendo os bicos dos seus colleirinhos monstruosos (propriedade particular do papá, mas que n'aquelle dia trespassára a seu filho e herdeiro), se pavoneava por se vêr vestido tão elegantemente, morrendo por ir mostrar aos parques o seu enxoval.

E em seguida, dois Cratchits mais pequenos, precipitaram-se no quarto, bradando que acabavam de cheirar o pato diante da porta do padeiro, e tinham-no reconhecido como o d'elles; e ébrios de prazer, com a lembrança d'um môlho de salsa e cebola, principiaram a dançar de contentes em volta da mesa, elevando ás nuvens Pedrinho, em quanto este (sem orgulho, apesar dos seus colleirinhos serem tamanhos, que quasi o sufocavam) abanava ao lume, até que as batatas, custosas de cozer, logo que ficaram promptas, vieram bater na tampa da panella, para denunciarem que deviam ser desbulhadas quanto antes.

—Que será que tem demorado vosso excellente pae, disse mistress Cratchit, e vosso irmão Tiny Tim, e Martha? No Natal passado chegou meia hora antes.

—Eis-aqui Martha, mãe! disse uma rapariga, apparecendo ao mesmo tempo.

—Ahi vem Martha! bradaram as creanças. Hurrah! O' Martha, sempre temos um pato!

—Ah! minha filha, Deus te abençoe—como vens tarde, disse mistress Cratchit, desembaraçando-a do chaile e da touca com zelo officioso.

—Tinhámos muita obra para acabar, que ficou da noite passada, replicou a menina, e devíamos entregar-a hoje de manhã.

— Bem, bem. Não pensemos mais n'isso: como vieste, foi o que nós quizemos, disse mistress Gratchit. Senta-te diante do fogão, e aquece-te.

— Não, não! ahí vem o papá, disseram as duas creanças, que appareciam em toda a parte ao mesmo tempo. Esconde-te, Martha, esconde-te!

Martha escondeu-se, e Bob entrou na sala com a manta d'agasalho do pescoço estendida, pelo menos tres pés, não fallando na barra; o seu vestuario usado, a ponto de se lhe vêr o fio, estava muito escovado, para ter seus ares de festa.

Bob acarretava aos hombros o pobre Tiny Tim.

Este infeliz usava uma pequena muleta, e tinha nas pernas um apparelho chyropedico de ferro.

— Onde está a nossa Martha? exclamou Bob Cratchit.

— Ainda não veio, respondeu mistress Cratchit.

— Ainda não veio! repetiu Bob, accomiethido subitamente por um profundo desfallecimento, e perdendo n'um instante toda a alegria com que trouxera Tiny Tim ás cabriolas desde a igreja. Ainda não ter chegado em dia de Natal!...

Martha não desejou vê-lo afflicto, mesmo por graçejo, de sorte que sahio prematuramente detraz da porta da alcova, e atirou-se-lhe aos braços, em quanto os dois pequenos rodeavam Tiny Tim, e o levavam á cosinha para que elle ouvisse cantar o pudding na caçarolla.

— E como se portou Tiny Tim? perguntou mistress Cratchit, depois de ter ralhado com Bob pela sua credulidade, e depois que este abraçara a filha com grande satisfação.

— Como uma joia, respondeu Bob, ou ainda melhor. Obrigado como elle está a ficar sentado por muito tempo só, não acreditas as muitas idéas que lhe passam pela mente. Disse-me, quando vinhamos para casa, que esperava ter sido notado na igreja pelo povo por ser côxo,

pela razão de que os christãos se deviam recordar, principalmente em dia de Natal, d'AQUELLE que faz os côxos andar e os cegos vêr.

Ao pronunciar estas palavras, a voz de Bob tornava-se tremula, e mais ainda quando disse, que Tiny Tim principiava a fortalecer-se e a tornar-se mais vigoroso.

Ouviu-se timir no soalho a activa muletinha de Tiny Tim, e antes de ser pronunciada alguma palavra mais, entrou elle escoltado por sua irmãsinha e irmão, que o acompanharam até ao banco junto do fogão.

Então Bob, voltando os punhos da camisa—pobre rapaz! como se d'este modo fosse capaz de os tornar mais acciados—começou a misturar n'um copo genebra e summo de limão, e compôz assim uma especie de bebida quente, que pôz a aboborar em cima do fogão, e entretanto Pedrinho e os dois Cratchits pequenos, foram buscar o pato, e trouxeram-ne em precissão.

Seguiu-se tal borborinho, que se diria ser um pato, a mais rara de todas as aves—um phenomeno de pennis, comparado com o qual um cysne é uma coisa vulgarissima; e na verdade, um pato n'aquella casa, era uma das maiores raridades possiveis. Mistress Cratchit fez ferver o mólho, preparado d'antemão n'uma pequena caçarolla; Pedrinho esmagou as batatas com incredibile vigor; Belinda assucarou o mólho de maçã; Martha enxugou os pratos escaldados; Bob fez assentar Tiny Tim junto a si a um dos cantos da mesa; os dois Cratchits pequenos collocavam cadeiras para todos, não esquecendo as suas pessoas, e pondo-se de guarda a seus postos, metteram as colheres na bocca para se não atreverem a pedir pato, antes de lhes chegar a sua vez.

Até que finalmente, foram collocados os pratos na mesa e resado o *benedicit*. Succedeu-se uma pausa, em que ninguem respirava, quando mistress Cratchit,

olhando devagarinho para o trinchador, se preparava a craval-o no peito do pato; e quando mettu as mãos á obra, e que o recheio tão cubiçado se espalhou pelo prato, ouviu-se um grito unanime, que todos os circumstantes soltaram de prazer, e até Tiny Tim, excitado pelos pequenos, bateu na mesa com o cabo da faca, e gritou com voz debil—*Hurrah!*

Nunca se viu um pato igual. Bob disse que não acreditava nem era possível que alguém tivesse cosido um pato como aquelle. A sua tenrura, sabôr, tamanho e barateza, foram os themes da admiração universal.

Augmentado com o môlho de maçã e com o recheio de batatas picadas, era sufficiente para o jantar de toda a familia; e na verdade, como muito bem disse mistress Cratchit com grande satisfação (divisando um pequeno átomo d'um osso sobre o prato), não o tinham comido até ao fim! Todavia, cada um d'elles satisfizera-se, e os dois pequenos, principalmente, enlambusaram-se até aos olhos com o môlho de salsa e cebola. Mas então, tendo miss Belinda mudado os pratos, mistress Cratchit sahiu só da sala—muito commoída para poder supportar a presença de testemunhas—a fim de ir buscar o pudding, e de o trazer para a mesa.

Supponham que ainda não estava prompto! Supponham que elle se quebra quando o voltarem! Supponham que alguém tinha saltado por cima do muro do páteo, e que o tinha roubado, em quanto elles estavam satisfeitos com o pato? A esta supposição, as creanças fizeram-se lividas! Conjecturaram-se toda a especie de supposições.

Bravo! bravo! que espesso vapor! O pudding fôra tirado do tacho. Que magnifico cheiro, como em dia de barrella! E dos guardanapos que envolvem o pudding. Que mistura de cheiros appetitosos, que fazem recordar o restaurante, a pastellaria visinha, e a lava-deira na casa seguinte! Era aquillo tudo o pudding.

Meio minuto depois entrou mistress Cratchit, com o rosto afogueado, mas radiante de prazer, trazendo o pudding, semelhante a uma bala de artilheria mosqueada, tão duro e tão firme, nadando no meio d'um quarteirão d'aguardente inflammada, e ornado com um ramo d'azevinho do Natal, espetado no topo.

Oh! que maravilhoso pudding! Bob Cratchit, declarou, e em tom sério e calmo, que o tinha como a obra prima de mistress Cratchit depois do seu casamento. Mistress Cratchit respondeu, que confessava agora, visto já estar alliviada do susto que tivera, ter tido suas duvidas acerca da quantidade de farinha necessaria para a confeição do pudding.

Todos tinham alguma coisa a dizer a tal respeito, e ninguém disse ou pensou, que era um pudding pequeno para uma tão numerosa familia. Na verdade, seria proceder de villão, o d'aquelle que se atrevesse a dizer ou pensar semelhante coisa. Qualquer Cratchit coraria de pejo a tal inconveniencia!

Finalmente, terminado o jantar, foi varrido o fogão, e de novo accendido o fogo. Tendo sido provada a bebida composta por Bob, e considerada muito boa, foram postas sobre a mesa maçãs e laranjas, e um punhado de castanhas sobre as brazas.

Então toda a familia Cratchit se collocou á roda do fogão, ao que Bob Cratchit chamava um circulo, querendo significar metade d'um; e ao alcance da mão de Bob Cratchit collocaram todos os cristaes da familia: dois calices, e um copo para creme, com a aza quebrada.

Estes modestos copinhos serviram para receber a bebida quente do cangirão, tão bem como as melhores taças d'oiro; e Bob servia a todos com os olhos radiantes d'alegria, em quanto no lume estallavam as castanhas.

Bob propôz em seguida este brinde:

—Um alegre Natal para nós todos! Que Deus nos abençoe.

Ó que foi repetido por toda a familia.

—Que nos abençoe a todos! disse Tiny Tim, ultimo de todos.

Estava sentado junto do pae n'um pequeno banco.

Bob conservava na sua mão a mãosinha da creança, como se lhe quizesse dar uma prova da sua ternura, e receiasse vê-lo arrebatado de ao pé de si.

—Espírito, disse Scrooge com um interesse, que nunca antes sentira, dizei-me se Tiny Tim viverá?

—Vejo um logar vago, replicou o espirito, ao canto do pobre fogão, e uma muleta sem dono, conservada cuidadosamente. Se o espirito futuro não alterar nada, a creança morrerá.

—Não, não! disse Scrooge. Oh! não, espirito bem-fazejo! dizei que elle será poupado.

—Se o meu successor nada alterar d'estas visões, imagens do porvir, replicou o espirito, então nenhum da minha raça encontrará mais esta creança n'este sitio. E então? tanto melhor se elle fallecer; o superfluo da população diminuirá.

Scrooge abaixou a cabeça quando ouviu as suas proprias palavras repetidas pelo espirito, e possuiu-se d'um profundo arrependimento.

—Homem, disse o espirito, se tendes um coração humano, e não adamantino, dai treguas a essas odiosas phrases, até que tenhaes descoberto o que é o superfluo, e onde existe! Querereis acaso decidir quaes os homens que devem viver, e quaes os que devem morrer? Póde muito bem ser que aos olhos de Deus se-jaes mais insignificante e menos digno de viver, do que milhões de creaturas como o filho d'este desgraçado. Oh! meu Deus! parece incrível ouvir o insecto na folha declarar que são de mais os insectos vivos entre os seus irmãos esfomeados, rastejando no pó!

Scrooge curvou-se ante a reprehensão do espirito, tremendo, deitou os olhos ao chão. Mas levantou-os apidamente ao ouvir o seu proprio nome.

—A mr. Scrooge! disse Bob; — á saude de mr. Scrooge, patrão da festa.

—Bello patrão, na verdade! exclamou mistress Cratchit, fazendo-se corada. Desejava vê-lo aqui. Havia de o regalar a meu modo, e elle havia de ter appetite se quizesse.

—Minha cara, replicou Bob, as creanças... o dia de hoje...

—É necessario que seja dia de Natal, com certeza, disse ella, para se poder beber á saude d'um homem tão miseravel, odioso, duro, e ruim, como mr. Scrooge. Tu conheces melhor do que eu as suas boas qualidades! Sabes bem quem elle é.

—Lembra-te, minha amiga, replicou Bob com humildade, que estamos em dia de Natal.

—Beberei á sua saude por amor de ti, e em honra do dia, disse mistress Cratchit, e não por elle. Desejo-lhe longa vida, um Natal feliz, e um alegre anno novo —ha-de ser muito feliz e alegre, pois não!

Depois da mãe, beberam as creanças á saude de mr. Scrooge. Era a primeira coisa que faziam n'aquelle dia sem impulso do coração. Tiny Tim foi o ultimo a fazer a saude, mas de boa vontade teria cedido o seu brinde por dois pence.

Scrooge era o papão da familia; a menção do seu nome lançou sobre aquella sociedade um sombrio véo, que se não dissipou por uns bons cinco minutos.

Passado esse tempo, ficaram dez vezes mais alegres do que antes, logo que varreram completamente da mente a idéa de Scrooge.

Bob Cratchit disse que tinha em vista um logar para Pedrinho, que, no caso de se obter, lhe poderia render cinco schillings e seis pence por semana. As duas

creanças riram a bandeiras despregadas com a idéa d'Pedrinho vir a ser um negociante: e o proprio Pedrinho olhava pensativo para o fogo, por entre as pontas dos seus colleirinhos, como se estivesse já deliberando que emprego daria aos seus rendimentos.

Martha, pobre aprendiz em casa d'uma modista disse-lhes então que obra tinha agora entre mãos quantas horas trabalhava sem descansar, e como pensava ficar até tarde na cama no dia seguinte, e visto ser dia de repouso, passal-o em casa.

Contou tambem como vira, alguns dias antes, uma condessa e um lord, e como o lord era da estatura de Pedrinho; ao ouvir o que, Pedrinho puxou tanto pelos colleirinhos, que os leitores não lhe teriam visto a cabeça, se tivessem estado em companhia dos Cratchits.

Durante todo este tempo circulavam as castanhas e o cangirão, e de quando em quando Tiny Tim, com uma voz triste, mas melodiosa, entoava uma cantiga sobre um menino enterrado na neve, e entoava-a com maestria.

Em tudo isto não havia nada de muito aristocratico.

Não era uma bella familia a de que fallamos: nenhum d'elles estava bem vestido; os seus sapatos estavam bem longe de poderem obstar á humidade; os vestidos estavam descosidos; e todavia eram felizes, gratos, satisfeitos uns com os outros, e com o tempo—e quando Scrooge e o espirito os deixaram, pareciam ainda mais satisfeitos á luz das chispas originadas pela tocha do espirito. Scrooge não os largava de vista, e especialmente contemplou Tiny Tim até ao fim.

N'este meio tempo aproximou-se a noite, e a neve começou a cahir em grande quantidade; e á medida que Scrooge e o espirito atravessavam as ruas, viam as labaredas dos fogões das cosinhas e salas, o que fazia um effeito maravilhoso.

Aqui a chamma vacillante, denotava os preparativos para um excellente jantarsinho de familia, com os pratos aquecendo em frente do fogo, e com cortinas espessas d'um vermelho carregado, para impedirem o frio e a obscuridade da rua.

Todas as creanças da casa vinham a correr até á neve, ao encontro de suas irmãs casadas, irmãos, primos, tias e tios, desejando ser os primeiros a recebê-los. Acolá viam as sombras dos convivas reunidos desenharem-se nos transparentes; e allí distinguiam um grupo de lindas raparigas, muito agasalhadas e com botinhas forradas de pelles, fallando todas a um tempo. dirigindo-se com andar ligeiro a casa d'alguma vizinha; desgraçado então do celibatario (aquellas velhacas feiticeiras bem o sabiam!) que as visse entrar com aquellas angelicas physionomias, animadas pelo passeio!

A julgar pelo numero de gente que se via nas ruas, dirigindo-se a reuniões d'amigos, ter-se-ia acreditado que ninguem ficava em casa para receber os convidados quando chegassem; mas era exactamente o contrario: não havia casa onde se não esperassem hospedes, fogão onde o carvão não estivesse empilhado até á abertura da chaminé!

Como o espirito exultava por tal motivo! como descobria o seu largo peito, e abria a sua larga mão, pairando em cima d'aquella multidão, e espalhando com generosidade a sua alegria viva e innocente sobre quantos estavam ao seu alcance! Até o proprio lampeonista, caminhando através das ruas, e dotando-as com chammas de gaz, já vestido e prompto para ir passar a noite a casa d'algum amigo, ria ás gargalhadas quando o espirito passava! Mal pensava o pobre homem que ia caminhando na companhia do proprio Natal.

De repente, sem que o espirito pronunciasse a mi-

aíma palavra para prevenir o seu companheiro, acharam-se no meio d'um triste e deserto pantano, onde se viam aqui e allí monstruosas pedras brutas, como se fosse um cemiterio de gigantes. A agua espalhava-se por toda a parte, sem que nada a retivesse—ou, por outra, espalhar-se-ia, se o gèlo a não coalhasse, e só se via n'aquelle solitario lugar, musgo, giestas, herva brava e enfesada.

No horisonte, do lado d'oeste, o sol, caminhando para o occaso, deixára uma lingua de fogo d'um vermelho ardente, que por um momento illuminou esta scena de desolação, como se fóra a vista scintillante de um olho sombrio, cujas palpebras se vão abaixando pouco e pouco, até se fecharem de todo, terminando por se perder a vista na obscuridade da noite.

—Em que lugar estamos? perguntou Scrooge.

—Onde vivem os mineiros que trabalham nas estranhas da terra, replicou o espirito. Conhecem-me bem. Vêde.

Uma luz brilhou na janella d'uma cabana, e para allí se encaminharam elles devagarinho.

Passando através do muro de pedra e lama, encontraram uns poucos de companheiros muito alegres, reunidos em redor d'um magnifico fogo.

Um pobre velho e sua mulher, com seus filhos e os filhos d'estes, e mais outra geração além, estavam allí reunidos com o seu vestuario domingueiro.

O bom do velho, com uma voz que raras vezes excedia o arruideo e rumorejar do vento sobre aquelles desertos terrenos, cantava-lhes uma lóa de Natal—já fora de moda na sua meninice—e de quando em quando todos respondiam em côro.

Sempre que elles cantavam, sentia o velho redobrar o seu vigor e augmentarem-se-lhe as forças; mas quando se calavam, sentia-se de novo voltar ao seu antigo estado.

O espirito não parou n'este logar, mas pediu a Scrooge que se lhe agarrasse com força á tunica, e passando por cima do pantano, dirigiu-se... onde lhes parece? Ao mar não, com certeza. Ao mar, sim, senhores!

Scrooge, olhando á rectaguarda, viu com grande horror a ultima ponta da terra, e uma medonha fileira de rochedos; e os seus ouvidos ensurdeceram com o sussurro das ondas, que, elevando-se e abaixando-se alternadamente, vinham despedaçar-se contra as medonhas cavernas que tinham cavado, como se n'um accesso de raiva tivessem pretendido minar a terra.

Edificado sobre um rochedo, que fazia parte d'um triste recife, ao lume d'agua, a algumas leguas da praia, e batido durante todo o anno pelas vagas embravecidas, erguia-se um solitario pharol.

Na sua base viam-se montões de plantas maritimas, e sobre estas muitos passaros d'arribação—nascidos do vento, poderia alguém julgar, da mesma fôrma que as algas nascem do mar—elevarem-se ás nuvens, e descerem repentinamente, semelhantes ás vagas que elles tocam com as azas.

Mas mesmo aqui os dois guardas do pharol tinham feito uma fogueira, que através do postigo, na espessa pedra, lançava um raio de luz sobre o medonho oceano.

Apertando as mãos callosas por cima da tosca mesa a que estavam assentados, desejaram um ao outro boas festas, bebendo o seu grog, e um d'elles, o mais velho, com o rosto encoroscado e bronzado pela intemperie da atmospherá, exactamente como estaria a figura da prôa d'uma fragata com longos annos de serviço, principiou com voz de trovão um cantico, que se poderia tomar como o ruido da tempestade.

De novo se pôz em marcha o espirito, caminhando por cima do sombrio e agitado mar—e foi andando, andando—até que estando mui distante da terra, con-

forme elle disse a Scrooge, ambos abordaram a um navio.

Collocaram-se ao lado do marinheiro do leme, do vigia da prôa e dos officiaes de quarto, sombrias e exquisitas figuras nas suas occupações; mas cada um d'elles assobiava uma cantiga do Natal, ou pensava no Natal, ou recordava em voz baixa ao seu companheiro algum dia de Natal passado, com as esperanças que se ligam a um feliz regresso ao seio da familia.

Todos a bordo, acordados ou adormecidos, bons ou perversos, tinham trocado com os seus companheiros palavras mais meigas do que em qualquer outro dia do anno; todos tinham partilhado, mais ou menos, dos prazeres d'aquelle dia; todos se tinham recordado dos parentes ou amigos ausentes, acreditando que estes lhe retribuiam ao longe o mesmo pensamento.

Foi uma grande surpresa para Scrooge, em quanto prestava ouvido attento ao rumor do vento, e pensava quão solemne coisa era o ir caminhando no meio das trevas sobre um abysmo desconhecido, cuja profundidade era um segredo tão impenetravel como a morte, —foi uma grande surpresa para Scrooge, como diziamos, em quanto estava mergulhado n'estes pensamentos, ouvir uma gargalhada expansiva.

Mas muito maior foi a sua surpresa, quando reconheceu que essa gargalhada fôra dada por seu sobrinho, e se encontrou n'um quarto allumiado, quente e acciado, com o espirito permanecendo a seu lado, sorrindo-se, e deitando a seu sobrinho olhares de affabilidade.

— Ah! ah! ah! dizia rindo-se o sobrinho de Scrooge.

Se por qualquer acaso, pouco provavel, tiverem encontrado alguém capaz de se rir com melhor vontade do que o sobrinho de Scrooge, digo-lhes então, que muito desejaria conhecer essa pessoa. Apresentem-me esse phenomeno, que desejarei cultivar a sua amizade.

Por uma boa, justa e nobre compensação nas coisas d'este mundo, se as molestias e os pesares são contagiosos, não ha nada tambem que o seja tanto como o riso e o bom humor.

Em quanto o sobrinho de Scrooge ria d'este modo, amarrando as mãos nas ilhargas, e fazendo as mais extravagantes contorsões com o rosto, a sobrinha de Scrooge, sobrinha pelo casamento, ria com tanto gosto como o marido. E os amigos reunidos em sua casa, não querendo ficar atraz, riam tambem a bandeiras despregadas.

—Ah! ah! ah!

—Palavra de honra! elle disse-me que o Natal era uma asneira! exclamou o sobrinho de Scrooge. E acreditava-o!

—Mais vergonha para elle, Fred! disse a esposa com indignação.

É um gosto vêr as mulheres; nada fazem por metade, tomam tudo a sério.

A sobrinha de Scrooge era muito linda; excessivamente linda. Tinha uma physionomia tão insinuante, e um ar tão ingenuo, que a todos encantava; uma boquinha, que parece fôra feita para n'ella se darem beijos—e sem duvida o preceito era cumprido; na barba tinha uma quantidade de pequenas rugas, que lhe davam uma graça perfeita quando se sorria—e então os olhos? eram os mais vivos e mais seductores, que já-mais se viram em creatura alguma. No todo era o que se póde chamar uma belleza provocante, mas prompta a dar uma satisfação por tal motivo—e satisfação convincente.

—A verdade é ser elle um apoquentador de marca, que podia ser mais agradavel, disse o sobrinho de Scrooge. Todavia os seus defeitos trazem com elles o seu proprio castigo, e eu nada tenho a dizer contra elle.

—Parece-me que teu tio é muito rico, Fred, insinuou a sobrinha de Scrooge. Pelo menos tu assim m'o tens dito.

—E que tem isso, minha amiga! disse o sobrinho de Scrooge. A sua riqueza de nada lhe serve; nenhum bem faz com ella; nem elle mesmo sequer a utiliza. Não tem a satisfação de pensar... ah! ah! ah!... que somos nós a quem aproveitará essa riqueza.

—Não posso soffrer o tal avarento! observou a esposa.

As irmãs da dona da casa e todas as outras senhoras, expressavam a mesma opinião.

—Eu posso! disse o sobrinho de Scrooge. Tenho compaixão d'elle; não podia zangar-me com elle, quando mesmo quizesse. Quem soffre por causa das suas loucas phantasias? Elle mesmo. Não digo isto por se lhe ter mettido em cabeça aborrecer-nos, e não ter querido vir jantar connosco, porque por essa razão apenas perdeu um fraco jantar...

—Sim?... pois a mim parece-me que o senhor nosso tio perdeu um magnifico jantar, interrompeu a sobrinha de Scrooge.

Todos os convidados disseram o mesmo, e deve-se confessar que eram os mais competentes juizes, pela simples razão de que o tinham acabado de comer; e com a sobremesa, estavam chasqueando, e aquecendo-se ao mesmo tempo a um excellente fogo.

—Fallam verdade? Estimo muito saber isso, disse o sobrinho de Scrooge, porque não tenho grande fé nas donas de casa, verdes em annos. Que dizes a esse respeito, Topper?

Era claro que Topper tinha lançado as suas vistas sobre uma das irmãs da sobrinha de Scrooge, porque respondeu, que um solteiro era um pária na sociedade, não tendo direito a exprimir a sua opinião sobre tal assumpto: e por esta resposta corou a irmã da sobrinha

de Scrooge—aquella que tem ao pescoço um enfeite de rendas—e não a que está com um ramilhe de rosas na mão.

—Continúa, Fred;—vamos, disse a sobrinha de Scrooge, batendo as mãos. Nunca acaba o que principia a dizer. É bem ridiculo esse costume...

O sobrinho de Scrooge novamente se entregou a um accesso de hilaridade, e como fosse impossivel fugir ao contagio—apesar de que a rechonchuda irmãinha, tentou obstar-lhe, respirando vinagre aromatico em quantidade—o seu exemplo foi seguido unanimemente.

—Direi unicamente, continuou o sobrinho de Scrooge, que meu tio, tendo-nos pouca affeição, e não querendo vir vêr-nos, perde o ensejo de gosar alguns momentos de prazer, que não lhe teriam feito mal. Estou certo que se priva de companheiros mais alegres do que os seus proprios pensamentos, e de passar horas de maior satisfação do que as passadas no seu velho e humido escriptorio, e no seu empoeirado quarto. Estou na firme tenção de todos os annos lhe fazer os mesmos offerecimentos, quer elle acceite, quer não, porque tenho pena d'elle. Póde elle até á morte chasquear á sua vontade do Natal, mas não poderá deixar de formar uma melhor opinião—aposto quanto quizerem—quando me vir ir a sua casa, um anno apoz outro, dizer-lhe com bom humor:

—Tio Scrooge, como passa?

«Se isto sómente o podésse levar a deixar ao seu pobre caixeiro umas cincoenta libras, já era alguma coisa. Não tenho a certeza, mas está-me a parecer que lhe fiz alguma impressão hontem.»

Chegára agora a vez aos circumstantes de rirem da presumçosa idéa de Fred, que imaginára ter conseguido impressionar Scrooge. Mas como elle era dotado d'um excellente character, pouco se lhe dava do que se

riam os seus convidados, com tanto que rissem a faltar, e por isso tractou de avivar a hilaridade, fazendo passar a garrafa de mão em mão.

Depois do chá, tractou-se de musica. Era uma familia de musicos, sabendo todos menos mal do seu officio, quando se tractava de cançonetas e arias buffas; especialmente Topper, que atroava a sala com a sua voz de baixo, como o melhor artista, sem necessitar de entumecer as veias da frente, ou tornar-se rubro como o pimentão.

A sobrinha de Scrooge tocava harpa muito bem; e entre outras peças de musica, tocava uma cançõesinha muito simples (uma bagatella, que se poderia aprender a assobiar em dois minutos), justamente a canção favorita d'aquella menina que fôra buscar Scroogé á escola, conforme recordára o espectro do Natal passado.

Quando Scrooge ouviu aquella musica, tão sua conhecida, recordou-se então de tudo o que lhe mostrára o espirito: enterneceu-se cada vez mais, e pensou que se tivera ouvido mais vezes aquella canção, ha annos atraz, talvez tivesse cultivado as affeições da vida, com as proprias mãos, em lugar de ter aguçado a impaciente picareta do coveiro que enterrou Jacob Marley.

Não gastaram toda a noite com a musica.

Passado pouco tempo, principiaram os joguinhos de prendas; porque é bom que nos tornemos algumas vezes creanças, e nunca em melhor occasião do que no Natal, festa fundada por um Deus-menino.

Meus amigos, attenção! Ahi vai começar a cabra-cega; se havia de faltar este classico joguinho! Olhem que grande patife aquella Topper! Com os olhos vendados, mas vê mais do que qualquer de nós á hora do pino do sol! Eu estou convencidissimo de que o maroto ia de combinação com o sobrinho de Scrooge, e que o espirito do Natal presente não era estranho a tal combinação.

A maneira porque o fingido cego perseguia a rochunchuda menina do enfeite de renda, era um verdadeiro ultraje á incredulidade da natureza humana. Quer ella deite ao chão os ferros do fogão, ou as cadeiras, ou vá d'encontro ao piano, para qualquer parte que se dirija, o patife segue-a immediatamente! Sabe sempre onde está a menina do enfeite. Não quer agarrar mais ninguém. Se o tivessem empurrado, como fizeram alguns d'elles de proposito, fingiria que vos procurava agarrar, mas d'um modo que seria uma injuria para a vossa intelligencia; e no mesmo instante ter-se-ia desviado em direcção á menina do enfeite. Esta gritava algumas vezes, que assim não era jogo franco, e realmente não era.

Quando Topper por fim chegou a agarral-a, quando, a despeito da sêda do vestido, que escorregava, e dos rapidos movimentos da menina para lhe fugir, conseguiu leval-a para um canto d'onde se não podia mexer, então a sua conducta tornou-se abominavel. Porque pretendendo não a reconhecer, apalpou-lhe o enfeite da cabeça, e para mais se certificar da identidade da pessoa, apertou-lhe um anelzinho que ella trazia no dedo, assim como lhe segurou uma cadêa que trazia ao pescoço! Vil patife!... tambem não ha a menor duvida em como a menina lhe fez vêr a inconveniêcia de sua conducta, porque em quanto outro se occupava a fazer de cabra-cega, foram elles para o vão d'uma janella, atraz dos cortinados, fallar confidencialmente.

A sobrinha de Scrooge não tomou parte n'aquelle jogo da cabra-cega, mas foi sentar-se commodamente a um cantinho da sala n'uma magnifica cadeira de braços, com os pés poisados sobre um escalbello, tendo atraz de si o espirito e Scrooge. Nos jogos de prendas entrou ella, e em alguns tornou-se admiravel, principalmente no *Onde, Quando e Como?* e com alegria ta-cita de seu esposo, derrotou completamente suas ir-

mãs, apesar d'estas serem raparigas espertas—senão que o diga Topper. Ao todo deviam alli estar umas vinte pessoas, velhos e novos, mas todos tomavam parte nos jogos; e até Scrooge esquecendo completamente, —tanto era o prazer que sentia pela scena que passára,—que não podia ser ouvido, respondia em altos gritos ás palavras que davam a adivinhar, e muitas vezes encontrava a chave do jogo; porque, diga-se a verdade, nenhuma agulha das mais finas, das melhores *White Chapels*, garantida para não cortar o fio, era mais penetrante de que o espirito de Scrooge, apesar do seu ar apatetado.

O espectro sentia grande prazer ao vê-lo com taes disposições, e contemplava-o com ar tão benevolo, que Scrooge, como uma creança, pediu para ficar até á sahida de todos os convidados.

O espectro respondeu-lhe, que lhe era impossivel comprazer com a sua vontade.

—Vai começar um novo jogo, disse Scrooge. Só meia hora, espirito, só meia hora!

Era o jogo chamado *Sim e Não*. O sobrinho de Scrooge devia pensar em alguma coisa, e os outros procurar adivinhar no que elle pensava; e não devia responder ás perguntas dos circumstantes, senão por *sim* ou *não*, conforme pedisse o caso. O fogo vivo e animado de perguntas a que estava exposto, obrigou-o a confessar que pensava n'um animal, um animal vivo, um animal algum tanto desagradavel, animal selvagem, animal que grunhia e roncava algumas vezes, e outras vezes fallava, e vivia em Londres, e passeava nas ruas, e não se mostrava ao publico por paga, não vivia em jaula, não era morto no matadouro, e não era nem cavallo, nem burro, nem vacca, nem toiro, nem tigre, nem cão, nem porco, nem gato, nem urso. A cada nova pergunta que lhe faziam, o hom do sobrinho soltava uma nova gargalhada com tal prazer, que se via

obrigado a levantar-se da cadeira e a bater com os pés no chão. Finalmente, a irmãsinha do enfeite de renda, accommettida tambem d'um riso louco, exclamou:

—Adivinhei! Já sei quem é, Fred! Já sei quem é!

—E quem é?

—E o teu tio Scroo-o-o-o-oge!

E tinha adivinhado a menina. A admiração foi geral, apesar de que algumas pessoas notaram que á pergunta: «É um urso?» a resposta deveria ter sido: «Sim»—pelo motivo de que uma resposta negativa era o sufficiente para desviar todos os pensamentos de Scrooge, suppondo que alguém d'elle se tivesse lembrado.

—Meu tio Scrooge foi causa da nossa alegria, disse Fred, e mostrar-nos-íamos ingratos deixando de lhe fazer uma saude. Justamente cada um de nós temos na mão um copo de vinho quente, bebamos pois á saude do tio Scrooge.

—Muito bem! A saude do tio Scrooge! exclamaram todos.

—Desejemos boas festas e um feliz anno novo ao pobre velho, muito embora seja elle o que fôr. Não accetaria de mim este cumprimento, mas no entanto ha-de tel-o, acerescentou o sobrinho de Scrooge. Á saude do tio Scrooge!

O tio Scrooge imperceptivelmente alegrára-se tanto, e sentiu-se tão alliviado do coração, que teria correspondido ao brinde, apesar dos circumstantes não darem pela sua presença, e ter-lhes-ia agradecido em termos que ninguem ouviria, se o espirito lhe concedesse o tempo sufficiente. Mas a scena toda desapareceu quando o sobrinho pronunciava a ultima palavra, e tanto Scrooge como o espirito se pozeram de novo a caminho.

Viram muitas e longiquas terras, e visitaram algumas habitações, com resultado feliz. O espirito con-

servava-se junto do leito dos enfermos, e estes alegravam-se; os expatriados julgavam-se no paiz natalicio; os infelizes luctando com a sorte adversa, tornavam-se pacientes com a esperança do porvir; e os indigentes acreditavam nas suas riquezas.

Nas casas de beneficencia, nos hospitaes, nas prisões, em todos os refugios da miseria, onde o homem vaidoso e cheio d'orgulho não tinha podido abusar da sua mesquinha authoridade tão ephemera, para fechar a porta e impedir a entrada do espirito, este deixava a sua benção e ensinava a Scrooge os seus preccitos de caridade.

Foi aquella uma comprida noite, se foi tão sómente uma unica noite; mas Scrooge tinha suas duvidas a tal respeito, porque lhe pareceu que muitas festas de Natal tinham sido reunidas no espaço de tempo que tinham passado juntos. Dava-se tambem o caso extraordinario de que em quanto Scrooge não soffria a menor alteração na sua fôrma exterior, o espirito ia envelhecendo a olhos vistos. Scrooge observára esta mudança, mas nunca n'ella fallára, até que, ao sahirem de certo logar onde algumas creanças celebravam o dia de Reis, lançando os olhos sobre o espirito, quando a sós, notou que os cabellos lhe tinham encanecido, perguntou:

—É assim tão curta a vida dos espiritos?

—A minha vida n'este mundo, é muito curta, replicou o espirito, termina hoje.

—Hoje! exclamou Scrooge.

—Hoje á meia noite. Silencio, aproxima-se a hora.

N'aquelle momento os sinos das torres marcavam os tres quartos depois das onze.

—Perdoai-me se a minha pergunta fôr indiscreta, disse Scrooge olhando attentamente para a tunica do espirito, mas vejo o quer que seja extraordinario, e que vos pertence, sabindo por debaixo da orla da vossa tunica. E' um pé ou uma garra?

—Póde muito bem ser uma garra, a julgarmos pela carne que a cobre, foi a resposta melancholica do espirito. Olhai.

Das dobras da tunica tirou duas creanças miseraveis, abjectas, de horrivel apparencia, e repugnantes.

Ajoelharam-se ambas a seus pés e seguraram-se-lhes á tunica.

—Oh! homem, olha, olha a teus pés! exclamou o espirito.

Eram um rapaz e uma rapariga, ambos macilentos, magros, esfarrapados, ferozes, apesar de humildes na sua posição.

Aonde uma mocidade graciosa lhe devera ter completado as feições, e tel-as retocado com as suas mais frescas tintas, uma mão rugosa e encarquilhada, como a do tempo, tinha-os emagrecido e enfesado. Alli, onde os anjos deviam ter firmado seus thronos, reinavam os demonios lançando olhares d'ameaça e maldição.

Nenhuma mudança, nenhuma degradação, nenhuma decomposição da humanidade, em qualquer grau, através de todos os maravilhosos mysterios da criação, produziu monstros tão horriveis e tão maus.

Scrooge deu alguns passos á rectaguarda, pallido de horror.

Como as creanças lhe tinham sido mostradas pelo espirito, procurou dizer que eram bonitas, mas as palavras falleceram-lhe na garganta, antes de se tornarem cumplices de tão enorme mentira.

—Dizei-me, espirito, são vossos filhos?

Scrooge nada mais podia dizer.

—São filhos dos homens, disse o espirito olhando para as creanças. Fogem para mim queixando-se de seus paes. Este rapaz é a Ignorancia, aquella rapariga a Miseria. Acautelai-vos d'ambos, e de toda a sua geração, mas sobre tudo d'aquelle rapaz, porque na sua frente vejo escripta a palavra *condemnação*. Apressa-te

a offuscar tal palavra, ó humanidade, exclamou o espirito apontando para a cidade. Nega a tua culpabilidade se pôdes; calúnia até os que te accusam; admitte tal desculpa para teus abominaveis fins! Mas guarda-te do futuro!

—Pois elles não teem nenhum refugio, nenhum recurso? perguntou Scrooge.

—Então não existem as prisões? disse-lhe o espirito ironicamente, retorquindo-lhe pela ultima vez com as proprias palavras de Scrooge. Não existem as casas de trabalho?

Souu meia noite.

Scrooge procurou em redor de si o espirito e já o não viu.

Quando a ultima badalada cessou de vibrar, recordou-se da predicção de Jacob Marley, e levantando os olhos, viu um phantasma solemne, embrulhado n'um grande capote de capuz, aproximando-se em direcção a elle, como o nevoeiro rastejando a terra.

— 325 —

ESTROPHE IV

⊙ ultimo dos espiritos

O phantasma aproximou-se devagar, com ar grave e silencioso.

Quando chegou junto de Scrooge, este ajoelhou, porque o espirito parecia espalhar pela atmospherá que cruzava, o terror e o mysterio.

Uma comprida túnica escura cobria-o de cima abaixo, occultando-lhe a cabeça, o rosto e a fórma, e deixando unicamente visível um braço estendido, sem o que teria sido difficil differenciar esta figura das sombras da noite, e distinguil-a entre a escuridão que a cercava.

Scrooge conheceu bem que o espectro quando se aproximou era de estatura elevada e magestosa, e que a sua mysteriosa presença o enchia de um terror sollemne.

Nada mais sabia, porque o espirito nem fallou nem se moveu.

—Estarei acaso na presença do espirito do Natal futuro, disse Scrooge.

O espirito não respondeu e continuou a apontar a mão.

—Deveis mostrar-me as sombras das coisas que

ainda não aconteceram, mas deverão acontecer no tempo futuro, proseguiu Scrooge; não é verdade, espirito?

A parte superior da tunica contrahi-se por um momento, nas suas dobras, como se o espirito tivesse inclinado a cabeça. Foi a unica resposta que Scrooge obteve.

Supposto que já acostumado á sociedade dos espiritos, Scrooge, n'esta occasião, recebeu tanto o silencio, que as suas pernas principiaram a tremer, e conheceu ser-lhe custoso suster-se em pé quando se preparou a seguir o phantasma.

Este parou um momento, como observando o estado de Scrooge, e dando-lhe tempo para recuperar as forças.

Mas nem por isso Scrooge conservou mais sangue frio; um terror vago e desusual lhe fazia estremecer os membros, ao lembrar-se que detraz d'aquella sombria mortalha dois olhos de phantasma estavam attentamente fixados sobre elle, e que, apesar de todos os seus esforços, nada mais podia vêr do que uma mão d'espectro e um vulto escuro.

—Espirito do futuro! exclamou elle, temo-vos mais do que qualquer dos outros espectros que vi. Mas como eu sei que a minha felicidade é a vossa mira, e como espero viver para ser um homem totalmente diferente do que fui, estou prompto a acompanhar-vos com o maior reconhecimento no coração. Dar-se-ha caso que me não queiraes dirigir uma unica palavra?

O espectro não lhe deu palavra. A mão continuou a estar estendida para a frente.

—Guiai-me! disse Scrooge. Guiai-me, a noite vai-se adiantando, e o tempo torna-se-me precioso, bem o sei. Guiai-me, espirito.

O phantasma afastou-se do mesmo modo que tinha chegado. Scrooge seguiu-lhe a sombra da tunica, que parecia levantal-o e leval-o longe.

Não se pôde dizer propriamente que entraram na *city*,¹ porque parecia antes que se via a *city* surgir e rodeal-os de motu-proprio com o seu bulício. Acharam-se no coração d'aquelle bairro commercial, na Bolsa, no meio dos negociantes que corriam apressados d'um lado para o outro, ou faziam tinir o dinheiro nas algibeiras, ou conversavam em grupos, ou olhavam para os relosjos, ou brincavam pensativos com os sinetes d'ouro, etc., etc., como Scrooge tivera occasião de vêr antes.

O espirito parou junto d'um pequeno grupo de negociantes. Observando que a mão do seu companheiro estava apontada para o grupo, Scrooge aproximou-se para ouvir a conversação.

—Não... dizia um sujeito gordo com um monstruoso queixo, não sei mais nada. Só sei que elle morreu.

—Quando morreu elle? inquiriu um outro.

—A noite passada, segundo me parece.

—Como!... de que morreria elle? perguntou um terceiro, tirando uma grande pitada de rapé d'uma immensa caixa de prata. Julguei que o homem não morria...

—Só Deus o sabe! disse o primeiro, com um bocejo.

—Que faria elle ao dinheiro? perguntou um outro de caraça avermelhada, e com uma exerescencia de carne pendente do nariz e bambaleando-se como as cristas dos perús.

—Eu sei lá, disse o sujeito do queixo grande bocejando novamente. Talvez o deixasse ao seu socio. O que eu sei é que a mim não me deixou nem um *penny*.

¹ *City*, o bairro de Londres onde se encontram todos os escriptorios, a praça, alfandega, etc.

Este gracejo foi recebido com universal gargalhada.

—Deve ser um funeral de pouco custo, continuou o mesmo, porque, palavra de honra, estou certo que não vai lá ninguém. Vamos nós lá para vêrmos, sem convite?

—Não se me dava d'ir se houvesse *lunch*, observou o sujeito da excrescencia no nariz. Quero ser pago do meu trabalho.

Nova gargalhada.

—Pois bem, no meio de tudo vejo que sou eu o mais desinteressado, disse o que primeiro fallou, porque não ia lá nem por umas luvas pretas, nem por o *lunch*, mas offereço-me a ir ao enterro se alguém me quer acompanhar. Quando me ponho a pensar bem, não posso deixar de reconhecer que talvez fossse eu o seu maior amigo, porque costumavamos trocar duas ou tres palavras quando nos encontravamos. Meus senhores, até logo.

Foram-se afastando uns e outros, e juntando-se a outros grupos. Scrooge conhecia aquellas pessoas, e por esse motivo olhou para o espirito a fim de lhe pedir explicação do que ouvira.

O phantasma introduziu-se por uma rua e mostrou com o dedo dois individuos que se encontravam. Scrooge novamente exitou, julgando poder agora encontrar a explicação do que antes ouvira.

Conhecia perfeitamente os dois sujeitos; eram ambos ricos capitalistas, e muito considerados. Scrooge tractára sempre de merecer a sua estima... no ponto de vista dos negocios, entenda-se; estrictamente no ponto de vista dos negocios.

—Como está? disse um.

—Bem, obrigado, e o meu amigo? retorquiu o outro.

—Bom, disse o primeiro. Então o velho sovina lá foi marchando, hein?!...

—Assim me disseram, replicou o segundo. Faz frio, não é verdade?

—Não ha a esperar outro tempo agora pelo Natal. O meu amigo não gosta de patinar, supponho eu.

—Não, não gosto. Tenho mais em que cuidar. Até á vista.

Nem uma palavra mais. Assim se encontraram, conversaram e partiram.

Scrooge a principio estava um pouco tentado a mostrar-se surprezo por o espirito ligar importancia a conversas na apparencia tão triviaes; mas intimamente convencido de que deviam ter algum fim occulto, principiou a perguntar a si mesmo a que se refeririam. Não era natural suppôr que tivessem a minima relação com a morte de Jacob, seu antigo socio, porque tal acontecimento pertencia ao passado, e o espirito só estava encarregado do futuro. Nem podia recordar-se de ninguem do seu conhecimento a quem aquellas palavras se podessem applicar.

Todavia, não duvidando, que a quem quer que fosse que se applicassem, tinham algum fim occulto de moralidade em beneficio seu, resolveu conservar bem presentes na memoria não só todas as palavras que ouvisse, como tudo o que presenciasse; e especialmente observar a sua sombra quando apparecesse, persuadido como estava de que a conducta no seu futuro lhe daria a chave do enigma indecifavel até alli, e lhe tornaria a solução facil.

Olhou em redor de si para vêr se encontrava a sua imagem n'aquelle logar; mas outro homem occupava o seu cantinho favorito, e apesar do relogo marcar a hora precisa a que costumava apparecer na Bolsa, não viu ninguem que se assimilhasse comsigo em toda a gente que se agglomerava no portico para entrar. Este facto, todavia, pouca surpresa lhe causou, porque desde que os espiritos o principiaram a visitar, Scrooge tinha me-

ditado uma mudança de vida, e pensou, e teve a esperança de que já aquillo era signal de que as suas resoluções estavam em prática.

Sombrio e immovel conservava-se o phantasma a seu lado com o braço estendido. Quando Scrooge voltou a si das suas meditações, imaginou pelo movimento da mão, e pela posição do espectro em referencia a si, que este o estava contemplando physicamente com os seus olhos invisíveis.

Tal pensamento fel-o estremecer e arrefecer muito.

Deixaram esta scena buliçosa dos negocios, e dirigiram-se a um bairro obscuro da cidade, onde Scrooge nunca penetrara antes, apesar de reconhecer a sua situação e a sua má reputação.

As ruas eram immundas e estreitas, as casas e as lojas desprezíveis, os moradores meios nús e esfarrapados, miseráveis e embriagados. Os bêcos e as vielas, como outros tantos esgotos, vomitavam a sua repellente immundicie, e os seus asquerosos habitantes, n'este labyrintho de ruas; em todo o bairro respirava-se o crime, a porcaria e a miseria.

No fim d'este infame covil via-se uma loja baixa, tendo na frente um alpendre, na qual se compravam ferros, garrafas, roupa usada, ossos, e os restos dos jantares dos dias antecedentes. No chão, dentro da loja, estavam amontoadas pilhas de chaves enferrujadas, pregos, cadeados, dobradiças, limas, balanças, pesos, e toda a especie de objectos de ferro. Segredos que poucos teriam a curiosidade de devassar, estavam talvez occultos n'esses montes de nojentos farrapos, sob esses montões de comida em corrupção, e sob esses enormes sepulchros de ossos. Sentado no meio dos objectos do seu tráfego, junto a um velho fogão, encontrava-se um bregeiro de cabellos ruivos, com perto de sessenta annos de idade, abrigando-se do ar frio do exterior por meio d'uma suja cortina feita de farrapos

de variegadas côres, suspensa n'uma corda. O personagem em questão estava fumando n'um cachimbo, e saboreando as fumaças com todo o socego de espirito.

Scrooge e o phantasma acharam-se na presença d'este homem, exactamente na occasião em que uma mulher, com um volumoso embrulho, se introduzia rapidamente no estabelecimento. Apenas ella tinha entrado, quando uma outra mulher, com fardo igual, tambem appareceu, e a esta ultima seguiu-se um homem vestido de preto, com roupa já usada, que não ficou menos surprehendido com a vista das duas mulheres, do que ellas tinham ficado quando ambas se reconheceram mutuamente.

Depois d'alguns segundos de mudo pasmo partilhado igualmente pelo homem do cachimbo, todos tres lesataram em gargalhada geral.

—Licença primeiro á jornalcira, exclamou a mulher que entrára primeiro. A lavadeira será a segunda, e em terceiro logar virá o armador. Olha lá, velho Joe, parece isto um acaso! Não parece que nos encontramos todos tres para aqui nos encontrarmos?

—Não se podiam juntar em melhor logar, disse o velho Joe, retirando o cachimbo da bocca. Entrem na sala. Ha muito que você entra aqui como em sua casa, e os dois outros tambem não são estranhos. Esperem, que vou fechar a porta da loja. Como ella range! Em todo o meu estabelecimento não ha pedaço de ferro tão ferrugento como as dobradiças d'esta porta, assim como não ha ossos tão velhos como os meus! Ah! Ah! Estamos todos em harmonia com o nosso officio! Entrem na sala, entrem na sala.

A sala era o espaço que se estendia atraz da corna de farrapos.

O velho, dono do estabelecimento, atçou o fogo com o rabo d'uma vassoira velha, e depois de ter avi-

vado com o bocal do cachimbo a torcida da candeia cheia de fumo, levou-o de novo á bocca.

Em quanto o dono da casa fazia esta operação, a mulher que já fallára antes atirou o embrulho ao chão e sentou-se n'um banco em posição sem cerimonia, collocando os cotovellos nos joelhos e deitando sobre os outros um olhar de desafio.

—E então que maravilha é, mistress Dilber? disse a mulher. Todos teem direito de cuidar de si proprios. E *elle* durante a vida, fez outra coisa?

—Lá isso é verdade! disse a lavadeira. Ninguem cuidou mais de si do que o tal bargante.

—Então, mulher do mafarrico, não esteja a abrir os olhos como quem tem medo. Ladrão que rouba a ladrão, tem cem annos de perdão.

—Oh! Deus queira que se verifique o dictado, disseram mistress Dilber e o homem ao mesmo tempo.

—Ora, então estamos conformes, exclamou a mulher.

E estejam bem certos que ao defunto não hão-de fazer falta estas bagatellas.

—Com certeza que não, disse mistress Dilber sorrindo-se.

—Se o bargante as queria conservar depois do morto, proseguiu a mulher, porque não fez como toda a gente? Se não fosse tão miseravel, teria um guarda para estar junto do leito quando a morte o levou, em lugar de se finar ahi para um canto como o mais miseravel animalejo.

—Falla a pura verdade, disse mistress Dilber. Aquillo foi castigo do céo. Altos juizos do Senhor!

—Queria que fosse mais pesadinho um bocadinho disse a mulher apontando para o embrulho, e teriasido, podem estar certos, se eu tivesse podido pôr as mãos em alguma coisa mais. Abre esse sacco, velho Joe, e diz-me o valor do contheudo. Falla com franqueza, homem. Não tenho medo de ser a primeira

nem receio que elles o vejam. Julgo que sabemos perfeitamente, antes de nos encontrarmos aqui, que cada um de nós tractava da sua vida. Não ha mal por isso. Abre o embrulho, Joe.

Seguiu-se um debate causado pela delicadeza.

Todos a um tempo queriam mostrar o resultado das suas campanhas, e o homem de casaco preto, subindo primeiro à brecha, apresentou o producto da sua rapina. Não era consideravel—um sinete ou dois, uma lapiseira, um par de botões dos punhos, e um alfinete de pouco valor, eis no que se resumia tudo. Cada objecto foi examinado e avaliado pelo velho Joe, que notou a giz na parede as quantidades que estava resolvido a dar, e sommou o total quando viu que não tinha mais nenhum objecto que receber.

—Esta é a sua conta, disse elle, e não dou six-pence mais, ainda que me fritassem. Quem se segue?

Era a vez de mistress Dilber, que apresentou lençoes e toalhas, um vestido, duas colheres de prata de chá, uma tenaz do mesmo metal para assucar e dois pares de botas.

A sua conta foi organisada na parede, como a antecedente.

—Eu pago sempre de mais ás senhoras. E uma das minhas fraquezas, e a causa da minha ruina, disse o velho Joe. Ahi vai a sua conta. Não me peça nem um penny mais... porque se faz grande questão d'essas bagatellas, arrependo-me de ter sido tão generoso, e abato-lhe meia corôa.

—E agora, Joe, desata o meu embrulho, disse a primeira mulher.

Joe ajoelhou-se, para com mais facilidade abrir o embrulho, e tendo desatado muitos nós, tirou para fora um grande e pesado rôlo d'um objecto escuro.

—Como se chama isto? disse Joe. São cortinados de cama?

— Ah! replicou a mulher soltando uma risada, e debruçando-se sobre os joelhos. Cortinados de cama!...

— Atrever-te-ias a firal-os com as argolas e o mais, estando alguém a dormir na cama? disse Joe.

— Atrevi-me, sim, replicou a mulher. E porque não?

— Tu nascestes para fazer a tua fortuna, disse Joe, e com certeza a faras.

— Com certeza não escondo as minhas mãos, por amor d'um homem como elle foi, quando, estendendo-as, posso trazer alguma coisa; convence-te d'isto, replicou a mulher friamente. Não entornes o azeite sobre os cobertores. Cautela!

— São os cobertores *d'elle?* perguntou Joe.

— Então de quem julgas que haviam de ser? replicou a mulher. Não é provavel que agora se constipe com a sua falta.

— Morreria o patife d'alguma molestia contagiosa? que dizes, hein? perguntou o velho Joe, parando na sua tarefa, e erguendo os olhos.

— Não tenhas receio d'isso, respondeu a mulher, não préso tanto a sua companhia, que, por bagatellas como esta, tivesse ficado junto d'elle, se houvesse o menor perigo... Oh! podes olhar para essa camisa até te arrebitarem os olhos; mas não achas um buraco, nem sequer uma rêde tomada. Era a melhor que tinha, e effectivamente é soffrivel. Se não fosse eu, tinham-n'a roubado.

— Que queres tu dizer com isso? perguntou Joe.

— Sepultavam-n'ò com ella... é como te digo, replicou a mulher rindo. Já um pateta, não sei quem, o tinha feito, mas eu tirei-a outra vez. Se o algodão não serve para esse fim, não sei então que prestimo tenha. Fica-lhe muito bem ao defunto, e o pobre diabo não ficará menos acieado com a camisa d'algodão que troquei pela sua de linho.

Scrooge escutava este dialogo com horror.

Esta gente, agrupada em redor da prêsa, vista a luz amarroada da candeia do velho Joe, causava-lhe tamanho horror e desgosto, que não seriam maiores se estivesse vendo os demonios, mercadejando o proprio cadaver.

—Ah! ah! continuou a mesma mulher rindo, quando o velho Joe, saccando uma bolsa de baeta com dinheiro, contou a cada um a parte dos lucros que lhe tocava. Este é o melhor fim da obra. O *sovina*, em vida, fazia fugir toda a gente de junto de si, para nos dar um lucro depois de morto—ah! ah! ah!

—Espirito! disse Scrooge, estremecendo todo da cabeça aos pés, comprehendendo, comprehendendo. A sorte d'este infeliz podia muito bem ser a minha. É aquelle o fim d'uma vida como a minha! Deus misericordioso, que vejo!

Recuou atterrado, porque a scena mudára, e agora quasi que tocava em um leito, mas um leito nu, sem cortinas, sobre o qual, coberto com um lençol em farrapos, jazia um objecto, cujo silencio revelava a sua natureza em muda, mas terrivel linguagem.

A sala estava bastante escura, e tanto que se não podia observar com exactidão que objecto era o que estava sobre o leito; mas Scrooge, obedecendo a um impulso secreto, relanceou a vista em redor, ancioso por conhecer que sala era aquella. Uma luz pallida, vindo de fóra, dava de chapa sobre o leito, onde jazia o cadaver d'esse homem, despojado e abandonado, e sem merecer as vigalias, as lagrimas, e os carinhos de ninguem!

Scrooge olhou para o phantasma, cuja mão fatal estava apontada para a cabeça do morto.

A mortalha estava lançada com tanta negligencia, que bastaria a Scrooge o mais ligeiro movimento d'um dedo, para descobrir o rosto do morto. Pensou n'isso,

conheceu com que facilidade o faria e desejou fazel-o; mas senão teve forças para desviar a mortalha, ainda menos as sentiu para fugir ao espectro que tinha junto a si.

«O' fria, fria, horrída e terrível morte! ergue aqui o teu altar, e cinge-o de todos os horrores de que dispões, porque estás no teu dominio! Quando se tracta d'uma cabeça amada, respeitada e honrada, não podes conseguir que um só de seus cabellos sirva a teus abominaveis fins, nem tornar odiosa uma só das suas feições!

«Não é porque a mão deixe de se tornar inerte, e não decaia quando abandonada; não é porque o pulso e o coração deixem de bater: mas essa mão foi outr'ora franca, generosa, e leal; esse coração foi bravo, sensível, e terno: era um verdadeiro coração de homem o que batia dentro d'aquelle peito! Fere, fere de balde, morte inexorável! Vais vér as acções boas d'esse ente renascarem da ferida que lhe abriste, e viverem eternamente n'este miseravel mundo.»

Nenhuma voz pronunciou estas palavras ao ouvido de Scrooge, e todavia elle ouviu-as, quando estava olhando para o leito.—«Se este homem podésse resuscitar, pensava elle, que diria dos seus pensamentos d'outr'ora? A avareza, a cubiça, e a dureza do seu coração, conduziram-n'o na verdade a um fim magnifico! Está aqui jazendo n'esta casa sombria e abandonada, sem um homem, mulher ou creança, que lhe possa dizer: Foi meu amigo em tal ou tal circumstancia, e em memoria dos beneficios que me prestou, ser-lhe-hei grato agora.»

Unicamente um gato estava arranhando a porta, e atraz da pedra do lar ouvia-se o rumor dos ratos, que roiam o quer que fosse. Que queriam elles d'este asylo da morte? Porque se mostravam tão insoltridos e turbulentos? Scrooge nem ousou cogitar sobre o caso.

—Espírito, disse elle, este logar é horrivel! Ao abandonal-o, não esquecerei a lição que me dá, acreditai-me. Partamos.

O phantasma conservava o dedo apontado para a cabeça do cadaver.

—Comprehando-te, replicou Scrooge, e fal-o-ia se podesse. Mas não tenho coragem, espirito, não tenho coragem.

O phantasma pareceu contemplal-o com mais attenção.

—Se ha alguém na cidade que sentisse uma emoção dolorosa causada pela morte d'esse homem, mostra-me essa pessoa, espirito, eu t'o rogo, disse Scrooge angustiado.

O phantasma estendeu por um instante a sua escura tunica diante de Scrooge, como uma aza, e tirando-a, fez ver um quarto, alumiado pela luz do dia, onde estavam uma mãe e seus filhos.

A senhora estava esperando por alguém com viva anciedade, porque passeava com impaciencia d'um para o outro lado da sala, estremecia ao menor ruido, olhava amiudadas vezes ora para a janella, ora para o relajo; tentava, mas debalde, recorrer á agulha, e a custo podia supportar as vozes das creanças, quando brincavam.

Por fim retumbou o som, por tanto tempo esperado, do martello batendo na porta. A senhora correu apresada á porta, a sair ao encontro do marido, que, apesar de moço, tinha a physionomia sulcada de rugas produzidas pelos cuidados. Via-se-lhe impressa uma expressão notavel, uma especie de prazer triste, de que tinha vergonha, e se esforçava por não demonstrar.

Sentou-se para comer o jantar, que lhe fora guardado junto do lume, e quando sua esposa lhe perguntou o que havia de novo (pergunta que foi feita só de-

pois de longo silencio), elle pareceu embaraçado na resposta.

—Trazes boas ou más noticias? disse ella para o incitar a fallar.

—Más, respondeu elle.

—Estamos de todo arruinados?

—Não, Carolina, ainda ha esperanças.

—Se elle se compadecer, disse ella surprehendida, ainda ha! Se tal milagre se dêsse, nada seria impossivel n'este mundo.

—A compaixão já não está ao seu alcance, disse o marido; o homem morreu!

A mulher de quem fallamos era uma creatura suave e paciente, se o rosto lhe não mentia; mas ao ouvir aquellas palavras, não pôde deixar de agradecer ao céu do fundo da sua alma, e até chegou a render graças em alta voz com as mãos erguidas. Passados poucos momentos, pediu perdão a Deus de taes pensamentos e palavras; mas o primeiro impulso brotára-lhe sincero no coração.

—Tornou-se em pura verdade o que me disse a mulher meia embriagada, de que te falei a noite passada, quando o fui procurar para me conceder mais alguma espera ao pagamento. Como elle me não appareceu, julguei que tinha sido desculpa para me evitar. Não só estava muito mal, mas até n'aquelle momento estava expirando.

—A quem será transferida a nossa divida?

—Não sei. Mas antes d'esse tempo teremos o di-nheiro, e quando por acaso o não tivessemos, seria um bem pungente sarcasmo da sorte, se o nosso futuro credor fosse tão inexoravel como o passado. Podemos hoje dormir com mais socego, Carolina!

Sim, apesar das suas indoles bondosas, tirára-lhes aquella noticia um pêso horrivel de sobre os corações.

Os rostos das creanças, agrupadas em redor d'elles

para ouvirem uma conversa de que tão pouco comprehendiam, animaram-se d'uma viva alegria; a morte de um homem trouxera a felicidade a uma familia!

Foi uma verdadeira emoção de prazer causada pelo fallecimento do credor, e que o espectro pôde mostrar a Scrooge.

—Espirito, disse Scrooge, faz-me vêr alguma scena de ternura ligada á idéa da morte, ou então não me sahirá da memoria aquelle quarto escuro, que deixamos agora.

O espirito conduziu-o através de varias ruas que lhe eram familiares, e á medida que caminhavam, olhava Scrooge em todas as direcções, esperançoso de reencontrar a sua imagem, mas em parte alguma a via.

Entraram na casa do pobre Bob Cratchit, a mesma que elle já visitára, e encontraram a mulher e os filhos em volta do fogão.

Todos estavam socegados, muito socegados. Os pequenos Cratchits, d'ordinario muito traquinas, conservavam-se tão quietos a um canto, como duas estatuas. Estavam sentados olhando para Pedrinho, que tinha um livro diante de si. A mãe e as filhas occupavam-se com a costura. Todos conservavam um profundo silencio.

E elle arrebatou uma creança e sentou-a no meio d'elles.

Onde ouvira Scrooge estas palavras? Não as tinha sonhado. Forçosamente o rapaz devia tel-as lido em voz alta, quando elle e o espirito chegaram ao limiar da porta. Porque não continuava elle a leitura?

A mãe poisou a costura sobre a mesa, e cobriu o rosto com as mãos.

—A côr d'esta fazenda faz-me mal á vista, disse ella.

A côr!... pobre Tiny Tim!

--Estou melhor agora, disse a mulher de Cratchit.

Os olhos fatigam-se-me sem duvida em trabalhar com luz; no entanto, por coisa nenhuma d'este mundo, desejaria mostrar os olhos fatigados a teu pae quando entrasse. Não deve tardar muito, são horas d'elle chegar.

—Já elle vem mais tarde que o costume, respondeu Pedrinho fechando o livro. Parece-me que o pae se tem demorado mais estas ultimas tardes.

De novo ficaram todos silenciosos. Por fim a mãe disse, com voz firme e risonha, deixando este tom uma unica vez:

—Havia tempo em que elle caminhava depressa, muito depressa com... com Tiny Tim aos hombros; recordo-me bem.

—E eu tambem me recordo; muitas vezes os vi assim.

—E eu tambem, exclamou um outro.

Todos repetiram: «e eu tambem.»

—Mas Tiny Tim incommodava, continuou a mãe, olhando attenta para a costura, e o pae tanto o estimava, que não lhe era penoso... não.—Sinto bater á porta, disse de repente mistress Cratchit: é vosso pae.

A infeliz senhora correu ao encontro de seu marido, e o pequeno Bob, com a sua manta de lã—coitado, bem necessidade tinha d'ella!—entrou na sala.

O chá estava prompto, e aquecendo ao fogão; todos á porfia queriam servil-o ao recém-chegado. Os dois Cratchits treparam-lhe acima dos joelhos, e cada um d'elles encostou a sua meiga e mimosa face á do pae, como querendo dizer: Não pense n'isso, papá. Não esteja afflicto!

Bob mostrou-se muito alegre, e para todos teve palavras affectuosas. Olhou para a costura sobre a mesa, e elogiou a habilidade e industria de sua mulher e filhas.

—Ha-de-se acabar esta tarefa antes de domingo, disse elle.

— Domingo! Fostes então hoje...? Roberto, disse sua mulher.

— Sim, minha querida, replicou Bob. Desejaria que tivesses alli ido. Far-te-hei bem vêr como estava verdinho o logar. Ha-des ir vêl-o amiudadas vezes. Prometti-lhe que iria alli passear aos domingos... Meu pobre filhinho! exclamou Bob, meu pobre filhinho!...

E saltaram-lhe dos olhos abundantes lagrimas, sem que lhe podêsse obstar. Para isso era necessario que maior distancia de tempo o separasse de seu filho.

Deixou o quarto e subiu para a sala de cima, que estava bem illuminada, e adornada de flores e grinaldas como no Natal. Havia uma cadeira junto do leito da creança, e tambem signaes evidentes d'alli ter estado recentemente.

O pobre Bob sentou-se na devoluta cadeira, e depois de ter meditado algum tempo, e quando estava socegado, beijou o rosto da creancinha no berço. Resignou-se então com o que acontecera, e tornou a descer mais alliviado... na apparencia.

Todos se aproximaram do fogão, e principiaram a conversar; a mãe e as filhas continuavam com os olhos pregados na costura. Bob fallou-lhes da extraordinaria affabilidade do sobrinho de Scrooge, que apenas vira uma unica vez, e que encontrando-o na rua n'aquelle dia, e vendo-o «um pouco... um pouco triste, disse Bob, informou-se com interesse do que me succedera de mau.»

«E eu, proseguiu Bob, porque elle é o cavalheiro mais amavel que tenho visto, narrei-lhe tudo.

— «Sinto do coração o que me conta, snr. Cratchit, disse elle, não só por si como por sua excellente esposa.

— A proposito, como é que elle saberia isso?

— Isso, o que?

— Que tu eras uma excellente mulher, replicou Bob.

—Toda a gente sabe isso, disse Pedrinho.

—Sim, senhor!... muito bem dito, meu rapaz, replicou Bob. Espero que toda a gente conheça as boas qualidades de minha mulher.

—«Sinto muito por causa de sua excellente mulher, disse elle; se lhe posso ser d'utilidade para alguma coisa, continuou, dando-me o seu bilhete de visita, aqui tem a indicação da minha morada. Peço-lhe que me venha fazer uma visita.

—Pois bem, exclamou Bob, fiquei encantado com aquelle moço, não tanto pelos serviços que nos poderia prestar, como pelas suas palavras affaveis, e maneiras attenciosas! Parecia realmente que tinha conhecido o Tiny Tim, e que o carpia como nós.

—Estou certa que esse rapaz é dotado d'uma boa alma, disse mistress Cratchit.

—Mais certa ficarias, minha cara amiga, replicou Bob, se o tivesses ouvido, e lhe tivesses fallado. Não ficaria muito surprehendido, toma bem nota, se elle arranjasse um melhor logar para Pedrinho.

—Olha o que diz teu paé, Pedrinho! disse mistres Cratchit.

—E então, exclamou uma das meninas, Pedrinho arranjará uma esposa, e ha-de estabelecer-se.

—Vai-te passear, patetinha, retorquiu Pedrinho, fazendo uma careta.

—Quem sabe se isso poderá ou não acontecer qual-quer dia, quando menos o esperarmos? todavia, ha muito tempo para pensar no caso. Mas de qual-quer modo, e em qual-quer tempo que nos separemos uns dos outros, estou certo que nenhum de nós esquecerá o pobre Tiny Tim... não é verdade que nunca esqueceremos esta primeira separação?

—Nunca, meu paé, nunca! exclamaram todos.

—Eu bem sei, disse Bob, eu bem sei, meus filhinhos, que quando nos recordarmos da extrema bon-

dade e resignação de Tiny Tim—apesar d'elle ser uma creancinha—não será facil altercarmos uns com os outros, porque seria então esquecermo-nos d'aquelle pobre menino.

—Juramos que nunca altercaremos, meu pae, repetiram todos.

—Sou muito feliz! disse o pequeno Bob, muito feliz!

Mistress Cratchit abraçou-o, as filhinhas beijaram-no, os dois pequenos beijaram-n'o igualmente, e Pedrinho apertou-lhe cordealmente a mão. Alma de Tiny Tim, a tua essencia infantil era uma emanação da Providencia!

—Espectro, disse Scrooge, alguma coisa me diz, que o momento da nossa separação não está longe. Sei isso, sem saber como terá logar. Dize-me antes, que homem era o que estava jazendo no leito?

O espirito do Natal futuro transportou-o, como antes—ainda que a época differente, segundo Scrooge julgava; na verdade parecia não haver ordem nas ultimas visões, a não ser que todas se referiam ao futuro—transportou-o aos logares onde se reuniam os negociantes, mas não lhe mostrou a sua imagem, como fizera primeiramente.

O espirito não parou em parte nenhuma, mas continuou a sua marcha directamente, para chegar mais depressa onde desejava, até que Scrooge lhe supplicou que parasse um momento.

—Este largo, disse Scrooge, que atravessamos com tanta pressa, é o logar das minhas occupações desde muito. Acolá vejo o meu escriptorio: deixai-me vêr o que eu serei um dia.

O espirito parou; a sua mão designava differente direcção.

—A casa é alli, disse Scrooge; porque apontaes para differente logar?

O dedo inexoravel não mudava de direcção. Scrooge correu apressado á janella do seu escriptorio, e olhou para dentro. Era um escriptorio ainda, mas não o seu. A mobilia já não era a mesma, nem a pessoa assentada á escrivaninha era a sua imagem. O phantasma continuava a apontar como antes.

Scrooge aproximou-se do espirito, e perguntando a si mesmo porque não veria a sua imagem no escriptorio, e onde teria ido, acompanhou o seu guia até chegarem a uma grade de ferro. Scrooge, antes de entrar, parou para olhar em redor de si; achavam-se n'um cemiterio.

Aqui, indubitavelmente, jazia, sob algumas pás de terra, o desgraçado cujo nome lhe ia agora ser revelado. Era um bello logar na verdade!... cercado de muros das casas visinhas, invadido pela herva e pelas silvas, antes a morte da vegetação do que a vida; amontoado com innumeras sepulturas, e cheio a mais não poder ser. Bello logar, na verdade!...

O espirito conservou-se em pé entre os tumulos, e apontou para um. Scrooge aproximou-se a tremer. O phantasma era sempre o mesmo, mas Scrooge recebeu vêr na sua apparencia solemne algum novo agoiro, de que teve medo.

—Antes de eu me aproximar d'essa lapide, para a qual apontaes, disse Scrooge, respondei-me a uma pergunta. São estas as sombras dos acontecimentos *futuros*, ou de acontecimentos que se *poderão* realizar?

Por unica resposta, o espirito apontou para o tumulo, junto do qual se achavam.

—As resoluções dos homens não podem obstar a certos resultados inevitaveis, se elles perseverarem em caminhar na mesma via, disse Scrooge. Mas se mudam de caminho, os resultados são differentes. Dar-se-ha esse caso com as sombras que mostraes?

O espirito conservava-se immovel como antes.

Scrooge arrastou-se até ao tumulo, tremendo cada vez mais, á maneira que caminhava; e seguindo a direcção do dedo, leu sobre a lapide d'uma sepultura abandonada:

AQUI JAZ

EBENEZER SCROOGE

—Sou então o homem que estava jazendo no leito?! exclamou elle cahindo de joelhos.

O dedo do phantasma dirigia-se alternativamente do tumulo para elle e d'elle para o tumulo.

—Não, espirito. Oh! não, não...

O dedo continuava sempre nas mesmas evoluções.

—Espirito! exclamou elle segurando-se-lhe á túnica, ouvi-me! Já não sou o homem que fui. Não serei o homem que viria a ser, se não tivesse a felicidade da vossa interferencia na minha vida. Porque me mostraes essas coisas, se já me não é concedida a esperanza de me regenerar?

Pela primeira vez a mão pareceu fazer um movimento.

—Bom espirito, proseguiu Scrooge, prostrando-se a seus pés como antes, vós intercedereis por mim, e tereis compaixão de mim. Certificai-me que eu poderei ainda mudar essas sombras que mostrastes, mudando de vida!

A mão estremecey com um gesto de benevolencia.

—Honrarei o Natal, do fundo do meu coração, e esforçar-me-hei por guardar o seu culto durante todo o anno. Viverei no passado, no presente e no futuro: não me abandonarão os tres espiritos, porque não quero olvidar as boas lições que me deram. Oh! dizêi-me que posso apagar a inscripção d'esta lapide!

Na sua agonia agarrou a mão do espectro. Este

procurou libertar-se, mas Scrooge deteve-o com força. O espirito, mais forte do que elle, repelliu-o ainda d'esta vez.

Segurando-lhe as mãos, a vêr se conseguia a mudança do seu fado, viu uma alteração no vestido e na forma do phantasma, que foi diminuindo, encolhendo-se, e desaparecendo, até que se transformou n'uma columna do leito.

ESTROPHE V

Fim da historia

Sim, senhores! n'uma columna do leito!

O leito era ainda o seu, e o quarto o seu tambem, sem tirar nem pôr! E o que era melhor que tudo, era Scrooge ter ainda diante de si o mesmo espaço de tempo para poder reformar a sua vida.

—Quero viver no passado, no presente e no futuro, repetiu Scrooge, saltando d'um pulo abaixo do leito. Viverão commigo as lições dos tres espiritos. Oh! Jacob Marley! Que o céu e a festa do Natal sejam bem-ditas pelos seus beneficios. De joelhos digo isto, velho Jacob, de joelhos o digo!

Estava tão animado e tão orgulhoso com as suas boas intenções, que a sua voz já gasta, a custo correspondia aos seus sentimentos. No seu debate com o espirito, as lagrimas tinham-lhe saltado dos olhos, e a sua physionomia estava humedecida.

—Não estão rasgados, exclamou Scrooge, abraçando um dos cortinados, não foram arrancados; ainda aqui estão as argolas, e tudo! Estão ainda aqui, e eu tambem aqui estou; as sombras das coisas que podem acontecer, podem desvanecer-se. Desvanecer-se-hão, estou certo.

Durante todo este tempo as suas mãos estavam a contas com a sua roupa: ora vestia o casaco do avêssô, ora o voltava; agora calcava as meias ás avessas, e depois tornava-as a tirar; finalmente entregava-se a toda a casta d'extravagancias.

— Não sei o que faço! exclamou Scrooge, rindo e chorando ao mesmo tempo, collocando-se com as meias na posição da estatua de Laoconte com as serpes enroscadas. Acho-me tão leve como uma penna, tão feliz como um anjo, tão alegre como um rapaz de escola, e atordoado como um heberrão! Boas festas a toda a gente, a todos um bom e feliz anno novo! Olá! olá!

Em seguida passou do quarto para a sala de visitas aos saltinhos, e agora achava-se alli quasi sem poder tomar a respiração.

— Ainda alli está a chocolateira com a agua de cevada! exclamou Scrooge, começando de novo a andar aos saltinhos em frente do fogão. Acolá está a porta por onde entrou Jacob Marley! acolá está o canto aonde se assentou o espirito do Natal presente! acolá está a janella por onde vi as almas errantes! tudo está no seu logar, tudo é verdade, tudo aconteceu... Ah! ah! ah!

Realmente, para um homem que não fizera uso do riso durante tres annos, era uma gargalhada excellente, e atrevo-me a dizer magnifica! a mãe d'uma mui longa serie d'illustres gargalhadas!

— Não sei em que dia do mez estamos! disse Scrooge, nem quanto tempo estive com os espiritos. Não sei nada. Sou quasi uma creança! não importa; seja como fôr. Desejaria bem ser uma creancinha! Eh! olá! olá!

Os seus transportes d'alegria foram interrompidos pelos sinos das igrejas, que repicavam tão alegremente como elle jámais ouvira.

Dlin! dlin! dlin! don! dlin! dlin! dlin! dlin! dlin! dlin! dlin!

— Magnifico! magnifico!

Correndo á janella abriu-a e deitou a cabeça de fóra. Já não havia nevoeiro, nem orvalho; estava um tempo frio, mas claro e alegre; o frio era d'esses que fazem dançar o sangue no nosso corpo; um sol d'oiro; um céu divino; a atmosphera fresca e agradável; os sinos eram tangidos com alegria! Magnifico! magnifico!

—Que dia é hoje? exclamou Scrooge, dirigindo-se a um rapaz com vestia domingueira, e que parára, talvez para olhar para elle.

—Hein! respondeu o rapaz de bocca aberta.

—Que dia é hoje, meu pequeno? disse Scrooge.

Como! hoje?... replicou o rapaz, que pergunta! Hoje é—*Dia de Natal!*

—É dia de Natal! disse Scrooge consigo; não o passei em claro. Os espiritos fizeram toda a sua obra n'uma noite. Podem fazer tudo o que lhes aprouver— não ha a menor duvida—não ha... Olá! meu rapazinho!

—Que quer? retorquiu o garoto.

—Sabes onde é a loja do gallinheiro, na rua adiante d'esta, á esquina? perguntou Scrooge.

—Ora, se não havia de saber! replicou o meliante.

—Rapaz intelligente! disse Scrooge, fino como o coral! Sabes se já venderia o perú do premio, que hontem estava na loja em exposição? Olha que não é o perú do premio mais pequeno; fallo do grande.

—O que?... aquelle perú que é do meu tamanho? redarguiu o rapaz.

—Que bello rapaz! disse Scrooge, é um gosto fallar com elle. Sim, esse mesmo, meu lindinho!

—Ainda lá está.

—Sim? Vai comprar-m'ó.

—Está a mangar! exclamou o garoto.

—Não, não, disse Scrooge, fallo sério. Vai comprar-o, e diz na loja para m'ó trazerem aqui, para eu lhes dizer onde o devem levar. Volta com o caixeiro,

e dar-te-hei um schilling. Está de volta com elle antes de cinco minutos, e dar-te-hei meia corôa.

O rapaz partiu, rapido como uma flecha. Devia ter a mão bem firme aquelle que tivesse soltado uma flecha com metade da rapidez com que elle partiu.

—Vou envial-o a Bob Cratchit, disse Scrooge baixinho, esfregando as mãos, e sobrevindo-lhe a tosse com o riso. Não sabe quem lh'o manda. É duas vezes do tamanho de Tiny Tim. Brincadeira assim nunca se fez!

A mão com que escreveu a indicação da morada não era das mais firmes—mas d'uma fôrma ou d'outra, melhor ou peor, sempre escreveu, e desceu as escadas para abrir a porta da rua, prompto para receber o caixeiro do gallinheiro.

Em quanto estava esperando, deu-lhe na vista o martello.

—Hei-de-te amar toda a minha vida, disse Scrooge acariciando-o com a mão. Julgo que raras vezes olhei para ti antes d'agora. Que expressão honesta n'aquelle rosto! É um martello maravilhoso!—Ahi vem o perú! Olá! Como vai isso? Festas alegres!

Era um perú! Não era possível que aquella ave se tivesse conservado alguma vez de pé! Teria, indubitavelmente, com o pêso, partido as pernas como se fossem paus de lacre.

—Não podes leval-o até Candem Town, disse Scrooge: deves ir em carro.

As risadas que acompanharam estas palavras, e as risadas que soltou quando pagou o perú e o carreto, e quando recompensou o rapaz, só foram excedidas pelas que deu quando, sem poder respirar, se veio sentar de novo na sua cadeira, e riu, riu até as lagrimas lhe virem aos olhos.

Barbear-se, não era tarefa facil, porque a mão continuava-lhe a tremer; e o barbear requer attenção,

mesmo quando a gente não dança, em quanto está occupada com aquella operação.

Mas se Scrooge tivesse cortado fóra a ponta do nariz, ter-lhe-ia poisado em cima um pedacinho de emplastro, e nem por isso se acharia menos satisfeito.

Vestiu o seu melhor fato, e finalmente sahio para a rua, accumulada de povo, como antes vira com o espirito do Natal presente; e caminhando com as mãos cruzadas atraz das costas, olhava para cada pessoa com um sorriso prasenteiro.

N'uma palavra, Scrooge apresentára-se com tão jovial apparencia, que tres ou quatro patuscos de bom gosto disseram-lhe:

— Bons dias, meu caro! Boas festas, meu amigo!

E Scrooge muitas vezes, em época posterior, affirmou que sem duvida eram aquelles os sons mais agradaveis, que lhe tinham soado ao ouvido.

Não tinha dado muitos passos, quando viu dirigindo-se a elle aquelle cavalheiro de maneiras distinctas, que no dia antecedente lhe entrara no escriptorio e lhe dissera: «Scrooge & Marley, julgo eu?» Sentiu uma dôr pungente ferir-lhe o coração ao pensar no modo como aquelle sujeito o olharia quando se vissem; mas comprehendeu a vereda que devia trilhar, e não se afastou d'ella.

— Meu caro senhor, disse Scrooge apressando o passo, e agarrando em ambas as mãos do cavalheiro. Como passa? Estimo que hontem fosse bem succedido. Faz-lhe muita honra o seu proceder. Alegres festas, caro senhor!

— Fallo com o snr. Scrooge?

— Sim, senhor. E este o meu nome, e receio bem que lhe não seja agradavel. Permitta-me que lhe peça perdão pelo meu comportamento de hontem. Quer ter a bondade de... (aqui Scrooge segredou-lhe ao ouvido).

— Será possivel, meu Deus! exclamou o outro quasi

sem poder tomar folego. Falla sério, meu caro snr. Scrooge?

—Muito sério, respondeu este; nem um *farthing* menos. Esteja certo que não faço mais que saldar dividas atrazadas. Quer-me fazer esse obsequio?

—Meu caro senhor, disse o outro apertando-lhe a mão, não sei como elogiar tal munifi...

—Não pronuncie mais palavra a tal respeito, interrompeu Scrooge. Vá a minha casa. Quer ir?

—Se quero! exclamou o cavalheiro. E na verdade tencionava fazer o que dizia.

—Obrigado, disse Scrooge, fico-lhe muito obrigado, agradeço-lhe mil vezes. Adeus.

Scrooge entrou nas igrejas, passeou nas ruas, contemplava o povo caminhando para cima e para baixo, amegava as creanças, questionava os mendigos, e deixava olhares de satisfação para as cosinhas e para as janellas das salas; e tudo o que via lhe causava prazer.

Nunca sonhara que um passeio—que coisa alguma, para melhor dizer—o podêsse tornar tão satisfeito.

No fim da tarde dirigiu os passos para casa de seu sobrinho. Passou á porta uma duzia de vezes antes de ter a coragem de levantar a aldrava. Refez-se de coragem e bateu:

—O amo está em casa, minha linda? disse Scrooge á creada. Bella creatura!

—Está, sim, senhor.

—Onde está elle, meu amor? disse Scrooge.

—Está na sala do jantar com a senhora. Queira entrar para a sala de visitas.

—Obrigado. Elle conhece-me, disse Scrooge com a mão já poisada no trinco da sala do jantar. Eu entro, menina.

Levantou o trinco devagarinho, e mettu a cabeça pela porta entreaberta.

Os dois esposos estavam contemplando a mesa, lin-

damente adornada, porque os recém-casados são pechosos na elegancia do serviço, e gostam de vêr cada coisa no seu lugar.

—Fred! disse Scrooge.

Valha-nos Deus! como elle fez estremecer a sobrinha por afinidade! Scrooge esquecera-se momentaneamente de que aquella senhora estava sentada a um canto sobre um tamborete, ou de certo não appareceria assim de subito.

—Que vejo!... exclamou Fred, ou estou louco, ou é...

—Sou eu mesmo. É o teu tio Scrooge. Venho jantar contigo. Deixas-me entrar, meu Fred?

—Deixal-o entrar!...

Foi uma felicidade o sobrinho não deslocar o braço do tio, á força de cumprimentos.

Em menos de cinco minutos, Scrooge estava como em sua casa. Nada podia ser mais cordeal. A esposa de Fred não se constrangeu, nem Topper, nem a menina do enfeite, quando chegaram. Todos estavam á vontade.

Passou-se uma noite magnificamente.

Scrooge, no dia seguinte, appareceu mais cedo no seu escriptorio, muito cedo, muito cedo.

Se elle tivesse podido ser o primeiro a chegar, e ter pillhado Bob Cratchit sem ter vindo e com demora! Era isso exactamente o que premeditára.

E pillhou-o. pillhou-o! O relajo bateu as nove;—e Bob sem vir. Um quarto mais—e nada de Bob.

O desgraçado chegava atrazado os seus dezoito minutos e meio.

Scrooge sentou-se á escrivaninha do gabinete com a porta aberta, para o vêr entrar na *cisterna*.

Bob, antes d'abrir a porta, descobriu-se e tirou a manta d'agasalho do pescoço. N'um *amen* sentou-se no tamborete, movendo a penna apressadamente, como se desejasse alcançar as nove horas.

—Olá, grunhiu Scrooge com a sua voz costumada, tanto quanto o podia fingir. Então isto são horas d'apparecer no escriptorio?

--Não sabe v. s.^a quanto sinto ter chegado mais tarde, disse Bob.

—Mais tarde! com effeito, parece-me que não veio muito cedo! Chegue aqui, faz favor.

—É sómente uma vez por anno, disse Bob timidamente sahindo da cisterna. Não repetirei. Diverti-me hontem um pouco!...

—Pois bem, meu amigo, disse Scrooge, permittame que lhe diga que não deixarei caminhar as coisas como caminham. Portanto, continuou elle saltando de um pulo abaixo do tamborete, e applicando um soffri-vel piparote no collete de Bob, a ponto de o fazer recuar até á cisterna, portanto vou-lhe augmentar o ordenado!

Bob julgou-o doido, estremeceu e chegou-se o mais perto possível da regoa. A primeira idéa que lhe atravessou a mente foi de desancar Scrooge com ella, depois segural-o, e chamar gente para o ajudar a vestir-lhe a camisola de força.

—Boas festas, Bob, disse Scrooge, com serenidade que não podia ser tomada em sentido contrario, e hatendo-lhe no hombro. Festas alegres, Bob, e mais alegres do que lhe tenho desejado por muitos annos! Hei-de augmentar-lhe o ordenado, e auxiliar a sua pobre familia; havemos de discutir os seus negocios esta noite, com a ajuda d'um bom copo de fumegante *bishop*.¹ Accenda ambos os fogões, Bob Cratchit, mas antes d'escrever mais uma letra, vá comprar um balde novo para o carvão.

Scrooge não só cumpriu a sua palavra, mas foi

¹ Especie de ponche.

muito além,—muito além, e para Tiny Tim, que *realmente* não morreu, foi um segundo pae.

Tornou-se tão bom amigo, tão bom amo, e tão bom homem, como o burguez reconhecido por melhor na boa e antiga cidade de Londres, ou em outra qualquer boa e antiga cidade, villa, ou aldeia, de qualquer parte do hom e antigo mundo.

Algumas pessoas riam-se da mudança de Scrooge, mas elle deixava-as rir, e pouco se importava, porque não era tão ignorante que não soubesse que as melhores coisas d'este mundo começam sempre por fazer rir alguém. Conhecendo que essas pessoas inevitavelmente se mostrariam cegas, pensou consigo que melhor era que a enfermidade d'ellas se exhibisse pelas rugas que lhes fazia contrahir á força das risadas, do que de qualquer modo mais repellente.

Elle proprio riu do fundo d'alma, e era essa toda a sua vingança.

Não teve mais relações com os espiritos, mas em compensação contrahiu mais os laços d'amizade com os seus semelhantes, e disse-se d'elle, que ninguem melhor sabia festejar o bom tempo do Natal.

Possa dizer-se outro tanto, com verdade, de nós todos.

E como muito bem disse Tiny Tim:

«Deus nos abençoe em quanto existimos.»

FIM

Li do -

27. 12. 59

N. A.

... para a tua alma, e para a tua vida, que se
vontade não morrer, foi um segundo dia.

Formosa não é a tua alma, não é a tua vida,
porem, como o universo, conhecido por muitos
dos antigos sábios de Londres, ou em outros qualquer
dos antigos sábios, e os sábios de qualquer parte
do hemisphero antigo.

Alguns sábios têm-se da natureza de Socrates,
mas elle deitava-se em o pouco se importava, porque
não era tão ignorante que não soubesse que se me-
lhores fossem d'este mundo, como se se não
em algum. Conhecendo que estas pessoas inventa-
ram-se para mostrar a razão, e para ensinar que me-
lhores era que a natureza, e ellas se conhecem pelas
razões que elles ensinam a força das razões, de
que de qualquer modo mais repellido.

Elle proprio não de tudo d'uma, e era esta toda a
sua virtude.

... não teve mais razões com os sábios, mas em
comparação comtudo mais os seus d'antigo com
as suas habilidades, e deuses d'alle, que ninguém
melhor sabia ensinar a boa razão de Socrates.

Esses deuses se entre todos, com verdade de uns
toda.

... e como muito bem disse Jay Jay:
... e nos abençoar em quanto existamos.

1711

[Faint handwritten text or signature]

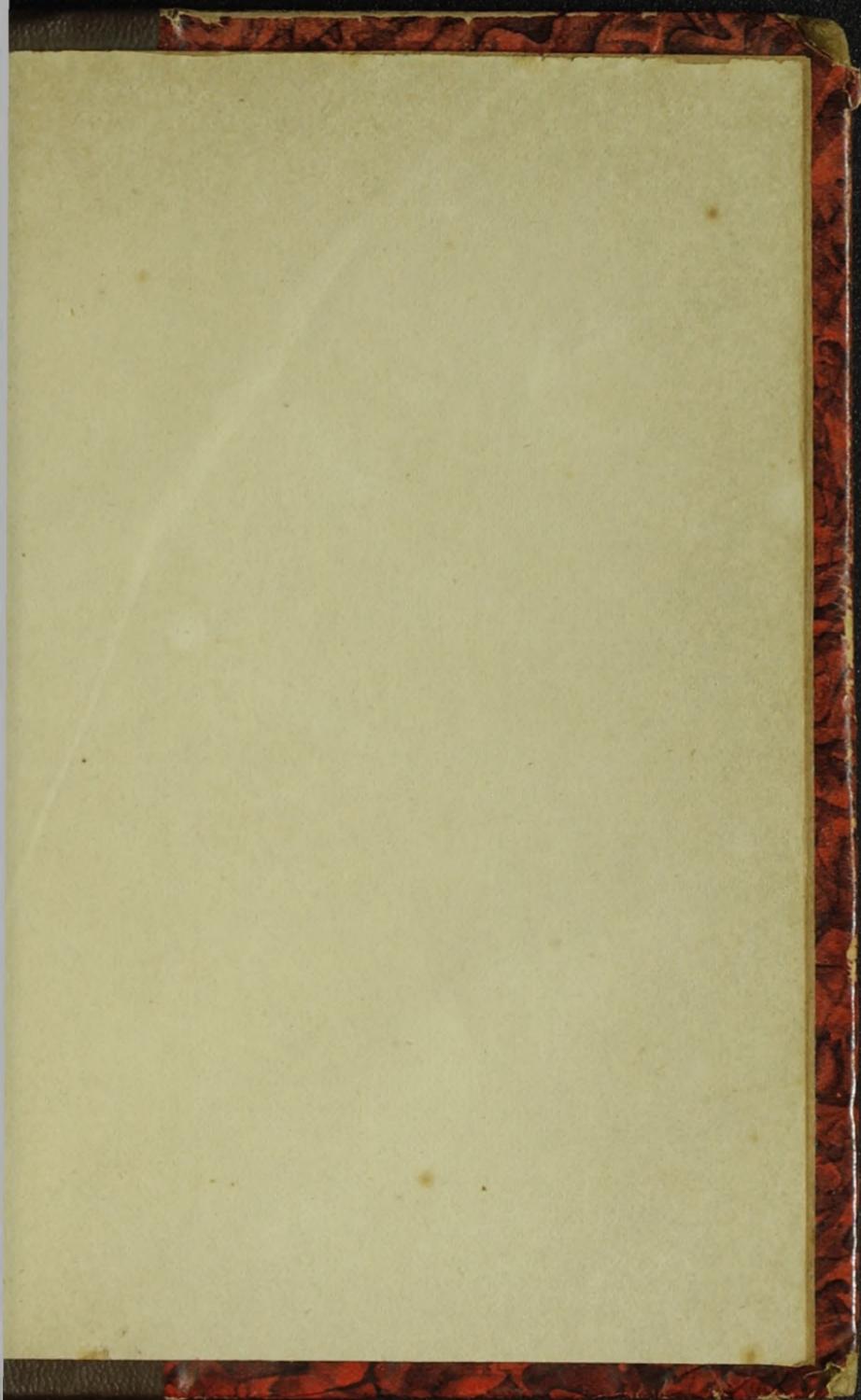
INDICE

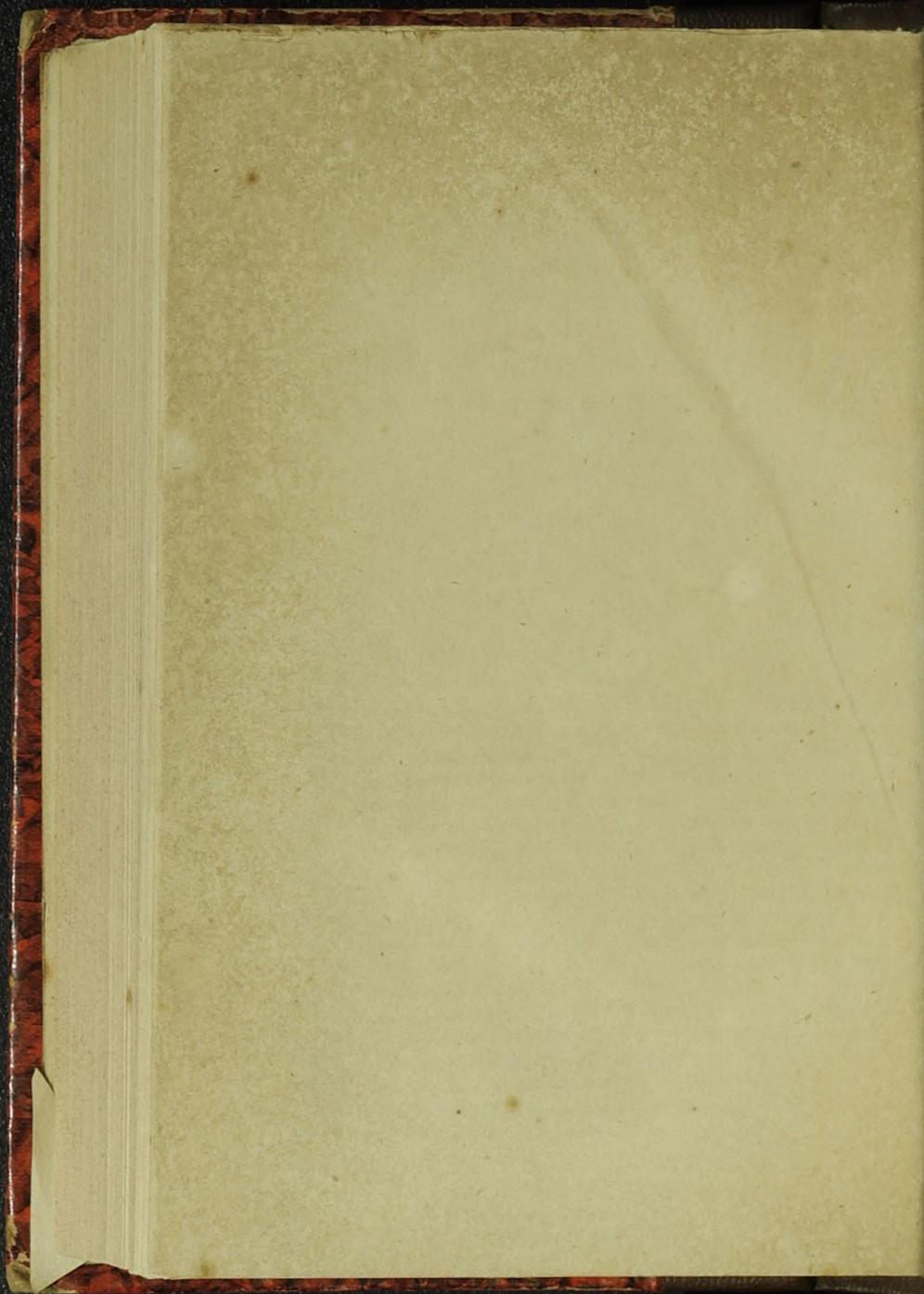
	Pag.
Biographia de Carlos Dickens.....	iv
Scenas n'uma casa de hospedagem—primeira parte.	1
Segunda parte.....	25
O snr. Augusto Mins e seu primo.....	55
Sentimentalismo.....	71
Os Tuggs em Ramsgate.....	87
Horacio Sparkins.....	117
O véo negro.....	141
A excursão em vapor.....	159
Um duello como ha muitos.....	191
Uma representação de curiosos.....	217
Baptisado.....	233
Uma lóa de Natal em prosa—prefacio.....	259
Estrophe I —O espectro de Marley.....	259
» II —O primeiro dos tres espiritos.....	285
» III —O segundo dos tres espiritos.....	308
» IV —O ultimo dos espiritos.....	339
» V —Fim da historia.....	361

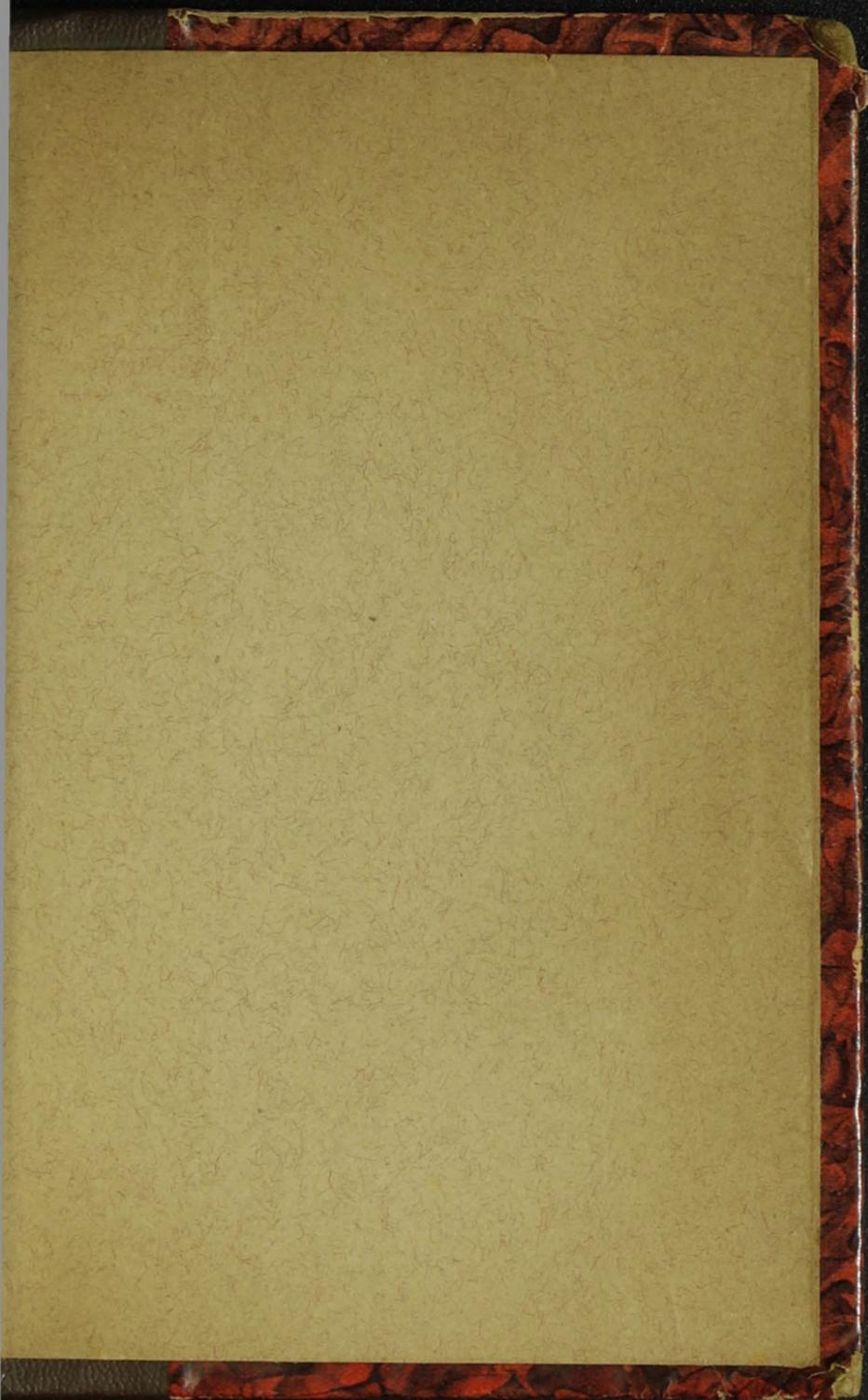
INDICE

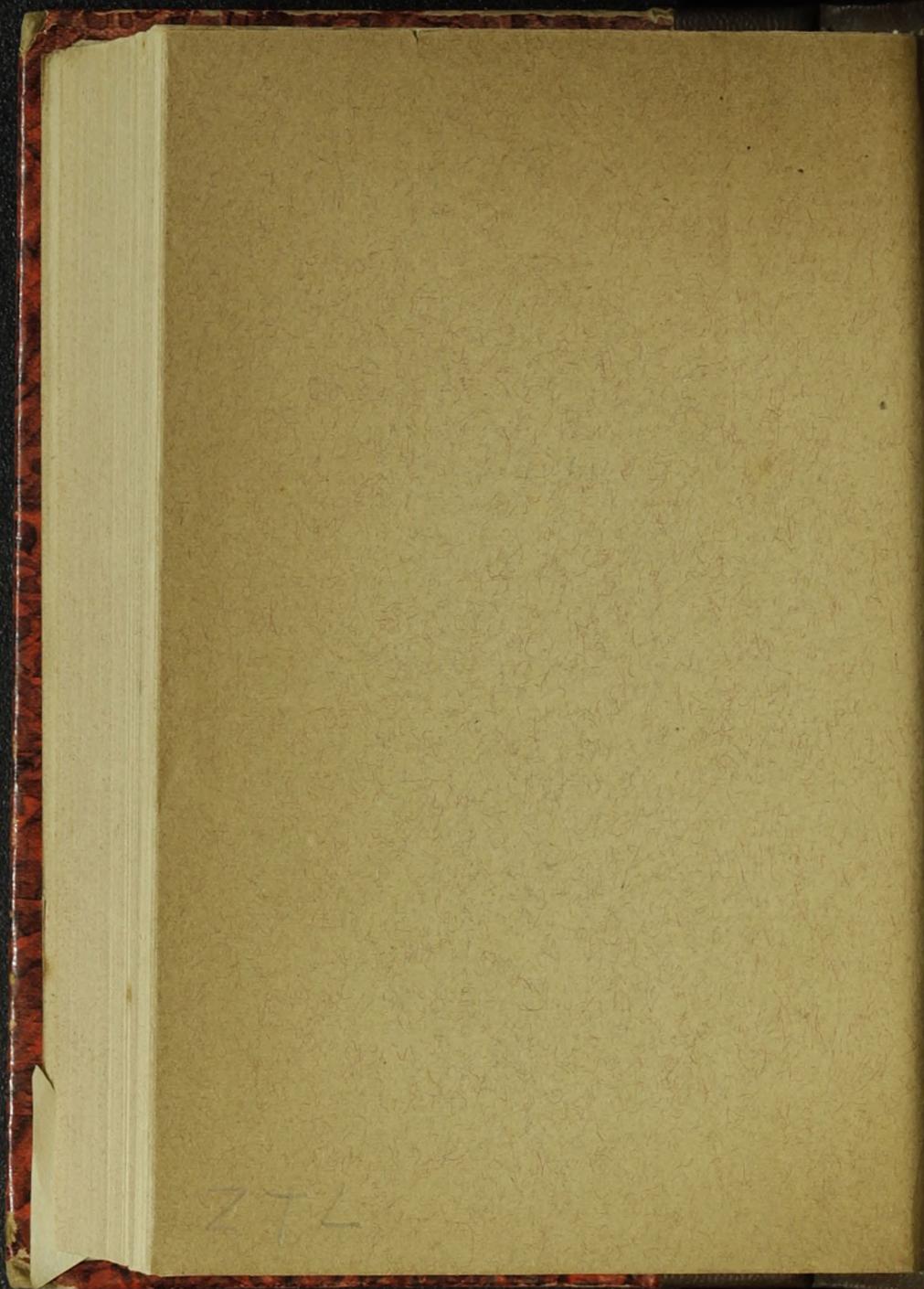
194

17	Historia de Carlos Quinto
1	Historia de las Indias Occidentales
23	Historia de las Indias Orientales
25	Historia de las Indias Meridionales
27	Historia de las Indias Septentrionales
117	Historia de las Indias Occidentales
141	Historia de las Indias Orientales
170	Historia de las Indias Meridionales
191	Historia de las Indias Septentrionales
217	Historia de las Indias Occidentales
233	Historia de las Indias Orientales
250	Historia de las Indias Meridionales
262	Historia de las Indias Septentrionales
308	Historia de las Indias Occidentales
330	Historia de las Indias Orientales
351	Historia de las Indias Meridionales









274



